

SÉRIE SOCIOLOGIA



Em Busca da Felicidade Química

Bem-estar Subjetivo, Redes Sociais
e Consumo de Psicotrópicos entre
Estudantes de Graduação

Artur Perrusi
Eliane Maria Monteiro da Fonte
[Orgs.]


Editora
UFPE

**Em Busca da Felicidade Química:
Bem-estar Subjetivo, Redes Sociais
e Consumo de Psicotrópicos entre
Estudantes de Graduação**

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Série Sociologia

Artur Perrusi
Eliane Maria Monteiro da Fonte
(Organizadores)

**Em Busca da Felicidade Química:
Bem-estar Subjetivo, Redes Sociais
e Consumo de Psicotrópicos entre
Estudantes de Graduação**



Recife 2020

Todos os direitos reservados aos organizadores: *Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfilmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos e videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial em qualquer sistema de processamento de dados e a inclusão de qualquer parte da obra em qualquer programa juscibernético. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração.*

Catálogo na fonte

Bibliotecária Kalina Ligia França da Silva, CRB4-1408

E53 Em busca da felicidade química [recurso eletrônico] : bem-estar subjetivo, redes sociais e consumo de psicotrópicos entre estudantes de graduação / organizadores : Artur Perrusi, Eliane Maria Monteiro da Fonte. – Recife : Ed. UFPE, 2020.
(Série Sociologia).

Vários autores.
Inclui referências.
ISBN 978-65-86732-75-7 (online)

1. Estudantes universitários – Aspectos sociais – Pesquisa. 2. Estudantes universitários – Aspectos psicológicos – Pesquisa. 3. Felicidade – Aspectos fisiológicos. 4. Psicotrópicos. 5. Bem-estar. 6. Estudantes universitários – Redes sociais. I. Perrusi, Artur, 1963- (Org.). II. Fonte, Eliane Maria Monteiro da (Org.). III. Título da coleção.

378.3098134

CDD (23.ed.)

UFPE (BC2020-105)



Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20, Várzea
Recife, PE | CEP: 50.740-530
Fone: (81) 2126.8397 | secretaria.editora@ufpe.br
www.ufpe.br/edufpe

SUMÁRIO

Os Autores	7
Prefácio	9
<i>José Luiz de Amorim Ratton Júnior</i>	
Introdução	10
<i>Artur Perrusi</i>	
Capítulo 1 Introdução ao Problema e Métodos da Pesquisa	15
<i>Artur Perrusi e Eliane Maria Monteiro da Fonte</i>	
Identificação do problema da pesquisa.....	15
Aporte teórico e conceitual.....	16
A felicidade contemporânea	17
Psicotrópicos e felicidade	22
Procedimentos metodológicos.....	24
O local da pesquisa: Universidade Federal de Pernambuco.....	24
Seleção da amostra do <i>survey</i>	26
O instrumento de coleta dos dados do <i>survey</i>	29
Entrevistas	31
Capítulo 2 Caracterização dos Estudantes da Amostra do Survey: Perfil Social e Vida Acadêmica	42
<i>Eliane Maria Monteiro da Fonte</i>	
Introdução	42
Perfil sócio demográfico dos estudantes.....	45
Perfil social familiar dos estudantes	52
Vida acadêmica	58
Principais conclusões	76

Capítulo 3 | Felicidade, Qualidade de Vida e Vivência Acadêmica de Estudantes de Graduação 80

Eliane Maria Monteiro da Fonte

Introdução	81
Felicidade e qualidade de vida	84
Felicidade e vida acadêmica	100
Principais conclusões	118

Capítulo 4 | Uso de Psicotrópicos: A Felicidade Química

em Ação..... 125

Artur Perrusi

Perfil dos estudantes usuários de psicotrópicos.....	125
Competição, desempenho acadêmico e uso de psicotrópicos.....	136
A questão da legalização das drogas.....	160
Principais conclusões	168

Capítulo 5 | Vida Universitária, Sociabilidades, Juventude e

Consumo de Psicotrópicos..... 171

Breno Augusto Souto Maior Fontes e Vinicius de Araújo Buarque

Introdução	171
Juventude e vida universitária.....	175
Sociabilidades e drogas	179
Conclusões.....	195

Referências 197

Apêndices..... 209

Questionário da <i>survey</i>	209
Roteiro da entrevista com estudantes	231
Glossário de psicotrópicos - questionário	234

OS AUTORES

Artur Perrusi

tperrusi@gmail.com

É professor doutor Associado IV do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, respectivamente. Com formação médico-psiquiatra, mestrado e doutorado em sociologia, atualmente, atua nas seguintes áreas temáticas: sociologia da saúde, sociologia política e teoria social.

Breno Augusto Souto Maior Fontes

brenofontes@gmail.com

É Professor Titular do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. Concluiu o doutorado na Universidade de Paris III (Sorbonne-Nouvelle). Tem Pós-Doutorado na Harvard University (EUA), na Université de Nanterre (França) e na Universität Hamburg (Alemanha). É Bolsista de Produtividade do CNPq. Atua na área de Sociologia, construindo uma agenda de pesquisas sobre redes, sociabilidades e poder local; no âmbito desta agenda, tem realizado pesquisas nas áreas de saúde, movimentos sociais, ONGs, gestão urbana e participação popular.

E-mail:

Eliane Maria Monteiro da Fonte

elianefonte@yahoo.com.br

É Professora Titular do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. É Mestre em Sociologia (PIMES/UFPE) e Ph.D. em Social Policy (So-

ciologia) pela London School of Economics and Political Science (LSE - University of London). Realizou estágio pós-doutoral na Universität Hamburg (Alemanha). Atua na área de sociologia, com interesse nos seguintes temas: políticas sociais, desenvolvimento rural, agricultura familiar, saúde mental e felicidade.

Vinícius de Araújo Buarque

viniciusbuarque@gmail.com

Graduando em Ciências Sociais (Bacharelado) pela Universidade Federal de Pernambuco e bolsista do Programa de Iniciação Científica (PI-BIC/CNPq/UFPE).

PREFÁCIO

Recebi com muita alegria (ops) o convite para prefaciar o livro “Em busca da felicidade química: bem-estar subjetivo, redes sociais e consumo de psicotrópicos”, organizado pelos colegas Artur Perrusi e Eliane da Fonte. A originalidade do livro - que conta também com contribuições de Breno Fontes e Vinicius Buarque - é a tentativa de propor uma interpretação sociológica da felicidade na vivência estudantil através de uma pesquisa empírica realizada com estudantes da Universidade Federal de Pernambuco.

O tema do uso de psicotrópicos como dispositivo prático e pragmático para o alcance da felicidade e as estruturas de articulação da sociabilidade estudantil são elementos fundamentais na construção e compreensão do objeto da pesquisa propostas pelos autores. Não menos importante é a interpretação da percepção da felicidade como sintoma ou traço próprio do individualismo como elemento pervasivo da sociedade brasileira contemporânea.

Não tenho dúvidas que este livro se consolidará rapidamente como uma referência para os estudos sobre sociabilidade moderna, felicidade e sofrimento.

José Luiz Ratton

Professor do Departamento de Sociologia da UFPE

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE

INTRODUÇÃO

Artur Perrusi

Num dia, provavelmente alegre e ensolarado, a professora Eliane da Fonte apareceu na sala, com um belo sorriso, e fez, sem subterfúgios, a proposta de estudar e pesquisar... felicidade! Antes do convencimento geral, somente adquirido após período de persuasão e de argumentação, como negar que se estranhou a ideia? Talvez, estivéssemos enredados em velhos preconceitos. Alguns inclusive identificavam felicidade a manual de autoajuda; outros, com pouco mais de picardia, achavam que poderiam até ficar ricos, produzindo aquelas fórmulas para fortuna alheia. Mas não era disso que se tratava. Era estudo e pesquisa. Foi quando descobrimos a felicidade como objeto sociológico e todo um novo aporte bibliográfico. Descoberta tardia, pois já era objeto da economia e da psicologia, por exemplo. E, surpresos, verificamos também que o problema da felicidade é a história de seu problema, como se poderá constatar na leitura desse livro.

Vencidas as resistências, o enquadramento da felicidade, como objeto sociológico, precisou de planejamento detalhado. Houve a necessidade de “sociologizá-la”, tornando-a foco de teoria e de pesquisa. Era preciso familiarizá-la, normalizando-a por meio do jargão sociológico. Igualmente, ao fazer isso, produziu-se associações com outras sociologias, permitindo pensar conceitos que permitissem sua captura como “problema”. Com tal objetivo, criamos uma disciplina eletiva sobre felicidade para a graduação e a pós-graduação. Queríamos articular ensino e pesquisa, com o devido debate acadêmico.

E achávamos que tal articulação potencializaria a inscrição da felicidade no campo de tópicos passíveis de serem apropriados pela sociologia. Foi estratégia vitoriosa, pois a disciplina amadureceu-nos intelectualmente, ajudou-nos a pensar sobre o assunto e, assim, estimulou a apropriação cognitiva do objeto. E foi durante a gestão da disciplina, com sua intensa problematização, que pensamos em associar a felicidade ao tema dos psicotrópicos. A relação, inicialmente, não era evidente, mas a discussão sobre a felicidade no mundo contemporâneo – inclusive, na universidade – produziu alguns efeitos inesperados. Ao discutirmos desempenho acadêmico e vida universitária com os discentes (justamente, a população maior que “vive” a universidade), o uso de psicotrópicos tornou-se problema da... felicidade. E, dessa forma, durante os debates, foi-se produzindo uma série de associações entre felicidade, vida universitária, desempenho acadêmico e uso de psicotrópicos. O resultado dessa rodaviva discursiva foi que, enfim, concretizamos um objeto de pesquisa. Com a pesquisa no pensamento, fomos além e, ao relacionarmos felicidade e vida universitária, foi inevitável entrarmos em contato com situações e contextos de socialização, sociabilidade e rede social. Por isso, incorporamos o professor Breno Augusto Souto Maior Fontes ao projeto, justamente para realizar estudo que relacionasse felicidade com todo o cabedal envolvendo a noção de rede social.

A reunião dos três pesquisadores permitiu-nos a utilização da estrutura de pesquisa do NUCEM (Núcleo de Cidadania). Ora, o NUCEM tem acúmulo de estudos, pesquisas, seminários e publicações sobre temas de relevo das ciências sociais (cidadania, pensamento político e institucional no Brasil, mudança nas organizações sociais, humanismo crítico, entre outros), em particular aqueles referentes à Sociologia da Saúde e aos processos de constituição das redes sociais. Inclusive, como plataforma institucional de pesquisa, o NUCEM tem realizado projetos com o apoio de agências de fomento nacionais (CNPq, Capes e FACEPE) e internacionais (DAAD da Alemanha e o COFECUB da França)¹.

¹ No campo específico dos estudos sobre redes sociais e saúde, salienta-se a parceria do NUCEM /PPGS com o Laboratório de Metodologia de pesquisa e de Problemas Sociais,

No caso, o NUCEM catapultou nossa pesquisa, que teve, para sua consecução, financiamento do CNPq. E nos permitiu agilizar e dar vida a um grupo de pesquisa, em que os discentes tiveram papel fundamental, principalmente ao articularmos ensino e pesquisa, por meio do programa de bolsas de iniciação científica (CNPq e FACEPE). Dessa forma, pudemos juntar grupo de alunos e alunas bolsistas, todos da UFPE, que foram fundamentais em todas as etapas da pesquisa: Bárbara Sofia Félix Duarte (PIBIC/CNPq), Claudia Rhayssa Ferreira de Brito (PIBIC/CNPQ), Flávio Vinicius Pierri (PIBIC/FACEPE), Pedro de Moura Falcão (PIBIC/CNPq), Tereza Bruno de Faria Espadeiro (PIBIC/FACEPE) e Vinicius de Araújo Buarque (PIBIC/CNPq), que colaborou também na redação do capítulo 5 (em parceria com Breno Fontes).

Com a delimitação do objeto e da consolidação do grupo de pesquisa, o debate voltou-se, prioritariamente, às escolhas metodológicas. O “como” necessitava de população e de método. Escolhemos, assim, como alvo da pesquisa a população discente universitária. Com isso, juntamos vida universitária, juventude, concepções nativas e geracional sobre a felicidade e o uso de psicotrópicos. Ao mesmo tempo, em

coordenado pelo Prof. Klaus Eichner (falecido), vinculado ao Instituto de Sociologia da Universidade de Hamburgo, no âmbito do acordo de cooperação acadêmica CAPES-DAAD/PROBAL. O projeto “Redes e práticas de sociabilidade: as associações voluntárias e a construção de seus modos organizativos”, desenvolvido no período de 2005 a 2007, consistiu na realização de estudos empíricos em Recife e Hamburgo (sobre relés sociais, redes de vigilância sanitária, família), com participação de Breno Fontes e Eliane da Fonte. No que se refere aos estudos no campo da saúde mental, cabe mencionar o projeto “Redes sociais e saúde mental: as novas práticas terapêuticas”, realizado durante o biênio 2008-2009, no âmbito da Cooperação Acadêmica Internacional em pesquisa, com participantes de Países de Língua Portuguesa, onde foi realizada uma série de atividades com participação dos pesquisadores Breno Fontes e Eliane da Fonte; os pesquisadores portugueses Pedro Hespanha, Sílvia Portugal e Maria José Ferros Hespanha (CES - Universidade de Coimbra) e a Profa. Fátima Viegas (Universidade Agostinho Neto - Angola), tendo por objetivo o empreendimento de pesquisas comparadas sobre o processo de desinstitucionalização dos cuidados com a saúde mental nos seus respectivos países. As conclusões principais de trabalhos anteriores de pesquisa relacionadas ao tema, com financiamento do CNPq, Ministério da Saúde e da FACEPE resultaram na organização e publicação de cinco coletâneas (FONTES; MARTINS, 2004; FONTES; MARTINS, 2006; EICHNER; FONTES, 2009; PORTUGAL; MARTINS, 2011; FONTES; FONTE, 2010) e vários artigos no Brasil e no exterior.

relação ao método, decidimos pela articulação entre metodologia qualitativa e quantitativa. Como tal articulação é complexa e como surgiram diversos problemas de adequação metodológica, incorporamos ao projeto o professor Francisco Jatobá de Andrade, com larga experiência em metodologia quantitativa.

O livro foi escrito a partir do relatório de nossa pesquisa. Assim, nosso objetivo foi o de diminuir o lado enfadonho de toda exposição acadêmica dessa natureza. Do ponto de vista do estilo, não foi tarefa fácil, e esperamos que a leitura fique atenta, principalmente, em relação à originalidade e à importância do objeto. Nesse sentido, o livro está dividido em cinco capítulos: 1) o capítulo primeiro é de problematização, cuja função foi a de delimitar o problema da pesquisa, esclarecendo a questão a ser respondida, o tema a ser analisado e, fundamentalmente, que tipo de objeto empírico será tratado. Por isso, é um capítulo que junta a análise conceitual com o exame dos procedimentos metodológicos; 2) o capítulo dois revela a construção empírica do objeto, visando a caracterização da população discente universitária. Seria capítulo importante, pois oferece as condições de possibilidade da interpretação empírica; 3) o capítulo três é a primeira parte da interpretação empírica, propriamente dita. Adentra, dessa forma, no centro do nosso objeto: a felicidade no contexto da vivência estudantil e universitária; 4) o quarto capítulo vai buscar as relações da vida estudantil ou da vivência universitária com o uso de psicotrópicos. Tenta apreender formas de uso, isto é, aborda a pragmática da utilização dos psicotrópicos e suas relações com a felicidade e o desempenho, fundamentalmente; 5) e, enfim, o quinto capítulo aborda o cerne das relações entre felicidade e uso de psicotrópicos, justamente por meio do exame de uma série de mediações dadas e construídas pela sociabilidade.

Enfim, acreditamos que mostramos alguns mecanismos empíricos de construção social da felicidade entre estudantes universitários. E que tais mecanismos podem apresentar diversas mediações e procedimentos, incluindo o uso de psicotrópicos. Seriam, sim, construções sociais, passíveis de serem analisados sociologicamente. Mas, dadas as circunstâncias de nossa época, são construções que, embora sociais e

sociológicas, possuem trajetórias existenciais atualizadas de forma individual – por isso, aliás, o vínculo da felicidade com o individualismo de massa das sociedades contemporâneas. A dita subjetividade do bem-estar, que depende de cada um, parece vincular a busca à solidão do indivíduo. Sem o isolamento de si ou a impossibilidade de ficar só, não existiria a possibilidade de se buscar livremente a felicidade. Situação só aparentemente paradoxal – mas que reclama certo preço. Aqui, nenhum conselho é válido. E, claro, nosso livro está bem longe do conforto de um manual de autoajuda. Afinal, incorporamos a sabedoria nativa dos jovens entrevistados de que cada um deve, por si, tornar-se feliz, assumindo todos os riscos que essa busca significa nesse mundo, convenhamos até, um tanto infeliz.

Ou ainda, parodiando Drummond, deixemos de tanta delonga, pois as coisas, talvez, sejam mais fáceis do que exige nosso pessimismo sociológico, e que, vai ver, no fundo, a felicidade está numa caixinha de bombons.

CAPÍTULO 1

Introdução ao Problema e Métodos da Pesquisa

*Artur Perrusi e
Eliane Maria Monteiro da Fonte*

Identificação do Problema da Pesquisa

O conjunto de problemas de nossa pesquisa gira, basicamente, em torno de três temas: felicidade ou bem-estar subjetivo, uso de psicotrópicos e rede social. A articulação conceitual e empírica de tais temas foi feita pela noção de felicidade. Como nosso objetivo geral foi o de verificar a relação entre desempenho acadêmico e felicidade (busca de bem-estar subjetivo), entre estudantes universitários da UFPE, pesquisamos também os vínculos entre essa relação e o uso de psicotrópicos. Nesse sentido, investigamos como seu uso conecta-se ao desempenho acadêmico e à busca de bem-estar subjetivo. Por isso, fez-se necessário investigar a percepção dos estudantes sobre o que é felicidade, do que é “viver bem” e o que torna a vida mais feliz. Verificamos que o sucesso acadêmico induz a construção de expectativas positivas, quanto ao futuro desempenho profissional, e se caracteriza como meio de atingir a felicidade. Igualmente, investigamos como a aceleração da vida cotidiana no ambiente universitário, entendida como resultado da alta demanda de atividades e tarefas acadêmicas e da competitividade, influencia a qualidade de vida, felicidade e bem-estar subjetivo dos estudantes. Tais inferências foram vinculadas ao problema do “uso de psicotrópicos”. A pesquisa mostrou que a pragmática das substâncias psicoativas participa da constituição da própria sociabilidade universitária. Tal sociabilidade, acionada também

pelos psicotrópicos, é base de práticas sociais específicas relacionadas à recreação, ao bem-estar, ao desempenho acadêmico e à terapêutica de sofrimentos psíquicos típicos da vida em comum na Universidade.

Atualmente, a felicidade tornou-se tema de pesquisa empírica no campo das ciências humanas. Na economia, já é comum estudos sobre bem-estar subjetivo; na sociologia, nem tanto. Até porque, nas ciências sociais, felicidade é tema sujeito a controvérsias e estranhezas. Geralmente, é vista como questão especializada da filosofia moral. Apropriada dessa forma, sua complexidade temática é reduzida, tornando difícil sua apreensão pelas ciências sociais, até porque a felicidade, como objeto sociológico, precisa de amplo leque de “sociologias”. No nosso caso, além de uma “sociologia da felicidade”, implicando sua articulação com uma “sociologia da saúde mental”, houve necessidade de combinar uma “sociologia das drogas” (das substâncias psicoativas, em geral, incluindo substâncias ilícitas e psicofármacos) com uma “sociologia do indivíduo”, pois a universidade é um ambiente por excelência regido pelo individualismo de massa (EHRENBERG, 1991). E, ainda, como mais um exemplo da complexidade do objeto, a felicidade, na experiência mesma do bem-estar subjetivo, guarda relação com a questão do sofrimento. Na verdade, como a pesquisa demonstrou, a busca da felicidade pode, até certo ponto, produzir sofrimento; pois, a busca pela felicidade tem, muitas vezes, desdobramentos negativos, tais como ansiedade, angústia, estresse e sofrimento psíquico em geral. Felicidade, assim, fica na fronteira de várias áreas de conhecimento e linhas teóricas. Para entendermos melhor tais inferências, será apresentado a seguir o mapeamento conceitual da discussão, ao analisar os dois temas norteadores da pesquisa: felicidade e uso de psicotrópicos. A discussão teórica sobre “redes sociais” está contida no capítulo 5, que faz uso da ARS (análise de redes sociais) para identificar as práticas de sociabilidade das pessoas que usam psicotrópicos.

Aporte teórico e conceitual

Nos próximos sub tópicos, nosso objetivo foi o de problematizar teoricamente os eixos temáticos de nossa pesquisa (felicidade e uso

de psicotrópicos). E, na teorização, relacionar os dois temas, tomando como ponto de articulação a noção de felicidade. A partir desse núcleo, utilizar-se-ão diversos outros conceitos ou noções (individualismo e sofrimento, por exemplo) que esclarecerão o objeto da pesquisa. Cada conceituação do duo nocional funcionará como centro de atração para as outras categorias utilizadas na pesquisa.

A felicidade contemporânea

Felicidade não é, propriamente, conceito, por isso, evitaremos defini-la. Até porque, ao fazê-lo, no ato mesmo da definição, perderíamos sua riqueza semântica. A felicidade não seria ponto onde se condensaria o único, mas sim campo de possibilidades onde se alojaria o diverso. Portanto, é noção polissêmica e não se reduz a uma teoria ou a um ponto de vista; na verdade, como representação social, a felicidade distribui-se por diversas crenças e práticas. Porém, tal diversidade não impede que a noção de felicidade não seja palco de lutas por sua definição – seria posição normativa, por excelência. Há pluralismo de noções, sim, mas também existe hegemonia nesse campo moral em que se disputa qual é a “verdade” da felicidade. E a disputa não é apenas no plano das representações, mas também no das práticas, sobretudo naquelas que envolvem valores, moralidades e éticas.

A felicidade é construção social e histórica (MCMAHON, 2006), mas parece, na sua busca, imemorial. Mesmo assim, podem-se perceber diferenças entre a busca dos Antigos e a dos Modernos. Os gregos e os medievais, por exemplo, conectavam a felicidade a algum modelo de virtude, isto é, vinculavam-na a um Bem. Era, nesse sentido, a procura do Bem Viver. Havia vínculo necessário entre a busca e o mundo dos valores. Os Modernos, ao contrário, ao menos na banalização hedonista de seu uso, inverteram a equação, transformando o Bem Viver em “viver bem”. A felicidade, no nosso mundo, pelo menos desde o Iluminismo, insere-se num pluralismo de valores, muitas vezes, prescindindo de um Bem Supremo – na realidade, nosso Bem é menos virtude, logo, menos completude, do que *momento*: alegria e prazer.

O “viver bem”, aos poucos, pôde tornar-se *bem-estar subjetivo* – “estado de ser” que pode ser mensurado e passível de captura pelas ciências sociais, tornando-se fático, ao contrário do Bem Viver dos Antigos, cuja qualificação era determinada pela ética, logo, pelos julgamentos de valor.

O “viver bem” foi consequência, entre outros motivos, de uma reconfiguração da individualidade, perfazendo transformação societária de longo alcance e envolvendo também nova estruturação psíquica dos indivíduos. “Viver bem” significa a melhora constante da vida da “pessoa” – noção agora subsumida à de “indivíduo”. Seria ordenamento de valores formatado por valor fundamental do Iluminismo: a perfectibilidade. Não causa surpresa que tal ênfase desemboque na vinculação entre felicidade e progresso. O iluminismo europeu possuía equação fundamental, a qual pressupunha a existência de uma espécie de harmonia entre felicidade e progresso da civilização (GIANNETTI, 2002). Embora a noção de progresso, atualmente, tenha saído de cena, reaparece de forma velada na radicalização da perfectibilidade. E o centro de aperfeiçoamento humano é o próprio indivíduo, *a fortiori* seu corpo. Por isso, a felicidade moderna realiza-se no individualismo contemporâneo. Sua busca conecta-se à liberdade positiva do corpo, expresso num sensualismo radical. E, igualmente, relaciona-se à liberdade positiva da vontade, manifestada na defesa da autonomia individual.

O individualismo, no capitalismo contemporâneo, é de base utilitarista, articulando-se de forma orgânica com os valores do mercado, principalmente em relação ao que se denominou, comumente, de “sociedade do consumo”. O utilitarismo tornou-se senso comum com o princípio da “máxima felicidade do maior número de pessoas”. Com isso, a melhor sociedade é aquela que oferece a maior quantidade de felicidade para o maior número de indivíduos (VEENHOVEN, 1997). Ora, já o ideário iluminista defendia a ideia de maximizar os prazeres e minimizar as dores individuais, sendo a felicidade considerada como um direito básico. A busca da felicidade pôde, assim, ser interpelada pelo Estado, transformando-se em política pública.

Podemos, de forma esquemática, articular as representações e práticas dominantes da felicidade, no mundo contemporâneo, com as

duas determinações fundadoras da modernidade: o individualismo de base utilitarista e os valores do mercado capitalista. Eis os pontos principais:

- Boa parte do imaginário identitário “pós-moderno” formou-se na educação de massas - educação voltada ao mercado de trabalho, à competição, à concorrência, ao empreendedorismo. Seria, também, uma aspiração à autonomia e à independência individual. Encarna uma sensibilidade igualitária baseada no mérito individual;
- A pedagogia formatou a radicalização do individualismo por meio principalmente da valorização da concorrência. Houve, no imaginário social, uma supervalorização da competição. Um culto à performance (EHRENBERG, 1991). Num sistema competitivo democrático, o indivíduo precisa mostrar-se, pois somente tornando transparente a sua performance pode ser julgado. Na competição, o indivíduo encontra a justa avaliação. Assim, a pedagogia da concorrência reverteu um antigo tabu: a concorrência não é mais vista como antagônica à justiça. Os “velhos” sistemas de solidariedade precisavam proteger o indivíduo dos efeitos perversos da concorrência, pois se pensava que era fonte de desigualdade; agora, a justiça é produto da concorrência. Ocorre, assim, um deslocamento da sensibilidade igualitária: da solidariedade social ao egoísmo da justa concorrência, da preocupação com o acesso dos mais fracos a uma vida digna ao modelo esportivo do “vença o melhor”;
- O pano de fundo de toda essa nova situação: a fragmentação da existência. O indivíduo depende apenas de si mesmo para vencer na vida. Sozinho, produz a construção solitária de seu desempenho. Tenta cotidianamente construir a si mesmo. Agora, a felicidade é uma construção individual, isto é, uma responsabilidade do indivíduo. O destino é uma construção

idiossincrática: não tem raiz no passado, nem aponta para o futuro, firma-se no presente, no aqui e agora. A busca da felicidade (e de uma vida digna) é tarefa que prescinde de ações coletivas;

- Valorização do sucesso. Novamente, outra quebra de tabu: o sucesso não é mais visto com desconfiança. Não é mais percebido como uma ilusão, pois virou norma de conduta. O sucesso é individual, e a prova de reconhecimento não vem mais de Deus, como na Reforma Protestante, mas sim do meio social. O sinal de eleição encarna-se e se manifesta na competição – seria a prova de que se produziu justiça. O resultado é a única métrica que se leva em conta. Cria-se, assim, a ideologia do empreendedor, base volitiva do sucesso. A busca da felicidade é um empreendimento. O acesso ao empreendimento é universal. Só é preciso vontade. O “empreendimento” é a mais nova forma de voluntarismo na contemporaneidade. A ênfase recai completamente na defesa da independência do indivíduo. É a supervalorização da competição – voltamos ao culto do desempenho;

- O consumismo torna-se moral da felicidade. Seria também forma de exercitar a liberdade individual. A poupança deixa seu trono e o Espírito do Capitalismo passa por uma reforma hedonista. O hedonismo é o novo princípio de realidade. Vai modelar principalmente as expressões artísticas e de vanguarda. Consumir significa também exteriorizar-se, valorizar-se e se tornar visível. A busca da felicidade realiza-se na sociedade do hiperconsumo (LIPOVETSKY, 2007). A felicidade banaliza-se ao se transformar numa mediação para compras de mercadoria. Está presente, como marketing, nas mídias, nos serviços e na produção dos bens;

- De certa forma, a felicidade tornou-se bem de consumo. Não afirmamos, propriamente, que tenha se “mercantilizado”, mas que se tornou protagonista simbólico da mercantilização – vide

as propagandas de produtos e objetos que utilizam a busca da felicidade para, justamente, vendê-los. Há inversão ontológica em relação ao “ser feliz”, pois agora a felicidade aparece como posse a ser obtida no mercado da vida cotidiana. A posse da felicidade torna-se um tipo de status. Como posse, estimula a competição para obtê-la. Com isso, o desempenho vira julgamento moral do indivíduo, pois são os mais bem-sucedidos que serão os mais felizes. (FREIRE FILHO, 2010; LAYARD, 2006);

- A felicidade, como “ter”, torna-se “paradoxal” (LIPOVETSKY, 2007), isto é, convive internamente, nas suas representações e nas suas práticas, com contradições insolúveis que rodopiam, no âmago mesmo de seu movimento, novas liberdades com novas sujeições. Há melhorias na existência material (bem-estar objetivo), amplia-se o leque de escolhas individuais e o indivíduo assume a responsabilidade de seu próprio destino, mas paga-se um preço: o bem-estar convive com seus contrários: o aumento de depressões, a explosão de transtornos de ansiedade, muito estresse e insegurança ontológica (GIDDENS, 2002);
- A felicidade torna-se arena para a competição e o reconhecimento. A superação de si, justamente pela necessidade de flexibilidade e resiliência (dois subprodutos da constelação da perfectibilidade), implica o imperativo da otimização – seu desiderato, o desempenho. A lógica da concorrência torna-se ética e coloca os indivíduos e grupos em competição entre si. Competir transforma-se na melhor forma de se obter um julgamento moral (LIPOVETSKY, 2007);
- A conexão entre felicidade e perfectibilidade (DUARTE, 2010) impõe a constância de melhora e de aperfeiçoamento. Corpo e alma são agora cadeias de montagem que mudam constantemente sob o imperativo da adaptação e da adequação aos ditames do mundo. O indivíduo precisa, até mesmo para se definir (e se perder), viver todas as experiências da vida. E é no seu

corpo o lugar de reencontro de todas as expectativas. O corpo é o lugar de vivência da felicidade. No novo fisicalismo (biologização da vida e dos valores), o corpo é veículo fisiológico e emocional (prova) do bem-estar. Por isso, a hegemonia da sensibilidade, do sensorio e do prazer. E, por estar ajustado e afinado com a naturalização das práticas e das representações sobre o mundo, será o desempenho que julgará o corpo. Não causa surpresa, assim, o consumo de psicotrópicos lícitos e ilícitos como formas de otimizar o corpo. A felicidade pode ser... química;

- Enfim, ao se banalizar, a felicidade torna-se imperativo. Ser feliz é ser normal. E, como a naturalização é o mecanismo de normalização recorrente, naturaliza-se assim a felicidade. Mas o outro lado do processo é seu contrário, justamente o outro lado da moeda: a patologização (efeito de naturalização negativa) da infelicidade. Ser infeliz pode significar processo de adoecimento – sinal e sintoma de sofrimento e transtorno psíquicos. Com isso, a infelicidade pode ser tratada e, até mesmo, “curada”;
- O caminho para a felicidade torna-se o mesmo do sofrimento; o do sucesso, o mesmo do fracasso. E, sendo a busca completamente individualizada, há uma psicologização da felicidade. É a busca solitária da felicidade. A solidão feliz que está, em caso de fracasso, a um passo da depressão.

Psicotrópicos e felicidade

Se há pertinência na discussão acima, podemos inferir que a visão dominante da felicidade, no mundo contemporâneo, é utilitarista. Tal situação possui algumas consequências de longo alcance. A felicidade estaria, predominantemente, identificada à alegria, por exemplo, pois está *desvinculada* de um modelo de virtude ou de Bem Viver. Não seria conectada à totalidade da existência de uma pessoa, e sim a

momentos alegres e de satisfação. E, sendo alegria, ainda mais ordenada pela utilidade e pelo consumo, haveria a primazia da visão hedonista, colocando o prazer como motor da busca pela felicidade. E, sendo o prazer o critério final, o corpo apareceria como *habitat* da felicidade. Nesse momento, a alegria, o prazer e o corpo fariam a ligação lógica com o uso de psicotrópicos. Tal uso permitiria a constituição de um corpo feliz. E tal felicidade seria *visível* justamente pela expressividade do sucesso e do desempenho. Assim, o psicotrópico (um psicofármaco, por exemplo) pode ajudar a procura do bem-estar subjetivo, aqui confundido com bem-estar corporal, como também a busca do sucesso e do bom desempenho, duas condições necessárias à felicidade.

E, se estamos certos, o pano de fundo axiológico da utilização de psicotrópicos teria pragmática atrelada a uma categoria de valor constituinte da modernidade, já discutida acima: a perfectibilidade, isto é, o aperfeiçoamento generalizado da espécie humana. O uso de psicotrópicos teria um papel mediador na busca pela felicidade no mundo contemporâneo. Seria sinalização das lógicas complexas de socialização, apresentando algumas características de sociedades dominadas pelo individualismo de massa: adaptação permanente a mudanças constantes, peso da responsabilidade individual, avaliação sempiterna do desempenho, valorização da autonomia e otimização da autoestima. A exigência normativa de autoestima e de adaptação, por exemplo, necessita de intervenções rápidas e sintomáticas. O uso de psicotrópico, em particular o psicofármaco, é uma das técnicas mais bem adequadas à satisfação dessa necessidade. É a urgência de um indivíduo, funcionando como corpo-máquina – uma bricolagem de funções e papéis sociais que precisa ser sustentada e mantida em bom funcionamento para ser feliz. O psicofármaco é extremamente útil, nesse sentido, porque atua, justamente, na “dimensão mecânica e energética” da individualidade. Para sermos mais explícito, o psicotrópico pode cumprir determinado papel na “energização” do desempenho acadêmico e profissional, bem como na aquisição de um bem-estar corporal e emocional, uma espécie de “felicidade química”, tão necessária à existência de cidadãos e consumidores no capitalismo.

Nossa hipótese é de que, se o psicotrópico já baliza formas de sociabilidade, faria o mesmo na configuração da socialização. Teria papel amplo nos processos de identificação e fixações identitárias. Se nossa socialização passa por um complexo aprendizado, inclusive, sendo boa parte inconsciente, agora teria deixado de ser imanente a normalizações já dadas e incorporadas imediatamente como *hábito* (tradição), pois afinal devemos ser “flexíveis” e “plásticos”. Na verdade, precisamos de “transcendência”, isto é, de ajuda externa e especializada (psicologia, psiquiatria, pedagogia...) para normalizar a socialização. E, se ser normal é ser feliz, os processos de socialização de normalização precisam ser balizados pelo *bem-estar subjetivo*. Nesse momento, o psicotrópico pode aparecer como mediador entre os especialistas da socialização e o indivíduo e, até mesmo, entre o indivíduo e o seu “self”.

Colocado dessa forma, o psicotrópico não seria apenas um artefato técnico, pois cumpre funções sociais mais amplas. Ele seria um “actante”, um objeto ou uma coisa (uma entidade não-humana) que produz ação (LATOURET, 2001; FREIRE, 2006). Em torno dele, gira uma rede de atores e de lógicas de ação que ultrapassam sua apreensão somente como produto tecnológico – está presente na saúde, na economia, na política, na vida social em geral. Faz parte de um dispositivo que garante a perspectiva de um corpo saudável, apto ao trabalho e adequado aos imperativos do desempenho individual na sociedade moderna. E, igualmente, o seu uso pode habilitar o indivíduo ao prazer, ao inscrevê-lo nas lógicas do gozo e do consumo no mercado capitalista. O uso terapêutico, hedonista ou performático do psicotrópico serve, afinal, para combater o sofrimento, visto como desnecessário e *sem sentido* — como antítese da felicidade, e seu *contrário* fundamental.

Procedimentos Metodológicos

O local da pesquisa: Universidade Federal de Pernambuco

A história da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) tem início em 11 de agosto de 1946, data de fundação da Universidade do

Recife (UR) e, em 1948, começa a construção do campus universitário. Passados 19 anos, a Universidade do Recife é integrada ao grupo de instituições federais do novo sistema de educação do País, recebendo a denominação de Universidade Federal de Pernambuco, autarquia vinculada ao Ministério da Educação.

A UFPE é uma das maiores instituições de ensino superior do País e uma das melhores universidades brasileiras, em ensino (graduação e pós-graduação) e pesquisa científica, sendo a melhor do Norte-Nordeste, segundo avaliações dos Ministérios da Educação (MEC) e de Ciência e Tecnologia (MCT). A UFPE é uma comunidade complexa que reúne mais de 45 mil pessoas, entre professores, servidores técnico-administrativos e alunos de graduação e pós-graduação, distribuídos em três campi: Recife, Caruaru e Vitória de Santo Antão.

A UFPE oferece 105 cursos de graduação presenciais, distribuídos em 12 centros (87 cursos de graduação no campus Recife, 12 em Caruaru e 6 em Vitória de Santo Antão). Em 2015, havia total de 35.749 alunos matriculados nos cursos de graduação, sendo 29.124 alunos no Campus Recife, 4.710 alunos no Centro Acadêmico do Agreste e 1.915 alunos no Centro Acadêmico de Vitória². No âmbito desta pesquisa, o foco foi os alunos de graduação de cursos presenciais do Campus Recife, pois, além de ser o maior e mais antigo campus da UFPE, é neste campus que atuam os professores e bolsistas de bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), participantes da pesquisa, o que implicou em menos custos para sua realização.

Com a competição acadêmica cada vez mais acirrada nas universidades, a população estudantil é uma amostra de população importante de ser estudada, uma vez que a saúde mental dos estudantes pode ser um fator diferencial das IES. As exigências acadêmicas iniciam-se no ingresso, extremamente concorrido, e se seguem com as demandas acadêmicas de um curso que os prepara para o mercado de trabalho

2 Dados obtidos no Anuário Estatístico da UFPE – Base 2015, disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/38954/373387/Anu%c3%a1rio+Estat%c3%adstico+UFPE+2016+-+Base+2015.pdf/bb5ddc7c-5c5c-47fe-90b9-bcd2a27300b5>. Acesso em 07/02/2018.

ou para o ingresso na pós-graduação. O ambiente universitário pode também facilitar condutas de risco, como o consumo de psicotrópicos (psicofármacos, álcool e outras substâncias psicoativas). Dentre as diversas condições de saúde correlacionadas, destacam-se os transtornos depressivos, comportamentos suicidas e sintomas psicóticos associados ao uso de substâncias psicoativas (BRASIL, 2010, p. 176).

Seleção da amostra do survey

A população do estudo foi composta por estudantes de cursos presenciais de graduação da Universidade Federal de Pernambuco - Campus Recife. Os estudantes, que responderam aos questionários do *survey*, foram selecionados por meio de amostragem estratificada por conglomerados de tamanhos desiguais (BOLFARINE; BUSSAB, 2005). Para a seleção dos cursos de graduação, eles foram agrupados por área do conhecimento e, dentro de cada área, foram classificados por nível de demanda no vestibular. Desta forma, a amostra foi constituída de alunos de graduação, matriculados em um total de nove cursos diurnos, sendo três cursos de cada uma das três grandes áreas do conhecimento: Ciências Humanas; Ciências Exatas e da Natureza; Ciências Biológicas e da Saúde. Dentro de cada área, os cursos foram selecionados em razão da alta, média e baixa demanda no vestibular (sendo considerada aqui a média da série da concorrência dos vestibulares realizados entre de 2005 e 2011).

O total de nove cursos selecionados estão distribuídos em sete Centros Acadêmicos, que correspondem a 10,3% dos 87 cursos de graduação, oferecidos nos 10 Centros Acadêmicos localizados no Campus-Recife da UFPE. O quadro 1 apresenta informações sobre os cursos selecionados como amostra, agrupados por área do conhecimento e nível de concorrência no vestibular da UFPE (entre 2005 e 2011), bem como o número de estudantes matriculados (em 2015) por curso.

De forma a facilitar a operacionalização da pesquisa, diminuindo o tempo de aplicação dos questionários, a unidade amostral primária, em cada curso, foi uma turma de alunos (com um mínimo de 20

alunos matriculados), ou seja, foi selecionada uma turma por curso (de diferentes períodos, excluindo-se as turmas dos primeiros períodos dos cursos) e todos os alunos da turma foram solicitados a responder. Considerou-se “turma” a combinação de classe e componente curricular obrigatório para o perfil do curso, oferecido num determinado período do curso. Foram aplicados um total de 312 questionários, distribuídos de forma bastante equitativa entre as três grandes áreas do conhecimento e por nível de concorrência no vestibular (ver tabela 1). Embora a amostra não seja representativa da população estudada, ela nos permitiu fazer inferências importantes para atender aos objetivos da pesquisa.

A escolha das turmas dos cursos foi feita de forma não-aleatória. Para facilitar o contato com os professores, para o acesso à sala de aula, nos cursos onde isso foi possível, foram selecionadas as turmas das disciplinas oferecidas, nos cursos, por professores do Departamento de Sociologia. Nos demais casos, foi estabelecido contato com os respectivos coordenadores dos cursos para solicitação de agendamento em turmas que atendessem aos requisitos da pesquisa.

QUADRO 1

Caracterização dos cursos selecionados como amostra, agrupados por área do conhecimento e nível de concorrência no vestibular (2011-2015)

CURSOS POR ÁREA DE CONHECIMENTO		
ALTA CONCORRÊNCIA	MÉDIA CONCORRÊNCIA	BAIXA CONCORRÊNCIA
Ciências Humanas		
Publicidade e Propaganda (CAC)	Serviço Social (CCSA)	Ciências Sociais Bacharelado (CFCH)
<i>Nº Vagas Vestibular:</i> 45 (1 entrada)	<i>Nº Vagas Vestibular:</i> 120 (2 entradas)	<i>Nº Vagas Vestibular:</i> 60 (1 entrada)
<i>Concorrência:</i> 18,02 alunos por vaga	<i>Concorrência:</i> 8,51 alunos por vaga	<i>Concorrência:</i> 4,78 alunos por vaga
<i>Duração do Curso:</i> 08 Semestres	<i>Duração do Curso:</i> 08 Semestres	<i>Duração do Curso:</i> 08 Semestres
<i>Nº de alunos matriculados:</i> 277	<i>Nº de alunos matriculados:</i> 588	<i>Nº de alunos matriculados:</i> 272

>

CURSOS POR ÁREA DE CONHECIMENTO		
ALTA CONCORRÊNCIA	MÉDIA CONCORRÊNCIA	BAIXA CONCORRÊNCIA
Ciências Exatas e da Natureza		
<p>Ciência da Computação - Bacharelado (CIN)</p> <p><i>Nº Vagas no Vestibular:</i> 100 (2 entradas)</p> <p><i>Concorrência:</i> 11,07 alunos por vaga</p> <p><i>Duração do Curso:</i> 09 Semestres</p> <p><i>Nº de alunos matriculados:</i> 568</p>	<p>Engenharia Civil (CTG)</p> <p><i>Nº Vagas no Vestibular:</i> 120 (2 entradas)</p> <p><i>Concorrência:</i> 5,46 alunos por vaga</p> <p><i>Duração do Curso:</i> 10 Semestres</p> <p><i>Nº de alunos matriculados:</i> 861</p>	<p>Engenharia Cartográfica (CTG)</p> <p><i>Nº Vagas no Vestibular:</i> 60 (2 entradas)</p> <p><i>Concorrência:</i> 3,32 alunos por vaga</p> <p><i>Duração do Curso:</i> 10 Semestres</p> <p><i>Nº de alunos matriculados:</i> 231</p>
Ciências Biológicas e da Saúde		
<p>Nutrição (CCS)</p> <p><i>Nº Vagas Vestibular:</i> 60 (2 entradas)</p> <p><i>Concorrência:</i> 12,04 alunos por vaga</p> <p><i>Duração do Curso:</i> 10 semestres</p> <p><i>Nº de alunos matriculados:</i> 306</p>	<p>Farmácia (CCS)</p> <p><i>Nº Vagas Vestibular:</i> 90 (2 entradas)</p> <p><i>Concorrência:</i> 7,05 alunos por vaga</p> <p><i>Duração do Curso:</i> 10 semestres</p> <p><i>Nº de alunos matriculados:</i> 490</p>	<p>Ciências Biológicas - Ciências Ambientais (CCB)</p> <p><i>Nº Vagas no Vestibular:</i> 80 (2 entradas)</p> <p><i>Concorrência:</i> 5,05 alunos por vaga</p> <p><i>Duração do Curso:</i> 08 Semestres</p> <p><i>Nº de alunos matriculados:</i> 360</p>

Fonte: Anuário Estatístico da UFPE – Base 2015

TABELA 1

Dimensão da amostra de estudantes de graduação, por curso, por área de conhecimento do curso e nível de concorrência para ingresso

CURSOS POR ÁREA DE CONHECIMENTO			TOTAL
ALTA CONCORRÊNCIA	MÉDIA CONCORRÊNCIA	BAIXA CONCORRÊNCIA	Nº (%)
Ciências Humanas			
Publicidade e Propaganda Nº: 33 (10,6 %)	Serviço Social Nº: 28 (9,0 %)	Ciências Sociais - Bach. Nº: 41 (13,1 %)	102 (32,7%)
Ciências Exatas e da Natureza			
Ciência da Computação Nº: 33 (10,6 %)	Engenharia Civil Nº: 52 (16,7 %)	Engenharia Cartográfica Nº: 23 (7,4 %)	108 (34,6%)
Ciências Biológicas e da Saúde			
Nutrição Nº: 44 (14,1 %)	Farmácia Nº: 30 (9,6 %)	Ciências Ambientais Nº: 28 (9,0 %)	102 (32,7%)
110 (35,3 %)	110 (35,3 %)	92 (29,5%)	312 (100,0%)

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

Após recebida a autorização, para realização da pesquisa, concedida pela Pró-Reitora para Assuntos Acadêmicos em exercício na época, os entrevistadores foram às salas e distribuíram os questionários para os alunos durante o horário de aula, com o consentimento do ministrante. Um termo de consentimento livre e esclarecido foi assinado pelos alunos que se dispuseram a responder ao questionário, obedecendo as diretrizes da Comissão Nacional de Ética.

O instrumento de coleta dos dados do survey

Considerando que os informantes se constituem de uma população de jovens adultos, com capacidade de leitura e compreensão de texto, o questionário foi autoaplicável, na presença de dois ou três

membros da equipe de pesquisa. Após a construção da primeira versão do questionário, foi realizado um primeiro pré-teste do instrumento de pesquisa com sete entrevistas. Esta ação teve como objetivos: (1) validar o questionário; (2) testar a solução para as questões que pudessem causar dúvidas; (3) melhorar seu fluxo e ritmo; (4) avaliar o tempo médio de sua duração. O segundo pré-teste foi realizado em uma turma/curso com cerca de 30 estudantes, com os mesmos objetivos acima, para simular a aplicação do questionário em uma situação real de sala de aula. Após a avaliação dos pré-testes foram feitos alguns ajustes para se chegar ao modelo definitivo dos questionários.

As variáveis que constituem a pesquisa estão agrupadas no questionário em cinco blocos de questões:

- 1) Dados sócios demográficos (idade, sexo, grupo étnico, religião, estado civil, curso frequentado, ocupação, renda familiar e nível educacional dos pais);
- 2) A formação e desempenho acadêmico;
- 3) Escalas de sentimentos de felicidade, de bem-estar e de satisfação em diferentes domínios de sua vida;
- 4) Motivações e padrão de consumo de substâncias psicoativas;
- 5) Atitudes e conhecimentos sobre os psicofármacos ou drogas utilizadas;
- 6) Uso da ARS (análise de redes sociais) para identificar os processos que estruturam as redes de usuários de psicofármacos e de que forma a comunidade estudantil constrói comunidades de orientações de comportamentos, práticas e trajetórias de sociabilidade.

Os dados obtidos no questionário foram digitados e incluídos em uma matriz de dados do software aplicativo SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) e, posteriormente, processados.

Entrevistas

Foram realizadas, como complemento qualitativo à pesquisa quantitativa, entrevistas semiestruturadas com 28 estudantes de graduação, escolhidos entre os alunos dos três cursos de alta, média e baixa concorrência, bem como de cada uma das áreas do conhecimento já indicadas, buscando-se problematizar a percepção dos estudantes sobre as temáticas trabalhadas pelo projeto — nesse sentido, aquém dos objetivos iniciais que eram a realização de 54 entrevistas. Tal número abrangia 06 (seis) entrevistas para cada uma das nove turmas/curso. A estratégia inicial foi de, durante a aplicação dos questionários, conseguir contatos dos alunos por meio do apelo ao voluntariado. Quem fosse favorável oferecia suas coordenadas para posterior contato. Apesar de vários alunos terem se prontificado, pouquíssimo responderam à comunicação. Assim, diante da dificuldade em conseguir entrevistados, decidimos mudar o procedimento metodológico. Utilizamos, dessa forma, a técnica de “bola de neve” que utiliza uma cadeia de referências, o que caracterizaria espécie de rede social. Tal técnica é uma forma de amostra, utilizada em pesquisas sociais, em que os participantes iniciais indicam novos participantes que, por sua vez, indicam outros novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançada a “saturação”, isto é, a repetição de temas, conteúdos e padrões discursivos. Nesse momento, ao se obter padronizações temáticas, encerravam-se as entrevistas.

Devemos assinalar, contudo, que a técnica de “bola de neve” pode gerar, muitas vezes, alguns vieses por causa de seu ponto de partida. Nalguns casos, a sequência de entrevistados, principalmente a partir do alunato de ciências sociais, começou justamente por meio de nossos discentes PIBIC. Não causa surpresa que, nessa situação, a sequência seja influenciada pelo seu início. Porém, no cômputo geral, a mudança de estratégia foi de grande valia e não prejudicou a interpretação empírica. Diminuiu o número de entrevistas, é certo, mas permitiu o acesso aos entrevistados, o que foi fundamental. Igualmente, acreditamos que a densidade discursiva das entrevistas nos permitiu a composição de material empírico bastante complexo, o qual precisou

de análises mais detidas, principalmente com o cotejamento dos dados obtidos pela pesquisa quantitativa (questionário). Novamente, os alunos assinaram termo de consentimento livre e esclarecido, dispondo-se a conceder a entrevista e obedecendo às diretrizes da Comissão Nacional de Ética. Houve explicitamente a garantia de que as entrevistas seriam anônimas, isto é, os entrevistados não poderiam ser identificados nos textos produzidos para fins de relatório e de publicação.

Aplicamos um guia de entrevistas bastante flexível, tanto para o entrevistador quanto para o entrevistado, organizado em temas que foram aprofundados conforme o desenrolar da entrevista (ver no Apêndice). Empregamos o método de entrevista de tipo “focalizada”, pois seu emprego apresentou as seguintes vantagens:

- 1) É uma técnica apropriada para superar a ausência de ou complementar uma amostra representativa, permitindo uma apreensão qualitativa do material empírico;
- 2) Oferece uma liberdade e uma abertura ao entrevistador, permitindo o aprofundamento do tema proposto;
- 3) O material colhido por esta técnica facilita e é adequada à interpretação;
- 4) A entrevista focalizada facilita a reconstituição de modelos culturais e simbólicos interiorizados pelo entrevistado;
- 5) O material colhido compreende não apenas proposições e afirmações, mas também conteúdos normativos e expressivos.

Fizemos as transcrições de todas as entrevistas. Sistematizamos cada entrevista seguindo a ordem temática do guia de entrevista. Classificamos as entrevistas, colocando-as em grupos temáticos, seguindo a ordem do guia de entrevista. A partir desse ponto, pudemos produzir generalizações baseadas nos cruzamentos entre os grupos temáticos e as interpretações (hipóteses explicativas) que tentaram explicar as diversas questões surgidas a partir dos cruzamentos e dos

grupos temáticos. Paralelamente à análise interpretativa do material, colhido nas entrevistas, achamos conveniente analisar tematicamente o conteúdo do material empírico. Foi dessa forma que realizamos uma redução do discurso do entrevistado em unidades de significação, utilizando um sistema de classificação estabelecido a partir de categorias circunscritas e definidas. Depois dessa etapa, reunimos tais unidades de uma forma que não fosse nem ambígua, nem contraditória. Tal método permitiu-nos quantificar e realizar agrupamentos e recortes no conteúdo encontrado nas entrevistas. Assim, pudemos controlar a presença de certas noções e temas, obtendo desse modo uma primeira imagem mais unificada do material colhido, bem como das principais linhas de diferenciação de seu conteúdo. Conseguimos também estabelecer relações entre as significações e organizá-las em unidades temáticas.

A análise interpretativa e temática contribuiu para interpretações baseadas no discurso concreto dos entrevistados. Tais interpretações não revelam de forma alguma a “verdade” dos discursos analisados e nem alguma “estrutura” oculta; na realidade, sua validade depende de seu valor estratégico em esclarecer o dado, facilitar a comparação e levar a novos conhecimentos. Consideramos os discursos, assim, como fazendo parte de seu “senso comum”. Mas não os tomamos como “transparentes”, correspondendo a um conhecimento direto da realidade. Mesmo que reconheçamos as reflexões dos entrevistados como *conhecimento social*, ainda não podemos caracterizá-las como *conhecimento sociológico*. Ao mesmo tempo, não analisamos os discursos a partir de uma filosofia da suspeita ou da “revelação” (DEMAZIÈRE; DUBAR, 1997). A linguagem não foi tratada como fonte necessária de ilusão, podendo assim dissimular, enganar... Na verdade, os discursos foram considerados muito mais como formas de justificação de uma realidade (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991). Implicam, dessa forma, um mínimo de reflexividade (GIDDENS; BECK; LASH, 1997) por parte dos entrevistados em relação à sua realidade vivida, sendo um ponto de partida para a análise sociológica.

A análise temática dos discursos dos estudantes entrevistados permitiu suas integrações como agentes coletivos. Com efeito, o

discurso pode ser visto como uma construção social, o que permite a elaboração de “tipologias” nas quais os diversos discursos individuais serão apreendidos como variações de um “tipo”. A tipificação evita a armadilha da generalização, pois a transforma analiticamente em hipótese de trabalho. Pode-se dizer que a tipificação “simula” a generalização, testando-a do ponto de vista analítico.

Contudo, no nosso caso, a tipificação da noção nativa de felicidade, por exemplo, precisou de cuidados redobrados, pois envolveu jogo entre teorização ou definição conceitual e valores ou normas sociais. O caminho dedutivo pareceu-nos duvidoso e contraproducente. Conceituar felicidade, enquadrando as noções nativas na definição, trouxe-nos diversos problemas de interpretação; afinal, não tínhamos de fato delimitação nocional e consensual de felicidade. Igualmente, o caminho indutivo, valorizando as representações (sociais) dos entrevistados em relação à felicidade, se esclareceu o seu uso semântico, dificultou uma delimitação minimamente operacional, por causa de sua polissemia e vagueza. A solução foi justamente assumir a polissemia do termo, rejeitando qualquer tipo de necessidade *a priori* de definição. Digamos que assumimos determinada postura metodológica. Para tal, interpretamos a dificuldade (ou mesmo, a impossibilidade), nossa e dos entrevistados, em definir felicidade, como exemplo de noção “politética”. Tal termo foi forjado, segundo Boudon, pelo antropólogo R. Needham, influenciado pelas análises de Wittgenstein nas “Investigações Filosóficas”. Assim,

ele designa precisamente essas palavras que evoca Wittgenstein, nas quais o sentido é determinado pelas semelhanças de família que ligam os seus diversos usos (BOUDON, 1990:328).

Podemos perceber melhor isso, na análise da palavra “jogo”, realizada pelo filósofo austríaco:

§66 - Considere, por exemplo, os processos que chamamos de ‘jogos’. Refiro-me a jogos de tabu-

leiro, de cartas, de bola, torneios esportivos, etc. O que é comum a todos eles? Não diga: “Algo deve ser comum a eles, senão não se chamariam ‘jogos’”,- mas veja se algo é comum a eles todos. - Pois, se você os contempla, não verá na verdade algo que fosse comum a *todos*, mas verá semelhanças, parentescos, e até toda uma série deles. [...] Considere, por exemplo, os jogos de tabuleiro, com seus múltiplos parentescos. Agora passe para os jogos de cartas: aqui você encontra muitas correspondências com aqueles da primeira classe, mas muitos traços comuns desaparecem e outros surgem. [...] E assim podemos percorrer muitos, muitos outros grupos de jogos e ver semelhanças surgirem e desaparecerem. E tal é o resultado desta consideração: vemos uma rede complicada de semelhanças, que se envolvem e se cruzam mutuamente. Semelhanças de conjunto e de pormenor. §67 - Não posso caracterizar melhor essas semelhanças do que com a expressão “semelhanças de família”; pois assim se envolvem e se cruzam as diferentes semelhanças que existem entre os membros de uma família: estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento, etc., etc. (WITTGENSTEIN, 1979:38-39).

Felicidade, assim, como noção, atrelaria necessariamente qualquer tentativa de definição ao mundo incontrolável das normas e das representações sociais. Por isso, recobriria, nos seus diversos sentidos, toda uma gama de semelhanças, conservando uma imprecisão crônica. A felicidade é uma categoria de valor, ou seja, é por definição construção social, enraizada em experiências individuais e coletivas. Seria noção de todos e de ninguém, daí sua intensa polissemia. Sociologicamente, haveria distribuição social de significações de felicidade, cada um com

sua pretensão de validade. O problema acentua-se, no caso, até porque a felicidade, nas ciências sociais e *no discurso nativo*, é considerada uma “noção subjetiva”. Sua apreensão objetiva, mesmo que limitada numa definição operacional, torna-se assim extremamente problemática, pois determina interpretação castradora de seus múltiplos significados. Ao propor certo relativismo nocional e sociológico, defendemos que, mais do que a opinião dos cientistas sociais, seriam as representações dos nativos e as ideias dominantes do contexto social que determinam o que se chama, ainda que provisoriamente, de “felicidade”. Pois tudo se complica quando se procura defini-la. Assumimos, enfim, um relativismo forte, como postura metodológica para a interpretação empírica, em relação à definição do termo.

A postura metodológica de considerar a felicidade como expressão “politética” tem sua validade, embora possa se confrontar com algumas de suas definições, principalmente na economia. Não negamos esse perigo. Mas indagamos o seguinte: a transmutação, por exemplo, do termo felicidade em bem-estar, como se tornou comum na ciência econômica, eliminou sua polissemia? Acreditamos até que o recurso à noção de “bem-estar”, com sua capacidade inclusive de mensuração, permite o esvaziamento da pressão polissêmica, pois não seria mais, *na aparência*, um termo “politético” e permitiria definição mais precisa e menos ambígua. Pode-se aqui argumentar que a transformação, para determinado público, de um termo “politético” num “não politético” significaria que foi, enfim, apropriado como conceito pela ciência; ou, então - esse argumento não exclui o anterior -, que a delimitação nocional tem uma sólida ancoragem institucional numa ciência como a economia, demarcando-se *institucionalmente* como o *verdadeiro* princípio definidor da felicidade. Contudo, a definição de bem-estar não é estranha aos entrevistados, sendo inclusive representação social nativa. Ao mesmo tempo, a transmutação simbólica da felicidade em bem-estar é menos episódio filosófico e científico do que processo histórico e axiológico de grande complexidade. A felicidade como bem-estar, em suma, como definição discreta, mascara a polissemia inerente à sua condição de categoria de valor.

Se nos foi útil, como postura metodológica, interpretar a noção de felicidade como politética, oferecendo prioridade às definições nativas, foi-nos fundamental examinar os psicotrópicos a partir de seus usos concretos. Novamente, ficamos diante de alguns impasses. Primeiro, abandonamos a utilização do termo “droga” por causa da dificuldade (ou impossibilidade) em controlar a explosão de pré-conceitos e pré-julgamentos em torno dessa noção. Preferimos, assim, palavra mais geral como a de “psicotrópico” ou “substância psicoativa”. Segundo, ao invés de procurar definições ou concepções, mesmo entre entrevistados e entrevistadas, a empiria (ou o campo de estudo) levou-nos a priorizar a “pragmática do psicotrópico”, isto é, seus usos concretos. No caso, não se tratava simplesmente de analisar representações sobre “psicotrópicos”, mas sobretudo as “atuações” e “mediações” do objeto-psicotrópico entre os estudantes. Fizemos assim análise pragmática das relações entre os estudantes e os psicotrópicos. E, como concretamente os usos estavam misturados, pois quase nunca se apresentavam isoladamente uns dos outros, foi-nos necessário, da análise pragmática, elaborarmos suas distinções analíticas.

Nesse sentido, por meio da interpretação empírica, distinguimos quatro usos de psicotrópicos:

- 1) Uso terapêutico
- 2) Uso para desempenho ou performático
- 3) Uso para bem-estar ou felicitico
- 4) Uso recreativo ou lúdico

Por serem distinções analíticas, como dissemos, os usos aparecem misturados na empiria. Assim, por exemplo, um estudante pode usar maconha como recreação e como bem-estar ou, noutro exemplo, pode usar a Ritalina, como tratamento para déficit de atenção e também para desempenho acadêmico. A distinção analítica dos usos permitiu-nos perceber as articulações de práticas de uso que transbordam suas

definições oficiais. A Ritalina, com efeito, não é apenas medicamento ou terapia medicamentosa, porque pode melhorar a performance nas atividades acadêmicas. Ou ainda, a maconha pode combinar, na pragmática de alguns alunos, todos os usos: lúdico, felicitico, performático e terapêutico.

As distinções analíticas dos usos levaram-nos, por sua vez, a inferir diferenças nocionais entre medicalização, medicamentação e terapeutização. Geralmente, tais noções são englobadas no termo de medicalização (Rose, 2007; 2011). Achamos por bem diferenciá-las e, novamente, de forma analítica, pois se misturam nas práticas sociais concretas. Para ficarem mais claras tais distinções, sintetizaremos abaixo nosso entendimento dessas três noções:

1) Medicalização: reduzimos o alcance usual da noção, praticamente identificado a processos amplos de subjetivação (ROSE, 2011). A medicalização seria a captura institucional, pela assistência de saúde (ou, nalguns casos, de saúde mental), de práticas e comportamentos. A timidez, por exemplo, sendo capturada pela nosologia psiquiátrica e se transformando em transtorno, é caso de medicalização. Para tal, não precisa do uso de medicamentos, nem de terapia, embora possa se realizar concomitantemente: timidez, como transtorno psíquico, pode ser tratado à base de medicação e de psicoterapia – mas não necessariamente.

2) Medicamentação: significa o uso, para fins terapêuticos ou medicamentosos, de substâncias (psicoativas, no nosso caso). Quando tais substâncias têm seu uso atribuído institucionalmente pela assistência de saúde, a medicamentação é identificada à medicalização, embora não se esgote pragmaticamente a tal processo. A maconha, sendo utilizada para fins terapêuticos, estaria inscrita num processo de medicamentação. E, se tal processo fosse institucionalizado pela assistência em saúde, estaria inserido num processo de medicalização. Contudo, a maconha pode ser usada para fins terapêuticos, independentemente do aparato institucional de saúde. Vira medicamento, sofrendo

processo de medicamentação, sem necessariamente entrar num de medicalização. O usuário que faz tal uso, seguindo essa argumentação, estaria se “automedicamentando”. Pode-se, por exemplo, utilizar um medicamento, como a Ritalina, para outros fins que não o medicamentoso, como seu uso para desempenho acadêmico. Tal substância deixaria, assim, de ser medicamento.

3) Terapeutização: processo mais amplo e mais ambíguo. No mundo contemporâneo e ocidental, identifica-se umbilicalmente com a medicalização. Contudo, algumas substâncias, como vinhos, podem ser medicamentizadas ao sofrerem um processo de terapeutização, isto é, ao virarem medicamento. O uso terapêutico de uma substância pode torná-la medicamento, sem necessariamente significar medicalização. O uso de substância, por meio de chás, realizado por uma benzedeira, com fins ansiolíticos, significa processo de medicamentação e de terapeutização – uma reza, no caso, com finalidade de acalmar e de combater a ansiedade, mesmo que também tenha embutido no ato outras finalidades (rituais religiosos ou místicos), estaria inscrita num processo de terapeutização, embora não fosse necessariamente medicamentação ou medicalização.

Dessa forma, a classificação dos usos sofreu influência decisiva das distinções analíticas, analisadas acima.

1) O uso terapêutico pode ser medicalizado ou não, pois o estudante pode se “automedicamentar”, o que corresponderia a uma terapeutização sem medicalização, ou seguir prescrição médica (medicalização com medicamentação e terapeutização). No uso terapêutico, o psicotrópico, seguindo a lógica de nossa argumentação, transforma-se em “medicamento”, seguindo um processo de terapeutização, como acontece no uso terapêutico da maconha, realizada por alguns estudantes.

2) O uso para desempenho teria relação com a pragmática da perfectibilidade acadêmica. Seria todo uso de psicotrópico para a melhora da performance (prova, seleção, seminário, estudo, etc.). A Ritalina seria caso interessante, como já foi visto acima: ao usá-la para fins performáticos, ela escapa analiticamente da medicalização, da terapeutização e se “desmedicamentiza”, o que não significa dizer que, concretamente, tal uso não possa vir acompanhado de outras pragmáticas.

3) O uso para bem-estar seria o núcleo da pragmática da felicidade química. Tal uso, analiticamente, escapa também da medicalização, da terapeutização e da medicamentação – novamente, repetimos que, concretamente, nada impede a junção de tal uso a outras pragmáticas. O uso felicitico é constante e se relaciona ao cotidiano. Vincula-se à constatação de que, para estar bem consigo mesmo, por exemplo, é fundamental o uso de tal e qual psicotrópico. Tal pragmática conecta o bem-estar a valores, sentimentos e noções, tais como paz, tranquilidade, calma, estabilidade e saúde. Nas entrevistas, percebemos a maconha e os ansiolíticos como psicotrópicos exemplares do uso felicitico.

4) O uso recreativo é o lado lúdico da felicidade química. Pode ser considerado, nalguns casos, como momento do bem-estar. Seu campeão é, indiscutivelmente, o álcool. O psicotrópico torna-se, aqui, a condição de possibilidade da recreação ou função do divertimento. A recreação é a alegria que pode basear o bem-estar ou a felicidade.

Enfim, para melhor visualização e percepção do alcance do material empírico, achamos importante oferecer caracterização geral das 28 entrevistas no quadro 2.

QUADRO 2

Caracterização geral do perfil das pessoas entrevistadas

CURSOS	Ciência Ambiental	Ciências Sociais	Eng. Civil	Engenharia da Comput.	Farmácia	Nutrição	Publicidade e Propag.	Serviço Social	TOTAL
TOTAL ENTREVISTADOS	2	7	2	3	4	3	2	5	28
SEXO									
<i>Homem</i>	2	3	-	2	1	2	2	-	12
<i>Mulher</i>	0	4	2	1	3	1	-	5	16
TOTAL	2	7	2	3	4	3	2	5	28
FAIXA ETÁRIA									
	28-54	19-29	19-22	23	18-26	21-23	21-22	19-22	28
COR									
<i>Branca</i>	1	2	2	3	3	3	1	2	17
<i>Preta</i>	-	2	-	-	-	-	-	2	4
<i>Parda</i>	1	3	-	-	1	-	1	1	7
TOTAL	2	7	2	3	4	3	2	5	28
ESTADO CIVIL									
<i>Solteiro</i>	1	7	2	3	4	3	2	5	27
<i>Casado</i>	1	-	-	-	-	-	-		1
TOTAL	2	7	2	3	4	3	2	5	28
RELIGIÃO									
<i>Católica</i>	-	-	2	-	-	-	-	1	3
<i>Evangélica</i>	-	-	-	0	0	2	1	-	3
<i>S/religião</i>	1	6	-	2	3	1	1	3	17
<i>Ateia</i>	-	1	-	1	-	-	-	-	2
<i>Espirita</i>	1	-	-	-	-	-	-	1	2
<i>Outras</i>	-	-	-	-	1	-	-	-	1
TOTAL	2	7	2	3	4	3	2	5	28
COTA									
<i>Cotista</i>	-	-	-	-	1	1	-	1	3
<i>Não cotista</i>	2	7	2	3	3	2	2	4	25
TOTAL	2	7	2	3	4	3	2	5	28

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

CAPÍTULO 2

Caracterização dos Estudantes da Amostra do Survey: Perfil Social e Vida Acadêmica

Eliane Maria Monteiro da Fonte

Introdução

Neste capítulo, serão apontadas algumas características dos estudantes que compuseram a amostra do estudo de *survey*, sem adentrar ainda nos temas concernentes aos principais objetivos da pesquisa e nas questões que nortearam o estudo. O seu propósito é traçar um perfil dos estudantes, de suas famílias e de alguns dos aspectos de suas vidas na academia; enfim, apresentar os sujeitos que participaram da pesquisa e como transcorre sua vivência acadêmica. No instrumento de coleta de dados - um questionário -, a primeira parte (*Dados sócio demográficos*) destinava-se à averiguação de alguns dos atributos pessoais dos estudantes, relativos a gênero, faixa etária, raça/cor, em que tipo de escola cursou o ensino médio e religião, aspectos que serão tratados na primeira seção deste capítulo.

Nesse bloco, tinham também questões sobre o perfil social de sua família, no que diz respeito à renda média mensal familiar, grau de instrução do pai e mãe, situação conjugal do informante, se tem ou não filhos, com quem reside, cujos resultados obtidos serão discutidos na segunda seção. Foram incluídas, ainda nessa seção, as informações sobre o uso do sistema de cotas³ para ingresso no curso pelos estudantes,

³ A Lei de cotas raciais foi sancionada em 29 de agosto de 2012. Para concorrer às vagas separadas pela Lei de cotas raciais, estudantes precisam se encaixar em duas condições obrigatórias: ter estudado durante os três anos do Ensino Médio em escolas públicas; se autodeclarar, ou seja, se considerar preto, pardo ou indígena.

cuja pergunta consta da segunda parte do questionário (*Formação e desempenho acadêmico*), considerando que esse item ajuda a caracterizar o perfil social do estudante.

A figura 1 apresenta uma tabela desenvolvida pelo MEC para mostrar como funciona a Lei de cotas em uma universidade federal. Essa é uma ação afirmativa que garante a reserva de vagas para determinados grupos, através de cotas raciais e sociais, dando acesso a negros, índios, deficientes, estudantes de escola pública e de baixa renda em universidades, aplicando-se também a concursos públicos e mercado de trabalho.

FIGURA 1
O uso de cotas nas instituições federais de ensino



Fonte: Imagem Divulgação/MEC ⁴

⁴ Disponível em <https://querobolsa.com.br/revista/sistema-de-cotas-raciais>, acesso em 09/02/2018.

Na terceira seção, serão discutidas as questões, contidas na segunda parte do questionário, consideradas importantes para o entendimento da vida estudantil dos graduandos e sua situação nos cursos, tais como, dedicação integral ou parcial aos cursos, se é o primeiro curso superior que está frequentando, ano de ingresso no curso, número de disciplinas cursadas no semestre anterior à realização da pesquisa, o desempenho acadêmico, inferido a partir dos resultados de aprovação/reprovação em disciplinas no último semestre, perspectiva de abandono ou trancamento do curso, se costumam faltar aulas e o que fazem quando faltam as aulas do curso. Incluímos ainda aqui os resultados de uma questão do primeiro bloco de perguntas, “se exerceu alguma atividade remunerada nos últimos três meses no último ano”, inclusive bolsas institucionais da universidade e estágios remunerados.

Finalmente, serão analisados os resultados de questões construídas em escalas tipo Likert, com cinco opções de respostas⁵, para a medida da avaliação da satisfação dos estudantes com o curso escolhido, com o seu desempenho acadêmico, com o relacionamento com os seus professores e percepção quanto ao nível de competição no ambiente do curso.

Será, portanto, a análise descritiva dos dados obtidos, a partir das questões do questionário acima mencionadas, o objeto central das discussões realizadas neste capítulo. Na quase totalidade das tabelas, os dados apresentados foram agrupados a partir das duas variáveis utilizadas para a definição da amostra dos cursos:

- a) A área de conhecimento na qual se enquadra o curso, a saber, Ciências Humanas, Ciências Exatas e da Natureza, Ciências Biológicas e da Saúde;
- b) Nível de concorrência para ingresso no curso, sendo os cursos classificados como de Alta, Média e Baixa demanda no ves-

⁵ As cinco opções de respostas contêm o mesmo número de categorias positivas e negativas, com um ponto central, de modo que os entrevistados pudessem selecionar essa opção em caso de indecisão ou neutralidade. As categorias de resposta servem para capturar a intensidade dos sentimentos dos respondentes quanto à sua opinião nas perguntas.

tibular (para a qual foi considerada a média da série da concorrência dos vestibulares realizados entre de 2005 e 2011).

Perfil sócio demográfico dos estudantes

Foram aplicados questionários a um total de 312 estudantes matriculados, na quase totalidade, em cursos com funcionamento diurno. O cômputo geral dos dados mostra que os estudantes se encontram distribuídos, de forma bastante equitativa, entre os cursos das três grandes áreas do conhecimento: 102 na área de ciências humanas, 108 na área de ciências exatas e 102 em ciências biológicas e da saúde (cerca de 33% de alunos entrevistados em cada área). Quando classificados por nível de concorrência dos cursos, o número de estudantes entrevistados, vinculados aos cursos de baixa concorrência, foi um pouco menor (92 estudantes, 29,5%), quando comparados com o número de estudantes vinculados aos cursos de média e alta concorrência, com 110 alunos (35,3%) em cada um desses grupos de cursos (Tabela 2).

TABELA 2

Distribuição dos estudantes por cursos de graduação nas áreas de conhecimento e nível de concorrência

ÁREA DO CONHECIMENTO NÍVEL DE CONCORRÊNCIA	Ciências Humanas		Ciências Exatas		Ciências da Saúde		TOTAL	
	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
<i>Alta</i>	33	32,3	33	30,6	44	43,1	110	35,3
<i>Média</i>	28	27,5	52	48,1	30	29,4	110	35,3
<i>Baixa</i>	41	40,2	23	21,3	28	27,5	92	29,5
TOTAL	102	32,7	108	34,6	102	32,7	312	100,0

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

Com relação ao gênero, 58% dos estudantes que participaram da pesquisa são do gênero feminino e 42% do gênero masculino. Quando estes são classificados por área de conhecimento do curso (Tabela 3),

há predominância de homens (70,4%) na área de ciências exatas e maior frequência de mulheres nos cursos de ciências humanas (71,6%) e da saúde (75,5%). As diferenças de gênero não são marcantes na distribuição dos estudantes por nível de concorrência do curso (Tabela 4). Como o número de mulheres entrevistadas foi maior, há uma maior frequência de estudantes do gênero feminino em todos os grupos de cursos, com uma diferença mais acentuada apenas no caso dos cursos de baixa concorrência, quando 63% são do gênero feminino e 35,9% do gênero masculino.

A variação etária dos estudantes, conforme a idade informada na data da entrevista, está compreendida entre 18 e 52 anos e, para fins de análise, os dados foram distribuídos em três faixas de idade, conforme será apresentado a seguir. A população estudada é composta predominantemente de jovens, com 63,8% dos estudantes situados na faixa dos 18 a 22 anos. Considerando que a duração dos cursos selecionados para estudo varia de quatro a cinco anos (8 a 10 semestres), esta seria a faixa etária de alunos que ingressaram na universidade logo após a conclusão do ensino médio e tendem a concluir o curso relativamente jovens. As frequências nas demais faixas de idade podem indicar estudantes que ingressaram mais tarde nos cursos ou permaneceram no curso mais tempo do que o previsto, por reprovações ou trancamentos. Existem também alguns casos de estudantes graduados ou que chegaram a frequentar outros cursos e abandonaram, não sendo este o primeiro curso que frequentam. Provavelmente, este é o caso dos estudantes que se encontram nas faixas de idade entre 23 - 27 anos (12,2%) e 28 - 52 anos (6,7%).

Embora as diferenças de faixa etária dos estudantes nos cursos, quando classificados por área do conhecimento, sejam relativamente pequenas, os cursos da área de ciências exatas são os que apresentam a maior proporção de estudantes na faixa dos 18 - 22 anos (71,3%) e a menor frequência de estudantes com idades entre 23 - 27 anos (11,1%) e 28 - 52 anos (4,6%). Quando se observam os cursos por nível de concorrência, são os cursos de baixa concorrência no vestibular os que apresentam a menor proporção de estudantes mais jovens (47,8% tem

entre 18 - 22 anos) e maior proporção de estudantes nas demais faixas de idade (21,7% com idade entre 23 - 27 anos e 10,9%, se situam na faixa 28 - 52 anos).

Pretos e pardos constituem 52,9% da população estudada, com 40,4 % de brancos e um percentual quase irrisório de estudantes que se declararam de outras raças/cor – amarelo (5,1% e indígena (0,6%) e outras não identificadas (1,1%). Quando classificados por área de conhecimento, os estudantes pretos e pardos predominam na área de ciências humanas (56,9%) e de saúde (56,8%), estão em menor proporção na área de exatas (45,3%). Na classificação dos cursos por nível de concorrência, os pretos e pardos são mais frequentes nos cursos de baixa concorrência (63%), decrescendo este percentual nos cursos de média (51,8%) e alta concorrência (45,4%).

Quase um terço dos estudantes ingressou nos cursos pelo sistema de cotas (30,1%), sendo os cursos na área de saúde os que apresentam um percentual um pouco maior de estudantes na categoria de cotistas (34,3%) do que nos cursos da área de humanas (27,5%) e de exatas (28,7%). Quando considerados por nível de concorrência, são os cursos de média concorrência os que apresentam o maior percentual de cotistas (32,7%), vindo a seguir os cursos de alta concorrência (31,8%) e, por fim, os de baixa concorrência (25%). Pode-se pressupor que o sistema de cotas facilitou o acesso de parte dos estudantes em situação de maior vulnerabilidade a cursos mais concorridos, cujo acesso seria mais restrito nas condições anteriores à implementação da Lei de cotas raciais.

O ensino médio foi cursado integralmente ou a maior parte em escolas públicas por 39,1% e 2,9% dos estudantes, respectivamente; 53,8% estudaram integralmente e 4,5% a maior parte em escolas particulares. Considerando o baixo percentual de estudantes que estudaram parcialmente em escolas públicas ou privadas, para fins de análise, os dados sobre o tipo de escola que os estudantes frequentaram no ensino médio foram agrupados em duas categorias: os que cursaram todo ou a maior parte na escola pública (41,7%); os que cursaram todo ou a maior parte na escola privada (58,3%).

TABELA 3

**Perfil sócio demográfico dos estudantes por área de conhecimento do curso
(em números percentuais)**

DADOS SÓCIO DEMOGRÁFICOS	CURSOS POR ÁREA DO CONHECIMENTO			
	Humanas N. 102 100%	Exatas N. 108 100%	Saúde N. 102 100%	TOTAL N. 312 100%
Gênero				
<i>Masculino</i>	28,4	70,4	24,5	41,7
<i>Feminino</i>	71,6	28,7	75,5	58,0
<i>Não Respondeu</i>	-	0,9	-	0,3
Faixa Etária				
<i>18 a 22 anos</i>	52,9	71,3	66,7	63,8
<i>23 a 27 anos</i>	11,8	11,1	13,7	12,2
<i>28 anos a 52 anos</i>	9,8	4,6	5,9	6,7
<i>Não respondeu</i>	25,5	13,0	13,7	17,3
Raça/Cor com a qual se identifica				
<i>Branco</i>	38,2	47,2	35,3	40,4
<i>Preto / Pardo</i>	56,9	45,3	56,8	52,9
<i>Outros</i>	4,2	7,4	7,8	6,7
Ingresso no curso através do sistema de cotas				
<i>Sim</i>	27,5	28,7	34,3	30,1
<i>Não</i>	72,5	71,3	61,8	68,6
<i>Não respondeu</i>	-	-	3,9	1,3
Tipo de escola que cursou o Ensino Médio				
<i>Todo ou a maior parte na escola pública</i>	41,2	39,8	44,1	41,7
<i>Todo ou a maior parte na escola privada</i>	58,8	60,2	55,9	58,3

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

Quando considerados por área dos cursos, o percentual de estudantes que cursou todo ou a maior parte do ensino médio na escola privada é um pouco maior na área de exatas (60,2%) do que na área de humanas (58,8%) e na área de saúde (55,9%). Mas as diferenças são mais perceptíveis quando os cursos são agrupados por nível de concorrência. Os cursos de alta concorrência são os que apresentam o maior percentual

tual de estudantes que estudaram todo ou maior parte do ensino médio em escolas privadas (63,6%), vindo a seguir os de média concorrência (56,4%) e, por fim, os de baixa concorrência (54,3%), o que parece indicar que, mesmo com o sistema de cotas, há permanência de alguma desvantagem dos estudantes oriundos das escolas públicas para ingresso nos cursos que apresentam maior demanda para ingresso.

TABELA 4

Perfil sócio demográfico dos estudantes, por nível de concorrência para ingresso no curso (em números percentuais)

DADOS SÓCIO DEMOGRÁFICOS	CURSOS POR NÍVEL DE CONCORRÊNCIA				TOTAL N. 312 100%
	Alta N. 110 100%	Média N. 110 100%	Baixa N. 92 100%		
Gênero					
<i>Masculino</i>	44,5	43,6	35,9	41,7	
<i>Feminino</i>	55,5	56,4	63,0	58,0	
<i>Não respondeu</i>	-	-	1,1	0,3	
Faixa Etária					
<i>18 a 22 anos</i>	64,5	76,4	47,8	63,8	
<i>23 a 27 anos</i>	11,8	4,5	21,7	12,2	
<i>28 a 52 anos</i>	3,6	6,4	10,9	6,7	
<i>Não respondeu</i>	20,0	12,7	19,6	17,3	
Raça/Cor com a qual se identifica					
<i>Branco</i>	48,2	40,9	30,4	40,4	
<i>Preto / Pardo</i>	45,4	51,8	63,0	52,9	
<i>Outros</i>	6,4	7,3	6,5	6,7	
Ingresso no curso através do sistema de cotas					
<i>Sim</i>	31,8	32,7	25,0	30,1	
<i>Não</i>	68,2	65,5	72,8	68,8	
<i>Não respondeu</i>	-	1,8	2,2	1,3	
Tipo de escola que cursou o Ensino Médio					
<i>Todo ou a maior parte na escola pública</i>	36,4	43,6	45,7	41,7	
<i>Todo ou a maior parte na escola privada</i>	63,6	56,4	54,3	58,3	

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

Entre os universitários houve predominância da religião católica (30,4%), seguida da evangélica (23,4%) e uma menor proporção de estudantes que informaram professar outras religiões (7,7%)⁶. Mas a proporção dos universitários respondentes que relataram não seguir nenhuma religião é maior do que os vinculados a qualquer tipo de religião (37,5%). Quando comparados por área do curso, foram os estudantes da área de humanas que, em maior proporção, informaram não ter religião (58,8%), com percentuais bem menores e muitos similares para os estudantes das demais áreas (27,5% na área de saúde e 26,9% na área de exatas). Dentre os que professam religião, a religião católica prevalece principalmente entre os estudantes na área de exatas (39,8%), vindo a seguir os estudantes da área de saúde (32,4%), enquanto que esse percentual é de apenas 18,6% na área de humanas (Tabela 5).

Ao se comparar os cursos por nível de concorrência, a frequência de estudantes que relataram não ter religião é maior nos cursos de alta concorrência (49,1%), seguido dos estudantes dos cursos de baixa concorrência (43,5%), apresentando os menores percentuais nos cursos de média demanda (20,9%). Os que se dizem católicos predominam nos cursos de média concorrência (40%), com percentuais bem inferiores nos cursos de alta (28,2%) e baixa demanda no vestibular (20,7%). Os cursos de alta demanda são os que apresentam a menor proporção de estudantes evangélicos (16,4%), quando comparados com os demais grupos de cursos: 28,2% em cursos de média concorrência e 26,9% nos de baixa concorrência (Tabela 2.5).

Outro dado examinado foi sobre a prática, relacionada à afiliação religiosa, sendo que 33,7% dos universitários entrevistados relataram praticar a sua religião regularmente e 19,8% disseram exercer a prática religiosa apenas em ocasiões especiais. Os que não frequentam a igreja, somados ao que não tem religião, correspondem a 45,2% dos estudantes. Entre os alunos dos cursos da área de humanas, esse percen-

⁶ Dentre os que informaram professar outras religiões, 18 são espíritas, com um caso em cada uma das demais opções contidas no questionário: umbanda/candomblé; judaica; Santo Daime/União do Vegetal. Três casos assinalaram professar outras religiões não identificadas.

tual chega a 60,8%, diminuindo para 38,9%, na área de ciências exatas, e 36,3%, na área de ciências biológicas e da saúde. Praticam regularmente a religião 40,2% dos estudantes da área de saúde e 35,2% da área de exatas e apenas 24,5% da área de humanas. Quando comparados por nível de concorrência do curso, os maiores percentuais dos que “não frequentam ou não tem religião” aparecem nos cursos de alta demanda (52,7%) e baixa demanda (51,1%). Em contrapartida, são os cursos de média demanda os que apresentam os maiores percentuais de frequência regular (40%) ou eventuais (25,5%) da prática religiosa.

TABELA 5

Distribuição dos estudantes, quanto à religião, por área de conhecimento do curso (em números percentuais)

CURSOS POR ÁREA DO CONHECIMENTO DADOS SÓCIO DEMOGRÁFICOS	Humanas	Exatas	Saúde	TOTAL
	N. 102 100%	N. 108 100%	N. 102 100%	N. 312 100%
Religião				
<i>Não tem religião</i>	58,8	26,9	27,5	37,5
<i>Católica</i>	18,6	39,8	32,4	30,4
<i>Evangélica / Protestante</i>	17,6	27,8	24,5	23,4
<i>Outra</i>	4,9	3,7	14,7	7,7
<i>Não respondeu</i>	-	1,9	1,0	1,0
Pratica a religião				
<i>Sim, regularmente</i>	25,5	35,2	40,2	33,7
<i>Sim, apenas em eventos especiais</i>	13,7	23,1	22,5	19,9
<i>Não pratica, não tem religião</i>	60,8	38,9	36,3	45,2
<i>Não respondeu</i>	-	2,8	1,0	1,3

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

TABELA 6

Distribuição dos estudantes, quanto à religião, por nível de concorrência para ingresso no curso (em números percentuais) do curso (em números percentuais)

DADOS SÓCIO DEMOGRÁFICOS	CURSOS POR NÍVEL DE CONCORRÊNCIA			
	Alta N. 110 100%	Média N. 110 100%	Baixa N. 92 100%	TOTAL N. 312 100%
Religião				
<i>Não tem religião</i>	49,1	20,9	43,5	37,5
<i>Católica</i>	28,2	40,9	20,7	30,4
<i>Evangélica / Protestante</i>	16,4	28,2	26,1	23,4
<i>Outra</i>	4,5	10,0	8,7	7,7
<i>Não respondeu</i>	1,8	-	1,0	1,0
Pratica a religião				
<i>Sim, regularmente</i>	24,5	40,0	37,0	33,7
<i>Sim, apenas em eventos especiais</i>	20,9	25,5	12,0	19,9
<i>Não frequenta, não tem religião</i>	52,7	32,7	51,1	45,2
<i>Não respondeu</i>	1,8	1,8	-	1,3

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

Perfil social familiar dos estudantes

Ao se analisar a situação socioeconômica dos estudantes, agrupados por faixas de renda média mensal familiar⁷, observa-se que as classes A e B (acima de 10 SM - salários mínimos) são as que apresentam as menores frequências (13,5%), com percentuais bastante próximos entre as classes C (22,4%, acima de 4 até 10 SM), D (22,4%, acima de 2 até 4 SM) e um pouco mais alto na classe E (23,7% com até 2 SM). Os cursos da área de humanas são os que apresentam os menores per-

⁷ As faixas de renda média mensal familiar aqui utilizadas consideram o salário mínimo no valor de R\$ 937,00, válido para o ano de 2017. Foram seguidos os critérios de classificação de classes sociais que o IBGE utiliza no censo populacional, que se baseia no número de salários mínimos e divide a população em cinco faixas de renda ou classes sociais. No questionário as classes A e B foram definidas como categorias separadas, mas, devido ao baixo percentual de respostas nas classes A (acima de 20 SM), com 5,8% das respostas, e B (acima de 10 até 20 SM), que correspondeu a 7,7% das respostas, para fins de análise essas categorias foram agrupadas em uma única faixa.

centuais de famílias nas classes A e B (9,2%), números que crescem um pouco na área de Exatas (14,8%) e da Saúde (15,7%). Embora essa questão tenha sido a que apresenta o maior percentual de respostas em branco (17,9%), os dados válidos apontam que quase metade das famílias dos estudantes enquadram-se nas categorias de baixa renda, com 46,1% classificados como pertencentes às classes D e E. Na comparação dos cursos nas três grandes áreas de conhecimento, percebe-se que a distribuição percentual dessas classes é bastante similar, enquadrando-se nas classes D e E, 45,1% dos estudantes das áreas de humanas, e da área da saúde e 48,2% da área de Exatas (tabela 7).

As diferenças na situação de pertencimento às diferentes classes de renda são mais perceptíveis quando os cursos são classificados por nível de concorrência: 20% dos estudantes do curso de alta demanda são vinculados às classes A e B, enquanto este percentual é de apenas 11,8% nos cursos de média demanda e 7,6% nos cursos de baixa demanda. Os cursos de alta demanda são os que apresentam os menores percentuais de estudantes classificados na classe E (17,3%), enquanto nos cursos de média demanda esse percentual é de 28,2% e, nos de baixa demanda, é de 26,1% (tabela 8). A partir desses resultados, pode-se pressupor que, apesar da democratização relativamente recente do ensino superior, a situação de classe ainda se reflete no acesso desigual aos cursos de maior prestígio social.

Os dados relativos à escolaridade dos pais são aqui apresentados com o objetivo de ajudar a construir o perfil familiar dos estudantes. Para 20,5% dos estudantes, o pai não completou o ensino médio e a mesma situação ocorre com 17% das mães. Tem o curso médio completo 31,4% dos pais e 34% das mães e, em alguns casos, chegaram a cursar a universidade, sem concluir o curso, 11,5% dos pais e 9,6% das mães. Os pais com curso superior completo correspondem a 26,6% e, no caso das mães, 30,1% possuem uma graduação universitária. Com relação à pós-graduação, três pais chegaram a cursar o mestrado (1%), 13 tem o título de mestre (4,2%) e seis tem o título de doutor (1,9%), perfazendo um total de 7,1% de pais que cursaram ou concluíram um curso de pós-graduação *stricto sensu*. Com relação ao acesso das mães à cursos de

pós-graduação, esta situação se altera apenas um pouco: três mães chegaram a cursar o mestrado (1%) enquanto 18 mães o concluíram (5,8%) e quatro delas finalizaram o doutorado (1,3%), perfazendo um total de 8,1% de mães que também chegaram a cursar ou concluir um curso de pós-graduação *stricto sensu*.

Para fins de análise nos diferentes grupos de cursos, foram agrupadas algumas categorias de respostas, que são descritas a seguir. Embora não haja grandes diferenças na situação dos níveis educacionais dos pais dos estudantes de diferentes áreas do conhecimento, pais com curso superior ou pós-graduados são mais frequentes entre os estudantes vinculados a cursos de alta concorrência (42,7%), do que entre os de média (30,9%) e baixa concorrência (26%). O mesmo ocorre com relação ao grau de escolaridade das mães: os estudantes de cursos de alta demanda têm uma proporção maior de mães com curso superior ou pós-graduadas (49,1%) do que os de média (38,2%) e baixa concorrência (25%). Esse resultado parece indicar que os mais altos níveis de escolarização dos pais podem ter influenciado os filhos na busca por cursos mais valorizados.

Quanto a situação conjugal, o contingente de estudantes solteiros alcança 91,6% dos entrevistados, contra apenas 8,4% de casados ou dos que vivem maritalmente. Embora o questionário tivesse incluído como categorias de respostas “separado/divorciado” e “viúvo”, nenhum dos estudantes entrevistados assinalou alguma destas respostas. Há maior prevalência de solteiros na área de exatas (94,4%), seguido pelos cursos na área de saúde (91,1%) e a menor na área de humanas (89,1%). Os cursos de maior demanda no vestibular são os que apresentam maior percentual de solteiros (95,4%), decrescendo esses percentuais nos cursos de média demanda (92,7%) e baixa demanda (85,7%).

Apenas 4,2% dos entrevistados afirmaram ter filhos, sendo esse percentual maior na área de Humanas (6,9%), decrescendo na área de saúde (3,9%) e apresentando o menor percentual na área de exatas (1,9%). São os cursos de baixa demanda os que apresentam a maior proporção de estudantes com filhos (7,6%), vindo a seguir a os de média demanda (5,5%). Nos cursos de alta demanda ninguém relatou ter fi-

lhos, o que pode significar que uma grande concentração, nos estudos para ingresso na universidade, não se coaduna com a responsabilidade de uma família.

Uma variável importante, para a determinação do perfil do estudante, refere-se à situação do mesmo em relação à sua família, e um indicador relevante de dependência familiar encontra-se na designação da residência. Como o abandono da moradia dos pais assinala um ato de autonomização dos jovens, a situação de dependência em relação aos recursos familiares pode ser demonstrada pelo fato de que 78,8% dos estudantes residem com os pais ou outros familiares. Esse percentual é reduzido pelos estudantes que residem com amigos, república ou residência estudantil (10,9%), que ocorre, especialmente, para os casos de estudantes cujas famílias residem em outras localidades.

Residência autônoma sozinho(a), com cônjuge e/ou filhos, ocorre em apenas 9,6% dos casos. São os estudantes da área de exatas (que, em maior proporção, residem com os pais (82,4%), vindo a seguir os da área de saúde (79,4,2%) e, em menor proporção, os estudantes da área de humanas (74,5%). Também são os estudantes, vinculados aos cursos de alta demanda, que mais frequentemente residem com os pais (81,8%), seguidos pelos dos cursos de média concorrência (79,1%) e, com menor frequência, os estudantes dos cursos de baixa concorrência (75%). Como se pode observar, para a grande maioria dos estudantes entrevistados, especialmente nos cursos mais concorridos e/ou que exigem tempo integral de estudo (como veremos na próxima seção), a família parece se constituir uma retaguarda fundamental para a oportunidade de ingressar e permanecer em uma universidade até a conclusão do curso.

TABELA 7

Perfil familiar dos estudantes por área de conhecimento do curso (em números percentuais)

PERFIL FAMILIAR \ CURSOS POR ÁREA DO CONHECIMENTO	Humanas N. 102 100%	Exatas N. 108 100%	Saúde N. 102 100%	TOTAL N. 312 100%
Renda média mensal familiar				
<i>Classe A e B (acima de 10 SM)</i>	9,2	14,8	15,7	13,5
<i>Classe C (acima de 4 até 10 SM)</i>	32,4	17,6	17,6	22,4
<i>Classe D (acima de 2 até 4 SM)</i>	24,5	26,9	15,7	22,4
<i>Classe E (até 2 SM)</i>	20,6	21,3	29,4	23,7
<i>Não respondeu</i>	12,7	19,4	21,6	17,9
Grau de instrução do pai				
<i>Não completou Ensino Médio</i>	25,5	13,9	22,5	20,5
<i>Ensino Médio/Curso Superior incompleto</i>	39,2	45,4	44,1	42,9
<i>Curso Superior</i>	23,5	29,6	26,5	26,6
<i>Cursou ou concluiu Pós-graduação</i>	7,8	8,3	4,9	7,1
<i>Não sabe</i>	3,9	2,8	2,0	2,9
Grau de instrução da mãe				
<i>Não completou Ensino Médio</i>	14,7	18,5	17,6	17,0
<i>Ensino médio/Curso Superior incompleto</i>	50,0	38,0	43,1	43,6
<i>Curso Superior</i>	29,4	29,6	31,4	30,1
<i>Cursou ou concluiu Pós-graduação</i>	4,9	12,0	6,9	8,1
<i>Não sabe</i>	1,0	1,9	1,0	1,3
Situação conjugal				
<i>Solteiro</i>	88,2	94,4	90,2	91,0
<i>Casado, vive maritalmente</i>	10,8	5,6	8,8	8,3
<i>Não Respondeu</i>	1,0	-	1,0	0,6
Tem filhos				
<i>Não</i>	91,2	92,6	94,1	92,6
<i>Sim</i>	6,9	1,9	3,9	4,2
<i>Não respondeu</i>	2,0	5,6	2,0	3,2
Com quem reside				
<i>Pais/outras familiares</i>	74,5	82,4	79,4	78,8
<i>Sozinho, com cônjuge e/ou filhos</i>	12,7	7,4	8,8	9,6
<i>Amigos, república ou residência estudantil</i>	11,8	10,2	10,8	10,9
<i>Não respondeu</i>	1,0	-	1,0	0,6

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

TABELA 8

Perfil familiar dos estudantes por nível de concorrência do curso (em números percentuais)

PERFIL FAMILIAR	CURSOS POR NÍVEL DE CONCORRÊNCIA			TOTAL
	Alta N. 110 100%	Média N. 110 100%	Baixa N. 92 100%	N. 312 100%
Renda média mensal familiar				
<i>Classe A e B (acima de 10 SM)</i>	20,0	11,8	7,6	13,5
<i>Classe C (acima de 4 até 10 SM)</i>	18,2	26,4	22,8	22,4
<i>Classe D (acima de 2 até 4 SM)</i>	23,6	15,5	29,3	22,4
<i>Classe E (até 2 SM)</i>	17,3	28,2	26,1	23,7
<i>Não respondeu</i>	20,9	18,2	14,1	17,9
Grau de instrução do pai				
<i>Não completou Ensino Médio</i>	16,4	25,5	19,6	20,5
<i>Ensino Médio/Curso Superior incompleto</i>	38,2	40,9	51,1	42,9
<i>Curso Superior</i>	34,5	24,5	19,6	26,6
<i>Cursou ou concluiu Pós-graduação</i>	8,2	6,4	6,4	7,1
<i>Não sabe</i>	2,7	2,7	3,3	2,9
Grau de instrução da mãe				
<i>Não completou Ensino Médio</i>	12,7	19,1	19,6	17,0
<i>Ensino Médio/Curso Superior incompleto</i>	37,3	41,8	53,3	43,6
<i>Curso Superior</i>	40,0	29,1	19,6	30,1
<i>Cursou ou concluiu Pós-graduação</i>	9,1	9,1	5,4	8,1
<i>Não sabe</i>	0,9	0,9	2,2	1,3
Situação conjugal				
<i>Solteiro</i>	94,5	92,7	84,8	91,0
<i>Casado, vive maritalmente</i>	4,5	7,3	14,1	8,3
<i>Não respondeu</i>	0,9	-	1,1	0,6
Tem filhos				
<i>Não</i>	98,2	90,0	89,1	95,7
<i>Sim</i>	-	5,5	7,6	4,3
<i>Não respondeu</i>	1,8	4,5	3,3	3,2
Com quem reside				
<i>Pais / Outros familiares</i>	81,8	79,1	75,0	78,8
<i>Sozinho, com cônjuge e/ou filhos</i>	6,4	10,9	12,0	9,6
<i>Amigos, república ou residência estudantil</i>	10,9	10,0	12,0	10,9
<i>Não respondeu</i>	0,9	-	1,1	0,6

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

Vida acadêmica

A satisfação e a permanência, nos cursos escolhidos pelos estudantes, são questões complexas que envolvem uma infinidade de variáveis de natureza subjetiva e objetiva. Dentre os fatores intervenientes nesse processo, salientam-se os seguintes aspectos: a faixa etária do estudante, geralmente muito jovem, com pouca maturidade para identificar a vocação ou compreender o percurso acadêmico na formação desejada; o capital cultural do aluno; a expectativa do próprio estudante e de seus familiares quanto às oportunidades educacionais e no mercado de trabalho; o nível de exigência, a competitividade e as dificuldades na adaptação à Universidade e ao próprio curso escolhido (FONAPRACE, 2016).

Além disso, existem as condições materiais que o aluno dispõe para se manter e arcar com os custos do curso, mesmo em universidades públicas. Essas e outras questões, de caráter estrutural ou pessoal, têm implicações sobre as trajetórias estudantis e nas possibilidades de sucesso na conclusão do curso. Muitos alunos ingressam em cursos que não eram os desejados (escolhidos em função da nota obtida no Sisu⁸), levando ao abandono em razão da possibilidade de ingresso no curso almejado via processo seletivo posterior. Algumas dessas questões serão objeto de discussão nesta seção.

Com relação ao horário do curso que frequentam, quase 60% dos estudantes realizam o curso em horário integral. A predominância de graduandos com horário integral pode ser explicada pelo fato de que os questionários foram aplicados a estudantes matriculados em cursos com funcionamento diurno. Entretanto, pode-se observar diferenças marcantes entre os cursos das diferentes áreas do conhecimento. Enquanto 98% dos estudantes dos cursos da área de ciências humanas realizam o curso em um único turno (matutino ou vespertino)⁹, 88,9% dos estudantes dos

8 O Sisu é o sistema informatizado do Ministério da Educação por meio do qual instituições públicas de ensino superior oferecem vagas a candidatos participantes do Enem. A UFPE iniciou a usar esse sistema a partir de 2012.

9 Como os questionários foram aplicados em turmas com funcionamento no horário diurno, apenas quatro estudantes (1,3%) eram vinculados a cursos de funcionamento noturno. Eles responderam ao questionário porque estavam cursando disciplinas de seu curso em uma turma de um turno diferente do qual estavam vinculados.

curso da área de ciências exatas e 87,3% da área de ciência biológica e da saúde realizam seus cursos em horário integral (Tabela 9). Quando agrupados por nível de concorrência no vestibular, as diferenças são menores, mas com predominância de estudantes de cursos de baixa demanda que realizam seu curso em um único turno (52,2%), enquanto nos cursos de alta e média concorrência predominam os estudantes que estudam em horário integral, 61,8% e 69,1%, respectivamente (Tabela 10).

TABELA 9

Horário de funcionamento do curso e situação de trabalho, estágio e bolsas, por área do conhecimento do curso (em números percentuais)

TRABALHO, ESTÁGIO E BOLSAS	CURSOS POR ÁREA DO CONHECIMENTO			TOTAL
	Humanas N. 102 100%	Exatas N. 108 100%	Saúde N. 102 100%	N. 312 100%
Horário em que realiza ou curso				
<i>Horário integral</i>	2,0	88,9	87,3	59,9
<i>Em um único turno</i>	98,0	11,1	11,8	39,4
<i>Não respondeu</i>	1,0	-	1,0	0,6
Trabalho, estágio e bolsas				
<i>Não trabalha, não estagia e não tem bolsa</i>	35,3	58,3	58,8	51,0
<i>Bolsa Acadêmica</i>	21,6	15,7	21,6	19,6
<i>Bolsa de Apoio / Manutenção Acadêmica</i>	9,8	9,8	8,8	9,6
<i>Estágio remunerado</i>	26,5	4,6	8,8	13,1
<i>Vínculo empregatício</i>	12,7	8,3	5,9	9,0
<i>Trabalho informal</i>	10,8	6,5	2,0	6,4

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

TABELA 10

Horário de funcionamento do curso e situação de trabalho, estágio e bolsas, por nível de concorrência do curso (em números percentuais)

TRABALHO, ESTÁGIO E BOLSAS	CURSOS POR NÍVEL DE CONCORRÊNCIA				TOTAL
	Alta N. 110 100%	Média N. 110 100%	Baixa N. 92 100%	TOTAL N. 312 100%	
Horário em que realiza o curso					
<i>Horário integral</i>	61,8	69,1	46,7	59,9	
<i>Em um único turno</i>	37,3	30,9	52,2	39,4	
<i>Não respondeu</i>	0,9	-	1,1	0,6	
Trabalho, estágio e bolsas					
<i>Não trabalha, não estagia e não tem bolsa</i>	56,4	61,8	31,5	51,0	
<i>Bolsa Acadêmica</i>	12,7	14,5	33,7	19,6	
<i>Bolsa de Apoio / Manutenção Acadêmica</i>	5,5	5,5	18,5	9,6	
<i>Estágio remunerado</i>	18,2	5,5	16,3	13,1	
<i>Vínculo empregatício</i>	9,1	9,1	8,7	9,0	
<i>Trabalho informal</i>	6,4	5,5	7,6	6,4	

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

Em relação à pergunta sobre como “exercer alguma atividade remunerada por um período maior que três meses no último ano”, mais da metade dos estudantes responderam que não (51%). Ou seja, não trabalharam, não realizaram estágio remunerado e não tiveram qualquer tipo de bolsa. Dentre os estudantes que realizaram alguma atividade remunerada, salienta-se o vínculo a programas com bolsa acadêmica (PIBIC, PIBIT, PIBEX, PET (Programa de Educação Tutorial), monitoria, etc.), desempenhada por 19,6% dos entrevistados, com maior frequência nos cursos da área de ciências humanas e da saúde, com um percentual de 21,6% de estudantes bolsistas em cada uma dessas áreas, contra 15,7% na área de exatas.

Uma outra fonte de renda importante é o estágio remunerado (13,1%), principalmente para os estudantes dos cursos da área de humanas, quando este aparece como a principal fonte de renda desses alunos (26,5%), tendo bem menos importância nos cursos da área de saúde (8,8%) e na área de exatas (4,6%). Quase 10% dos estudantes contaram

com bolsas de apoio ou manutenção acadêmica (essas últimas são voltadas exclusivamente para estudantes de baixa renda), cujos percentuais são distribuídos de forma bastante equitativa entre os estudantes dos cursos das três áreas do conhecimento. A distribuição dos estudantes, com bolsas de apoio ou manutenção acadêmica, apresenta-se relativamente desigual apenas quando se observam os cursos por nível de concorrência, pois elas foram obtidas em maior proporção pelos estudantes dos cursos de baixa concorrência (18,5%) do que pelos estudantes dos cursos de alta e média concorrência (5,5%, em cada um dos grupos de cursos), o que parece reafirmar situação de maior vulnerabilidade entre os estudantes de cursos menos concorridos.

O fato de que a quase totalidade de estudantes, que compuseram a amostra, realiza seu curso em turno diurno, em horário integral ou mesmo parcial, pode explicar o porquê do baixo percentual de estudantes que tem vínculo empregatício (9%) ou trabalho informal (6,4%). A proporção de estudantes que trabalha é um pouco mais significativa apenas nos cursos da área de humanas, pois 12,7% têm vínculo empregatício e 8,3% exercem trabalho informal, o que vem corroborar a dependência econômica familiar da grande maioria dos estudantes para a realização do curso. Vale ainda mencionar que os baixos valores das bolsas, pagos aos estudantes (cerca de R\$ 400,00), são apenas uma ajuda financeira, não permitindo que os estudantes se mantenham exclusivamente com essa fonte de renda.

Para a grande maioria dos estudantes, o curso, ao qual estavam vinculados, constituía-se em sua primeira graduação universitária (75,3%). Dentre os entrevistados, 19,2% já tinham iniciado outro curso superior sem ter concluído, e 5,1% já eram graduados. Quando agrupados por área de conhecimento (Tabela 11), são os cursos de ciências exatas os que apresentam a maior proporção de estudantes que tem esta como sua primeira experiência de estudos universitários (82,4%), vindo a seguir os cursos da área de saúde (73,5%) e, com menor proporção, os cursos de ciências humanas (69,6%). Em decorrência, são os estudantes da área de humanas que, proporcionalmente, apresentam os maiores percentuais de estudantes que cursaram outra graduação, com 21,6%

que não concluíram e 8,9% que se graduaram. Em contrapartida, são os estudantes dos cursos de exatas que, em menor proporção, iniciaram outro curso sem concluir (16,7%) e nenhum deles é graduado em um curso superior. Na análise dos mesmos dados, por nível de concorrência dos cursos (Tabela 12), observa-se que os resultados apresentam-se bastante balanceados, uma vez que é a primeira graduação para 76,6% dos estudantes dos cursos de alta demanda, 77,3% em cursos de média demanda e 75% nos cursos de baixa demanda.

As mesmas tabelas mostram como os graduandos estão distribuídos em termos de faixa do ano de ingresso na universidade. Considerando-se os totais gerais, nota-se que a maior parte dos graduandos pertence à categoria de ingressantes nos anos “entre 2015 a 2016”, ou seja, 37,8% dos estudantes se encontravam, em 2017, nos primeiros dois anos de curso. Ingressaram em 2014, 31,7% estudantes, o que corresponde ao terceiro ano do curso. Os ingressantes na faixa “entre 2010 a 2013” (37,7%), estavam nos anos finais dos cursos (quarto ou quinto ano)¹⁰ ou retidos além do tempo regular previsto para a conclusão do curso. Como as disciplinas das turmas, nas quais os questionários foram aplicados, estavam situadas em diferentes períodos nos perfis curriculares dos cursos (não foram incluídas as turmas dos primeiros períodos dos cursos), temos informantes situados em diferentes estágios dos cursos.

Na área de ciências humanas, predominam os estudantes dos dois períodos iniciais do curso (57,8%); nos cursos de exatas, predominam os estudantes do terceiro ano ou da metade da duração dos cursos (51,0%), enquanto na área de saúde os estudantes distribuem-se em números aproximados nas três faixas de ano de ingresso aqui utiliza-

10 Cabe lembrar aqui que os cursos selecionados como amostra têm duração, previstas no perfil curricular, que variam de oito a dez semestres: todos os três cursos da área de ciência humanas e um curso da área de saúde têm uma previsão de cumprimento da carga horária em oito semestres (com 130 estudantes da amostra nesses cursos); um curso da área de exatas tem a previsão de nove semestres (com 33 alunos); nos demais quatro cursos (dois em exatas e dois em saúde) se espera que os graduandos concluam em 10 semestres (que englobam 149 estudantes).

das, com uma pequena predominância de estudantes nos anos iniciais (34,3%, contra 28,4%, em cada uma das demais faixas).

Quando comparados por nível de concorrência dos cursos, os cursos de alta concorrência apresentam um maior percentual de alunos com ingresso nos anos “entre 2015 a 2016” (54,5%), enquanto nos cursos de baixa concorrência predominam os estudantes ingressantes na faixa “entre 2010 a 2013” (54,3%). Nos cursos de média concorrência, há uma distribuição balanceada nas faixas de ingresso “entre 2015 a 2016” (44,5%) e o ano de 2013 (45,5%) e a menor proporção de alunos que ingressaram no curso “entre 2010 a 2013” (3,6%).

Os resultados acima sugerem que a maior parte dos estudantes da amostra (53,2%) tem entre três a sete anos de vivência acadêmica no curso, tendo condições suficientes de avaliar sua satisfação com o curso. Como a amostra constitui-se de estudantes que não abandonaram os cursos (evadidos), era de se esperar algum nível de satisfação com a escolha de seus cursos. Nesse sentido, os resultados apontam um alto grau de satisfação com o curso, com um total geral de 30,8% de estudantes que se dizem “muitíssimo satisfeitos”, 34,3% correspondem aos “muito satisfeitos”, 26,9% estão “medianamente satisfeitos” e apenas 8% estão “pouco ou nada satisfeitos” com a escolha do curso.

Ao compararmos as respostas dos estudantes por área de conhecimento do curso, pode-se verificar que é na área de ciências exatas onde se encontra a maior proporção de alunos “muitíssimo” (38%) ou “muito satisfeitos” (43,5%), perfazendo um total de 81,5% de estudantes com níveis mais altos de satisfação com a escolha do curso. A seguir, aparecem os estudantes da área de ciências biológicas e da saúde, com 36,3% destes informando estar “muitíssimo” e 33,3% “muito” satisfeitos, somando um total de 69,6% estudantes também com os mais altos graus de satisfação com o curso escolhido. São os estudantes da área de ciências humanas os que apresentam os menores índices de “muitíssima” (17,6%) e “muita” (25,5%) satisfação com o curso, o que corresponde ao menor percentual de estudantes que denotam grande satisfação com suas escolhas dos cursos (43,5%). Em decorrência disso, são os estudantes dos cursos de humanas que, em maior proporção, dizem-se “me-

dianamente satisfeitos” (44,1%) e “pouco ou nada satisfeitos” (12,7%) com a escolha do curso, quando comparados com os cursos das demais áreas.

A distribuição percentual de níveis de satisfação dos estudantes com o curso se apresenta bastante equilibrada entre os estudantes de cursos com alta e média demanda no vestibular, somando um total de 64,5% e 68,2% de estudantes, respectivamente, com os mais altos graus de satisfação com o curso escolhido. Esses números reduzem-se pouco nos cursos de baixa demanda (61,9%), o que parece sugerir que a valorização do curso, indicada pelo nível de concorrência no vestibular, não é o fator preponderante para os níveis de satisfação dos estudantes com o curso.

A satisfação com o curso escolhido pode ser corroborada apenas parcialmente com as respostas sobre a perspectiva de abandono ou mesmo trancamento da matrícula no curso, quando apenas cerca de metade dos estudantes informou que “nunca pensou em abandonar” o curso (50,6%). Entretanto, seguindo a mesma tendência dos dados anteriormente analisados, são os estudantes da área de ciências exatas que, em maior proporção, não tem pretensão de abandonar ou trancar a matrícula no curso (57,4%), seguidos pelos estudantes da área de saúde (52%) e, com os menores percentuais de respostas nessa categoria, aparecem os estudantes dos cursos da área de ciências humanas (42,2%).

TABELA 11

Trajatória acadêmica, ano de ingresso, grau de satisfação com a escolha do Curso e perspectiva de abandono, por área do conhecimento do curso (em números percentuais)

TRAJETÓRIA E SATISFAÇÃO COM O CURSO	CURSOS POR ÁREA DO CONHECIMENTO				TOTAL N. 312 (100%)
	Humanas N. 102 (100%)	Exatas N. 108 (100%)	Saúde N. 102 (100%)		
Sobre o curso /outros cursos					
<i>Este é o primeiro que está cursando</i>	69,6	82,4	73,5		75,3
<i>Já iniciou outro curso, mas não concluiu</i>	21,6	16,7	19,6		19,2
<i>Já é graduado(a)</i>	8,8	-	6,9		5,1
<i>Não respondeu</i>	-	0,9	-		0,3

>

TRAJETÓRIA E SATISFAÇÃO COM O CURSO	CURSOS POR ÁREA DO CONHECIMENTO			TOTAL
	Humanas N. 102 (100%)	Exatas N. 108 (100%)	Saúde N. 102 (100%)	N. 312 (100%)
Faixa de ano de ingresso no curso				
<i>Entre 2010 e 2013</i>	19,6	16,7	28,4	21,4
<i>2014</i>	13,7	51,9	28,4	31,8
<i>Entre 2015 e 2016</i>	57,8	22,2	34,3	37,7
<i>Não respondeu</i>	8,8	9,3	8,8	9,0
Grau de satisfação com a escolha do Curso				
<i>Muitíssimo</i>	17,6	38,0	36,3	30,8
<i>Muito</i>	25,5	43,5	33,3	34,3
<i>Médio</i>	44,1	13,0	24,5	26,0
<i>Pouco / Nada</i>	12,7	5,6	5,9	8,0
Perspectiva de abandono / trancamento do Curso				
<i>Nunca pensou em abandoná-lo</i>	42,2	57,4	52,0	50,6
<i>Já pensou em abandonar ou trancar / já trancou matrícula</i>	55,9	40,7	47,1	47,8
<i>Não respondeu</i>	2,0	1,9	1,0	1,6

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

TABELA 12

Trajetória acadêmica, ano de ingresso, grau de satisfação com a escolha do Curso e perspectiva de abandono, por nível de concorrência do curso (em números percentuais)

TRAJETÓRIA E SATISFAÇÃO COM O CURSO	CURSOS POR NÍVEL DE CONCORRÊNCIA			TOTAL
	Alta N. 110 100%	Média N. 110 100%	Baixa N. 92 100%	N. 312 100%
Sobre o curso /outros cursos				
<i>Este é o primeiro que está cursando</i>	73,6	77,3	75,0	75,3
<i>Já iniciou outro curso, mas não concluiu</i>	20,0	18,2	19,6	19,2
<i>Já é graduado(a)</i>	6,4	3,6	5,4	5,1
<i>Não respondeu</i>	-	0,9	-	0,3
Ano de ingresso no curso (tempo de vínculo)				
<i>Entre 2010 e 2013 (entre 4 e 7 anos)</i>	11,8	3,6	54,3	21,5
<i>2014 (3 anos)</i>	24,5	45,5	23,9	31,7
<i>Entre 2015 e 2016 (entre 1 e dois anos)</i>	54,5	44,5	9,8	37,8
<i>Não respondeu</i>	9,1	6,4	12,0	9,0

>

TRAJETÓRIA E SATISFAÇÃO COM O CURSO	CURSOS POR NÍVEL DE CONCORRÊNCIA	Alta N. 110 100%	Média N. 110 100%	Baixa N. 92 100%	TOTAL N. 312 100%
Grau de satisfação com a escolha do Curso					
<i>Muitíssimo</i>		31,8	36,4	22,8	30,8
<i>Muito</i>		32,7	31,8	39,1	34,3
<i>Médio</i>		28,2	20,9	32,6	26,9
<i>Pouco / Nada</i>		7,3	10,9	5,4	8,0
Perspectiva de abandono / trancamento do Curso					
<i>Nunca pensou em abandoná-lo</i>		56,4	51,8	42,4	50,6
<i>Já pensou em abandonar ou trancar / já trancou matrícula</i>		43,6	46,4	54,3	47,8
<i>Não respondeu</i>		-	1,8	3,3	1,6

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

Quando comparadas as respostas dos estudantes, classificadas por níveis de concorrência dos cursos, 56,4% dos estudantes de cursos de alta demanda nunca pensaram em abandonar o curso atual, seguidos por 51,8% de estudantes de cursos de média demanda e, por fim, com as menores taxas aparecem os estudantes de cursos de baixa demanda (42,4%). Embora estes resultados agregados por grupos de cursos, por áreas e níveis de concorrência, apresentem a mesma tendência dos dados sobre a satisfação com o curso, no cálculo geral dos dados, o número percentual de estudantes medianamente satisfeitos/pouco ou nada satisfeitos com o curso (34%) é relativamente menor do que o percentual dos estudantes que já pensaram em abandonar o curso ou trancar ou que já trancaram matrícula (47,8%).

A insatisfação com o curso pode ser um dos motivos, dentre inúmeros outros, que podem levar os estudantes ao trancamento ou mesmo ao abandono do curso. Embora não tenham sido incluídas questões que esclareçam tal ponto, a partir dos dados da pesquisa do FONAPRACE (2016) e de nossa própria vivência como docentes na universidade, podemos afirmar que se constituem em barreiras no curso, para a permanência do aluno, no curso vários motivos, tais como os

impedimentos de saúde, dificuldades financeiras, necessidade de trabalhar, problemas familiares (morte ou doença na família), dificuldade de aprender os conteúdos das disciplinas, repetidas reprovações e, no caso das mulheres, a ocorrência da maternidade.

O esforço acadêmico dos estudantes será analisado, a seguir, a partir do número de disciplinas cursadas no semestre anterior ao da realização das entrevistas. O desempenho será inferido a partir dos resultados acadêmicos, em termos de aprovação/reprovação ou abandono destas disciplinas. Conforme informações prestadas pelos estudantes, o número de disciplinas cursadas variou de uma a 10 disciplinas. Do total de estudantes entrevistados, seis (1,9%) não cursaram disciplinas no semestre anterior e 14 não responderam à essa questão (4,5%). Assim, a análise a seguir vai se referir ao total de 292 estudantes que informaram quantas disciplinas cursaram.

Uma vez que cinco é o número padrão de disciplinas cursadas em um turno¹¹, podemos ponderar que um número de disciplinas igual ou inferior a esse significa uma carga horária semanal de aulas igual ou menor que um turno. Pouco mais de um terço do total de estudantes (34,6%) cursou cinco ou menos disciplinas no semestre anterior. Por outro lado, cursar seis ou mais disciplinas implica na necessidade dos estudantes dedicarem-se ao curso em mais de um turno, o que ocorreu com 58,9% do total de estudantes.

A tabela 13 mostra a distribuição dos estudantes em faixas de número de disciplinas cursadas no semestre anterior nos cursos das diferentes áreas do conhecimento. Nos cursos da área de ciências humanas, a maior parte dos estudantes cursou no máximo cinco disciplinas (58,8%), enquanto 68,6% de estudantes, de cursos na área de exatas, e 74,6% de estudantes, na área de saúde, cursaram de 6 a 10 disciplinas, confirmando a dedicação integral ao curso da maior parte dos estudan-

¹¹ Esse é o padrão para disciplinas com carga horária total de 60 horas teóricas, ou quatro horas semanais de aula. Entretanto, é possível ter variação em algumas das disciplinas, que podem ter cargas horárias totais de 30, 45, 60 ou 90 horas. Cargas horárias maiores do que essas ocorrem, geralmente, em disciplinas práticas, como estágios curriculares obrigatórios, Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ou similares.

tes dessas duas últimas áreas do conhecimento. Quando os cursos são considerados por nível de concorrência (Tabela 14), mais da metade dos estudantes dos cursos de baixa concorrência (52,2%) cursou de uma a cinco disciplinas no semestre anterior. Por outro lado, foram os estudantes dos cursos de alta demanda que, em maior proporção, cursaram de seis a 10 disciplinas (73,6%), vindo a seguir os estudantes dos cursos média demanda (59,9%).

Quanto ao desempenho acadêmico, quando considerados os resultados no último semestre, no total geral, 31,7% dos alunos foram aprovados por média em todas as disciplinas, 33,7% fizeram prova final em algumas ou todas as disciplinas, mas foram aprovados em tudo, 31,7% foram reprovados ou abandonaram algumas disciplinas e apenas 1% foi reprovado ou abandonou todas disciplinas. Quando comparados por área do conhecimento, os melhores desempenhos acadêmicos podem ser observados nos cursos da área de ciências humanas, que apresentam a maior proporção de estudantes aprovados por média em todas as disciplinas (68,6%).

O melhor desempenho dos estudantes dos cursos da área de ciências humanas pode estar associado a várias razões, mas uma, que pode ser evidenciada a partir dos dados da pesquisa, é o maior tempo disponível para estudo, pois a maioria desses alunos frequenta as aulas em apenas um turno. Os piores desempenhos acadêmicos podem ser notados nos estudantes dos cursos da área de exatas quando 53,7% foram reprovados ou abandonaram algumas disciplinas. Tal resultado coaduna-se com os altos índices de reprovação observados nos cursos de ciências exatas na UFPE, particularmente, nas disciplinas do ciclo geral da Área II. O desempenho mediano é mais frequente nos cursos da área de saúde, com 50% dos estudantes que fizeram prova final em algumas ou todas as disciplinas, embora tenham sido aprovados em tudo. Esses estudantes apresentam também um percentual bem maior dos que foram reprovados ou abandonaram alguma das disciplinas (29,4%) do que os estudantes de ciências humanas (13,7%).

Quando o desempenho acadêmico é analisado por nível de demanda dos cursos, os resultados são mais simétricos, com uma pequena

vantagem para os cursos de alta demanda, que apresentam percentuais mais altos nas categorias de respostas “aprovados por média em todas as disciplinas” (36,4%) ou que “fizeram prova final, mas foram aprovados em tudo” (37,3%) quando comparados com os demais grupos de cursos. A maior percentagem de estudantes, que foram reprovados ou abandonaram disciplinas, encontra-se nos cursos de média demanda (40,9%), seguido pelos cursos de baixa demanda (32,6%).

TABELA 13

Desempenho acadêmico, grau de satisfação com o desempenho acadêmico e competitividade, por área do conhecimento do Curso (em números percentuais)

ESFORÇO E DESEMPENHO ACADÊMICO	CURSOS POR ÁREA DO CONHECIMENTO			
	Humanas N. 102 (100%)	Exatas N. 108 (100%)	Saúde N. 102 (100%)	TOTAL N. 312 (100%)
Nº de disciplinas cursadas no semestre anterior				
<i>1 a 5 disciplinas</i>	58,8	26,9	18,7	34,6
<i>6 a 10 disciplinas</i>	33,3	68,6	74,6	58,9
<i>Não cursou disciplinas</i>	-	-	5,9	1,9
<i>Não respondeu</i>	7,8	4,6	1,0	4,5
Desempenho acadêmico no semestre anterior				
<i>Aprovado por média em tudo</i>	68,6	14,8	12,7	31,7
<i>Fez prova final, mas foi aprovado em tudo</i>	17,6	30,6	52,9	33,7
<i>Reprovado/abandonou algumas disciplinas</i>	13,7	53,7	29,4	32,7
<i>Não respondeu</i>	-	0,9	4,9	1,9
Grau de satisfação com o desempenho acadêmico				
<i>Muito satisfeito / Satisfeito</i>	36,3	29,6	36,3	34,0
<i>Médio</i>	38,2	44,4	50,0	44,2
<i>Insatisfeito / Muito insatisfeito</i>	24,5	25,9	13,7	21,5
<i>Não respondeu</i>	1,0	-	-	0,3
Competição no ambiente acadêmico do curso				
<i>Muitíssimo / Muito</i>	48,0	63,9	55,9	55,8
<i>Médio</i>	42,2	29,6	37,3	36,2
<i>Pouco / Nada</i>	9,8	5,6	7,8	7,7
<i>Não respondeu</i>	-	0,9	-	0,3

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

Ao se observar o bom desempenho acadêmico dos estudantes, de um modo geral, quando 65,4% foram aprovados em todas as disciplinas que se matricularam no semestre anterior (por média ou fazendo prova final), é surpreendente o baixo percentual de estudantes “muito satisfeitos” ou meramente “satisfeitos” com seu desempenho acadêmico (34,0%). A maior proporção de respostas a essa questão foi dada na categoria de “média satisfação” (44,2%), sendo também relevante o percentual de respostas na categoria de “insatisfeitos” (21,5%). Tais resultados podem denotar alto nível de auto cobrança por parte dos estudantes, mas também podem ser associados aos níveis de competitividade presentes nos cursos, quando mais da metade dos estudantes (55,8%) consideraram o ambiente de seus cursos “muitíssimo ou muito competitivos”.

Na tabulação desses dados congregados por área de conhecimento ou por nível de concorrência dos cursos, parece haver certo equilíbrio nos resultados obtidos entre os diferentes grupos de cursos, quando se compara o quesito “satisfação com o desempenho acadêmico” com a percepção dos estudantes em relação ao nível de competição no ambiente dos cursos. Os cursos de ciências exatas são que apresentam as menores taxas de estudantes satisfeitos com o desempenho acadêmico (29,6%), quando comparados com os estudantes das demais áreas (36,3% em cada um dos outros dois grupos de cursos). São os estudantes dos cursos de ciências exatas também que, em maior proporção, consideraram o ambiente de seu curso “muito/muitíssimo” competitivo (63,9%).

TABELA 14

Desempenho acadêmico, grau de satisfação com o desempenho acadêmico e competitividade no Curso, por nível de concorrência do curso (em números percentuais)

TRAJETÓRIA E CARACTERÍSTICAS DO CURSO	CURSOS POR NÍVEL DE CONCORRÊNCIA			TOTAL N. 312 100%
	Alta N. 110 100%	Média N. 110 100%	Baixa N. 92 100%	
Nº de disciplinas cursadas no semestre anterior				
<i>1 a 5 disciplinas</i>	20,9	33,6	52,2	34,6
<i>6 a 10 disciplinas</i>	73,6	59,9	41,3	58,9
<i>Não cursou disciplinas</i>	2,7	1,8	1,1	1,9
<i>Não respondeu</i>	2,7	5,5	5,4	4,5
Desempenho acadêmico no semestre anterior				
<i>Aprovado por média em tudo</i>	36,4	29,1	29,3	31,7
<i>Fez prova final, mas foi aprovado em tudo</i>	37,3	29,1	34,8	33,7
<i>Reprovado/abandonou algumas disciplinas</i>	24,5	40,9	32,6	32,7
<i>Não respondeu</i>	1,8	0,9	3,3	1,9
Grau de satisfação com o desempenho acadêmico				
<i>Muito satisfeito / Satisfeito</i>	37,3	31,8	32,6	34,0
<i>Médio</i>	41,8	47,3	43,5	44,2
<i>Insatisfeito / Muito insatisfeito</i>	20,9	20,9	22,8	21,5
<i>Não respondeu</i>	-	-	1,1	0,3
Competição no ambiente acadêmico do curso				
<i>Muitíssimo / Muito</i>	54,6	65,4	45,6	55,8
<i>Médio</i>	40,0	30,0	39,1	36,2
<i>Pouco / Nada</i>	5,5	3,6	15,2	7,7
<i>Não respondeu</i>	-	0,9	-	0,3

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

Ao se analisar a distribuição dos dados por nível de concorrência, são os cursos de média demanda que apresentam o menor percentual de estudantes satisfeitos com o desempenho acadêmico (31,8%), embora com uma pequena diferença percentuais em relação aos demais cursos (32,6% nos cursos de média e 37,3% de alta concorrência). Mas, é exatamente o grupo de cursos de média demanda que apresenta o maior percentual de estudantes que avaliam o ambiente de seu curso “muito/

muitíssimo” competitivo (65,4%), quando comparados com os percentuais dos demais grupos de cursos (45,6% nos cursos de baixa e 54,6% de alta concorrência)

Em síntese, a tendência dos dados aponta que são os cursos mais competitivos que apresentam os menores percentuais de estudantes satisfeitos com seu desempenho acadêmico. O que parece sugerir a hipótese de que a relativa insatisfação dos estudantes com o desempenho acadêmico pode estar mais relacionada com a competitividade existente no ambiente universitário do que com a performance acadêmica individual, em termos de aprovação ou reprovação nas disciplinas.

As próximas análises dizem respeito ao total de estudantes entrevistados. Quando indagado aos estudantes se eles costumam faltar aulas, 41% responderam que só faltam aulas por razões excepcionais, enquanto 59% afirmam que costumam faltar aulas (Tabela 15). Em uma primeira apreciação desses números, pode-se suspeitar que a maior parte dos estudantes são relapsos ou que a frequência regular às aulas, além das exigidas pela legislação acadêmica,¹² não lhes é uma questão de maior importância. Mas, antes de qualquer conclusão relativa a isso, deve-se observar o que leva os estudantes a faltarem aulas, sem entrar na especificidade das disciplinas ou de seus interesses particulares sobre as matérias que compõem os cursos.

No que se refere às questões sobre o que o estudante faz quando falta às aulas, foi-lhe dada a possibilidade de assinalar as três alternativas mais frequentes, dentre um conjunto de respostas relativas a locais onde costumam ir ou atividades que fazem quando escolhem faltar aulas. Os resultados das respostas foram agrupados em dois grupos: 1) para estudar ou realizar atividades relacionadas ao curso ou trabalho; 2) para descansar ou realizar atividades de lazer. No somatório geral de responder dadas a essa questão, a maior quantidade de alternativas assinaladas refere-se ao primeiro grupo, quando 246 (61,8%) das respostas foram

12 A legislação da UFPE, relativa à obrigatoriedade de frequências às aulas, estabelece que é obrigatória a frequência de 75% da carga horária das disciplinas, implicando em reprovação por falta caso esse percentual seja ultrapassado pelo aluno ou aluna.

assinhaladas nas alternativas relativas ao estudo ou trabalho e 152 (38,2%) das respostas assinalam as alternativas de “descanso” ou realização de atividades de lazer.

TABELA 15

Se costuma faltar aulas para estar em algum lugar ou realizar alguma atividade

FALTA ÀS AULAS	Nº	%
	312	100,0 ^(*)
Não falta aulas (exceto por motivo excepcional)	129	41,0
Sim, costuma faltar aulas	184	59,0
1) Sim, para estudar, realizar atividades relacionadas ao curso ou trabalho		
<i>Estudar ou fazer tarefas (do curso) nas dependências da UFPE</i>	106	34,0
<i>Estudar ou fazer tarefas (do curso) em casa</i>	96	30,4
<i>Desempenhar atividades da bolsa acadêmica ou do estágio</i>	25	8,0
<i>Realizar trabalho remunerado</i>	10	3,2
<i>Ficar no DCE/Diretório Acadêmico</i>	9	2,9
TOTAL DE RESPOSTAS NO GRUPO 1	246	61,8
2) Sim, para descansar ou realizar atividades de lazer		
<i>Dormir / Descansar</i>	77	24,7
<i>Ficar com amigos(as) / namorado(a)</i>	42	13,5
<i>Ir ao cinema, praia ou a outra atividade de lazer</i>	13	4,2
<i>Utilizar a internet para diversão</i>	9	2,9
<i>Frequentar a academia de ginástica ou praticar esportes</i>	7	2,2
<i>Jogar videogame ou jogos de computador</i>	4	1,3
TOTAL DE RESPOSTAS NO GRUPO 2	152	38,2
TOTAL GERAL DE ALTERNATIVAS ASSINALADAS	398	100,0

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

(*) Total superior a 100% por ser possível mais de uma respostas.

Estudar ou fazer tarefas do curso nas dependências da UFPE foi a categoria que teve o maior número de respostas, correspondendo a 34% de estudantes que marcaram essa opção, vindo a seguir a alternativa “estudar ou fazer tarefas do curso em casa”, com 30,4% de respostas. As demais categorias de respostas desse grupo tiveram poucas afirmativas, sendo o trabalho, atividades da bolsa acadêmica ou mesmo

atividades dos diretórios acadêmicos motivos para uma minoria dos estudantes faltar aulas. As respostas dadas nessa questão apontam que, mesmo quando os estudantes faltam aulas, não deixam de demonstrar dedicação aos cursos e um esforço acadêmico que extrapola a sala de aula, pois estudar em casa ou nas dependências da universidade foram as razões assinaladas em 64,4% das respostas.

No grupo 2, a alternativa assinalada com maior frequência foi “dormir/descansar” (24,7%), o que pode apontar para um desgaste físico e emocional relativo ao esforço acadêmico despendido pelos estudantes nos cursos, e não uma suposta “vagabundagem”, se considerarmos o conjunto de dados apresentados anteriormente sobre a vida acadêmica dos estudantes. Com exceção da alternativa “ficar com amigos(as) / namorado(a)”, que teve 13,5% das respostas, faltar aula, para se realizar atividades de lazer, não é uma prática corriqueira entre os estudantes que participaram da pesquisa, conforme indica os números quase insignificantes de respostas em todas as categorias de lazer apresentadas.

Outra questão que admitia mais de uma resposta (o respondente deveria assinalar apenas as três mais frequentes) é “quais os lugares ou espaços você visita/utiliza na UFPE, sem ser por exigência das atividades acadêmicas”. As respostas dadas a essa questão mostram que, entre os espaços acadêmicos, as bibliotecas são os lugares que os estudantes mais utilizam na universidade, com um total de 42,6% de respostas. Os laboratórios de informática aparecem com uma proporção de resposta similar aos diretórios acadêmicos (em torno de 16% de respostas em cada uma destas categorias).

Entre as áreas de convivência da universidade, as mais frequentadas são as lanchonetes, cantinas ou o Restaurante Universitário (RU), com 53% de estudantes que assinalaram afirmativamente essa alternativa, o que pode corresponder a necessidade de os estudantes fazerem suas refeições no campus, considerando o grande número de respondente da pesquisa que estudam em horário integral (59,9%).

As áreas propriamente de convivência e de lazer, como áreas de convivência dos Centros Acadêmicos (que são relativamente escassas e

precárias) ou o espaço do “Laguinho”¹³ e áreas verdes, são frequentadas por menos de um terço dos estudantes, conforme as respostas marcadas no questionário. Mas o mais surpreendente é o percentual irrisório (5,8%) de respostas de estudantes que utilizam os espaços do Núcleo de Educação Física ou quadras poliesportivas da UFPE¹⁴, o que pode denotar o pouco envolvimento dos estudantes em atividades físicas ou práticas desportivas, pelo menos no que diz respeito à sua realização no âmbito da universidade.

TABELA 16

Lugares que os estudantes costumam frequentar ou utilizar na UFPE

LUGARES / ESPAÇOS QUE FREQUENTA OU UTILIZAM	Nº 312	% 100,0 ^(*)
1) Espaços acadêmicos		
<i>Bibliotecas</i>	133	42,6
<i>Laboratórios de Informática</i>	52	16,7
<i>DCE/Diretório Acadêmico</i>	51	16,3
2) Áreas de convivências e outros		
<i>Lanchonetes/ Cantinas / Restaurante Universitário (RU)</i>	166	53,2
<i>Áreas de convivência dos Centros Acadêmicos</i>	90	28,8
<i>Laguinho e áreas verdes</i>	67	21,5
<i>Núcleo de Educação Física ou quadras poliesportivas</i>	18	5,8
Outro	9	2,9

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

(*) Total superior a 100% por ser possível mais de uma respostas.

13 O Lago Cavouco, conhecido como pelos estudantes como “Laguinho”, localiza-se dentro do campus da UFPE e é cercado por muitas árvores. O lago faz parte da nascente do Riacho do Cavouco, que corta toda a Cidade Universitária. Os alunos eventualmente utilizam o Cavouco para descansar entre uma aula e outra, ler livros, passear e promover shows culturais.

14 O Núcleo de Educação Física e Desporto (NEFD) é o órgão suplementar da UFPE responsável por estimular e desenvolver projetos relacionados às práticas esportivas. De acordo com informações disponíveis no site da UFPE, os projetos desenvolvidos pelo Núcleo visam beneficiar a comunidade acadêmica e integrantes da sociedade civil com atividades diversas nas áreas de esporte e lazer (<https://www.ufpe.br/nefd/projetos>).

Principais conclusões

A IV Pesquisa Nacional de Perfil dos Discentes das Instituições Federais de Ensino Superior (FONAPRACE, 2016, p. xii) revelou que as universidades públicas têm caminhado na direção de espelhar a composição social do país. Os achados de que “a universidade é feminina e cada vez mais popular e negra” e que ingressaram em cursos de graduação “pessoas que inauguraram nas suas famílias a presença neste nível de ensino” é compatível com os resultados obtidos na caracterização do perfil sócio demográfico dos estudantes que participaram do presente estudo, mesmo que, em seu desenho amostral, ele não tenha tido a pretensão de ser representativo da comunidade de estudantes de graduação da Universidade Federal de Pernambuco.

De um modo geral, os resultados da pesquisa demonstram que a obtenção da graduação em um curso superior significa, para 63,4% da população estudada, ir além do nível de escolaridade dos pais e, em 60,6% dos casos, ultrapassar o grau de escolaridade das mães. As informações, acima indicadas, juntamente com os dados relativos a gênero e raça/cor assinalam a importância atribuída às estratégias familiares de mobilidade social. O percentual relativamente superior de estudantes negros e pardos (52,9%) e de mulheres (58%), além do significativo percentual de estudantes que pertencem às classes D e E (46,1%) ou que cursaram o ensino médio (todo ou a maior parte) em escolas públicas (41,7%), compõe cenário em que se confirma, no âmbito dos cursos de graduação, mesmo em cursos diurnos, o processo recente de democratização social da universidade.

Abaixo, é apresentada síntese da análise dos resultados do *survey* quanto às principais características dos estudantes que compuseram a amostra e de suas condições nos cursos, sem considerar as diferenças entre os grupos de cursos por área ou nível de concorrência para ingresso, embora, conforme discutido ao longo do texto, tenham sido perceptíveis algumas diferenças entre eles em alguns dos aspectos abordados.

- A população estudada é composta predominantemente de estudantes situados na faixa dos 18 a 22 anos (63,8%). Quanto à situação conjugal, a quase totalidade dos estudantes é solteira (91,6%) e não tem filhos (92,6%), com uma grande predominância de estudantes que residem com os pais ou outros familiares (78,8%), o que denota uma situação de dependência da maioria dos estudantes em relação aos recursos familiares.
- A proporção dos universitários que relataram não seguir nenhuma religião é maior do que os vinculados a qualquer tipo de religião (37,5%). No que tange a religião professada, predomina a religião católica (30,4%), seguida da evangélica (23,4%). Em relação à prática da opção religiosa, apenas cerca de um terço dos universitários entrevistados relataram praticar a sua religião regularmente (33,7%). Quando somados os percentuais dos estudantes que não frequentam a igreja aos que não tem religião, o total corresponde a 45,2% dos estudantes.
- Com relação ao horário do curso que frequentam, a maior parte dos estudantes realiza o curso em horário integral (59,9%) e mais da metade dos estudantes responderam que não exerceram atividades remuneradas por um período maior que três meses no último ano (51%). Entre as atividades remuneradas desempenhadas, salientam-se as bolsas acadêmicas (19,6%) e os Estágios (13,1%). Apenas 9% dos estudantes tinham vínculo empregatício e 6,4% exerciam atividades de trabalho no setor informal.
- Para a grande maioria dos estudantes, o curso, ao qual estavam vinculados, seria sua primeira graduação universitária (75,3%). A maior parte dos estudantes já ingressou no curso entre os anos 2014 e 2016 (69,5%).
- Os resultados apontam um alto grau de satisfação com o curso, com 65,1% de estudantes que se dizem “muitíssimo satisfei-

tos/muito satisfeitos” com a escolha do curso. Mas a satisfação com o curso escolhido não pode ser corroborada com as respostas sobre a perspectiva de abandono ou mesmo trancamento da matrícula no curso, quando apenas cerca de metade dos estudantes informou que “nunca pensou em abandonar” o curso (50,6%).

- A maior parte dos estudantes (58,9%) cursou seis ou mais disciplinas no semestre anterior ao da realização da pesquisa e 65,4% foram aprovados em todas as disciplinas em que se matricularam (por média ou fazendo prova final). Essa alta taxa de estudantes que obteve êxito na aprovação das disciplinas não corresponde à relativamente baixa taxa de estudantes “muito satisfeitos/satisfeitos” com o desempenho acadêmico (34,0%).

- A taxa comparativamente maior de “baixa ou média satisfação” com o desempenho acadêmico (65,7%) pode significar um alto nível de autocobrança por parte dos estudantes, mas também pode ser associada aos níveis de competitividade dos cursos, quando mais da metade dos estudantes (55,8%) considera o ambiente de seus cursos “muitíssimo ou muito competitivos”. A hipótese aventada é de que a relativa insatisfação dos estudantes com o desempenho acadêmico pode estar mais relacionada com a competitividade existente no ambiente universitário do que com a performance acadêmica individual, em termos de aprovação ou reprovação nas disciplinas.

- A maioria dos estudantes afirmou que costuma faltar aulas (59%). No que se refere ao que o estudante faz quando falta às aulas, a maior quantidade de respostas assinaladas corresponde às alternativas relativas ao estudo ou ao trabalho (61,8%). Estudar ou fazer tarefas do curso nas dependências da UFPE (30%) ou em casa (30,4%) foram as categorias que tiveram o maior número de respostas. No que se refere ao grupo de respostas

relativas a “descanso/lazer”, a alternativa assinalada com maior frequência foi “dormir/descansar” (24,7%), o que pode apontar para um desgaste físico e emocional relativo ao esforço acadêmico despendido pelos estudantes nos cursos.

- Quanto aos espaços que os estudantes frequentam na UFPE, mesmo sem ser por exigência das atividades acadêmicas, as bibliotecas aparecem como os lugares que estes mais utilizam (42,6%). Dentre as áreas de convivência da universidade, as mais frequentadas são as lanchonetes, cantinas ou o Restaurante Universitário (53%), com um percentual relativamente baixo de uso dos espaços de convivência ou sociabilidade. Salienta-se ainda o baixíssimo percentual de estudantes que utilizam os espaços do Núcleo de Educação Física ou quadras poliesportivas da UFPE (5,8%).

CAPÍTULO 3

Felicidade, Qualidade de Vida e Vivência Acadêmica de Estudantes de Graduação

Eliane Maria Monteiro da Fonte

Entrevistadora: *Se existisse uma pílula da felicidade, você acha que seria lícito usar?*

Estudante: *Não, porque perderia o sentido do que é felicidade para a gente, sabe?*

Entrevistadora: *Quais os efeitos que isso, essa pílula, poderia trazer para a sociedade?*

Estudante: *Ah! Todo mundo vai comprar essa pílula e vai ficar mostrando que é feliz, feliz, feliz... daí a gente não vai saber o que é tristeza e, se a gente não souber o que é tristeza, a gente também não vai saber mais o que é felicidade!*

(Entrevistada: sexo feminino, 21 anos, sem religião. Fonte: Pesquisa de campo, 2015-2017)

Introdução

A literatura sobre felicidade, bem-estar subjetivo e satisfação com a vida, em seus diferentes aspectos, tem tido um significativo crescimento nas duas últimas décadas (COLETA; COLETA, 2006). Nesse campo de estudos, a satisfação com a vida tem sido um indicador-chave de bem-estar, em geral baseada mais em critérios subjetivos do que em medidas objetivas definidas por especialistas. Embora as medidas objetivas assinalem aspectos que qualquer observador imparcial poderia confirmar, a mensuração subjetiva refere-se a uma qualidade que só pode ser apreciada pelo próprio indivíduo. A percepção subjetiva do bem-estar vem crescentemente sendo adotada como importante indicador para identificar a qualidade de vida da população geral e de subgrupos (YANG, 2008).

No conceito que diz respeito à qualidade de vida segundo seus resultados, ou seja, que se descrevem como seu desfrute, o ponto culminante encontra-se na experiência pessoal; portanto, a boa vida é a vida que se gosta, por isto ela pode ser referida como qualidade de vida subjetiva, bem-estar subjetivo ou felicidade (VEENHOVEN, 1998). A felicidade é um objetivo fundamental da existência humana, tanto que a Organização Mundial de Saúde vem de forma crescente enfatizando a felicidade como componente da saúde. Concepções de saúde e preocupações com o bem-estar individual ou de populações têm de forma crescente se ampliado para incluir a felicidade como um dos diversos atributos de “qualidade de vida” (FOWLER & CHRISTAKIS, 2008). Direcionar algumas das pesquisas científicas para investigar felicidade e outras emoções positivas é importante porque felicidade, assim como a tristeza e depressão, é uma emoção humana válida, que merece reconhecimento científico.

Neste domínio, Freire (2001, *apud* COLETA; COLETA, 2006, p. 534) destaca três aspectos importantes:

a) bem-estar subjetivo nem sempre é afetado por condições materiais, de saúde, conforto e riqueza,

sabendo-se que a influência destes aspectos depende dos valores e expectativas do indivíduo, do grupo a que pertence e da sociedade em que vive; b) medidas de aspectos positivos têm sido utilizadas, a despeito dos aspectos negativos na vida do indivíduo, sabendo-se que o bem-estar subjetivo tem sido considerado como resultado do balanço entre afetos positivos e negativos, sendo ignorado até o momento como eles se equilibram; c) por último, as medidas de bem-estar subjetivo incluem um julgamento global de todos os aspectos da vida, e, embora o afeto ou a satisfação quanto a algum domínio em particular possam ser avaliados, a ênfase é geralmente colocada sobre o julgamento geral da vida da pessoa.

No que se refere ao quadro conceitual, utilizado para a elaboração das questões do questionário, para a avaliação do bem-estar, foi usado o Conceito de qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde (OMS). O Grupo de Qualidade de Vida da divisão de Saúde Mental da OMS definiu qualidade de vida como “a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (The WHOQOL Group, 1995: 1405). Em um estudo multicêntrico, empreendido pela OMS, de grande contribuição teórico-metodológica para o tema, buscou-se elaborar um instrumento para avaliação de qualidade de vida em uma perspectiva internacional e transcultural.

Diferentemente de outros instrumentos utilizados para avaliação da qualidade de vida, o instrumento construído pelo Grupo WHOQOL baseia-se nos pressupostos de que *qualidade de vida* é um construto *subjetivo* (*percepção do indivíduo em questão*), *multidimensional* e composto por *dimensões positivas e negativas*. O reconhecimento da multidimensionalidade do construto refletiu-se na estrutura do instrumento baseada em seis domínios: 1) domínio físico; 2) domínio psico-

lógico; 3) nível de independência; 4) relações sociais; 5) ambiente (físico e social); e 6) aspectos espirituais, religião e crenças pessoais (FLECK, 2000). A definição do Grupo WHOQOL reflete a natureza subjetiva da avaliação que está imersa no contexto cultural, social e de meio ambiente, portanto, o que está em questão é a percepção do respondente.

Embora esta pesquisa não tenha utilizado na íntegra o modelo do instrumento, elaborado e testado pelo Grupo WHOQOL, ele serviu de inspiração para a construção do terceiro bloco de questões do questionário (*Felicidade, bem-estar e satisfação em diferentes domínios da vida*) aplicados aos estudantes, tanto em termos da forma de construção das questões, tanto com relação a seleção dos indicadores a serem investigados. Seguindo o padrão do WHOQOL, as questões foram formuladas para escalas tipo *Likert*, com cinco opções de respostas, que contêm o mesmo número de categorias positivas e negativas, com um ponto central, de modo que os entrevistados pudessem selecionar essa opção em caso de indecisão ou neutralidade.

As categorias de resposta servem para capturar a intensidade dos sentimentos dos respondentes quanto à sua opinião nas perguntas, com uma *escala de intensidade* (muitíssimo, muito, médio, pouco, não ou nada), *escala de avaliação* (ótimo, boa, regular, ruim, péssima) e *escala de satisfação* (muito satisfeito, satisfeito, médio, insatisfeito, muito insatisfeito). Desta forma, foi indagado aos informantes qual a intensidade que estes tinham experimentado dor, cansaço, dificuldades para dormir, sentimentos negativos e/ou sentimentos positivos nos últimos trinta dias anteriores à realização da entrevista. A mesma escala de intensidade também foi utilizada para mensurar os níveis de felicidade dos estudantes.

O objetivo deste capítulo é fazer uma análise descritiva e exploratória sobre as percepções dos estudantes acerca da felicidade, de sua qualidade de vida (bem-estar subjetivo), e de satisfação em várias dimensões de suas vidas, inclusive de aspectos da vida acadêmica, a partir das respostas obtidas no grupo de questões do instrumento de coleta, referidas acima. Na maior parte das tabelas, utilizou-se felicidade como uma variável dependente, buscando-se identificar quais as principais dimensões das vidas dos estudantes que influenciam a percepção de felicidade.

Felicidade e qualidade de vida

Como a felicidade pode ser mensurada? Desde que pesquisas de opinião começaram a ser conduzidas na década de 1960, iniciou-se um grande debate metodológico. Em razão da impossibilidade de se observar e medir de fora o bem-estar subjetivo, a saída encontrada para captar a felicidade das pessoas foi lhes perguntar, simplesmente. A forma pela qual este tipo de estudo tem se desenvolvido nas últimas décadas, através de questionário e entrevistas aplicadas a amostras representativas de diversas sociedades, levanta inegavelmente desconfiças metodológicas legítimas e difíceis de serem respondidas, mas que, ao mesmo tempo, não desqualificam este tipo estudo. Uma destas críticas é a proposição de que as pessoas, de um modo geral, não têm uma opinião formada sobre sua felicidade. Porém, mesmo que isso possa ocorrer ocasionalmente, não parece ser a regra. A maioria das pessoas tende a ter uma boa noção sobre o fato de apreciarem ou não suas próprias vidas. Assim, prevalece a crença, entre os pesquisadores, de que as pessoas são as melhores avaliadoras dos seus próprios níveis de bem-estar (CORBI; MENEZES-FILHO, 2006).

Ribeiro (2015), na pesquisa amostral representativa da população brasileira, que entrevistou 8.951 indivíduos (4.158 homens e 4.793 mulheres) no Brasil, tinha por prioridade metodológica as opiniões pessoais e subjetivas dos cidadãos sobre o que realmente os faz felizes. A pergunta, que se baseava na satisfação pessoal do indivíduo com a sua vida cotidiana, sendo aberta e livre, convidava o indivíduo a fazer uma avaliação pessoal e subjetiva da sua própria vida, a partir das variáveis sociais, políticas, econômicas e culturais externas, tais como relações sociais, casamento, emprego, condição de trabalho, renda própria, lazer, etc. As variáveis, acima mencionadas, podem se tornar o ponto de partida de uma investigação científica, ao inverter a pergunta: qual aspecto ou atividade da vida social deixa o indivíduo feliz ou infeliz?

É exatamente essa a abordagem adotada neste capítulo, ou seja, em vez de fazer um balanço de como diferentes intelectuais definiram o que torna as pessoas felizes ou infelizes, o ponto de partida é a avalia-

ção que faz a própria população do estudo. Adotando tal postura teórico-metodológica nesta seção, iremos investigar a associação entre as escalas de felicidade declaradas, com alguns aspectos da vida individual dos estudantes. Serão também introduzidos, de forma complementar, alguns trechos de falas dos estudantes, obtidas nas entrevistas realizadas através de um roteiro semiestruturado, buscando aprofundar a discussão dos temas e das questões abordados nos dados quantitativos.

Quando indagados sobre o quanto se sentem felizes, a maioria dos estudantes avalia sua felicidade de forma bastante positiva, com um total de 67,5% dos informantes que se autodeclararam como pessoas “felizes” ou “muito felizes”. Isso é corroborado pelo baixo índice de estudantes que se confessam “um pouco infeliz” ou “muito infeliz”, o que corresponde ao total percentual de apenas 15,6% (Tabela 17).

Apesar da grande proporção de estudantes felizes, esses resultados são ainda mais modestos do que os achados na análise empreendida por Corbi e Menezes-Filho (2006, p. 531) sobre a felicidade no Brasil, que utiliza dados extraídos da Pesquisa Mundial de Valores — *World Values Survey*.¹⁵ A partir dos resultados obtidos os autores afirmam que “no Brasil, a probabilidade de um indivíduo escolhido ao acaso considerar-se feliz ou muito feliz é de 82,9%, enquanto este valor cai para 2,2% para indivíduos que se autodeclaram infelizes”.

TABELA 17

Considerando todos os aspectos da sua vida, o quanto você se acha uma pessoa feliz?

ESCALA DE FELICIDADE	Muito feliz	Feliz	Nem feliz, nem infeliz	Um pouco infeliz	Muito infeliz	TOTAL (*)
Número	53	155	52	27	21	308
%	17,2	50,3	16,9	8,8	6,8	100,0

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

(*) A amostra nessa variável foi reduzida porque quatro estudantes (1,3%) não responderam a questão.

15 No estudo de Corbi e Menezes-Filho (2006), com dados sobre o Brasil, foram utilizadas as escalas de felicidade indicadas a seguir, com os percentuais de respostas obtidos entre parênteses: infeliz (2,2%); não muito feliz (15,0%); feliz (60,6%) e; muito feliz (22,3%).

Em virtude do baixo percentual de estudantes que se autodeclararam “um pouco infeliz” ou “muito infeliz”, para efeito do cruzamento das variáveis, foram agrupadas essas duas categorias de resposta em uma única classe que denominamos de “infeliz”, mas foram mantidas as escalas “muito feliz” e “feliz” separadas, seguindo o padrão da classificação do estudo realizado por Corbi e Menezes-Filho (2006). A tabela 18 apresenta os dados relativos à distribuição dos estudantes por níveis de felicidade, cruzadas com as suas características sócio demográficas.

Quando analisados por gênero, verifica-se que são as mulheres, em maior proporção, que se dizem “muito felizes” (77,4%), enquanto na categoria “infeliz” prevalecem os homens (52,1%). Com relação à faixa etária, na amostra, na categoria “muito feliz” é possível perceber apenas uma ligeira tendência de maior concentração de pessoas mais jovens (18-22 anos) entre os muito felizes (69,8%), ou felizes (65,8%), enquanto os percentuais das pessoas com 23 anos e mais tendem a ser um pouco maior, proporcionalmente à quantidade de casos, na categoria “médio” (22,5%) e “infeliz” (20,7%). Quando são comparados os níveis auto-declarados de felicidade, entre os estudantes que se identificam como brancos ou pretos/pardos, as diferenças são quase insignificantes, o que pode significar que, pelo menos no âmbito da universidade, as diferenças raciais não se apresentam como fatores determinantes na percepção da felicidade individual.

Uma das perguntas que mais aguça a curiosidade das pessoas, assim como de pesquisadores, particularmente no âmbito da economia, é saber se o dinheiro traz felicidade. Ou seja, será que as pessoas com renda mais alta tendem a ser mais felizes com a vida que levam? No cruzamento dos dados dos estudantes por níveis de felicidade, com a distribuição por faixas de renda média mensal familiar, a renda não parece ser um fator relevante para a auto percepção de felicidade, exceto nos casos extremos. Na categoria dos “muito felizes”, apenas 32,1% se enquadram nas classes D e E; por outro lado, entre os estudantes que se auto declaram “infeliz”, esse percentual corresponde a 50,5%. Mas, de modo geral, o que se observa é que a renda não parece ser o principal fator explicativo dos níveis de felicidade dos estudantes, o que é com-

patível com os resultados de outros estudos sobre o tema (CORBI; MENEZES-FILHO, 2006; RIBEIRO, 2015). A fala da estudante transcrita abaixo exemplifica essa noção de felicidade descolada de bens materiais:

— *Existem muitos problemas nas vidas das pessoas? Existem. Mas eu acho que elas deixam de aproveitar pequenos momentos, que são momentos de felicidade, em busca da felicidade utópica: - “Ah, eu vou ser feliz se eu tiver um carro, se eu tiver isso, se eu tiver aquilo!” Não... eu não tenho casa, eu não tenho carro, eu não tenho nada. Eu moro de aluguel com minha mãe e dois cachorros. Mas eu tenho momentos de felicidade [...] que são essas “microfelicidades” que a gente tem ao longo do dia. [...] Eu sei que tem muita gente que tem casa, que tem apartamento não sei aonde, emprego, o caralho a quatro e não é feliz, entendeu? (Sexo feminino, 29 anos, religião não informada).*

TABELA 18

Grau de felicidade por gênero, faixa etária, raça/cor, renda familiar e religião (em números percentuais)

PERFIL SÓCIO DEMOGRÁFICO \ NÍVEIS DE FELICIDADE	Muito feliz N. 53 (100%)	Feliz N. 155 (100%)	Médio N. 52 (100%)	Infeliz N. 48 (100%)	TOTAL N. 308 (100%)
Gênero					
<i>Masculino</i>	22,6	43,2	44,2	52,1	41,2
<i>Feminino</i>	77,4	56,1	55,8	47,9	58,4
<i>Não respondeu</i>	-	0,6	-	-	0,3
Faixa Etária					
<i>18 a 22 anos</i>	69,8	65,8	57,7	60,4	64,3
<i>23 ou mais</i>	17,4	16,7	32,5	20,0	18,8
<i>Não respondeu</i>	15,1	16,1	21,2	16,7	16,9

>

PERFIL SÓCIO DEMOGRÁFICO	NÍVEIS DE FELICIDADE	Muito feliz N. 53 (100%)	Feliz N. 155 (100%)	Médio N. 52 (100%)	Infeliz N. 48 (100%)	TOTAL N. 308 (100%)
Raça/Cor com a qual se identifica						
<i>Branco</i>		40,1	36,7	34,6	39,6	39,9
<i>Preto / Pardo</i>		49,1	52,9	57,7	54,2	53,2
<i>Outros</i>		1,9	8,4	7,7	6,2	6,8
Faixa de renda média mensal familiar						
<i>Classes A e B (acima de 10 SM)</i>		20,8	11,6	11,5	14,6	13,6
<i>Classe C (acima de 4 até 10 SM)</i>		20,8	25,2	23,1	14,6	22,4
<i>Classe D (acima de 2 até 4 SM)</i>		13,2	22,6	19,2	35,4	22,4
<i>Classe E (até 2 SM)</i>		18,9	25,2	28,8	18,8	23,7
<i>Não respondeu</i>		26,4	15,5	17,3	16,7	17,9
Religião						
<i>Não tem religião</i>		28,3	32,3	53,8	47,9	37,7
<i>Católica</i>		32,1	34,8	19,2	27,1	30,5
<i>Evangélica / Protestante</i>		32,1	27,1	17,3	8,3	23,4
<i>Outra</i>		5,7	4,5	9,6	16,7	7,5
Pratica a religião						
<i>Sim</i>		64,1	61,3	36,5	33,3	53,3
<i>Não pratica, não tem religião</i>		35,8	36,8	63,5	64,6	45,5

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

Ser ou não afiliado a alguma religião parece ser, entre as variáveis aqui analisadas, a que parece ter maior influência sobre o grau de felicidade; no caso, quando se verifica que, entre os estudantes que se declararam “muito felizes” ou “felizes”, 71,7% e 69,1%, respectivamente, professam alguma religião. Uma maior proporção de pessoas medianamente felizes (53,8%) e infelizes (47,9%) encontram-se entre as que não tem religião. São as pessoas católicas (27,1%) que aparecem em maior proporção do que as evangélicas/protestantes (8,3%) entre os estudantes que se autoproclamam como infelizes. A importância da religião para a felicidade é reforçada quando se observam os dados com relação à

prática religiosa. São as pessoas que praticam a religião (regularmente ou eventualmente) que com maior frequência se dizem “muito feliz” (64,1%), quando comparados com o grupo de respondentes que não frequentam a igreja ou não tem religião (35,8%). O inverso ocorre entre as pessoas que se dizem infelizes: 64,6% não praticam ou não tem religião, contra 33,3% dos que praticam.

Vários psicólogos têm apoiado a visão de que existe uma associação positiva entre saúde e felicidade. Embora a relação entre saúde e felicidade não seja ainda claramente compreendida, o campo tem um considerável potencial: se felicidade resulta em melhor saúde, buscar promover a felicidade pode ser uma importante estratégia para a prevenção e o cuidado com a saúde e o sofrimento (NORRISH; VELLA-BRODRICK, 2008: 401). Gianette (2002: 67) indica que “existe um forte vínculo positivo entre saúde e bem-estar subjetivo”, porém só se sustenta “quando o indicador utilizado é a percepção que as pessoas têm de seu estado de saúde”. A correlação enfraquece ou desaparece quando “o indicador utilizado é a avaliação feita por médicos” ou ainda “a frequência que elas precisam consultar serviços médicos ou ser hospitalizado”. As crenças que as pessoas têm sobre a própria saúde têm mais correlação com a sua felicidade do que os indicadores objetivos de saúde.

A tabela 19 apresenta a avaliação dos estudantes acerca de sua saúde física e mental e de sua qualidade de vida, cruzadas com os níveis declarados de felicidade. Quando indagados sobre sua saúde física, a maioria dos estudantes a classifica como “ótima/boa” (53,5%) e apenas 10,1% como “ruim/péssima”. O fato de que a grande maioria dos estudantes que se autodeclararam como “muito feliz” descreve sua saúde como “ótima/boa” (71,7%), decrescendo estes percentuais nas categorias “feliz” (58,7%), “médio” (32,7%) e “infeliz” (39,5%), parece corroborar essa associação entre felicidade e a avaliação subjetiva da saúde.

No que tange a descrição da saúde mental, mais da metade dos estudantes (55,2%) assinalaram como “ótima/boa”, decrescendo esse percentual nas categorias “regular” (29,9%) e “ruim/péssima” (14,6%). Quando consideradas tais respostas por níveis de felicidade, observa-se a mesma tendência da avaliação da saúde física: são os estudantes que

se definem como “muito felizes” que em maior proporção descrevem sua saúde mental como “ótima/boa” (86,5%), decrescendo estes percentuais nas categorias “feliz” (64,6%), “infeliz” (33,3%) e “médio” (17,3%). A avaliação da saúde mental como “ruim/péssima” segue o mesmo padrão: os estudantes que se auto identificam como “infelizes” são os que em maior proporção percebem negativamente sua saúde mental (35,4%), decrescendo esse percentual entre os que se consideram “nem feliz/nem infeliz” (28,8%) e “felizes” (7,1%), chegando este percentual a apenas 3,8% dos respondentes “muito felizes”. Embora saúde mental e felicidade não tenham o mesmo significado, os resultados acima parecem confirmar que a auto percepção da variável saúde mental tem uma relação ainda mais forte com felicidade do que a saúde física.

TABELA 19

Níveis de felicidade e sua relação com a saúde física, a saúde mental e a avaliação da qualidade de vida em geral (em números percentuais)

QUALIDADE DE VIDA, SAÚDE FÍSICA E MENTAL	NÍVEIS DE FELICIDADE	Muito feliz N. 53 100%	Feliz N. 155 100%	Médio N. 52 100%	Infeliz N. 48 100%	TOTAL N. 308 100%
Como descreve a saúde física						
<i>Ótima / Boa</i>		71,7	58,7	32,7	39,5	53,5
<i>Regular</i>		24,5	31,0	53,8	45,8	36,0
<i>Ruim / Péssima</i>		3,8	9,7	13,5	14,6	10,1
<i>Não respondeu</i>		-	0,6	-	-	0,3
Como descreve a mental						
<i>Ótima / Boa</i>		86,5	64,6	17,3	33,3	55,2
<i>Regular</i>		9,4	28,4	53,8	31,2	29,9
<i>Ruim / Péssima</i>		3,8	7,1	28,8	35,4	14,6
<i>Não respondeu</i>		1,9	-	-	-	0,3
Satisfação com a qualidade de vida em geral						
<i>Muito satisfeito / Satisfeito</i>		86,8	62,0	19,2	45,8	56,5
<i>Médio</i>		11,3	31,0	65,4	29,2	33,1
<i>Insatisfeito / Muito insatisfeito</i>		1,9	7,1	15,4	25,0	10,4

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

Os dados discutidos acima, possivelmente, explicam o grau de satisfação dos entrevistados com a qualidade de vida em geral: 56,5% se dizem satisfeitos ou muito satisfeitos e 33,1% se dizem medianamente satisfeitos, com uma proporção muito menor de estudantes que apresentam insatisfação com a qualidade de sua vida em geral (10,4%). Quando analisados por grau de felicidade, são os estudantes que se dizem “muito feliz” e “feliz” que apresentam as mais altas taxas de satisfação com a qualidade de vida (86,8% e 62%, respectivamente). Por outro lado, são os estudantes “infelizes” que apresentam os maiores percentuais de pessoas insatisfeitas com a qualidade de vida (25%), quando comparados com os estudantes medianamente felizes (15,4%), os felizes (7,1%) e os muito felizes (1,9%), o que também sugere para uma forte associação entre felicidade e a e satisfação com a qualidade de vida em geral.

Um padrão interessante observado é que são as pessoas que se dizem “nem feliz, nem infeliz”, identificadas na tabela como “médio” (considerada como opção em caso de indecisão ou neutralidade), são que, em maior proporção, consideram como “regular” a saúde física (53,8%) e a saúde mental (53,8%), assim como apresentam uma maior proporção de mediana satisfação com a qualidade de vida em geral (65,4%).

Como importantes indicadores da qualidade de vida, inclui-se a avaliação subjetiva dos níveis de bem-estar psicológico (estado emocional) e físico. Foi solicitado aos estudantes que informassem qual a frequência/intensidade que tinham experimentado sintomas/sentimentos negativos e/ou sintomas/sentimentos positivos nos últimos 30 dias anteriores à realização da entrevista. Todas as perguntas forneciam cinco alternativas de respostas: duas alternativas que denotam a presença do sentimento (muito e muitíssimo), uma de neutralidade (mais ou menos) e duas que informam uma fraca presença ou ausência do sentimento (pouco ou nada), buscando-se identificar o balanceamento entre o nível de bem-estar x mal-estar dos estudantes em diferentes domínios da vida. Estão dispostos na tabela 20 os percentuais das respostas, obtidas nos questionários, relativos aos itens classificados por *domínio fí-*

sico, domínio psicológico, espiritualidade/religião/crenças pessoais e grau de preocupação em alguns aspectos de sua vida.

Quando indagados sobre o quanto sentiu dores físicas, cansaço ou dificuldade para dormir, itens relacionados ao *domínio físico*, a maior queixa se refere ao cansaço, relatado como tendo sido experimentado “muito/muitíssimo” por 33,4% dos estudantes, com percentuais bem próximos dos que afirmaram sentir pouco ou nada (39,3%). A maior parte dos estudantes não tem queixas de dores físicas (59,1%) ou dificuldades para dormir (64,1%).

No que se refere ao domínio psicológico, os dados apontam que existe um padrão ou predominância de resposta que assinalam a presença de sentimentos positivos, quando se comparam com os percentuais de fraca ou ausência de sentimentos negativos entre os estudantes entrevistados. Mais estudantes apontam a ausência ou baixa intensidade de sentimentos negativos, como sentimento de solidão (60,0%), raiva ou hostilidade (58,2%) e tristeza ou depressão (44,3%), do que sua presença com alta intensidade, exceto no caso de “inquietação, agitação, nervosismo”, que é o sentimento negativo que predomina entre os estudantes (43,6%).

Se considerarmos que a felicidade de um indivíduo consiste na presença de emoções positivas¹⁶, pode-se indicar que os itens “sentimentos positivos”, “capacidade de relaxar e curtir a vida” e “otimismo em relação ao futuro” seriam indicadores adequados para mensurar felicidade. Deste modo, a predominância de respostas, sobre a presença de alta intensidade de sentimentos positivos (60,3%), capacidade de relaxar e curtir a vida (56,9%) e otimismo em relação ao futuro (56,9%), denota a existência de um quantitativo significativo de estudantes com bom ânimo emocional a uma parcela, bem menos importante quanti-

16 Em um estudo longitudinal sobre a dinâmica da felicidade, Fowler & Christakis (2008: 3) definiram que felicidade consiste em emoções positivas e utilizaram quatro itens para mensurar felicidade, nos quais os entrevistados eram solicitados a responder com que frequência eles tinham sentido certos sentimentos na semana anterior à entrevista: “Eu senti esperança sobre o futuro”, “Eu me senti feliz”, “Eu senti prazer na vida”, “Eu senti que era tão bom quanto as outras pessoas”.

tativamente, de estudantes que se apresentam pessimistas, tensos, tristes e raivosos ou hostis. Tais resultados mostram-se compatíveis com a avaliação que os próprios entrevistados fazem de sua saúde mental ou estado emocional e de sua felicidade. O relato da estudante, transcrito abaixo, ilustra esse sentimento de esperança e otimismo, em relação ao futuro associado a ideia de felicidade:

*— Eu acho que felicidade está muito relacionado a paz, a tranquilidade [...] nos meus períodos mais tristes, eu percebia que eu tinha perdido a minha perspectiva de futuro. Os dias eram bem pesados, parecia que eu estava tolerando a minha vida. Eu me percebo agora mais feliz e eu percebo que eu estou planejando muito mais coisas, eu estou pensando muito mais no amanhã e no que eu posso fazer depois. Eu estou muito mais ativa. Mais esperançosa com o que pode vir dos dias em diante. Mas, eu não sei se isso explica o que é felicidade para mim...
(Sexo feminino, 23 anos, atea)*

Nas duas últimas décadas, a preocupação e a valorização da dimensão “não material” ou espiritual em saúde têm crescido em importância, tanto que uma resolução da 101ª sessão da Assembleia Mundial de Saúde propôs uma modificação do conceito de saúde da OMS para um estado dinâmico de completo bem-estar físico, mental, espiritual e social (FLECK, 2000: 37). Esta dimensão não-material inclui todas as formas de espiritualidade, praticada ou não, através de religiões formais, inclusive códigos de comportamento. A religiosidade e a crença em Deus têm sido vistas também como elementos importantes no nível de satisfação com a vida em geral e felicidade das pessoas (LAYARD, 2006: 72).

Para 61,3% dos estudantes entrevistados, a religião e as crenças pessoais são consideradas como muito ou muitíssimo importantes para o fortalecimento das pessoas no enfrentamento da vida. Esse percentual

é muito próximo do total de estudantes que afirmaram professar alguma religião (69,9%). O montante de quase um terço dos estudantes que consideram que a religião “pouco ou nada” os fortalece para enfrentar a vida é compatível com o percentual de 37,7% dos que informaram não ter religião. O alto índice religiosidade, presente entre os estudantes, pode ser um elemento importante para explicar a baixa proporção dos que se dizem infelizes ou que estão insatisfeitos com a vida em geral, considerando-se as condições objetivas de vida, permeadas de insegurança física e dificuldades financeiras em que vive a maior parte dos informantes, além da competitividade na vida acadêmica. Quando instigados a responder sobre o quanto “a vida tem sentido”, um maior percentual dos informantes respondeu de forma afirmativa “muito/muitíssimo” (61,3%) do que de forma negativa “pouco/nenhum” (13,5%).

Diferentes investigações têm sugerido que o desempenho acadêmico é a preocupação principal dos estudantes universitários (RIOS, 2006; AMARAL, A. P.; SILVA, 2008; MARCIÃO, 2012). Os resultados desta pesquisa também corroboram isso, quando se verifica que, entre os itens apresentados com relação ao que se poderia constituir como preocupação ou incômodo, a preocupação com o desempenho acadêmico é que apresenta o maior índice de respostas “muito/muitíssimo” (75,9%), superando a preocupação ou incômodo com a segurança física (64,1%) ou o dinheiro (57,4%). Os achados da pesquisa nesse grupo de questões também confirmam a veracidade das situações de estresse e ansiedade dos estudantes com relação ao desempenho acadêmico, como as narradas por Espadeiro (2017, p. 7), que transcrevemos abaixo:

Diversos alunos me relatavam o quanto se sentiam estressados, preocupados, nervosos ou pressionados devido às demandas da universidade. Não foram poucos os relatos que narravam noites sem dormir por conta de alguma avaliação acadêmica a qual seriam submetidos. Além disso, não é raro presenciar casos de estudantes que desmaiam, sofrem algum mal-estar ou chegam

a desistir antes mesmo da avaliação por não aguentar o nervosismo. A preocupação com o sucesso acadêmico se mostra central durante a nossa trajetória no meio universitário.

TABELA 20

Níveis de bem-estar / mal-estar nos domínios psicológico (sentimentos positivos e negativos) e físico (dor, fadiga, sono) e fatores de preocupação

DOMÍNIOS (O QUANTO SENTIU OU EXPERIMENTOU)	INTENSIDADE			TOTAL 100%
	Muito/ Muitíssimo	Médio	Pouco/ Nada	
Domínio Físico				
<i>Dores físicas</i>	10,6	30,1	59,1	311
<i>Cansaço</i>	33,4	27,2	39,3	311
<i>Dificuldades para dormir</i>	16,7	19,2	64,1	312
Domínio Psicológico				
<i>Emoções Positivas</i>				
<i>Experimenta sentimentos positivos</i>	60,3	29,5	10,2	312
<i>Otimismo em relação ao futuro</i>	56,4	29,2	14,4	312
<i>Capacidade de relaxar e curtir a vida</i>	56,9	24,4	18,7	311
<i>Emoções Negativas</i>				
<i>Tristeza ou depressão</i>	18,3	55,8	44,3	312
<i>Solidão</i>	17,4	22,6	60,0	310
<i>Inquietação, agitação, nervosismo</i>	43,6	31,7	24,7	312
<i>Raiva ou hostilidade</i>	20,6	21,2	58,2	311
Espiritualidade / Religião / Crenças pessoais				
<i>O quanto acha que a vida tem sentido</i>	62,4	24,0	13,5	311
<i>O quanto a religião ou crenças pessoais dão forças para enfrentar a vida</i>	61,3	8,7	30,0	311
O quanto se preocupa / se sente incomodado				
<i>Com o desempenho acadêmico</i>	75,9	17,9	5,5	310
<i>Com a segurança física</i>	64,1	23,3	12,6	309
<i>Com o dinheiro</i>	57,4	31,9	10,7	310
<i>Com alguma dificuldade na vida sexual</i>	11,3	14,8	73,9	310

Fonte: Pesquisa de Campo – 2007/2008

No que se refere às escalas para mensuração da satisfação em diferentes domínios da vida cotidiana, as perguntas forneciam cinco alternativas de respostas: duas alternativas de satisfação (muito satisfeito e satisfeito), uma de neutralidade (nem satisfeito, nem insatisfeito) e duas de insatisfação (insatisfeito e muito insatisfeito), que foram agrupadas em três categorias: satisfeito, médio e insatisfeito. Estão dispostos na tabela 21 os percentuais dos estudantes por grau de satisfação com os diversos itens organizados por domínios da vida cotidiana: saúde física, relações pessoais e apoio social, ambiente, independência e autonomia.

Embora, em geral, os estudantes considerem-se mais satisfeitos do que insatisfeitos na maioria dos itens, a maior proporção deles expressa maior satisfação nos itens referentes às *relações pessoais e apoio social*, particularmente nos indicadores apontados a seguir, por ordem de prevalência de repostas: a capacidade de dar apoio aos outros (80,4%), o apoio que recebe dos amigos (76,6%) e da família (73,6%), a quantidade de amigos (73,5%), o relacionamento com quem mora (72,3%) e com a família (71,2%). Esses resultados apontam para a importância do apoio social, particularmente dos amigos e dos membros da família, para o bem-estar dos estudantes. A predominância de altos níveis de felicidade, entre os estudantes, pode também estar associada ao alto grau de satisfação que têm nos vínculos com as pessoas de seu convívio próximo e das redes de apoio que dispõem para enfrentar os percalços da vida. Isso pode ser ilustrado pelo depoimento abaixo de uma aluna:

— *Meus amigos sempre foram a rota de fuga. É tanto, que problemas com eles é uma coisa que me desestabiliza muito [...]. No começo da universidade, a universidade era a minha rota de fuga para tudo. Mas, hoje eu encontro esse conforto, essa paz, nas pessoas. Mudou, até porque aqui eu considero importante, mas, deixou de ser coisa que eu mais me importo [...] depois de ter vivenciado tanta coisa num período de tempo muito, muito curto, eu vi que isso aqui não é tudo. Desempenho acadêmi-*

co, a nota, a participação com o trabalho [...] acho que eu tive nesse período todo que ressignificar isso, porque me cobrar tanto estava me fazendo mal. E eu vi que os meus amigos, as pessoas que eu amo, que estão comigo diariamente, que sabem da minha vida e das minhas broncas e participam disso, são importantíssimas. São mais importantes que isso aqui, sem dúvida. (Sexo feminino, 23 anos, atea)

Os itens, nos quais os entrevistados revelaram os maiores índices de insatisfação, foram em relação ao *ambiente* e ao *domínio físico*. No item *ambiente*, salienta-se a insatisfação com a segurança física e proteção (54%) que é o único indicador no qual o percentual de insatisfeitos é maior do que o de satisfeitos. Mas vale mencionar o percentual relativamente importante de estudantes insatisfeitos com a situação financeira (30,9%) e o acesso aos serviços de saúde (28,2%). No *domínio físico*, salientam-se os percentuais também relativamente importante de respostas dos estudantes que denotam insatisfação com o sono (35,5%) e energia/disposição (32,3%). O item relativo à *independência-autonomia* é o que apresenta a maior proporção de níveis intermediários de satisfação (em torno de 40% em cada um deles).

TABELA 21

Níveis de satisfação dos estudantes em diferentes domínios ou aspectos da vida cotidiana (em números percentuais)

DOMÍNIOS DA VIDA COTIDIANA	Satisfeito	Médio	Insatisfeito	TOTAL (100%)
Domínio físico				
<i>Saúde física</i>	42,9	38,4	18,7	310
<i>Energia/disposição</i>	29,5	38,1	32,3	312
<i>Sono</i>	30,8	33,3	35,5	312

>

DOMÍNIOS DA VIDA COTIDIANA	Satisfeito	Médio	Insatisfeito	TOTAL (100%)
Relações pessoais e apoio social				
<i>Vida sexual</i>	59,3	27,0	13,6	307
<i>Quantidade de amigos</i>	73,5	17,4	9,0	310
<i>Relacionamento com a família</i>	71,2	19,9	9,0	312
<i>Relacionamento com quem mora</i>	72,3	19,9	7,7	311
<i>Apoio que recebe da família</i>	73,6	18,0	8,3	311
<i>Apoio que recebe dos amigos</i>	76,6	19,2	4,1	312
<i>Capacidade de dar apoio</i>	80,4	13,5	6,7	312
Ambiente				
<i>Segurança física e proteção</i>	19,0	25,0	54,0	312
<i>Condições de moradia</i>	50,0	29,4	20,7	310
<i>Situação financeira</i>	38,1	31,0	30,9	310
<i>Acesso aos serviços de saúde</i>	46,5	25,3	28,2	312
Independência/autonomia				
<i>Capacidade de tomar decisões</i>	45,0	35,4	19,6	311
<i>Capacidade de desempenhar atividades</i>	41,5	44,1	14,5	311
<i>Satisfação com o trabalho / funções</i>	40,9	44,2	14,9	308

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

O objetivo principal desse eixo de questões foi investigar a percepção de felicidade e bem-estar entre os estudantes, identificando quais são os aspectos ou dimensões de sua vida que interferem de forma positiva ou negativa nas escalas de auto percepção da felicidade e bem-estar. Conforme observaram Espadeiro (2017) e Falcão (2017), na análise de dados obtidos nesta pesquisa, no que concerne à concepção de felicidade, para a maioria dos entrevistados, a noção de felicidade está ligada a uma felicidade subjetiva, individual, “estar feliz consigo mesmo”. Entretanto, as noções de felicidade podem ter diferente significados. Alguns trechos de entrevistas, concedidas por estudantes, transcritos abaixo, distinguem algumas percepções sobre os significados da felicidade.

— *Felicidade? Uma coisa momentânea, um momento. [...] Bem-Estar? Acho que momento também. Você estar fazendo alguma coisa que te dá prazer no momento e abstrair de todas as outras questões do mundo que são pesadas. (Sexo feminino, 21 anos, não tem religião)*

— *Pô, eu acho que felicidade é você estar com suas energias muito equilibradas, é você estar bem em todos os seus pontos. É você acordar e “pô, estou bem porque está no clima que eu gosto”, meus amigos estão bem, minha família está bem, eu estou legal comigo mesma. Eu acho que felicidade é você estar bem com você, é você sentir paz interior, não se sentir cobrada. (Sexo feminino, 20 anos, católica)*

— *Felicidade? Eu acho que para mim felicidade está mais para uma realização pessoal, sabe? Acho que, justamente, é muito subjetivo falar disso, porque não é uma coisa palpável, está ligado? Mas, eu acho que você pode encontrar felicidade em vários pontos da sua vida [...]. Até em pequenos momentos, como uma festa [...]. Como coisas grandes, por exemplo, terminar a faculdade, se formar. Mas, que são pontos, são metas, que você pode traçar para chegar nessa realização pessoal. (Sexo masculino, 23 anos, evangélico)*

Como se percebe, para alguns, a felicidade é uma sensação de bem-estar em determinado momento; para outros, essa questão é mais complexa, sendo um “equilíbrio de energias”, que envolve o bem-estar com as pessoas que ama. Em outras falas dos estudantes, verifica-se que a percepção de felicidade está relacionada também com estabilidade na vida, sobretudo financeira, seu desempenho na universidade e sua rea-

lização profissional após o curso, sendo estes elementos essenciais para o “alcance da felicidade”.

Felicidade e vida acadêmica

Estudos indicam que a realização acadêmica faz parte das condições importantes para a felicidade na opinião dos sujeitos brasileiros – universitários ou não –, sendo a educação considerada um preocupante problema (COLETA; COLETA, 2006). Investigações apontam que o desempenho acadêmico faz parte das preocupações centrais dos estudantes, sendo percebido como um dos principais fatores de estresse: exames na universidade, anseio de falhar em tarefas específicas e decisões relativas à carreira (BENJAMIN, 1987). As situações indutoras de estresse, percebidas em estudantes, foram caracterizadas em acadêmicas, financeiras, relacionadas à gestão do tempo ou da saúde (GOODMAN, 1993; MISRA & MCKEAN, 2000).

Os resultados das pesquisas, mencionadas acima, podem ser corroborados pelo que observamos na pesquisa, ou seja, a preocupação com o sucesso acadêmico mostra-se central aos estudantes durante sua trajetória na universidade. Desde o início do curso de graduação, os estudantes sentem a necessidade e a obrigação de obter boas notas e de construir um “bom currículo”. Dessa forma, além das demandas do cumprimento das disciplinas do perfil curricular do curso, surge ao mesmo tempo a necessidade de se ter um currículo “completo” e de se tornar um profissional apto e valorizado no mercado de trabalho. No âmbito do acesso a bolsas de iniciação científica ou outras bolsas acadêmicas, oportunidades de estágio, entre outras, a competição entre os alunos mostra-se como algo corriqueiro e presente no cotidiano estudantil universitário, e se supõe que os mais “bem-sucedidos”, do ponto de vista acadêmico, terão um “melhor” êxito profissional (ESPADEIRO, 2017). A questão que se coloca aqui é, em que medida, essa competição e busca do sucesso acadêmico interferem no bem-estar físico e mental e no sentimento de felicidade entre estudantes universitários.

Nesta seção, será apresentada uma análise sobre a relação entre felicidade e a satisfação dos estudantes com o curso escolhido, com o desempenho acadêmico e a competitividade percebida no ambiente acadêmico do curso. A seguir, será feita uma reflexão sobre os fatores que, no âmbito da vivência acadêmica, podem influenciar os níveis de satisfação dos estudantes com o curso. Por fim, será discutido a relação da felicidade e o tempo de lazer que os estudantes dispõem e seus níveis de satisfação com o uso desse tempo.

Os dados dispostos na tabela 22 mostram que, embora a maioria dos estudantes tenha informado estar “muito/muitíssimo” satisfeitos com o curso escolhido (63,5%), esse percentual é relativamente maior entre os estudantes que se declaram “muito felizes” (79,2%) e felizes (67,1%), decrescendo esse número nas demais escalas de felicidade. Entre os “muito felizes”, apenas 5,7% estão “pouco ou nada satisfeitos” com o curso, enquanto entre os “infelizes” este percentual é 16,6%. Ou seja, parece existir uma clara associação entre os níveis de felicidade dos estudantes e a satisfação com a escolha do curso.

O mesmo ocorre com o desempenho acadêmico.¹⁷ Os estudantes que se declararam como “muito felizes” são os que apresentam o maior percentual de satisfação com o desempenho acadêmico (52,8%) e, ao mesmo tempo, o menor percentual de “pouca/nada” satisfação com seu desempenho (7,5%). Os percentuais de alunos “pouco ou nada” satisfeitos com desempenho acadêmico aumentam gradativamente, a medida em que pioram os níveis de autopercepção da felicidade, ao se observar que o percentual dos insatisfeitos, neste item, entre os “muito felizes”, é de apenas 7,5% e se amplia nas demais escalas de felicidade, chegando a 29,2% entre os estudantes que se dizem infelizes.

17 O desempenho acadêmico pode ser definido como um comportamento orientado por atividades que permite que a performance do indivíduo possa ser avaliada de acordo com algum critério imposto interna ou externamente ou que envolva algum padrão de excelência (SPENCE, 1983).

TABELA 22

Nível de felicidade e sua relação com a satisfação com o Curso, com o desempenho acadêmico e competitividade no curso (em números percentuais)

GRAU DE SATISFAÇÃO / COMPETIÇÃO	NÍVEIS DE FELICIDADE	Muito feliz N. 53 (100%)	Feliz N. 155 (100%)	Médio N. 52 (100%)	Infeliz N. 48 (100%)	TOTAL N. 308 (100%)
Com a escolha do Curso						
<i>Muitíssimo / Muito</i>		79,2	67,1	50,1	58,4	63,5
<i>Médio</i>		15,1	28,4	36,5	25,0	26,0
<i>Pouco / Nada</i>		5,7	4,5	13,5	16,6	8,0
Com o desempenho acadêmico						
<i>Muito satisfeito / Satisfeito</i>		52,8	31,1	25,0	31,1	33,7
<i>Médio</i>		36,9	46,8	48,1	39,6	44,5
<i>Insatisfeito / Muito insatisfeito</i>		7,5	21,9	26,9	29,2	21,4
<i>Não respondeu</i>		-	0,6	-	-	0,3
Competição no ambiente acadêmico do curso						
<i>Muitíssimo / Muito</i>		54,7	54,2	59,6	60,4	56,2
<i>Médio</i>		35,8	35,5	36,5	35,4	35,7
<i>Pouco / Nada</i>		9,4	9,7	3,8	4,2	7,8
<i>Não respondeu</i>		-	0,6	-	-	0,3

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

O grau de competitividade no curso não parece ser um fator relevante para a determinação dos níveis de felicidade dos estudantes, quando se observa uma pequena variação da distribuição percentual na avaliação dos diferentes níveis de competitividade no curso, entre as diferentes escalas de felicidade. Isso pode ser confirmado pela pouca diferença percentual de estudantes que consideram o ambiente de seu curso muito competitivo entre os que se avaliam como infelizes (60,4%), quando comparados com os “muito felizes” (54,7%).

O relato abaixo de um estudante pode esclarecer um pouco isso:

— *Eu vejo que tem muitas pessoas que gostam daquela concorrência [no curso], que gostam de dizer:*

“eu sou o bom, eu sou o fodão, eu sou o tal”! Mas, particularmente, eu acredito que cada pessoa no seu curso tem um ramo que se dá muito bem, tipo, você pode se dar bem em tudo, que é muito raro, não é muito comum, como você pode também se dar bem em determinadas áreas. [...] eu não sou competitivo nesse âmbito, porque eu acho que se eu sou bom naquilo, não tem porque eu estar [...] tentando mostrar que eu sou melhor do que todo mundo. Dá para todo mundo se ajudar, ver que dificuldade as pessoas têm naquela área que eu sou bom, e eu posso precisar de ajuda na área que ela também é boa. (Sexo masculino, 23 anos, agnóstico)

A tabela 23 apresenta a distribuição dos estudantes por nível de satisfação com o curso, agrupados em três categorias de respostas: “muitíssimo satisfeito”, “muito satisfeito” e “médio, pouco ou nada satisfeito”¹⁸. Essa variável (considerada aqui como variável dependente) foi cruzada com o desempenho acadêmico obtido no semestre anterior (objetivamente mensurado a partir da informação sobre o aproveitamento nas disciplinas) e com sua avaliação subjetiva, em termos do grau de satisfação atribuído pelos estudantes a esse desempenho. Também foram consideradas como fatores que podem influenciar na satisfação dos estudantes com o curso, as seguintes variáveis: o grau de satisfação no relacionamento com os professores do curso, o grau de competitividade percebido no ambiente acadêmico e o grau de preocupação dos estudantes com o seu desempenho acadêmico. A seguir, será apresentada

18 Foram agrupadas em uma única categoria as respostas de “médio/pouco/nada” satisfeito, em razão dos relativamente baixos percentuais de respostas obtidas no cômputo geral nas categorias “médio” (26,9), “pouco” (6,9%) ou “nada” (1,9%). Desta forma, com relação à questão “você está satisfeito com a escolha de seu curso de graduação?”, as respostas dos estudantes estão distribuídas quase equitativamente em três categorias: “muitíssimo satisfeitos” (30,8%), “muito satisfeitos” (34,3%) e “médio/pouco/nada satisfeitos” (34%).

a análise percentual da relação entre essas variáveis.

O desempenho acadêmico obtido no semestre anterior não parece ser uma variável relevante para explicar o grau de satisfação com o curso, ao se observar que são os estudantes “muitíssimo” satisfeitos com o curso que apresentam os menores percentuais de estudantes “aprovados por média em tudo” (25%), enquanto que são os estudantes com menores graus de satisfação (médio/pouco/nada) com o curso que apresentam os maiores índices de respostas nessa mesma categoria (43,1%). Além disso, foram os alunos menos satisfeitos com os cursos os que apresentaram a menor proporção de respostas que indicam reprovação ou abandono nas disciplinas cursadas (25,7%).

TABELA 23

Grau de satisfação com a escolha do Curso e sua relação com desempenho acadêmico, a satisfação com os professores, competitividade no Curso (em números percentuais)

DESEMPENHO ACADÊMICO E COMPETITIVIDADE NO CURSO \ GRAU DE SATISFAÇÃO COM O CURSO	Muitíssimo N. 96 (100%)	Muito N. 107 (100%)	Médio/ pouco/ nada N. 109 (100%)	TOTAL N. 312 (100%)
Desempenho acadêmico no semestre anterior				
<i>Aprovado por média em tudo</i>	25,0	26,2	43,1	31,7
<i>Fez prova final, mas foi aprovado em tudo</i>	38,5	34,6	28,4	33,7
<i>Reprovado/abandonou algumas disciplinas</i>	34,4	38,3	25,7	32,7
<i>Não respondeu</i>	2,1	0,9	2,8	1,9
Grau de satisfação com o desempenho acadêmico				
<i>Muito satisfeito / Satisfeito</i>	43,7	32,7	26,6	34,0
<i>Médio</i>	43,8	46,7	42,2	44,2
<i>Insatisfeito / Muito insatisfeito</i>	12,5	20,6	30,3	21,5
<i>Não respondeu</i>	-	-	0,9	0,3
Grau de satisfação no relacionamento com os/as professores(as)				
<i>Muito satisfeito / Satisfeito</i>	68,8	55,1	44,0	55,4
<i>Médio</i>	30,2	37,4	35,8	34,6
<i>Insatisfeito / Muito insatisfeito</i>	1,0	7,5	19,3	9,6
<i>Não respondeu</i>	-	-	0,9	0,3

>

DESEMPENHO ACADÊMICO E COMPETITIVIDADE NO CURSO	GRAU DE SATISFAÇÃO COM O CURSO			
	Muitíssimo N. 96 (100%)	Muito N. 107 (100%)	Médio/ pouco/ nada N. 109 (100%)	TOTAL N. 312 (100%)
Competição no ambiente acadêmico do curso				
<i>Muitíssimo / Muito</i>	58,4	57,0	52,3	55,8
<i>Médio</i>	36,5	36,4	35,8	36,2
<i>Pouco / Nada</i>	4,2	6,5	11,9	7,7
<i>Não respondeu</i>	1,0	-	-	0,3
Preocupação com o desempenho acadêmico				
<i>Muitíssimo / Muito</i>	81,3	75,7	71,6	75,9
<i>Médio</i>	11,5	19,6	22,0	17,9
<i>Pouco / Nada</i>	6,2	4,7	5,5	5,4
<i>Não respondeu</i>	1,0	-	0,9	0,6

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

Por outro lado, grau de satisfação com o curso parece ter maior associação com a avaliação subjetiva do desempenho, considerando que o maior percentual de estudantes satisfeitos com o desempenho acadêmico aparece entre os estudantes que se dizem “muitíssimo” satisfeitos com a escolha do curso (43,7%), decrescendo os percentuais na categoria “muito satisfeitos” (32,7%) e os “medianamente ou pouco satisfeitos” (26,6%). A mesma relação pode ser observada na categoria dos “insatisfeitos” com o desempenho acadêmico, pois são os que em menor proporção estão no grupo de alunos “muitíssimo” satisfeitos com o curso (12,5%), crescendo esses percentuais nas categorias de “muito satisfeitos” (20,6%) e os “medianamente, pouco ou nada” satisfeitos (30,3%). Mas alguns estudantes ressentem-se das exigências de um bom desempenho acadêmico, como pode ser observado no relato abaixo:

— *A universidade, principalmente no curso de [...] que é um dos cursos mais difíceis [...] requer muito de você, dedicação total [...] é um curso que você paga muitas cadeiras por período e requerem mui-*

to de você e é muito trabalho, é muita prova, que no real, não trazem um aproveitamento acadêmico para o aluno, e essa exigência toda eu acho desnecessária. Acho que poderíamos mudar para melhor essas metodologias que são usadas no dia a dia, e que todo mundo visa só ali nota, sabe? (Sexo feminino, 26 anos, religião não informada)

A maioria dos estudantes se diz “muito/muitíssimo” satisfeito com o relacionamento que tem com os professores do curso (55,4%). Mas esse percentual é ainda maior entre os que também estão “muitíssimo” satisfeitos com a escolha do curso (68,8%), decrescendo esses percentuais na categoria “muito satisfeitos” (55,1%) e os “medianamente, pouco ou nada satisfeitos” (44%). Embora o percentual de estudantes insatisfeitos com a relação com os professores seja relativamente pequeno (9,6%), são os estudantes que estão “medianamente ou pouco satisfeitos” que apresentam as maiores taxas dessa insatisfação (19,3%). Assim, a satisfação, no relacionamento com os professores, parece ter alguma influência positiva sobre o grau de satisfação dos estudantes com o curso, embora os docentes possam ter um perfil diferenciado, como se pode depreender da fala abaixo:

— Tem uns professores que se acham os reis do mundo. Mas a maioria é legal mesmo. A maioria conversa, explica tudo direitinho. (Sexo feminino, 19 anos, católica não praticante)

Conforme aponta Espadeiro (2017), as causas identificadas aqui como problemas são as dificuldades por parte dos estudantes no relacionamento com determinados professores. Alguns alunos relatam que os seus professores são bastante exigentes e que, algumas vezes, eles não conseguem acompanhar o ritmo das aulas. Por outro lado, alguns entrevistados também falam do seu reconhecimento e de sua valorização, en-

quanto alunos no âmbito do curso, como um elemento importante para seu bem-estar. Entretanto, a valorização e o reconhecimento são difíceis de serem alcançados, nem sempre ocorrendo, como se pode observar pelas falas das entrevistadas abaixo:

— *Assim, para você ser valorizado dentro do curso você tem que demonstrar um certo comportamento de empenho [...] e mesmo que você seja uma pessoa empenhada, você tem que ser aquela pessoa que consegue absolver certos conteúdos facilmente, porque a maioria dos professores, às vezes, não tem paciência para explicar uma coisa que você não está conseguindo entender [...] os professores gostam daqueles alunos que são bem preparados, aqueles que falam em sala de aula, que tem um bom embasamento para falar. Eles conseguem pegar os textos, eles conseguem captar aquilo ali, e as vezes quando você tem dificuldade você começa a ser escanteado quando você não está conseguindo pegar, mesmo se você tem interesse sobre o assunto... (Sexo feminino, 21 anos, sem religião)*

O não alcance do desempenho exigido dentro do curso e, portanto, do reconhecimento, às vezes, é motivo de frustração e desestímulo para os estudantes, os quais se sentem escamoteados no ambiente acadêmico. Através das entrevistas, verificou-se, nas falas dos estudantes, uma forte percepção de relações de competitividade no meio universitário, assim como das possíveis consequências dessa competitividade no relacionamento entre os colegas. Ao se perguntar sobre a percepção da competitividade e sobre as relações no contexto de seu curso, as falas dos entrevistados mostram o que isso acarreta:

— *[...] isso para mim é uma briga de cobras, mas o que seria essa briga de cobras? As pessoas por se exi-*

girem demais, e por quererem um espaço no meio acadêmico, um espaço até em um futuro profissional também, elas lhe dão isso, [...] uma concorrência desleal. O que poderia ser uma concorrência desleal? Porque nem todo mundo vai poder se destacar. Essa briga por notas, por uma competição por lugares acadêmicos, ou profissionais mesmo e tal, isso coloca à tona o pior das pessoas. (Sexo masculino, 22 anos, sem religião)

— A academia também tem um processo de competição que as pessoas elas não ajudam umas às outras porque uma tem que ser melhor que a outra para conseguir o reconhecimento. Aí acaba que você não consegue pedir a alguém uma xerox, ou você não consegue pedir a alguém que lhe explique ou lhe ajude, porque aquela pessoa não vai querer que você se dê bem, porque quem tem que se dar bem é ela. (Sexo feminino, 21 anos, sem religião)

No entanto, a competição, no ambiente acadêmico do curso, parece ter influência inversa, hipoteticamente, à esperada nos níveis de satisfação com o curso, ou seja, quanto mais competitivos considera-se o ambiente acadêmico de seus cursos, maior é a proporção de estudantes que se diz satisfeitos com o curso, o que parece denotar uma valorização da concorrência. Ao se analisar as respostas dos estudantes, sobre o grau de preocupação que têm com o seu desempenho acadêmico, percebe-se que as respostas seguem na mesma direção da questão anterior. A grande maioria dos estudantes se diz “muito/muitíssimo” preocupados com o desempenho acadêmico (75,9%), mas tal percentual é maior entre os estudantes “muitíssimo satisfeitos” com o curso (81,3%), diminuindo entre os alunos meramente “satisfeitos” (75,5%) e os “medianamente ou pouco satisfeitos” (71,6%). Ou seja, a maior preocupação com o desempenho acadêmico parece ter uma relação positiva com o maior grau de

satisfação com o curso, denotando também que são os estudantes mais satisfeitos com o curso que são os que mais se preocupam com o desempenho acadêmico.

O que se pode depreender do exposto acima é que, na satisfação com o curso, importa mais a percepção subjetiva que os estudantes têm de seu desempenho acadêmico do que os resultados objetivos desse desempenho, em termos de aprovação por média, na prova final ou reprovações nas disciplinas. Em um mundo, cada vez mais competitivo em todas as esferas da vida, as pessoas veem-se cada vez mais na necessidade de se mostrarem “melhores”. Isso se reproduz na competitividade do ambiente acadêmico, quando aqueles, que alcançam um melhor desempenho, são considerados os mais bem-sucedidos.

No ambiente das universidades, é naturalizada a “disputa” entre os estudantes, considerando que o acesso às bolsas acadêmicas, assim como às melhores oportunidades profissionais e o acesso a cursos de pós-graduação são decorrências dos resultados das médias obtidas na avaliação das disciplinas, ou seja, em termos do bom rendimento acadêmico obtido no transcorrer da graduação.

Isso pode ser ilustrado pelos relatos das estudantes abaixo:

— Toda minha ansiedade está focada na minha cobrança. Eu tenho que ter certos comportamentos, eu tenho que conseguir certas coisas que vão me validar enquanto a pessoa que disse que está na academia para estudar. Eu tenho que me destacar sempre. Eu tenho que ser a que vai ser melhor que todo mundo [...] no colégio mesmo era algo que era pautado, eu tinha que está lá no melhor, eu tinha que ser a aluna laureada porque isso trazia um orgulho e minha mãe ficava mais calma comigo. Na faculdade é a mesma coisa. Eu não consigo ter tanto na faculdade porque a faculdade cobrou tanto, assim tão pesado, que acabou que eu não consegui pegar o ritmo. (Sexo feminino, 21 anos, sem religião)

— É bem doido porque é justamente essa galera que ocupa os melhores cargos, é uma galera que tem as melhores notas. É a galera que tem as bolsas de pesquisa, está na monitoria, está nos grupos de pesquisa e tal. E, tipo, eu particularmente, e posso falar por algumas amigas também e amigos, que a gente conversa, a gente se sente meio que pressionado também. Porque, quer dizer então que: ‘Eu sou menos inteligente, eu sou menos esforçada, ou sou menos isso e aquilo, porque eu não consigo uma monitoria, ou porque não tem nenhum grupo de pesquisa e tal. (Sexo feminino, 22 anos, espírita)

A competição acadêmica, no âmbito dos cursos, pode gerar uma maior preocupação do estudante com o seu desempenho acadêmico, mas também parece ser um fator que influencia a satisfação com o curso escolhido. O que pode significar uma valorização da concorrência e a crença de que é, na competição, que o indivíduo encontra sua justa avaliação. Em uma sociedade em que prevalece “o culto à performance” (EHRENBERG, 2010), a concorrência não é mais vista como antagônica à justiça. Se os “velhos” sistemas de solidariedade precisavam proteger o indivíduo dos efeitos perversos da concorrência, considerada como fonte de desigualdade, atualmente a justiça é vista como produto da concorrência. Quando o que prevalece é a pedagogia da concorrência, o alto grau de satisfação com os professores pode ter alguma associação com essas questões. Como juízes da competição acadêmica, os professores podem fazer diferença, se os seus julgamentos se baseiam no mérito individual. E sucesso individual seria o sinal mais evidente de que a competição produziu justiça.

Em relação a situações que interferem no bem-estar e que podem induzir o estresse entre estudantes universitários, salientam-se ainda aquelas relacionadas à gestão do tempo e à satisfação com o lazer. Estudantes universitários possuem diversas tarefas, encaram diferentes cobranças e ainda necessitam de tempo hábil para adquirir todo o co-

nhcimento necessário, com o objetivo de administrar tais atividades e obrigações. Em relação à gestão do tempo, mostra-se importante a percepção dos estudantes sobre a falta de disponibilidade de tempo para adquirir o extensivo conhecimento requerido pelas instituições acadêmicas, (CARVETH, GESSE & MOSS, 1996; MISRA & MCKEAN, 2000).

Nesse sentido, será investigada, a seguir, a associação entre felicidade e disponibilidade de tempo livre entre os estudantes, os seus níveis de satisfação com o uso do tempo livre, assim como será discutido como se vivencia o tempo disponível.

O enunciado da primeira pergunta sobre a disponibilidade tempo, contida no questionário, solicitava ao estudante que informasse, atualmente, de quantas horas livres dispunha em média por semana, nos dias úteis, sem contar as horas de sono. As alternativas de respostas estavam distribuídas em faixas de tempo livre, que apresentaram as seguintes frequências de respostas: - “nenhuma” – 6,4%; “de uma a quatro horas” – 38,9%; “mais de quatro a doze horas” – 32, 2%; “mais de 12 a 20 horas” – 15,4%; e “mais de vinte horas” – 7,1%. Em razão dos baixos percentuais das categorias extremas, foram agrupadas, para fins de análise, conforme são apresentadas na tabela 24.

A maior proporção de estudantes dispõe, no máximo, de quatro horas semanais (45,1%); 31,8% dos estudantes, de quatro a doze horas, e 22,7% dos estudantes, a menor proporção, de 12 horas ou mais, o que denota baixa disponibilidade de tempo (lazer ou descanso, por exemplo) para maioria dos estudantes, durante os dias úteis da semana. A partir da distribuição de tais dados, não se percebe claramente se disponibilidade de maior ou de menor tempo livre, nos dias úteis, interfere nos níveis de felicidade dos estudantes, exceto na categoria dos estudantes “muito felizes”, que apresenta o maior percentual para os que dispõem de mais de 12 horas semanais (32,1%), reduzindo-se os percentuais entre os grupos de estudantes nas demais escalas de felicidade.

TABELA 24

Níveis de felicidade as horas livres que dispões e satisfação com o uso do tempo livre (em números percentuais).

TEMPO LIVRE \ NÍVEIS DE FELICIDADE	Muito feliz N. 53 (100%)	Feliz N. 155 (100%)	Médio N. 52 (100%)	Infeliz N. 48 (100%)	TOTAL N. 308 (100%)
Horas livres que dispõe nos dias úteis					
<i>Até 4 horas</i>	47,2	42,6	48,1	47,9	45,1
<i>Mais de 4 a 12 horas</i>	20,8	35,5	34,6	29,2	31,8
<i>Mais de 12 horas</i>	32,1	21,3	17,3	22,9	22,7
<i>Não respondeu</i>	-	0,6	-	-	0,3
Horas livres que dispõe nos finais de semana					
<i>Até meio período em um dia</i>	45,3	36,8	46,2	50,0	41,9
<i>Um dia inteiro</i>	35,8	40,0	30,8	25,0	35,4
<i>De todo o meu tempo</i>	18,9	22,6	23,1	25,0	22,4
<i>Não respondeu</i>	-	0,6	-	-	0,3
Grau de satisfação com a maneira de usar o tempo livre					
<i>Muito satisfeito / Satisfeito</i>	64,2	35,5	25,0	33,4	38,4
<i>Médio</i>	26,4	40,0	26,9	16,7	31,8
<i>Insatisfeito / Muito insatisfeito</i>	7,5	24,5	48,1	45,8	28,9

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

A segunda pergunta, que seguia o mesmo padrão da pergunta anterior, referia-se às horas livres, disponíveis nos finais de semana, e estabelecia as seguintes alternativas de respostas, que foram apresentadas, com os respectivos percentuais de respostas: de “nenhuma hora” – 2,2%; “de meio período em um dia” – 40,1%; “de um dia inteiro” – 34,9%; e “de todo o meu tempo” – 22,5%. Também, nesse caso, para fins de análise, as duas primeiras alternativas de respostas foram agrupadas em uma única categoria, conforme apresentado na tabela 29. Do mesmo modo que na questão anterior, não fica claro um padrão de associação positiva ou negativa entre os níveis de felicidade e a disponibilidade de tempo nos finais de semana. O que fica caracterizado nos dois conjuntos de

respostas é o pouco tempo livre que a maioria dos estudantes dispõe durante os dias úteis da semana, assim como durante os finais de semana.

O que isso acarreta em suas vidas pode ser ilustrado pelas falas dos estudantes abaixo:

— *Frustração é o tempo todo, porque é um curso muito complexo e ele é bem pesado, eu estou pagando oito cadeiras, e paguei até mais antes. Mas a complexidade ficou muito maior, estou no terceiro período, estou constantemente dormindo menos, eu tive que ir até a psicóloga, pois eu estava começando um início de ansiedade. Eu acho que estou me sentindo muito pressionada, mas assim, com o tempo, acho que consigo organizar isso.* (Sexo feminino, 18 anos, religião não informada)

— *Eu me sinto mal com essas exigências, porque também existem exigências fora da academia. É como se a academia quisesse que você vivesse cem por cento para ela, para você conseguir ser uma pessoa boa dentro dela e ter conhecimento daquilo que você quer fazer. Não basta você só gostar, você tem que viver para aquilo, está ligada?* (Sexo feminino, 21 anos, sem religião)

Ao se analisar o grau de satisfação com o uso do tempo livre, verifica-se uma distribuição bastante proporcional entre os estudantes “muito satisfeito/satisfeito” (38,4%), os “medianamente” satisfeitos (31,8%) e os “insatisfeitos/muito insatisfeitos” (28,9%). Entretanto, ao cruzar esse resultado por níveis de felicidade, verifica-se que são os estudantes mais felizes os que, em maior proporção, estão mais satisfeitos com a maneira de usar o tempo livre (64,2%) e os que, em menor proporção, estão insatisfeitos (7,5%), quando comparados com os estudantes que se identificam em outras escalas de felicidade. Também

são os estudantes medianamente felizes (48,1%) e os infelizes (45,8%) que apresentam as maiores taxas de insatisfeitos com o uso do tempo disponível. Esse resultado sugere que a satisfação com a forma de usar o tempo livre é mais importante para a felicidade dos estudantes do que a quantidade do tempo disponível nos dias úteis ou finais de semana. Para entender melhor esse resultado, faz-se necessário observar como os estudantes utilizam suas horas livres.

No que se refere às questões sobre o que o estudante faz quando dispõe de tempo livre, foi-lhe dada a possibilidade de assinalar as três alternativas mais frequentes, dentro de um conjunto de respostas relativas às atividades que presumidamente poderiam realizar. A tabela 25 apresenta a distribuição dos estudantes no elenco das atividades desenvolvidas, que foram agrupadas em quatro categorias: 1) Estudo / trabalho voluntário / movimentos sociais; 2) Sociabilidade; 3) Atividades físicas, esportivas e culturais; 4) TV / DVD / Internet / videogame ou jogos de computador.

O ingresso na Universidade pode significar melhorias na posição social, o que poderia resultar em maior liberdade e escolha referentes às práticas de lazer. Contudo, “as pressões constantes para obter uma vida profissional de sucesso impõem a esses jovens uma limitação no tempo disponibilizado para o lazer” (STOPPA; DELGADO, 2006 *apud* BUZACARINI, 2015, p.21). A forma como é utilizado o tempo livre, pelos estudantes entrevistados, corrobora isso e reforça a percepção de um uso demasiado de tempo dedicado ao esforço acadêmico, o que pode ser evidenciado pelo fato de 61,2% de estudantes terem assinalado utilizar seu tempo livre para estudar ou fazer tarefas acadêmicas. A demanda acadêmica excessiva pode ser ilustrada pelos relatos das estudantes abaixo.

— Eu acho que é muita prova, uma em cima da outra, muito trabalho, muito texto para ler e a carga horária não dá. Tipo, eu moro em Olinda e eu pego duas horas e meia para chegar aqui e o curso começa às 7h. Então, para eu chegar aqui de manhã, com

todas as atividades que são passadas para a gente, eu não tenho carga horária no meu dia para fazer isso e ter um bem-estar, entendeu?! Eu não durmo direito, então isso é o estresse, é muito puxado abdicar de certas atividades para cumprir com a demanda da universidade. (Sexo feminino, 22 anos, católica não praticante)

— *Então, eu acho que meu bem-estar às vezes ele fica de lado, não é?! Muitas vezes, inclusive, porque as horas que eu tenho são para estudo [...], mas eu acho que é um sacrifício que vale a pena, porque é uma coisa que eu estou curtindo em fazer, se fosse uma coisa que eu não tivesse, mas está agradável, então vale a pena o sacrifício.* (Sexo feminino, 20 anos, católica não praticante)

Entre as atividades de lazer¹⁹ desenvolvidas, as mais frequentes são aquelas relativas à sociabilidade, tais como “conversa com amigos(as) ou namorado(a)” (56,%) e “viagens ou passeios com amigos(as)” (35,3%) e um percentual mais reduzido de estudantes que frequentam bares, festas, *raves* ou danceterias (26%). Nesse tipo de lazer, o que se procura é, fundamentalmente, “o relacionamento e contato face a face, no qual o elemento motivador é a promoção de atividades relacionadas aos encontros entre pessoas, como as festas, programas noturnos, encontros em bares e restaurantes, bailes, entre outros”, cujo objetivo é “formar grupos e desenvolver a sociabilidade” (BUZACARINI, 2015, p.21).

A prática de atividades físicas, principalmente os esportes em geral, tem como seu elemento central de motivação o movimento do

19 As atividades de lazer são aqui definidas como aquelas realizadas no tempo livre do indivíduo, depois de cumprir suas obrigações, e podem ser vivenciadas e classificadas de acordo com os interesses das pessoas (BUZACARINI, 2015).

corpo, nas suas mais diversas possibilidades da cultura corporal de movimento, das mais variadas intensidades e formas pela busca do bem-estar e prazer (BUZACARINI, 2015). A prática de atividades físicas ou esportivas aparece com alguma relevância, mas menos de um terço dos estudantes assinalaram desenvolver essas práticas, o que caracteriza estilo de vida sedentário na maior parte dos estudantes. O hábito de leitura por lazer ou o desenvolvimento de atividades artísticas, ou mesmo, a participação e o ato de frequentar atividades culturais, tais como cinema, teatro, exposições, etc., constituem-se em práticas de lazer usufruídas por apenas cerca de 25% dos estudantes.

O uso da internet, para diversão, aparece como a segunda atividade, em termos de frequência das respostas (58,3%), salientando-se ainda assistir a TV ou a vídeos como atividades também desempenhadas por uma parcela importantes de estudantes (42,3%). Neste grupo de atividades de lazer, os jogos eletrônicos e videogames obtiveram o menor percentual das indicações (19,2%).

Um achado relevante da pesquisa foi em relação ao número reduzido de horas livres que a maior parte dos estudantes dispõe, as quais deveriam ser destinadas para o lazer, mas que é utilizada por 61,2% dos estudantes para estudar ou fazer atividades acadêmicas, agravando ainda mais a falta de tempo para se vivenciar as atividades de lazer. Não foram investigadas outras barreiras que poderiam constituir-se em fatores impeditivos para a prática do lazer, tais como problemas financeiros, a dificuldade de acesso aos lugares e espaços de lazer, a violência urbana ou, ainda, a atitude ou a vontade de realizar a atividade lúdica, o que muitas vezes pode estar relacionado ao cansaço decorrente das demandas acadêmicas. Quando indagado a uma estudante “*o que lhe falta para ser feliz*”, fica claro que a falta de energia e disposição, para realizar atividades ou conviver com pessoas que lhe dão prazer, pode ser também um fator limitador à satisfação com a vida e o bem-estar.

Como bem pode ser observado em sua resposta transcrita abaixo:

— *Falta também uma organização da minha vida, planejamento eu acho. E ficar mais participativa*

com minha família. Acho que a faculdade está ocupando muito o meu tempo e eu não estou, por exemplo, vendo meu irmão crescer, que é uma criança [...]. Eu tenho dois irmãos, uma de catorze anos e outro de quatro[...] esse meu irmão mais novo, eu sinto muita falta de estar presente simplesmente. Eu basicamente passo a semana na faculdade, final de semana eu estou cansada, não consigo mais nem brincar com ele, isso pesa bastante para mim. (Sexo feminino, 23 anos, atea)

TABELA 25

Tipos de atividades desenvolvidas pelos estudantes nas horas livres

USO DO TEMPO LIVRE	Nº	%
	312	100,0 ^(*)
Estudo / trabalho voluntário / movimentos sociais		
<i>Estuda ou faz tarefas acadêmicas</i>	191	61,2
<i>Participa de projetos de pesquisa ou extensão como voluntário</i>	25	8,0
<i>Desenvolve trabalho voluntário na comunidade</i>	11	3,5
<i>Participa de organizações estudantis ou movimentos sociais</i>	15	4,8
Sociabilidade		
<i>Conversa com amigos(as) / namorado(a)</i>	177	56,7
<i>Viaja ou passeia com amigos(as)</i>	110	35,3
<i>Frequenta bares, festas, raves ou danceterias</i>	81	26,0
Atividades físicas, esportivas e culturais		
<i>Pratica atividades físicas ou esportivas</i>	89	28,5
<i>Leitura por lazer ou desenvolve atividades artísticas</i>	82	26,3
<i>Participa de atividades culturais (cinema, teatro, exposições, etc.)</i>	77	24,7
TV / DVD / Internet / videogame ou jogos de computador		
<i>Utiliza a internet para diversão</i>	182	58,3
<i>Assiste TV ou vídeo/ DVD</i>	132	42,3
<i>Joga videogame ou jogos de computador</i>	60	19,2
Outras atividades	18	5,8
Não faz nada	19	6,1

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2016

^(*) Total superior a 100% por ser possível mais de uma respostas.

Principais conclusões

Neste capítulo foi realizada uma análise das percepções dos estudantes acerca da felicidade, de sua qualidade de vida (bem-estar subjetivo) e da satisfação em várias dimensões de suas vidas, inclusive de aspectos da vida acadêmica, a partir das respostas obtidas no grupo de questões relativa à “*Felicidade, bem-estar e satisfação em diferentes domínios da vida*”, contidas no questionário utilizado como instrumento de coleta no *survey*. O objetivo central foi buscar identificar quais as principais dimensões da vida dos estudantes que influenciam suas percepções de felicidade. Também foram introduzidos, de forma complementar, algumas das narrativas dos estudantes obtidas nas entrevistadas, buscando aprofundar a discussão nos temas e questões abordados nos dados quantitativos.

Nas respostas sobre o quanto se sentem felizes, a maioria dos estudantes avaliou sua felicidade de forma bastante positiva, com um total de 67,5% dos informantes que se autodeclararam como pessoas “felizes” ou “muito felizes”, enquanto apenas 15,6% declararam-se “um pouco infeliz” ou “muito infeliz”. Tendo como ponto de partida esse resultado, será apresentada síntese dos principais resultados, numa tentativa de resposta à questão que norteou a análise: qual o aspecto ou a atividade da vida social e acadêmica que deixa o estudante feliz ou infeliz?

O *primeiro eixo de questões* teve como objetivo investigar a *percepção de felicidade e bem-estar* entre os estudantes, identificando quais são os aspectos ou dimensões de sua vida que interferem de forma positiva ou negativa nas escalas de auto percepção da felicidade e bem-estar.

a) Felicidade x características sócio demográficas

- Na análise por gênero, são as mulheres que, em maior proporção, dizem-se “muito feliz”, prevalecendo os homens na categoria dos que se autodeclararam “infeliz”.

- Com relação à faixa etária dos estudantes, é possível perceber apenas uma ligeira tendência de maior concentração de pessoas mais jovens (18-22 anos) entre os que se declararam muito felizes ou felizes.
- Na comparação dos níveis autodeclarados de felicidade, entre os estudantes que se identificam como brancos ou pretos/pardos, as diferenças nos percentuais são quase insignificantes, o que pode significar que a felicidade não tem cor.
- Na análise das faixas de renda média mensal familiar, por níveis de felicidade, a renda não parece ser um fator relevante à auto percepção de felicidade, sugerindo que dinheiro não é percebido como causa da felicidade.
- Ser afiliado ou praticar alguma religião é a variável que parece ter maior influência sobre a felicidade: dentre os estudantes que se declararam “muito felizes” ou “felizes”, 71,7% e 69,1%, respectivamente, professam alguma religião; são os estudantes que praticam a religião (regularmente ou eventualmente) que, com maior frequência, dizem-se “muito feliz” (64,1%), enquanto que, entre os que se dizem infelizes, 64,6% não praticam ou não tem religião.

b) Felicidade x qualidade de vida

- A grande maioria dos estudantes que se autodeclaram como “muito feliz” descreve sua saúde como “ótima/boa” (71,7%), decrescendo os percentuais nas categorias “feliz” (58,7%), “médio” (32,7%) e “infeliz” (39,5%), corroborando a associação entre felicidade e a avaliação subjetiva da saúde apresentada na literatura sobre o assunto.
- Embora saúde mental e felicidade não tenham o mesmo significado, os dados apontam que a auto percepção da saúde mental tem também uma forte associação com a felicidade. Os estudan-

tes que se definem como “muito felizes”, em maior proporção, descrevem sua saúde mental como “ótima/boa” (86,5%), decrescendo estes percentuais nas categorias “feliz” (64,6%), “infeliz” (33,3%) e “médio” (17,3%). Por outro lado, os estudantes que se auto identificam como “infelizes”, em maior proporção, percebem negativamente sua saúde mental (35,4%), decrescendo o percentual entre os que se consideram “nem feliz/nem infeliz” (28,8%) e “feliz” (7,1%) e “muito felizes” (3,8%).

- Parece existir uma forte associação entre felicidade e satisfação com a qualidade de vida em geral: são os estudantes que se dizem “muito feliz” e “feliz” que apresentam as mais altas taxas de satisfação com a qualidade de vida (86,8% e 62%, respectivamente); os estudantes “infelizes” apresentam um percentual maior de pessoas insatisfeitas com a qualidade de vida (25%), do que os estudantes medianamente felizes (15,4%), os felizes (7,1%) e os muito felizes (1,9%).

c) Bem-estar x mal-estar em diferentes domínios da vida

- No *domínio físico*, a maior queixa se refere ao cansaço. A maior parte dos estudantes não tem queixas de dores físicas ou dificuldades para dormir.
- No *domínio psicológico*, a predominância de respostas sobre a presença de alta intensidade de sentimentos positivos (60,3%), capacidade de relaxar e curtir a vida (56,9%) e otimismo em relação ao futuro (56,9%) denota a existência de um quantitativo significativo de estudantes com bom ânimo emocional, com uma parcela bem menos importante de estudantes que se apresentam pessimistas, tensos, tristes e raivosos ou hostis. O sentimento negativo que predomina entre os estudantes é “inquietação, agitação, nervosismo” (43,6%).

- *A religião e as crenças pessoais* são consideradas como “muito/muitíssimo” importantes para o “fortalecimento das pessoas no enfrentamento da vida” por 61,3% dos estudantes entrevistados. Na questão sobre o quanto “a vida tem sentido”, mais estudantes responderam de forma afirmativa (61,3%), do que de forma negativa (13,5%).

- *Preocupações ou incômodos*: o desempenho acadêmico é motivo de “muita/muitíssima” preocupação para a maioria dos estudantes (75,9%), superando a preocupação ou incômodo com a segurança física (64,1%) ou o dinheiro (57,4%).

d) Níveis de satisfação em diferentes domínios ou aspectos da vida cotidiana

- Em geral, os estudantes consideram-se mais satisfeitos do que insatisfeitos na maioria dos itens. Contudo, a maior proporção deles expressa maior satisfação nos itens referentes às *relações pessoais e apoio social*, particularmente nos indicadores apontados a seguir, por ordem de prevalência de respostas: a capacidade de dar apoio aos outros (80,4%), o apoio que recebe dos amigos (76,6%) e da família (73,6%), a quantidade de amigos (73,5%), o relacionamento com quem mora (72,3%) e com a família (71,2%).

- Os itens nos quais os entrevistados revelaram os maiores índices de insatisfação foram com relação ao *ambiente* e ao *domínio físico*. No item *ambiente*, salienta-se a insatisfação com a segurança física e proteção (54%), que é o único indicador no qual o percentual de insatisfeitos é maior do que o de satisfeitos. Mas vale mencionar o percentual relativamente importante de estudantes insatisfeitos com a situação financeira (30,9%) e o acesso aos serviços de saúde (28,2%). No *domínio físico*, salientam-se os percentuais também relativamente importante de respostas dos estudantes que denotam insatisfação com o sono (35,5%)

e energia/disposição (32,3%). O item relativo à *independência/ autonomia* é o que apresenta a maior proporção de níveis intermediários de satisfação (em torno de 40% em cada um deles).

- *Concepção de felicidade*: para maioria dos entrevistados, a noção de felicidade está ligada a uma felicidade subjetiva, individual, “estar feliz consigo mesmo”. Entretanto, as noções de felicidade podem ter diferente significados. Para alguns, a felicidade é uma sensação de bem-estar em determinado momento; para outros, essa questão é mais complexa, sendo um “equilíbrio de energias”, que envolve o bem-estar com as pessoas que ama. Mas a percepção de felicidade está relacionada também com estabilidade na vida, sobretudo financeira, o desempenho na universidade e a realização profissional após o curso, sendo tais elementos considerados essenciais para o “alcance da felicidade”.

O *segundo eixo de questões* teve como foco a relação entre *felicidade e vida acadêmica*, buscando investigar em que medida a competição e busca do sucesso acadêmico interferem no bem-estar físico e mental e no sentimento de felicidade entre os estudantes.

a) Felicidade x satisfação com aspectos da vida acadêmica

- *Satisfação com o curso* - parece existir associação entre os níveis de felicidade dos estudantes e a satisfação com a escolha do curso. O percentual de estudantes “muito/muitíssimo” satisfeitos com o curso escolhido é relativamente maior entre os estudantes que se declaram “muito felizes” (79,2%) e felizes (67,1%), decrescendo esse número nas demais escalas de felicidade. Entre os “muito felizes”, apenas 5,7% estão “pouco ou nada satisfeitos” com o curso, enquanto entre os “infelizes” este percentual é 16,6%.

- *Satisfação com o desempenho acadêmico* - Também parece existir associação entre felicidade e satisfação com o desempenho acadêmico.²⁰ Os estudantes que se declararam como “muito felizes” são os que apresentam o maior percentual de satisfação com o desempenho acadêmico (52,8%) e, ao mesmo tempo, o menor percentual de “pouca/nada” satisfação com seu desempenho (7,5%). Os percentuais de alunos “pouco ou nada” satisfeitos com desempenho acadêmico aumentam gradativamente a medida em pioram os níveis de auto percepção da felicidade.
- *Competitividade no ambiente acadêmico do curso* - O grau de competitividade, no curso, não parece ser um fator relevante para a determinação dos níveis de felicidade dos estudantes, quando se observa uma pequena variação na distribuição percentual na avaliação dos diferentes níveis de competitividade no curso entre as diferentes escalas de felicidade.

b) Fatores que influenciam os níveis de satisfação dos estudantes com o curso

- Na satisfação com o curso, importa mais a percepção subjetiva que os estudantes têm de seu desempenho acadêmico do que seus resultados objetivos, em termos de aprovação por média, na prova final ou reprovações nas disciplinas.
- A satisfação, no relacionamento com os professores, parece também ter influência positiva sobre o grau de satisfação dos estudantes com o curso.
- A competição, no ambiente acadêmico do curso, parece ter influência inversa à hipoteticamente esperada nos níveis de satisfação com o curso, ou seja, quanto mais competitivos consi-

²⁰ O desempenho acadêmico pode ser definido como um comportamento orientado por atividades que permite que a performance do indivíduo possa ser avaliada de acordo com algum critério imposto interna ou externamente ou que envolva algum padrão de excelência (SPENCE, 1983).

deram o ambiente acadêmico de seus cursos, maior é a proporção de estudantes que dizem estar satisfeitos com o curso, o que parece denotar uma valorização da concorrência.

- A maior preocupação com o desempenho acadêmico parece ter uma relação positiva com o maior grau de satisfação com o curso. O que pode denotar também que são os estudantes que estão mais satisfeitos com o curso são os que mais se preocupam com o desempenho acadêmico.

c) Felicidade e tempo livre

- Não fica claro um padrão de associação positiva ou negativa entre os níveis de felicidade e a disponibilidade de tempo livre. O que fica caracterizado é o pouco tempo livre que a maioria dos estudantes dispõe durante os dias úteis da semana, assim como durante os finais de semana.

- Os estudantes mais felizes são os que, em maior proporção, estão mais satisfeitos com a maneira de usar o tempo livre (64,2%) e os que, em menor proporção, estão insatisfeitos (7,5%), quando comparados com os estudantes que se identificam em outras escalas de felicidade. Esse resultado sugere que a satisfação com a forma de usar o tempo livre é mais importante para a felicidade dos estudantes do que a quantidade do tempo disponível nos dias úteis ou finais de semana.

- A forma como é utilizado o tempo livre, pelos estudantes entrevistados, reforça a percepção de um uso demasiado de tempo dedicado ao esforço acadêmico, o que pode ser evidenciado pelo fato de 61,2% dos estudantes terem assinalado utilizar seu tempo livre para estudar ou fazer tarefas acadêmicas.

CAPÍTULO 4

Uso de Psicotrópicos: A Felicidade Química em Ação

Artur Perrusi

Perfil dos estudantes usuários de psicotrópicos

Descreveremos agora os perfis dos estudantes-usuários, sejam daqueles obtidos do questionário, sejam do guia de entrevistas. Faremos, constantemente, a comparação entre as informações obtidas no questionário e as obtidas nas entrevistas. Com o intuito de simplificar a descrição, examinaremos apenas os psicotrópicos mais usados, com exceção da Ritalina, porque queremos analisá-la do ponto de vista do seu uso para desempenho. Os psicotrópicos serão: álcool, maconha, tranquilizantes/ansiolíticos, inalantes, alucinógenos e Ritalina/Concerta. Para preservar o anonimato, condição inclusive exigida pelos entrevistados, retiramos qualquer indicação que pudesse “localizar” o estudante, principalmente em relação ao seu curso. Faremos comparações entre os dados obtidos nas entrevistas e nos questionários quando necessário e como forma de ilustrar a argumentação.

Começaremos com o uso de álcool e de outras substâncias:

TABELA 26

Frequência do uso de álcool e outras drogas no último ano, por tipo de substância (em números percentuais)

FREQUÊNCIA DO USO DE DROGAS	Uma ou mais vezes por semana	Menos de uma vez por semana	Nos últimos 3 meses	Nos últimos 12 meses	TOTAL USUÁRIOS (100%)
<i>Álcool</i>	26,1	33,0	25,1	15,8	203
<i>Maconha</i>	44,8	8,0	31,0	16,1	87
<i>Tranquilizantes/ Ansiolíticos</i>	24,2	6,1	18,2	51,5	33
<i>Ritalina/ Concerta</i>	28,6	14,3	28,6	28,6	7
<i>Inalantes/ Solventes</i>	11,9	13,9	38,9	36,1	36
<i>Alucinógenos</i>	3,0	24,2	51,4	24,2	33

Fonte: Pesquisa de Campo 2015/2017

Em relação à frequência do uso do psicotrópico, destaca-se o uso predominante de álcool e maconha, ocorrendo distribuição relativamente uniforme do uso para o álcool. Nas entrevistas, corroborou-se o que se encontrou nos questionários. Há grande uso recreativo de álcool e maconha entre os entrevistados e entrevistadas.

As entrevistas podem dar o tom desse uso do álcool, como relata um estudante, por exemplo:

— Quando eu saio para ficar doido, é mais assim, porque realmente me divirto sem limites quando fico muito bêbado. E assim, no outro dia eu não gosto, mas eu sei que na hora eu estou gostando, então nesse momento eu estou feliz. Aí eu bebo realmente para ficar assim, muito, muito fora de mim. Para realmente me divertir eu bebo assim, sabendo que eu estou num ambiente que eu posso me divertir sem muitos riscos. E pronto. Mas normalmente eu não bebo, eu não desconto muita frustração em

bebida não. Quando eu estou num estado triste, em posição fetal, e é isso.

Ou ainda, abaixo, outro relato de uma estudante:

— Beber geralmente eu bebo quando tem calourada, assim, eu não tenho o costume de beber, não. Agora em casa, eu já tomo um vinho com meus pais, eu tomo uma cerveja no final de semana com eles, enfim...

A sociabilidade e as festas são os momentos marcantes do uso recreativo, inclusive para todos os psicotrópicos. Contudo, é interessante comparar o álcool com o uso da maconha, pois é mais frequente – uma vez por semana (44,8%) – revelando talvez outras pragmáticas, provavelmente relacionadas ao bem-estar. Talvez, por isso, o uso não seja tão uniforme como o do álcool, pois a utilização, baseada na menor frequência (últimos 3 meses e últimos 12 meses), é dado relevante: 47,1%.

Continuando a descrição do perfil, a tabela abaixo mostra a distribuição do uso por sexo.

TABELA 27

Distribuição dos estudantes usuários de álcool e outros psicotrópicos por sexo (em números percentuais)

PSICOTRÓPICOS	Masculino N. 130 (41,7%)	Feminino N.181 (58,0%)	TOTAL USUÁRIOS (100%)
Álcool	44,8	55,2	203
Maconha	44,8	55,2	87
Tranquilizantes/Ansiolíticos	12,1	87,9	33
Inalantes	41,7	58,3	36
Alucinógenos	51,5	48,5	33
Ritalina/Concerta	57,1	42,9	7

Fonte: Pesquisa de Campo 2015/2017

Há uniformização na ingestão dos psicotrópicos, exceto a diferença em relação aos tranquilizantes/ansiolíticos. Aqui, há clara predominância feminina, embora o total de usuários seja menor do que no álcool, na maconha e nos inalantes. Nas entrevistas, corroborou-se tal uniformização, como também a diferença de sexo em relação ao uso dos tranquilizantes/ansiolíticos. Das 28 entrevistas, foram entrevistadas 17 mulheres e, das 16 entrevistas relacionadas ao uso terapêutico de psicotrópicos (juntando-se, aqui, a maconha), 12 são mulheres – ou seja, apenas 5 mulheres não fazem terapia medicamentosa.

Nesse nível descritivo, torna-se difícil encontrar alguma explicação para a tomada de medicamentos ansiolíticos, por exemplo, por parte das mulheres. Não nos arriscaremos, aqui. Mas uma entrevistada alega que as mulheres sofrem mais em ambientes competitivos, porque geralmente são dominados por homens: *“os meninos são muito competitivos. Eles têm a manha. Eu me lasco. Não tô na mesma vaibe. E os professores são também homens...”*. A “manha” da competição seja talvez perpassada pelas assimetrias de gênero. Implica, provavelmente, aprendizado longo e adquirido durante a socialização primária. No caso, a tomada de ansiolíticos é justificada pela exigência de competição (ROSEMBERG; ANDRADE, 2008). Sem medicamento, piora o desempenho, o que cria dependência (sic) – “sem meu Rivotril, eu me ferro”, vaticina a entrevistada.

Junto a essa questão de gênero, tal quadro geral de uso psicotrópicos envolve alunos muito jovens, como vemos na tabela abaixo:

TABELA 28

Distribuição dos usuários de álcool e outros psicotrópicos por faixa etária (em números percentuais)

PSICOTRÓPICOS	18-22 N. 199 (77,1%)	23-27 N. 38 (14,7%)	28-53 N. 21 (8,1%)	TOTAL USUÁRIOS (*) (100%)
<i>Álcool</i>	79,5	14,5	6,0	166
<i>Maconha</i>	69,8	25,4	4,8	63
<i>Tranquilizantes/Ansiolíticos</i>	88,0	8,0	4,0	25

>

PSICOTRÓPICOS	18-22 N. 199 (77,1%)	23-27 N. 38 (14,7%)	28-53 N. 21 (8,1%)	TOTAL USUÁRIOS ^(*) (100%)
<i>Inalantes</i>	80,0	20,0	-	25
<i>Alucinógenos</i>	81,8	9,1	9,1	22
<i>Ritalina/Concerta</i>	60,0	40,0	-	5

Fonte: Pesquisa de Campo 2015/2017

(*) O número de usuários nessa questão está reduzido em virtude da existência de 54 pessoas que não responderam a idade no questionário.

Vemos pela tabela como os usuários são jovens. Na faixa etária entre 18 e 27 anos, temos 91,8% de usuários. Tal fato significa que a análise sociológica pode se nutrir de uma sociologia da juventude (TREVISOL; NIEROTKA, 2016), centrada no conceito de geração, porque talvez, ampliando bastante as hipóteses de trabalho, estejamos diante de processos históricos geracionais (KUBLIKOWSKI; RODRIGUES, 2016). Nas entrevistas, ocorreu o mesmo fato. A maioria absoluta de entrevistados e entrevistados foram formados por jovens entre 19 e 22 anos.

Já em relação à raça, temos a seguinte tabela:

TABELA 29

Distribuição dos usuários de álcool e outros psicotrópicos por raça/cor (em números percentuais)

PSICOTRÓPICOS	Branços N. 126 (40,4%)	Pretos N. 40 (12,8%)	Pardos N. 125 (40,1%)	Outras N. 21 (6,7%)	TOTAL USUÁRIOS (100%)
<i>Álcool</i>	43,3	13,3	36,5	6,9	203
<i>Maconha</i>	44,8	16,1	33,3	5,7	87
<i>Tranquilizantes/Ansiolíticos</i>	42,4	18,2	39,4	-	33
<i>Inalantes</i>	50	22,2	22,2	5,6	36
<i>Alucinógenos</i>	45	18,2	36,4	-	33
<i>Ritalina/Concerta</i>	57,1	14,3	28,6	-	7

Fonte: Pesquisa de Campo 2015/2017

Não causa surpresa a pouca presença de pretos numa universidade majoritariamente de brancos e pardos (MACHADO; BARCELOS, 2001). De todo modo, o percentual de usuários entre os pretos é pequeno, se compararmos com os brancos e pardos. Nas entrevistas, vemos o padrão se repetir: 17 dos entrevistados eram brancos, sete pardos e apenas quatro pretos. Na verdade, eram quatro mulheres, todas usuárias de medicamento. Mas o discurso não é uniforme. Três alegaram que já tomavam medicamentos, antes de entrar na universidade. As entrevistadas, contudo, mostraram algum consenso: todas as quatro disseram que se acham “deslocadas” no ambiente universitário, principalmente em relação à escola pública.

Como afirmou uma entrevistada quando comparou colégio e universidade:

— As cobranças do colégio são outras. Bem diferentes da universidade. Bem diferente de você manter o estágio de manhã, as aulas à tarde e o curso de inglês à noite e ter que passar as vezes fim de semana fazendo trabalho e lendo o que você não conseguiu ler durante a semana e eu via que eu não estava dando conta, eu estava me lascando aqui e aí o médico, meu psiquiatra, começou a passar Ritalina.

Ao colocar tabulação e cruzamento de dados relacionados às relações raciais na universidade, fomos averiguar tabela referente à renda média dos estudantes. Praticamente, os percentuais estão espalhados de forma mais ou menos uniforme. Aparentemente, a renda não influencia, como esperávamos, o uso de psicotrópicos, exceto em relação ao fenômeno da Ritalina/Concerta, embora o total de apenas 4 usuários permita-nos descartar como relevante. Já nas entrevistas, obtivemos poucas informações a respeito da renda familiar dos entrevistados e das entrevistadas. Contudo, há discursos que enfatizam a dificuldade dos estudantes de baixa renda para se manterem na universidade, principalmente na atual crise econômica. Os problemas habituais estão relacionados à locomoção e à alimentação.

Como disse uma estudante: “*tem colega meu que só tem passagem de ida para pegar ônibus*”. Já o ajudei. São muitos que estão assim, por causa dos cortes nas bolsas”.

TABELA 30

Distribuição dos estudantes usuários de álcool e outros psicotrópicos por renda média mensal familiar (em números percentuais)

PSICOTRÓPICOS	1-1.600 ^(*) N. 66 (25,8%)	1.601-3.000 N. 69 (27%)	3.001-7.000 N. 66 (25,8%)	7.001 ou mais N. 55 (21,5%)	TOTAL USUÁRIOS ^(**) (100%)
<i>Álcool</i>	22,1	26,2	29,1	22,7	172
<i>Maconha</i>	21,6	27,0	29,7	21,6	74
<i>Tranquilizantes/Ansiolíticos</i>	27,6	20,7	31,0	20,7	29
<i>Inalantes</i>	25,8	25,8	29,0	19,4	31
<i>Alucinógenos</i>	25,0	25,0	25,0	25,0	28
<i>Ritalina/Concerta</i>	50,0	-	-	50,0	4

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

(*) Em reais.

(**) O número de usuários nessa questão está reduzido em virtude da existência de 56 pessoas que não responderam a renda média mensal familiar no questionário.

Quanto à religião, temos alguns dados interessantes:

TABELA 31

Distribuição dos estudantes usuários de álcool e outros psicotrópicos por religião (em números percentuais)

PSICOTRÓPICOS	Católica N. 95 (30,7%)	Protestante N. 73 (23,6%)	Não tem religião N. 117 (37,9%)	Outras religiões N. 24 (7,8%)	TOTAL USUÁRIOS ^(*) (100%)
<i>Álcool</i>	30,5	12,0	49,0	8,5	200
<i>Maconha</i>	16,1	5,7	71,3	6,9	87
<i>Tranquilizantes/Ansiolíticos</i>	18,2	18,2	54,5	9,1	33

>

PSICOTRÓPICOS	Católica N. 95 (30,7%)	Protestante N. 73 (23,6%)	Não tem religião N. 117 (37,9%)	Outras religiões N. 24 (7,8%)	TOTAL USUÁRIOS(*) (100%)
<i>Inalantes</i>	13,9	13,9	69,4	2,8	36
<i>Alucinógenos</i>	6,1	6,1	81,8	6,1	33
<i>Ritalina/Concerta</i>	57,1	14,3	14,3	14,3	7

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

(*) O número de usuários nessa questão está reduzido em virtude da existência de 3 pessoas que não responderam a religião no questionário.

Os dados são eloquentes. Para todos os psicotrópicos, o uso predominante é dos “sem religião”. O uso de maconha e de alucinógenos, marcante. Nas entrevistas, embora os vieses da “bola de neve” diminuam o alcance da interpretação, acontece o mesmo fenômeno: 17 entrevistadas e entrevistados não tem religião e são maioria absoluta (14) no uso de psicotrópicos, como álcool, maconha e alucinógenos. No caso, duas entrevistadas, adeptas do espiritismo, afirmaram que a religião “*protege a gente das drogas*” – *a pressão é grande e não vale a pena experimentar, pra quê?*”, pergunta uma das entrevistadas. Provavelmente, o discurso nativo é boa interpretação (SETTO; VALENTE, 2016). De fato, a partir de política de valores repressiva e punitivista em relação às drogas, há maior pressão para os religiosos, em geral, não usarem psicotrópicos, principalmente os ilícitos. Igualmente, parece-nos que os estudantes religiosos prescindem de sociabilidade na qual o psicotrópico fosse o grande mediador. A sociabilidade, no ambiente religioso, talvez tenha, como mediação, a própria religião, com seus rituais de constituição de vínculos afetivos e morais – claro, isso não significa, necessariamente, que o estudante religioso esteja “blindado” contra o uso de psicotrópicos, principalmente o de natureza ilícita.

Como vemos abaixo, duas entrevistadas, uma evangélica e outra católica, apresentam de forma nuançada a questão:

— *Eu não sou muito a favor de drogas. Porque eu entendo que as pessoas querem procurar uma forma de ficar feliz. Mas eu acho que existem outras formas de arranjar isso que não sejam tão prejudiciais para a saúde.*

— *Não recrimino quem faz, acho que a gente tem outros meios de recreação, meios de se divertir, que não precisa necessariamente dessas drogas psicotrópicas. Mas vai de cada um, isso vai muito na consciência de cada um.*

Por outro lado, infelizmente, nesse nível de descrição, não há explicação para o grande uso de Ritalina/Concerta entre os católicos (57,1%). E não encontramos elucidação de tal problema nas entrevistas.

Como já abordamos raça, renda e religião, vale a pena descrever tabela que quantifica alunos provenientes de escola pública e de escola privada.

TABELA 32

Distribuição dos estudantes usuários de álcool e outros psicotrópicos por tipo de escola cursada no ensino médio (em números percentuais)

PSICOTRÓPICOS	Escola Pública ^(*) N. 130 (41,7%)	Escola Particular ^(*) N. 182 (58,3%)	TOTAL USUÁRIOS (100%)
Álcool	36,9	63,1	203
Maconha	39,1	60,9	87
Tranquilizantes/Ansiolíticos	39,4	60,6	33
Inalantes	38,9	61,1	36
Alucinógenos	33,3	66,7	33
Ritalina/Concerta	42,9	57,1	7

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

(*) Todo ou a maior parte do ensino médio cursado nesses tipos de escola.

O uso de psicotrópicos, na escola pública, como também na privada, está relativamente documentado no Brasil (AVARES; BERIA; LIMA, 2004; LUCAS, 2006; QUEIROZ MACEDO, 2014; MALTA, 2014; BARROS; COLACO, 2015). Na tabela, nota-se a diferença de percentual entre estudantes provenientes da escola pública e da privada. Diferença significativa, embora bem uniforme. Todos os psicotrópicos são mais utilizados por estudantes provenientes da escola privada. Tal fato precisa de maior elucidação empírica, mas vai de encontro ao dito preconceito que coloca a escola pública como local de tráfico. Ao mesmo tempo, as entrevistas não autorizam maiores interpretações, porque tal questão praticamente não foi abordada. Dois entrevistados, em passant, indicam que, na escola pública, haveria mais acesso às drogas, contrariando o resultado dos questionários. Pelas entrevistas, não conseguimos inferir se eles são provenientes da escola pública. Pode-se deduzir, com certo cuidado, por causa de algumas indicações a respeito, que são provenientes de escola privada. Mas ficamos com a tentação de interpretar suas afirmações, um tanto vagas, como produto do estigma pelo qual sofrem as escolas públicas, sendo acusadas de serem locais de tráfico de drogas.

Voltando ao âmbito universitário e dando continuidade à descrição, a tabela 33 quantifica a distribuição de usuários de psicotrópicos por área de conhecimento. Mesmo evitando a generalização, pode-se dizer que a diferença entre as áreas de conhecimento é gritante. Todos os psicotrópicos, exceto o álcool, têm o percentual de uso bem maior nas Humanas. Nas entrevistas, todos os 28 entrevistados fazem uso de psicotrópicos, embora seis entrevistados só façam uso de álcool, isto é, não fazem uso de psicotrópicos ilícitos.

TABELA 33

Distribuição dos estudantes usuários de álcool e outros psicotrópicos por Área do Conhecimento do curso (em números percentuais)

PSICOTRÓPICOS	Ciências Humanas N. 102 (32,7%)	Ciências da Saúde N. 108 (32,7%)	Ciências Exatas N. 102 (34,6%)	TOTAL USUÁRIOS (100%)
<i>Álcool</i>	36,5	32,5	31	203
<i>Maconha</i>	58,6	25,3	16,1	87
<i>Tranquilizantes/ Ansiolíticos</i>	54,5	12,1	33,3	33
<i>Inalantes</i>	72,2	13,9	13,9	36
<i>Alucinógenos</i>	66,7	12,1	12,1	33
<i>Ritalina/Concerta</i>	42,9	28,6	28,6	7

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

A explicação nativa sobre essa especificidade das Humanas é diversa e contraditória. Na amostra das entrevistas, não houve propriamente preconceito, como acusam, por exemplo, alguns entrevistados vinculados aos cursos da área de Ciências Humanas, ao relatar que sua área de conhecimento sofre estigma, principalmente dos estudantes das engenharias. Um estudante afirmou, inclusive, que os estudantes de Ciências Humanas eram mais livres e críticos, por isso experimentavam substâncias ilícitas. Muitos estudantes de Humanas confirmam tal projeção. Aparentemente, as Humanas implicam valores que “facilitaria” (sic) o uso de psicotrópicos. Ora, os psicotrópicos são diferentes e também suas significações simbólicas e pragmáticas. Os estudantes de Humanas usam bem mais de que todos os outros tanto a maconha quanto os tranquilizantes e ansiolíticos. O que isso significa de fato? Usar mais ansiolítico significa mais sofrimento, por exemplo? Podemos assim concluir, pelos percentuais, que os estudantes de Saúde sofrem menos? De todo modo, mesmo o uso de Ritalina/Concerta foi bem maior nas Humanas, lembrando que tal substância, além do uso terapêutico para déficit de atenção, é utilizada também para melhorar o desempenho acadêmico. Entretanto, nas entrevistas, a ênfase na exigência acadêmica

aparece constantemente nos entrevistados provenientes da Saúde e das Exatas – mais até do que nas Humanas. Há várias queixas em relação à pressão sofrida para melhorar o desempenho e ser mais competitivo. Inclusive, a Ritalina é citada várias vezes. Os entrevistados ressaltam que são testemunhas, mesmo que não a usem, de como essa substância é utilizada para otimizar a competitividade do estudante.

Competição, desempenho acadêmico e uso de psicotrópicos

Vamos agora descrever a relação entre o uso de psicotrópicos e o desempenho acadêmico.

TABELA 34

Distribuição dos estudantes usuários de álcool e outros psicotrópicos por desempenho acadêmico (em números percentuais)

PSICOTRÓPICOS	Aprovados em todas as disciplinas N. 204 (66,7%)	Reprovados em uma ou mais disciplinas N. 102 (33,3%)	TOTAL USUÁRIOS ^(*) (100%)
<i>Álcool</i>	69,5	30,5	200
<i>Maconha</i>	68,2	31,8	85
<i>Tranquilizantes/Ansiolíticos</i>	71,9	28,1	32
<i>Inalantes</i>	62,9	37,1	35
<i>Alucinógenos</i>	62,5	37,5	32
<i>Ritalina/Concerta</i>	57,1	42,9	7

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

(*) O número de usuários nessa questão está reduzido em virtude da existência de 6 pessoas que não responderam sobre o desempenho acadêmico no questionário.

A tabela 34 traz-nos uma série de indagações a serem exploradas e aprofundadas. São, na verdade, sinalizações para estudo detido, qualitativo e quantitativo, que não será realizado neste aqui. Há, contudo, uma pergunta fundamental em relação à tabela acima: por que os estudantes, que tiveram aprovação nas disciplinas, usam mais psicotró-

picos em relação àqueles que foram reprovados? Os dados não seriam contra intuitivos? Afinal, a reprovação não causaria sofrimento ao estudante? Não haveria aumento do uso de tranquilizantes e ansiolíticos, por exemplo?

Procurando alguma resposta, pode-se imaginar duas hipóteses, entre outras, a partir da tabela 34:

- 1) O bom desempenho leva a intensificação do uso de psicotrópicos;
- 2) No caso dos tranquilizantes/ansiolíticos e da Ritalina, o bom desempenho reforça seu uso terapêutico.

A primeira hipótese foi, de certa forma, verificada parcialmente em muitas entrevistas. 22 estudantes relataram a vontade de beber, principalmente álcool, quando do sucesso acadêmico nas provas, na obtenção de bolsas e nos bons seminários. O bom desempenho estimularia a comemoração e o “descarrego”, para empregar termo de um entrevistado; logo, a ingestão de psicotrópicos. Mas o uso, pelo que interpretamos, seria fundamentalmente recreativo, com exceção, talvez, dos tranquilizantes e da Ritalina.

Em relação à segunda hipótese, tivemos exemplos, nas entrevistas, de estudantes que melhoraram seu desempenho com uso da Ritalina e de ansiolíticos; com isso, mantiveram e reforçaram seu uso terapêutico, mas o deslocando também para o uso performático. Seria hipótese cujo alcance queremos antever, por isso faremos análise mais detida. Nesse sentido, citamos abaixo uma entrevistada, cujo discurso aproxima-se dessa interpretação. Tratava-se com antidepressivo (Denyl).

— Eu fiquei num estado depressivo, mas no fim do ano passado eu acho que foi meu auge. De me trancar em casa e não querer sair e não querer mais vir para cá e nem para canto nenhum e fiquei muito abalada, de verdade. Eu achava que o remédio ia

me tornar uma máquina para fazer as atividades diárias sem refletir muito sobre, mas aí quando eu cheguei nesse estado, eu precisava de ajuda e minha família, meus amigos, as pessoas que eu amo, já não estavam mais dando conta. Comecei a tomar denyll e senti sim uma melhora, mas meu desempenho acadêmico continuava ruim, eu não conseguia mais focar, eu passei, esse período todo, não tocava num livro, não queria saber de nada, e mesmo quando eu tentava, eu não conseguia manter a atenção.

Ela admite que, com o tratamento, seu desempenho melhorou, mas tem medo de continuar a usar o medicamento – “medo de ficar viciada e de me intoxicar”, segundo a própria. A terapia medicamentosa e o desempenho acadêmico parecem criar circuito de reforço. Há, aparentemente, retroalimentação no caso.

Contudo, podemos dizer que, ao contrário talvez da Ritalina, que tem efeito direto na performance, os ansiolíticos e os antidepressivos têm relação indireta com o desempenho, isto é, a conexão, entre seu uso terapêutico e seu uso para o desempenho, não é direta e imediata. A ansiedade e a depressão interferem negativamente no desempenho; portanto, ao tratá-las, a performance tende a melhorar. Contudo, tal evidência não significa, necessariamente, a passagem imediata do uso terapêutico ao uso performático. O caso da Ritalina é diferente pelas propriedades de seus efeitos diretos, principalmente na melhora da atenção e da memorização – aqui, podemos ter, de fato, passagem abrupta entre o uso terapêutico e o uso para desempenho. Nas entrevistas, um estudante de engenharia de computação relatou caso de outro estudante que começara o uso de Ritalina, por causa de déficit de atenção, e que, mesmo depois do fim de seu tratamento, logo, da ausência de prescrição médica, continuou a utilizar a substância para ajudar sua atuação nas provas e nos seminários.

Seguindo linha de raciocínio semelhante, uma entrevistada caracterizou o enquadramento comportamental que o estudante precisa

apresentar para ter bom desempenho. Ela chama isso de “comportamento de empenho”:

— Assim, para você ser valorizado dentro do curso, você tem que demonstrar um certo comportamento de empenho, você tem que ser aquela pessoa que está empenhada, e mesmo que você seja uma pessoa empenhada, você tem que ser aquela pessoa que consegue absorver certos conteúdos facilmente, porque a maioria dos professores as vezes não tem paciência para explicar uma coisa que você não está conseguindo entender.

O “comportamento de empenho” tem como objetivo a busca pelo reconhecimento. Como diz a mesma entrevistada:

— Essa questão do reconhecimento... Os professores gostam daqueles alunos que são bem preparados, aqueles que falam em sala de aula, que tem um bom embasamento pra falar. Eles conseguem pegar os textos, eles conseguem captar aquilo ali, e as vezes quando você tem dificuldade você começa a ser escanteado, quando você não está conseguindo pegar, mesmo se você tem interesse sobre o assunto, mas você não está produzindo alguma coisa e você não está chegando onde deveria ser.

Talvez, esse “comportamento de empenho” leve o estudante a utilizar psicotrópicos, independentemente do sucesso da empreitada. De todo modo, a queixa de todos os entrevistados, que fazem uso terapêutico de psicotrópicos, é de que a exigência acadêmica dos cursos — logo, a exigência de bom desempenho — causa ansiedade. Novamente, a mesma entrevistada ratifica essa hipótese:

— *Toda minha ansiedade está focada na minha cobrança. Eu tenho que ter certos comportamentos, eu tenho que conseguir certas coisas que vão me validar enquanto a pessoa, que disse que está na academia para estudar. Eu tenho que me destacar sempre. Eu tenho que ser a que vai ser melhor que todo mundo, eu tenho que [...] No colégio mesmo era algo que era pautado, eu tinha que está lá no melhor, eu tinha que ser a aluna laureada porque isso trazia um orgulho, e minha mãe ficava mais calma comigo. Na faculdade é a mesma coisa. Eu não consigo ter tanto na faculdade porque a faculdade cobrou tanto, assim tão pesado que acabou que eu não consegui pegar o ritmo”.*

Talvez, o uso de psicotrópicos, principalmente sua utilização para fins terapêuticos e também performáticos, seja o preço a pagar pelo “comportamento de empenho”, pelo reconhecimento e pela cobrança.

A discussão acima ficará mais ainda nuançada quando da descrição das próximas duas tabelas. Elas colocam em cena a “intensidade de preocupação” e a “frequência de satisfação” em torno do tema do desempenho acadêmico.

TABELA 35

Distribuição dos estudantes usuários de álcool e outros psicotrópicos por frequência de intensidade de preocupação com o desempenho acadêmico, nos últimos 30 dias (em números percentuais)

PSICOTRÓPICOS	Muito/ Muitíssimo N. 237 (76,5%)	Regular N. 56 (18,1%)	Pouco/Nada N. 17 (5,5%)	TOTAL USUÁRIOS (100%)
<i>Álcool</i>	72,3	22,3	5,4	202
<i>Maconha</i>	62,1	32,2	5,7	87
<i>Tranquilizantes/Ansiolíticos</i>	72,7	24,2	3,0	33
<i>Inalantes</i>	66,7	30,6	2,8	36

>

PSICOTRÓPICOS	Muito/ Muitíssimo N. 237 (76,5%)	Regular N. 56 (18,1%)	Pouco/Nada N. 17 (5,5%)	TOTAL USUÁRIOS (100%)
<i>Alucinógenos</i>	60,6	39,4	-	33
<i>Ritalina/Concerta</i>	71,4	28,6	-	7

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

A tabela 35 não é propriamente contraintuitiva como a 34, por motivo simples: pode-se imaginar, sem maiores contradições lógicas, que um estudante “muitíssimo” preocupado com seu desempenho recorra ao uso de psicotrópicos, principalmente a tranquilizantes/ansiolíticos e Ritalina/Concerta, seja para fins terapêuticos ou performáticos. Contudo, mesmo sendo alto, o percentual dos psicotrópicos, como álcool, ansiolítico e Ritalina, não ultrapassa o geral do “muito/muitíssimo”, de 76,5%. Mas podemos inferir, dessa discussão geral, algumas interpretações.

A preocupação é fonte de angústia e ansiedade. Aparentemente, os estudantes vivenciam o desempenho como dado objetivo da universidade – seria inescapável, daí a intensa preocupação. Parodiando Lypovestky (2007), a universidade é uma sociedade do desempenho. E não importa, aqui, se o estudante é contra ou a favor da “exigência acadêmica”. A preocupação aparecerá, porque a exigência sempre estará como último horizonte da vida universitária. Como disse entrevistado, “*you é avaliado o tempo todo, até mesmo pelos colegas*”. Justamente, a avaliação é a condição necessária do desempenho. E o desempenho está acoplado a determinada constelação de valores, cujo núcleo duro gira em torno de categorias axiológicas como autonomia, independência individual, competição e meritocracia. Formatam o culto da excelência, como assinalou Gaulejac (2007). São valores incontornáveis que constituem certo senso comum do capitalismo contemporâneo, principalmente aqueles que norteiam práticas e representações sociais do chamado “mundo do mercado”. Causa desespero para quem é contra esse “comportamento de empenho”. E o avatar da avaliação e do desempenho, para todos os entrevistados, é a “prova”. Como assinala uma entrevistada:

— *Eu acho que é muita prova, uma em cima da outra, muito trabalho, muito texto para ler e a carga horária não dá. Tipo, eu moro em Olinda e eu pego duas horas e meia para chegar aqui e o curso começa às 7h. Então, para eu chegar aqui de manhã, com todas as atividades que são passadas para a gente, eu não tenho carga horária no meu dia para fazer isso e ter um bem-estar, entendeu?! Eu não durmo direito, então isso é o estresse, é muito puxado. Abdicar de certas atividades para cumprir com a demanda da universidade.*

A preocupação com o desempenho, na verdade, concretiza-se na ansiedade em relação às provas. Nesse sentido, o depoimento de entrevistada sobre a prova é paradigmático de todos os discursos dos entrevistados.

— *Período de prova é um péssimo momento. A gente sente aquele clima pesado no departamento, aquele clima meio pesado, todo muito estressado, sabe? Você já não tem um convívio bom com as pessoas, por ideologias e coisas que não vem ao caso; tipo, todo período é assim, mas quando vai chegando no final, vai chegando as provas, todo mundo vai ficando muito focado naquilo, e as pessoas vão ficando muito estressadas. Causa muito estresse, muito desconforto, tira sono, alimentação muda, perde peso, e lá vai...*

Por isso, a prova ratifica todos os usos de psicotrópicos: terapêutico, performático, felicitico e recreativo. Seria preciso tratar a ansiedade, antecipando até estado emocional exacerbado pelas provas; seria necessário um “suporte” para manter o estudo e o foco; não se pode prescindir do bem-estar, justamente para evitar o adoecimento e, enfim,

seria indispensável a recreação, lugar de muitas projeções, para combater a frustração, porque, como disse entrevistado, “aí eu bebo realmente para ficar assim, muito, muito fora de mim. Para realmente me divertir...”.

Se o lado negativo do desempenho são o estresse e a ansiedade, seu lado positivo é a satisfação. Na tabela abaixo, vemos como a satisfação reproduz e, de certa forma, estabiliza o uso de psicotrópicos, se compararmos com a tabela 35. Espalha o uso pelas categorias da satisfação, deslocando sobretudo para o “regular”.

TABELA 36

Distribuição dos estudantes usuários de álcool e outros psicotrópicos por frequência de satisfação com o desempenho acadêmico (em números percentuais)

PSICOTRÓPICOS	Muito satisfeito/ Satisfeito N. 106 (34,1%)	Regular N. 138 (44,4%)	Insatisfeito/ Muito insatisfeito N. 67 (21,5%)	TOTAL USUÁRIOS (100%)
<i>Álcool</i>	34,7	42,1	23,3	202
<i>Maconha</i>	32,6	43,0	24,4	86
<i>Tranquilizantes/ Ansiolíticos</i>	42,4	21,2	36,4	33
<i>Inalantes</i>	27,8	38,9	33,3	36
<i>Alucinógenos</i>	21,2	54,5	24,2	33
<i>Ritalina/Concerta</i>	42,9	14,3	42,9	7

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

A satisfação é o antídoto da frustração. E a frustração pode ser grude na alma. Como disse entrevistado de publicidade: “*eu não des- conto muito frustração em bebida*”. Mas nem todos conseguem. Afinal, a satisfação e a frustração são os dois lados da moeda do desempenho. De todo modo, pelas tabelas, podemos deduzir que a satisfação não impede, de maneira geral, o uso de psicotrópicos. Torna-o mais nuançado, certamente, o que significa que o estudante mantém “a pegada”, isto é, continua a usar psicotrópico, até porque a frustração é possibilidade constante, diante da sempiterna exigência acadêmica.

Mas o uso de psicotrópicos sofre nova alta quando o tema é a competição. Como vemos na tabela 37, o uso de psicotrópicos sobe diante da percepção de competição no meio acadêmico.

TABELA 37

Distribuição dos estudantes usuários de álcool e outros psicotrópicos por percepção de competição no ambiente acadêmico (em números percentuais)

PSICOTRÓPICOS	Muito/Muitíssimo Competitivo N. 174 (55,9%)	Médio Competitivo N. 113 (36,2%)	Pouco/ Nada Competitivo N. 24 (7,7%)	TOTAL USUÁRIOS(*) (100%)
<i>Álcool</i>	52,5	40,6	6,9	202
<i>Maconha</i>	52,9	41,4	5,7	87
<i>Tranquilizantes/ Ansiolíticos</i>	54,5	36,4	9,1	33
<i>Inalantes</i>	47,2	47,2	5,6	36
<i>Alucinógenos</i>	51,5	36,4	12,1	33
<i>Ritalina/Concerta</i>	42,9	42,9	14,3	7

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

(*) O número de usuários nessa questão está reduzido em virtude da existência de 1 pessoa que não respondeu sobre o desempenho acadêmico no questionário.

Na tabela 35, vimos como a preocupação com o desempenho tem correlação com o uso de psicotrópicos. Podemos dizer o mesmo em relação à percepção de competição, embora a correlação seja pouco menor. Afinal, preocupação não é percepção. Mas a competição é a base volitiva do desempenho. Há consenso cristalino entre os entrevistados: a universidade é competitiva, mas nem todos os cursos são competitivos da mesma forma, alguns mais, outros menos. As entrevistas ajudam a entender a correlação entre percepção de competição e uso de psicotrópicos, embora não a ratifiquem. De todo modo, os discursos dos entrevistados sobre o assunto esclarecem as relações da competição com o desempenho e com diversas práticas da vida acadêmica.

Fundamentalmente, há duas argumentações ou raciocínios, entre os entrevistados, sobre a competição:

- 1) Naturalização da competição;
- 2) Psicologização da competição.

Pode-se dizer que todas as duas posições implicam determinados valores; logo, não são neutras do ponto de vista axiológico. A naturalização tenta, de fato, neutralizar a competição, como valor moral. Ao naturalizá-la, “desmoraliza-se” a competição. Torna-se fato da natureza humana, entendida basicamente como natural, isto é, interpretada como fazendo parte da biologia, em particular da genética da nossa espécie. Assim, uma entrevistada alega que a competição faz parte da universidade, sendo “natural”. Contudo, acha que a competição, no seu curso, não está “saudável”. Numa escala de 10, a entrevistada acha que a competição está no nível 8. Como ela mesma confirma: *“eu acho que eu atribuiria oito. Assim, uma competição um pouco maior que o saudável”*. No caso, a naturalização não leva necessariamente a um julgamento positivo da competição, pois pode prejudicar, dependendo do “nível”, a saúde. Na naturalização, está embutido mecanismo legitimador e de normalização. A competição é “normal”, logo “natural” e “legítima”. Sendo “normal” e natural”, seria estranho não aceitar. A normalização passa pela conformação, isto é, o aceite de que o “mundo” é “assim mesmo”. Aceitar a competição implica, mesmo numa situação desfavorável, seu desiderato: a adaptação. Quem não se adapta, sofre e, muitas vezes, adoece. E boa parte do uso terapêutico dos psicotrópicos obedece a esse lema básico: restauração da capacidade adaptativa do estudante para dar conta do seu desempenho e de seu bem-estar. Apela-se à medicação para se obter resiliência do estudante às injunções, ditas naturais, da competição (PERRUSI, 2015).

Um entrevistado, por exemplo, acha normal e inevitável a competição. Diz que todo curso, em que a criatividade é fundamental, há competição.

— *Os colegas trabalham e se envolvem muito com coisa de criatividade, né? Então assim, eu vejo mui-*

ta gente, eu não sou muito assim, mas eu vejo muita gente que quer ter o trabalho mais incrível, mais criativo, fazer os teasers melhores, as campanhas mais bonitas, enfim... O povo quer ter o melhor trabalho... Quando envolve muita criatividade no trabalho... se é um trabalho que mostre criatividade... propaganda mesmo é assim, uma competição enorme, mesmo... quando é um negócio de criatividade, vai sair sangue.

Mas ele tenta escapar, foge da competição e não se adapta, mas não adoece. Afinal, como diz, “*não sou muito assim*”. Denega a competição da forma mais simples possível: “*eu tô cagando e andando*”. Compensa na farra, nas festas, no divertimento e na bebida. Contudo, como já foi citado mais acima, “*eu não desconto muita frustração em bebida*”. Apesar disso, não nega a frustração. Combate-a por outras formas. Porém, admite que consegue ficar tranquilo porque tem boas notas e acha o curso fácil – em suma, tem bom desempenho acadêmico.

A psicologização da competição pode implicar naturalização, mas procede de forma diferente. A competição é característica individual. Faz parte de um tipo de personalidade. Numa versão positiva da competição, o estudante pode se adaptar psicologicamente às exigências acadêmicas. Seria assim adaptação cognitiva e emocional. A psicologização aparece *pari passu* com a defesa da independência individual e da meritocracia. As injustiças são causadas pela burocracia universitária e por intervenções, principalmente de professores, que atrapalham os estudantes. Não se pode atrapalhar o mérito, pois se realiza individualmente. Há ênfase na vontade e críticas àqueles que não estudam. O esforço individual sempre será recompensado. Precisa apenas ser estimulado. Como disse um estudante, em relação ao curso: “*eu acho que tem que exigir bastante mesmo*”. Curso bom é curso exigente. E a exigência é seleção dos melhores.

Contudo, a psicologização pode representar crítica à competição. Enquanto a argumentação acima realça fatores cognitivos que po-

sitivam o desempenho, a crítica psicologista da competição enfatiza as emoções – há aqui o que poderíamos chamar de “emocionalização” do desempenho acadêmico. O foco é a vulnerabilidade emocional do estudante. E, ao identificar competição e egoísmo, essa posição resvala para o campo moral – egoísmo como individualismo exacerbado, defesa de interesses, presunção e “utilitarismo”. Nesse sentido, os estudantes competitivos são egoístas. “*É um comendo o outro*”, diz entrevistada. Inclusive, relata que há competição até para tirar fotocópia.

— A academia também tem um processo de competição. As pessoas não ajudam umas às outras, porque a pessoa tem que ser melhor que a outra para conseguir o reconhecimento. Aí acaba que você não consegue pedir a alguém uma xerox, ou que você não consegue pedir a alguém que lhe explique ou lhe ajude, porque aquela pessoa não vai querer que você se dê bem, porque quem tem que se dar bem é ela.

Igualmente, a competição leva a problemas de autoestima e separa os estudantes em duas categorias: os fracassados e os vencedores. Os fracassados não têm o perfil necessário para competir. A competição “sufoca” (sic). Muitos estudantes não estão adaptados, isto é, não aprenderam a competir. Têm medo da competição. E, segundo a entrevistada, a situação de impotência, além do mais, gera culpa. Tal culpabilização é o preço do fracasso, justamente pela incapacidade de ter bom desempenho acadêmico. E a culpa é sintoma de aceitação da competição, pois implica sua justificação e legitimação. O insucesso constante agudiza a baixa autoestima e causa sofrimento psíquico, principalmente transtornos de ansiedade. Nesse ponto, fica inevitável recorrer ao uso terapêutico dos psicotrópicos. Igualmente, para outros entrevistados, a competição desequilibra, ao quebrar a estabilidade emocional. O equilíbrio seria incompatível com a competição. E, sem equilíbrio, as pessoas adoecem (sic), atrapalhando até mesmo a criação de vínculos afetivos. A competição não estimula as amizades, apenas os interesses.

Nesse momento, vale a pena discutir a posição dos entrevistados, do ponto de vista da competição, sobre o uso de psicotrópicos para ajudar o desempenho acadêmico. As respostas dos entrevistados não tiveram relação necessária com suas posições sobre desempenho e competição. A maioria foi a favor – apenas 8 entrevistados foram contra. A argumentação dos que foram contra é diversa. Alguns alegaram que usar medicamentos, sem prescrição médica e com outro objetivo que não o terapêutico, pode causar danos à saúde. Outros argumentaram a partir de uma ética da competição, isto é, para ser justa, a competição precisa ser igualitária. O uso do psicotrópico, assim, ao permitir a melhora do desempenho, torna injusta a competição. Já os que foram a favor argumentaram a partir de uma ética da livre escolha, isto é, desde o ponto de vista da liberdade individual. Nesse sentido, tomar Ritalina para estudar é escolha – quem quiser que tome o medicamento. Tornar o estudo mais agradável e mais eficiente não cria situação de desigualdade.

A competição pode produzir solidão, pois o interesse individual desconfia do vínculo afetivo. E, se estamos falando de vínculo, pode-se indagar como fica a relação entre sociabilidade e uso de psicotrópicos. Assim, após descrição acima de tais questões, examinaremos diversas tabelas e cruzamentos de dados que estão relacionadas, direta e indiretamente, à sociabilidade. Começamos por tabela que aborda, indiretamente, a influência do meio universitário no uso de psicotrópicos. Entretanto, vale assinalar, a noção de sociabilidade aparece como guia da interpretação, embora não seja exatamente “provada” na empiria, facilitando a descrição dos dados. No caso, para sintetizar a descrição, discutiremos as entrevistas depois da apresentação de todas as tabelas relacionadas ao tema geral da “sociabilidade”.

TABELA 38

Distribuição dos estudantes usuários de álcool e outros psicotrópicos que experimentaram as substâncias antes e após o ingresso na UFPE (em números percentuais)

PSICOTRÓPICOS	Experimentou antes do ingresso	Experimentou após o ingresso	TOTAL USUÁRIOS (100%)
<i>Álcool</i>	81,8	18,2	203
<i>Maconha</i>	66,7	33,3	87
<i>Tranquilizantes/ Ansiolíticos</i>	60,6	39,4	33
<i>Inalantes</i>	61,1	38,9	36
<i>Alucinógenos</i>	39,4	60,6	33
<i>Ritalina/Concerta</i>	57,1	42,9	7

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

Pela tabela, percebemos que a vida pregressa do estudante foi fundamental para sua experiência com psicotrópicos. O uso de todos os psicotrópicos aconteceu predominantemente antes da entrada na universidade, exceto o de alucinógenos – talvez, por causa da maior facilidade do acesso a tais substâncias no meio universitário. Nesse sentido, o uso é precoce. O percentual do álcool não seria propriamente uma surpresa, pois a dita “cultura da bebida” ou, ainda, a sociabilidade mediada pelo álcool acontece desde o ensino médio entre adolescentes e pós-adolescentes (MARTINS-OLIVEIRA, 2016; PAIVA, 2015; NEVES; TEIXEIRA; FERREIRA, 2015). Contudo, vemos que o uso da maconha acontece predominante numa fase anterior ao ingresso na vida universitária. E não deixa de ser relevante assinalar que o uso de tranquilizantes, de ansiolíticos e de Ritalina teve percentualmente uso significativo e anterior à entrada na universidade. Há relativa coincidência com a narrativa dos entrevistados, principalmente em relação à bebida e à maconha. Foi uma minoria de entrevistados que relataram uso de medicamentos, com consulta médica ou intervenção psiquiátrica.

TABELA 39

Distribuição das pessoas que introduziram o álcool e outros psicotrópicos na vida dos estudantes usuários e experimentais (em números percentuais)

PSICOTRÓPICOS	Amigos da Universidade/ Trabalho	Amigos bairro/ escola	Familiares/ Namorado (a)	Profissional de Saúde	Usuários/ Experimentais (100%)
<i>Álcool</i>	23,3	50,7	22,8	-	215
<i>Maconha</i>	36,7	51,0	9,2	-	98
<i>Tranquilizantes/ Ansiolíticos</i>	10,3	7,7	25,6	53,8	39
<i>Inalantes</i>	32,5	52,5	7,5	-	40
<i>Alucinógenos</i>	35,6	40,0	13,3	2,2	45
<i>Ritalina/ Concerta</i>	36,4	9,1	18,2	27,3	11

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

A tabela acima complementa a anterior, tornando a descrição mais nuançada. Aqui, o papel da sociabilidade é patente, principalmente em relação aos vínculos afetivos externos à universidade. Como não há informação temporal, não podemos deduzir que a amizade fora da universidade estaria relacionada ao momento anterior do ingresso no meio universitário. Seria importante a informação de que “familiares/namorado” teve algum papel significativo no uso de tranquilizantes/ansiolíticos – provável acesso facilitado, incluindo a automedicação. Nas entrevistas, por exemplo, houve depoimentos sobre parentes que forneciam ansiolíticos. Porém, os profissionais dominam amplamente na introdução do uso terapêutico de tais psicotrópicos. Vale salientar o papel de amigos da universidade e do trabalho no uso da Ritalina, maior inclusive do que o dos profissionais de saúde. Provavelmente, como não podemos aqui deduzir a utilização de prescrição médica, logo, atribuição profissional de uso terapêutico, pode-se imaginar que o experimento da Ritalina esteve relacionado ao uso para desempenho acadêmico.

TABELA 40

Distribuição dos estudantes usuários de álcool e outros psicotrópicos por pressão a utilizar as substâncias na escola/universidade (em números percentuais)

PSICOTRÓPICOS	Sempre se sente pressionado	Pressionado algumas vezes	Nunca se sentiu pressionado	Não Respondeu	TOTAL USUÁRIOS (100%)
<i>Álcool</i>	7,9	13,8	70,4	7,9	203
<i>Maconha</i>	4,6	16,1	74,7	4,6	87
<i>Tranquilizantes/ Ansiolíticos</i>	15,2	18,2	60,6	6,1	33
<i>Inalantes</i>	5,6	25,0	63,9	5,6	36
<i>Alucinógenos</i>	3,0	18,2	75,8	3,0	33
<i>Ritalina/ Concerta</i>	14,3	14,3	71,4	-	7

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

Pela tabela acima, aparentemente, a sociabilidade não foi predominantemente impositiva para o uso de psicotrópicos. A maioria dos estudantes não se sentiu pressionada para usar alucinógenos, por exemplo. Com efeito, podemos deduzir que o uso seria fruto de uma escolha e de uma decisão consciente. O caso do inalante, porém, pode ser considerado quase como exceção. Seu percentual, para uso sob pressão, foi alto em comparação com outros psicotrópicos. Juntando as duas primeiras distribuições, relacionados à pressão (sempre e algumas vezes, respectivamente), o percentual sobe a 30,6%.

TABELA 41

Distribuição dos estudantes usuários de álcool e outros psicotrópicos por pressão a utilizar as substâncias no convívio com amigos (em números percentuais)

PSICOTRÓPICOS	Sempre se sente pressionado	Pressionado algumas vezes	Nunca se sentiu pressionado	Não Respondeu	TOTAL USUÁRIOS (100%)
<i>Álcool</i>	8,9	28,1	57,6	5,4	203
<i>Maconha</i>	6,9	32,2	58,6	2,3	87

>

PSICOTRÓPICOS	Sempre se sente pressionado	Pressionado algumas vezes	Nunca se sentiu pressionado	Não Respondeu	TOTAL USUÁRIOS (100%)
<i>Tranquilizantes/Ansiolíticos</i>	15,2	21,2	57,6	6,1	33
<i>Inalantes</i>	5,6	47,2	47,2	-	36
<i>Alucinógenos</i>	3,0	39,4	57,6	-	33
<i>Ritalina/Concerta</i>	14,3	14,3	71,4	-	7

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

Por se ater ao convívio, estamos diante do núcleo forte da sociabilidade. Pode-se notar que, predominantemente, o convívio *não* pressionou os estudantes ao uso de psicotrópicos. Contudo, existiu sim alguma pressão, como revela o item “pressionado algumas vezes”. A posição dos inalantes, nessa tabela, matiza a anterior: o percentual relacionado a pressão “algumas vezes” (47, 2%) foi idêntico ao de ausência de pressão.

TABELA 42

Distribuição dos estudantes usuários de álcool e outros psicotrópicos por pessoas com quem se faz o uso (em números percentuais^(*))

PSICOTRÓPICOS	Utiliza sozinho	Utiliza com amigos da Universidade	Utiliza com a família	Utiliza com o namorado	TOTAL USUÁRIOS
<i>Álcool</i>	13,4	83,2	30,2	23,3	203
<i>Maconha</i>	28,8	90,6	12,5	32,9	87
<i>Tranquilizantes/Ansiolíticos</i>	6,9	14,3	-	3,6	33
<i>Inalantes</i>	6,2	82,9	6,2	18,8	36
<i>Alucinógenos</i>	12,5	78,8	9,4	31,2	33
<i>Ritalina/Concerta</i>	83,3	40,0	-	20,0	7

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

(*) A soma dos números percentuais nessa questão resultaria em mais de 100%, devido a possibilidade do entrevistado em marcar mais de uma opção.

Na tabela 41, estávamos ainda no núcleo forte da sociabilidade. Buscando argumento para explicar as conexões entre psicotrópico e sociabilidade, fizemos a hipótese de que exista a “situação de uso do psicotrópico”. Ela daria conta dessas relações. Tal situação possui formação sociogênica, ou seja, é situação social, embora não se esgote nos meandros das interações sociais. O uso coletivizado, por exemplo, dependeria das características da situação. Contudo, deve-se levar em conta também outros fatores, como os de base psicológica. Igualmente, as propriedades farmacológicas dos psicotrópicos mesclam-se ao contexto social de seu uso. Nesse sentido, seria importante perceber como se estrutura tais situações, questão que não será examinada aqui. Na tabela, percebemos alguns “psicotrópicos da sociabilidade”, principalmente o álcool, a maconha, os inalantes e os alucinógenos. São substância que precisam de determinada “situação de uso”, fundamentada na sociabilidade, isto é, que são tomadas em grupo, fundamentalmente. Fazemos a hipótese de que o uso recreativo condiciona largamente, no caso dessas substâncias, a tendência para tomada coletiva do psicotrópico. A maconha, por exemplo, teria seu uso, principalmente recreativo, condicionado por situações que envolvem grupos de sociabilidade (BECKER, 2008; CAZENAVE, 2009). Pela tabela, mesmo os alucinógenos são tomados de forma coletiva, o que matiza o discurso de vários entrevistados, ao definirem o doce (LSD), por exemplo, como “droga individualista”. Já o álcool, além do papel dos “amigos”, temos ainda o papel da família (30,2%), condicionando a situação de seu uso.

Inversamente, os tranquilizantes/ansiolíticos (69%) e a Ritalina/Concerta (83%) têm, digamos assim, um uso “individualista”. Nossa hipótese para explicar tal tipo de uso seria a seguinte: como são medicamentos, o uso geralmente é terapêutico, o qual é condicionado pela prescrição médica, que atribui ao indivíduo a tomada solitária da medicação. O indivíduo *não precisa*, na “situação de uso do psicotrópico”, por diversos motivos condicionados pela medicalização, de tomar o medicamento em grupo. Existe embutida na medicação, quando fora da situação hospitalar, a responsabilização individual da tomada do medicamento.

As próximas tabelas abordam dados que vinculam o uso de psicotrópicos a “modos de justificação”.

TABELA 43

Distribuição dos estudantes usuários de álcool e outros psicotrópicos por opinião à pergunta: “Procurando alegria, justifica-se o uso de substâncias para recreação.”

PSICOTRÓPICOS	Concorda N. 115 (37,6%)	Discorda N. 179 (58,5)	Não sabe N. 12 (3,9)	TOTAL USUÁRIOS ^(*)
<i>Álcool</i>	49,3	46,9	4,0	201
<i>Maconha</i>	71,3	25,3	3,4	87
<i>Tranquilizantes/Ansiolíticos</i>	42,4	57,6	-	33
<i>Inalantes</i>	42,9	48,6	8,6	35
<i>Alucinógenos</i>	75,8	24,2	-	33
<i>Ritalina</i>	83,3	16,7	-	6

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

(*) O número de usuários está reduzido pelo fato de que sete pessoas não responderem essa questão.

No geral, a maioria dos estudantes (58,5%) não justifica o uso dos psicotrópicos pela alegria. Provavelmente, juntando todos os tipos de utilização das substâncias, a alegria não configura as condições de possibilidade para uma situação de uso. Se examinarmos, contudo, os psicotrópicos relacionados ao uso recreativo, como a maconha (71,3%) e os alucinógenos (75,8%), a alegria torna-se importante desencadeadora da situação de uso. A hipótese, aqui, seria a inferência de que a busca de alegria é condição básica para se entender a sociabilidade na recreação. O álcool, os inalantes e a Ritalina, entretanto, contradizem tal hipótese. Afinal, no álcool, 46,9% discordam que alegria é justificação para beber. Os inalantes, fundamentalmente recreativos, têm percentual de 48,6% de estudantes que não justificam seu uso pela alegria. Já a Ritalina, o resultado é contraintuitivo (de todo modo, o total de usuários é muito pequeno), mas importante: 83,3% dos usuários defendem a alegria como justificação do seu uso. O uso recreativo explicaria essa correlação? Fica a dúvida, até porque a Ritalina tem conexão mais sólida com o uso terapêutico e com o performático.

TABELA 44

Distribuição dos estudantes usuários de álcool e outros psicotrópicos por opinião à pergunta: “Em situações de estresse, justifica-se o uso de substâncias sem prescrição médica.”

PSICOTRÓPICOS	Concorda N. 93 (30,5%)	Discorda N. 202 (66,2%)	Não sabe N. 10 (3,3%)	TOTAL USUÁRIOS
<i>Álcool</i>	38,8	57,7	3,5	201
<i>Maconha</i>	49,4	25,3	3,4	87
<i>Tranquilizantes/Ansiolíticos</i>	45,5	54,5	-	33
<i>Inalantes</i>	54,3	40,0	5,7	35
<i>Alucinógenos</i>	57,6	42,4	-	33
<i>Ritalina</i>	83,3	16,7	-	6

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

A questão que envolve a tabela 44 é complexa, porque junta, na mesma questão, o uso de psicotrópicos, o estresse e a prescrição médica. Como é rara a prescrição médica de alguns psicotrópicos, as respostas dos estudantes sofreriam vieses difíceis de controlar. Por exemplo, a resposta, em relação aos tranquilizantes/ansiolíticos e à Ritalina, por serem medicamentos, pode ser induzida, produzindo viés, pelo fato de seu uso ser sem prescrição médica. Tal situação pode criar ambiguidade nas respostas. Igualmente, ao colocar juntas, na mesma questão, o estresse e a prescrição médica, a tendência seria inferir, como hipótese, que estamos diante do uso terapêutico da substância. De todo modo, no geral, os estudantes discordaram do estresse como justificativa para uso de psicotrópicos sem prescrição médica. Tal fato não impediu que a maconha, os inalantes e os alucinógenos, isto é, psicotrópicos de uso ilícito e com pouca probabilidade de serem prescritos, tivessem seu uso justificado majoritariamente numa situação de estresse. Nas entrevistas, inclusive, tais psicotrópicos foram, várias vezes, vinculados ao uso recreativo, em particular como forma de relaxamento.

O percentual da Ritalina (83,3% de concordância), novamente, é contraintuitivo, pois é medicamento prescrito para uso terapêutico, embora tenha uso performático. Pode ser que o “estresse”, aqui referi-

do, tenha relação com a necessidade de estudo para provas, seleções e seminários. O uso da Ritalina, no caso, ajudaria a diminuir o estresse porque ajudaria a melhorar o desempenho. Talvez, a dificuldade de usar *diretamente* os ansiolíticos para o desempenho explique o motivo da discordância (54,5%) dos estudantes em justificar seu uso para situação de estresse. Contudo, essa explicação não é suficiente, pois os ansiolíticos são indicados justamente para debelar estresse. Ou, noutra hipótese, talvez os ansiolíticos sejam mais vinculados ao ato de atribuição profissional da prescrição médica. Sem a prescrição, a justificativa ficaria sem legitimidade. A Ritalina estaria enquadrada nesse caso, mas seu possível deslocamento para o uso performático, contraditório inclusive com a prescrição médica usual, libertá-la-ia da atribuição profissional.

TABELA 45

Distribuição dos estudantes usuários de álcool e outros psicotrópicos por opinião à pergunta: “O conhecimento aprofundado da substância justifica o seu uso.”

PSICOTRÓPICOS	Concorda N. 97 (31,8%)	Discorda N. 192 (63,0%)	Não sabe N. 16 (5,2%)	TOTAL USUÁRIOS
Álcool	39,8	54,7	5,5	201
Maconha	48,3	43,7	8,0	87
Tranquilizantes/Ansiolíticos	33,3	60,6	6,1	33
Inalantes	42,9	48,6	8,6	35
Alucinógenos	60,6	36,4	3,0	33
Ritalina	83,3	16,7	-	6

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2017

A tabela 45 é importante, pois averigua a influência do conhecimento para a justificação do uso de psicotrópicos. De modo geral, a maioria dos estudantes (63,0%) discordam que o conhecimento aprofundado justifique o uso do psicotrópico. O pano de fundo dessa discussão são as *formas* de conhecimento sobre o psicotrópico. Afinal, qual tipo de conhecimento está em jogo? O conhecimento adquirido pelo estudante, via sua experiência com o psicotrópico, ou o conhecimento profissional e científico da substância? O conhecimento “aprofundado”

sobre a maioria dos psicotrópicos já aparece com alguma atribuição profissional ou científica, bem como vinculado a dispositivos de direito, com o mandato imperativo, por exemplo, de tornar legal ou ilegal a substância. Comumente, o uso do psicotrópico é proibido, exceto para fins terapêutico e sob controle do dispositivo médico, e punido. A proibição e a punição envolvem também formas de conhecimento. O estudante, que justifica o uso a partir do seu conhecimento sobre a substância, precisa enfrentar a seguinte situação: a maconha, por exemplo, é proibida pelo Estado e o conhecimento médico hegemônico coloca-a como substância nociva à saúde. O estudante, provavelmente, utilizará conhecimentos alternativos para justificar o uso da maconha. Tal situação não é fácil de ser analisada, pois seu esclarecimento passaria por estudo de representações sociais que balizam a controvérsia sobre objetos e situações sociais, tais como o uso de psicotrópicos. Tal estudo revelaria o que está em jogo no embate entre formas de conhecimento, do tipo senso comum versus saberes profissionais e científicos.

Entretanto, a maconha (48, 3%) e os alucinógenos (60, 6%) tiveram seu uso justificado por “conhecimento aprofundado”, mesmo sendo psicotrópicos ilícitos. O caso dos alucinógenos é relevante. Aparentemente, dado o percentual significativo, o uso de alucinógenos parece precisar justamente de “conhecimento aprofundado”. Não se tomaria alucinógeno sem “conhecimento de causa”. Mas, e os inalantes, principalmente aqueles baseados em éter? Aqui, a maioria (48,6%) dos estudantes discordam de que o conhecimento aprofundado justifique seu uso. Qual seria o peso prático e simbólico dos vetos médicos e de direito de uso de tais substâncias? Provavelmente, os pesos distribuem-se de forma diferente para cada substância. Talvez, percebamos mais nitidamente a distribuição de tais pesos e contrapesos em relação aos medicamentos, como os ansiolíticos. Como seu uso tem regulação profissional, no caso, para fins terapêuticos, talvez o “conhecimento aprofundado” seja reconhecido, fundamentalmente, como atribuição profissional dos médicos. A Ritalina seria ponto fora da curva (quicá, as discussões anteriores tenham alguma pertinência), pois amplamente justificada, no seu uso, por “conhecimento aprofundado” – curiosamente, dos medicamen-

tos acima, a Ritalina é a menos conhecida, atualmente. E temos, ainda, o caso do álcool para complicar o cenário. Os estudantes discordam (54,7%) que o conhecimento aprofundado justifique seu uso. Como seu uso é legal, seria substância exposta publicamente. Há consenso de que seu abuso é nocivo à saúde. Tal consenso baseia-se, provavelmente, em “conhecimento aprofundado”. Será que isso influenciou a resposta dos estudantes? Nesse sentido, o raciocínio seria o seguinte: “o conhecimento aprofundado do álcool não justifica seu uso, porque é publicamente conhecido que seu abuso é nocivo à saúde”. Seria raciocínio que poderíamos, *mutatis mutandis*, aplicar ao uso do cigarro de nicotina?

Nesse ponto, daremos atenção às entrevistas e descreveremos os discursos que abordam, direta ou indiretamente, a sociabilidade e o uso de psicotrópicos. Depois disso, abordaremos a importante questão da liberação das drogas.

A maioria dos entrevistados relaciona o uso recreativo de psicotrópicos, principalmente a bebida, com a sociabilidade. Um entrevistado relaciona, por exemplo, agradabilidade com sociabilidade. Diz que gosta de beber, justamente por causa disso. A recreação, aqui, identifica-se com certa busca de prazer, possuindo caráter hedonista. Afinal, como diz o mesmo entrevistado: “*eu não bebo para afogar as mágoas*”. Na recreação, a companhia de amigos torna-se fundamental: “*gosto de estar lá, em meio de pessoas agradáveis*”. A bebida produz a necessária mediação entre as pessoas, sem que se perca o necessário autocontrole. A busca do prazer pela companhia afetiva não precisa passar do ponto, isto é, o entrevistado não gosta de ficar embriagado. Diz que tem disciplina e é senhor de si mesmo, podendo parar de beber quando quiser.

Contudo, talvez o psicotrópico da sociabilidade seja, de fato, a maconha. A maioria dos entrevistados reconhecem essa “propriedade social” da *Cannabis*. Tal reconhecimento existe mesmo entre aqueles não a usam. Outro entrevistado, ao descrever seu curso, diz que há diferença com as engenharias, em que o uso seria mais individualizado. Aqui,

— *Os meninos usam para relaxar. Um estudou demais, aí fuma um baseado, para ficar mais calmo.*

Para ficar mais calmo. Para socializar. Lá não (em engenharia), eles fumam só. Fumam sozinhos. Sai, vai lá pro quarto. “Ei, vai fumar maconha agora?”. E vai estudar, isso é o estudante de engenharia. Estuda e vai depois fazer seus cálculos, lá. Normal. Eles acham natural, mas aqui o pessoal é mais re-creativo mesmo

Um entrevistado sintetiza a relação entre psicotrópicos e sociabilidade:

— Álcool, eu uso com amigos, e só. Cigarro, eu uso só e com amigos; maconha, eu uso só e com amigos, e o remédio, eu tenho amigos que tomam, mas eu não tomo com eles, eu tomo sozinho.

Alguns entrevistados alegam diferença de sociabilidade entre substâncias psicoativas. A maconha, mais uma vez, como “sociável”, já o doce (LSD), individualista. A viagem do doce (sic), mesmo em grupo, seria individualizada, por causa de seu efeito que faz a pessoa voltar para dentro de si mesma (sic). Nesse sentido, existem as “drogas das conversas”: loló, pó, chá e maconha. Por alguns depoimentos de entrevistados, o grande momento de sociabilidade são as festas, principalmente as calouradas, momento propício para usar psicotrópicos, a começar pelo álcool e a maconha.

Assim, alguns psicotrópicos são associados à sociabilidade. Suas ditas propriedades facilitam a interação social e, muitas vezes, potencializam características da personalidade do estudante. Como diz abaixo uma entrevistada:

— Assim, de natureza, eu sou muito comunicativa, eu falo muito, muito mesmo. É necessidade minha já fazer amizade e falar muito. E, quando eu uso isso, me dá muito mais vontade de fazer isso. Eu

me sinto melhor, meu bem-estar vai a mil e eu fico, assim, eu me sinto melhor, é como se eu me adequasse à festa, é como se eu estivesse mesmo numa conexão com a festa, entendesse o real motivo de estar na festa. Teve uma época que eu até tentei ir nessas festas, assim, sem usar nada, mas é diferente, o sentido da festa até muda um pouco, assim, é como se tudo fosse um conjunto, pelo menos para mim. Então é por um bem-estar mesmo, por fazer amizade, por uma questão de fala, por uma questão de tudo, assim, é uma coisa que realmente me faz bem, assim, nas festas.

A questão da legalização das drogas

Finalizaremos a descrição empírica dos usos dos psicotrópicos com o exame de um ponto que foi importante nas entrevistas: o discurso dos entrevistados sobre a legalização das drogas (nesse tópico, por conveniência, voltamos a usar o termo “droga” em relação às substâncias ilícitas). São posições que sinalizam representações sociais de determinada juventude, até porque há padronização discursivo nas entrevistas, devido ao viés da técnica de “bola de neve”, utilizada para a escolha dos entrevistados. Igualmente, as posições dos entrevistados denotam “modos de justificações” (BOLTANSKI; THEVENOT, 1991) que implicam e orbitam em torno de concepções normativas sobre o mundo. Dos 28 entrevistados, a maioria absoluta (23) foi a favor de legalização da maconha, embora desse contingente apenas 06 entrevistados defenderam a legalização de todas as drogas. Somente uma minoria de entrevistados (5) foi contra a legalização.

Como ponto de partida, analisaremos primeiro as justificações e argumentações a favor da legalização. Assim, chamamos de “justificação liberal” a argumentação mais comum nesse grupo de entrevistados. Nessa justificação, podemos analiticamente dividir a argumentação em duas formas, mesmo que venham muitas vezes misturadas. A primeira

forma defende a legalização como liberação, principalmente da maconha. A legalização seria defendida tendo como premissa a liberdade do indivíduo. Tal liberdade passa pela posse de seu corpo e pela responsabilidade individual de suas responsabilidades. Exemplo desse tipo de concepção encontra-se abaixo no discurso paradigmático de um entrevistado:

— Eu tenho um pensamento liberal quanto a isso. Eu acredito sim, velho, que as pessoas devem ser livres, eu defendo muito os direitos individuais de cada um. Eu acho que cada pessoa deve, desde que ela seja capaz, entende, desde que ela tenha suas capacidades mentais em perfeito estado, cada um é responsável pelo que faz e pelo que usa, principalmente. Eu não penso e nem acredito e nem defendo nenhum tipo de restrição a qualquer uso de substância. Se você quer usar pra dor de cabeça, se quer usar ritalina, o que for, velho, é um problema unicamente seu. Isso não diz respeito a mim e nem a ninguém. Eu defendo sim a descriminalização de todo tipo de droga. Eu acredito que criminalizar não resolve problema nenhum. Pelo contrário, a gente tá criando outro problema, superlotando presídio, superlotando o sistema judiciário, a gente tá negando assistência, tanto a médica como assistência social a dependentes. Então isso, eu não acho certo, eu acho que esse não é o caminho, a gente tem que rever essa política de drogas baseada na repressão, eu não concordo com isso.

A outra forma de “justificação liberal” incorpora a premissa da liberdade individual, mas enfatiza, principalmente, a droga como produto legalizado do mercado. Geralmente, tal justificação vem acompanhada do “efeito de mercado”: o fim do narcotráfico e a melhoria da

qualidade do produto. Uma entrevistada coloca o seguinte argumento, abaixo:

— Sou super a favor. Vai acabar o tráfico, vai melhorar a economia do país, porque você vai poder botar imposto, entendeu? Você vai poder botar uma maconha de qualidade, porque a gente não vai ter maconha com aquelas paradas que vem... porque você compra maconha, e ela não vem pura. Ela vem com agrotóxico, ela vem com aquelas paradas de baygon e amônia, ela vem com um monte de merda. Ela vem com mijo, ela vem com fezes, com tudo que não presta. Então a gente, tendo uma legalização, seria o caso da maconha, seria perfeito. Porque iria até melhorar a condição econômica do país. Assim eu penso.

Outro entrevistado justifica a legalização com argumento ainda centrado no raciocínio econômico:

— Eu acho que, se a gente pensar no lado econômico, não deveria existir a droga ilícita, porque de qualquer forma existe as pessoas que usam, e vão sempre existir, e isso não vai mudar, e não adianta botar uma lei. Existe uma resolução que está lá na OMS, que você sabe que existem drogas lícitas e ilícitas. E você sabe que não adianta de nada, que as pessoas vão lá e usam de qualquer forma. Então, já que o governo gosta tanto de arrecadar dinheiro de tanta leseira, arrecada dinheiro até disso, porque pelo menos ajuda até a suprir o rombo que está aí na economia. Mas eu acho que devia ter uma pesquisa também para saber se prejudica muito ou não prejudica as pessoas, porque, querendo ou não, você

sabe que muita gente se torna adepta daquele tipo de droga, muita gente começa de uma forma e vê que, aquilo ali, já não está dando tanto efeito, aí vai entrando, vai entrando, vai entrando, depois não consegue mais sair. Tem gente que consegue sair por força própria ou ajuda de terceiros e de clínicas, mas eu acho que devia existir drogas e ponto. Não deveria ser dividido não.

No final da justificação acima, o entrevistado termina a argumentação defendendo uma posição que poderíamos chamar de “justificação de saúde pública”. No caso, não há contradição, pois, a regulação e a competição no e do mercado “higienizariam” a droga, como vimos numa entrevista acima. Na justificação de saúde pública, porém, haveria clara hierarquização das drogas, tomando como parâmetros critérios oriundos da saúde e não mais do mercado. Assim, numa escala de danos, existiriam drogas mais inofensiva e outras mais nocivas. As drogas menos nocivas, como a maconha, poderiam ser legalizadas; já as nocivas continuariam ilícitas. Com afirma entrevistada, seguindo a lógica da justificação de saúde pública:

— Porque o crack é irreversível, não só de querer, mas você precisa de uma ajuda externa. Maconha você pode sentir falta: - pô, eu queria relaxar agora, mas não tenho. Está, vai lá e toma um café. O LSD: - pô, eu queria ficar de boa. Daí você bebe, bebe e bebe, e dá no mesmo. Então, eu acho que o crack e outras drogas parecidas deveriam continuar sendo ilícitas, porque de certa forma você tira a autonomia da pessoa de usar, porque, por mais que você queira, você não consegue... E acho também que todas essas drogas, tipo cocaína, heroína, e por aí vai, deveriam continuar sendo ilícitas, porque você está dificultando compras, comercio, e por aí vai. Mas,

olhando mais para o bem-estar mais geral, pessoal, social, e o que o SUS gastaria para tratar a pessoa, acho que deveria continuar sem ser permitido, mas maconha, o LSD, o pó? Álcool, cigarro, está tudo aí vendendo, e as pessoas tão morrendo...

Talvez, como subtipo lógico da justificação liberal, temos outra argumentação que chamamos de justificação da educação. Admite-se a responsabilização individual, justamente como base da escolha, no caso, de tomar uma droga ou não, mas contanto que faça jus à sua conscientização ou a sua “preparação”, como diz um entrevistado:

— Eu acho uma merda que drogas serem ilícitas, porque as pessoas terminam tendo acesso. O problema é só o trabalho do acesso. Mas isso não impede de forma alguma as pessoas de conseguirem. E as lícitas, todo mundo já usa normalmente. Aí fica comum. Eu acho que, se as ilícitas fossem lícitas, seria uma coisa tão comum o uso para qualquer pessoa, de qualquer idade, mas que se sentisse preparada. As pessoas têm que se sentir preparadas e saber o que pode acontecer e o que não pode acontecer. E isso é maturidade. A gente começa a beber muito cedo. Eu comecei a beber muito cedo. Mas eu pensava que sabia o que poderia acontecer, o que acarretava. Foi uma fase tranquila em relação a isso, e fui entrando nas outras aos poucos, não foi tudo de uma vez, para chamar a atenção da minha família, não. Eu entrei porque eu quis. Tava com vontade e foda-se, eu fiz isso. Mas por isso que eu acho que se fosse tudo lícito, seria muito mais tranquilo.

A vontade de usar uma droga seria uma vontade “preparada”. E tal conscientização significaria “maturidade” em relação ao assunto.

Outra argumentação, na mesma direção, seria enfatizar a educação, mas remetendo menos ao indivíduo do que a uma política pública. Seria o patrocínio de estudos científicos que pudessem verificar os reais efeitos da droga. Com isso, haveria a possibilidade concreta de sua liberalização ou de sua proibição. O indivíduo, com tais informações, obteria mais informações, permitindo mais consciência e responsabilidade em relação às suas escolhas. Tal posição é defendida por entrevistada, com a seguinte argumentação:

— *Em minha opinião, eu não digo nem que deveria ser lícito, mas eu acho que deveria ter mais estudos em cima disso, para realmente comprovar. A gente vê muito, aqui em farmácia, um estudo de cinco anos; ora, isso para a gente não é nada. Um estudo para a gente de cinco anos não é nada. Ele tem que ter uma base muito mais forte, muito mais sólida, lá atrás, para a gente poder afirmar hoje que aquilo tem uma garantia. Então, eu acho que o caminho, não para se tornar lícito, mas para que todo mundo pare e veja que não é um bicho de sete cabeças, que tem realmente um benefício, é por aí. O conhecimento maior, o estudo mais aprofundado, para que a gente possa ter subsídio para dizer se é bom, se não é e tal...*

Ou, ainda, como diz outro entrevistado:

— *Eu acho que tudo poderia ser lícito, desde que seja moderado. Mas também a gente não pode liberar logo, porque a gente não tem uma base educacional tão boa. No quesito da maconha, coisas que são consideradas drogas, que são mais leves que as lícitas, eu acho que deveria ser totalmente liberado.*

Agora, em consumo de drogas mais pesadas, deveria ter uma educação de base, formadora de opinião, que pudesse dizer: - olha, isso aqui faz mal tanto para você quanto para outra pessoa, então tente não usar. Fora isso, acho que deveria ser tudo bem liberado.

Curiosamente, os argumentos contra a legalização nutrem-se, *mutatis mutandis*, das mesmas premissas. A justificação liberal, baseada na liberdade individual, pode ser revertida pela seguinte argumentação: as drogas, por meio do vício, incapacitam o exercício individual da liberdade. Com isso, ocorre a perda do controle de si. Sem controle, a autonomia da pessoa, um dos valores fundamentais do mundo contemporâneo, fica comprometida. Como disse uma entrevistada:

— O pessoal, às vezes, passa um dia inteiro chapado, né? Manhã, tarde e noite. Fica naquele ciclo. Eu não gosto desse negócio de perder o controle. Por isso, eu ficava sempre assustada quando via os meninos usando o pó, porque eles ficavam muito... sabe... muito agitados, e dava vontade de correr. Você via que estava uma coisa descontrolada.

Ou, ainda, a opinião de outra entrevistada que, apesar do uso esporádico de maconha, faz crítica à perda de controle, em particular com o uso do “doce”:

— Doce é um tiro no escuro. Você pode ter uma lombra massa e ficar super feliz e agitado. Do mesmo jeito que pode bater uma bad, e eu ficar triste. E às vezes, na mesma lombra, você tem essas duas sensações.

Seguindo a mesma lógica, a justificação da saúde pode também ser revertida, tornando-se posição contra a legalização. As drogas são nocivas à saúde e, até por prevenção, é melhor manter a proibição.

Como é enfatizado, abaixo:

— Eu não sou muito a favor de drogas, porque entendo que as pessoas querem procurar uma forma de ficar feliz. Mas eu acho que existem outras formas de arranjar isso, que não sejam tão prejudiciais para a saúde. E muita gente, por ser legal, utiliza. Digamos, têm algumas drogas que são legais, que as pessoas têm curiosidade. Mas, como é ilegal, não vai atrás, entende? Porque tem medo... e se for legal, muita gente vai usar tipo “ah, é permitido não tem problema eu usar”. Então, eu não sou a favor, não.

A legalização da droga seria tiro no escuro e estímulo para as pessoas experimentarem algo que pode trazer prejuízo à saúde. No final da argumentação, vemos nova justificção, acoplada à da saúde, a “justificação dos outros meios”. A argumentação é prosaica: para que usar drogas, se existem outros meios de diversão, outras maneiras de se sentir bem e de buscar felicidade? Como disse entrevistada:

— Rapaz, eu acho que, assim, é meio difícil de eu falar, porque eu nunca tive essa atitude, digamos assim. Mas eu não recrimino quem faz. Acho que a gente tem uns meios de recreação, meios de se divertir, que não precisa necessariamente dessas drogas psicotrópicas, de estarem incluídas. Mas vai de cada um, isso vai muito na consciência de cada um.

Principais conclusões

Para concluir esse tópico, preferiu-se uma linguagem esquemática, abordando o que se considerou de mais relevante.

- Destaca-se o uso significativo, por parte dos estudantes, de álcool e maconha. No caso, uso recreativo.
- Os dados apresentam diferença significativa numa questão de gênero: as estudantes tomam mais tranquilizantes e ansiolíticos do que os estudantes.
- Não há diferença significativa no uso de psicotrópicos do ponto de vista de uma estratificação baseada na renda média familiar.
- Dos estudantes usuários, os “sem religião” fazem uso significativo de psicotrópicos. A religião parece criar obstáculos à ingestão de psicotrópicos, mesmo para uso terapêutico.
- Nos dados, o uso de psicotrópicos para o desempenho não foi significativo, embora, nas entrevistas, o seu uso tenha sido significativo, além do testemunho consensual de que isso ocorre com muita frequência entre os estudantes nos mais variados cursos da Universidade.
- Pelos dados, a maioria dos estudantes usuários de psicotrópicos, em todos seus usos, é proveniente das escolas particulares.
- Os estudantes usuários da área de Humanas são maioria significativa em todos os tipos de uso de psicotrópicos.
- A competição é uma categoria de valor incontornável para os estudantes, seja para aceitá-la, seja para rejeitá-la. Há consenso, entre os estudantes entrevistados, de que os cursos da Universidade são competitivos.

- Há consenso, entre os estudantes entrevistados, de que a exigência acadêmica faz parte do cotidiano nos cursos da Universidade. Há relativo consenso de que os sistemas de avaliação, principalmente as provas, estressam e causam ansiedade.
- Pelos dados, maioria significativa dos estudantes experimentou algum tipo de psicotrópicos antes de ingressar na universidade, principalmente álcool, maconha e ansiolíticos. Pode-se deduzir que, em relação a medicamentos e a transtornos, como ansiedade, a maioria dos estudantes chega, na universidade, já “ansiolitizados” e com alguma propensão à ansiedade.
- Pelos dados e pelas entrevistas, não há pressão significativa do meio universitário para o uso de psicotrópicos. O consenso, nas entrevistas, foi que a decisão do uso foi, digamos assim, livre.
- Pelos dados, a amizade (a sociabilidade, no caso) não foi fator significativo para o uso de psicotrópicos. Nas entrevistas, a sociabilidade é importante para o experimento e para o uso dos psicotrópicos, em particular o uso recreativo de álcool e maconha.
- O uso de psicotrópicos para fins recreativos acontece, na maior das vezes, de forma coletiva. Não há pressão significativa para o uso, mas a pragmática da utilização é coletiva.
- Pelos dados, a maioria dos estudantes acha que a alegria justifica o uso de álcool e maconha. Em relação à maconha, a alegria é emoção que justifica, de forma significativa, seu uso recreativo.
- Pelos dados, a maioria dos estudantes usuários acha que o estresse justifica o uso, provavelmente recreativo, de maconha, inalantes e alucinógenos.
- Nas entrevistas, a maioria absoluta dos estudantes é a favor da legalização das drogas, em particular da maconha.

- Pelos dados e pelas entrevistas, concluímos que a UFPE precisa urgentemente criar dispositivos de atendimento ao estudante, com estruturas que sirvam *também* para terapia medicamentosa e, principalmente, para psicoterapias, bem como com estratégias baseadas na Redução de Danos. Há processos de adoecimento no meio universitário. Não importa aqui se a vida universitária cria ou herda tais processos, pois no mínimo os reproduz. Igualmente, os estudantes precisam de informação, conhecimento e diálogo sobre as mais variadas formas de uso de psicotrópicos – sem moralismo, sem repressão e sem punitivismo.

CAPÍTULO 5

Vida Universitária, Sociabilidades, Juventude e Consumo de Psicotrópicos

*Breno Augusto Souto Maior Fontes e
Vinicius de Araújo Buarque*

Introdução

Este capítulo tem por objetivo analisar o consumo de drogas²¹ entre estudantes universitários, explorando algumas questões colocadas na pesquisa, que teve por propósito investigar, a partir de amostra de estudantes da Universidade Federal de Pernambuco, questões ligadas ao consumo de psicotrópicos, felicidade e redes sociais. Assuntos que foram examinados com os detalhes de cada tema específico, mas também articulados entre si a partir de um campo importante de reflexões que a sociologia contemporânea vem colocando, traduzido pela equipe de pesquisa ao longo da discussão estabelecida nos diversos capítulos deste livro.

O recorte colocado neste capítulo atravessa os campos centrais do projeto de pesquisa em pauta, felicidade e uso de drogas, na medida em que os dois ingredientes, colocados como fenômenos inscritos diretamente nas práticas de sociabilidade e trabalhados em uma “sociologia

21 Não utilizamos, na maioria das vezes, a noção de droga, por causa de sua carga normativa ou capacidade de pejoração. Preferimos assim o termo geral de psicotrópicos, incluindo os lícitos e os ilícitos. Contudo, neste capítulo, como se utiliza a definição de droga produzida por Ehrenberg (2010: 134), preferimos manter o termo, ainda que, no cômputo geral, sua definição é larga o suficiente para abranger a ideia de psicotrópico. Nesse sentido, há quase sinonímia entre as duas noções.

da felicidade”, “sociologia das drogas” e “sociologia do indivíduo”, são antes de tudo sociabilidades, experiências ou vivências cotidianas dos jovens, cuja arena mais central, no tempo de suas biografias, localiza-se em salas de aula, no restaurante universitário, nos bares que cercam a Universidade, nos parques e espaços públicos do Campus.

Trabalhar, com um campo relativamente complexo, psicotrópicos ou drogas, independentemente de seu acesso (lícitas ou ilícitas) ou finalidade de uso (socialização, integração ou inserção)²², convida-nos a colocar uma série de condicionantes, advertências e questões para deixar claro os nossos propósitos, possibilitando que o leitor tenha uma visão a mais clara possível da nossa *démarche*, o que implica inclusive em ter clareza das limitações do nosso estudo. Uma definição provisória de drogas é nos dada por Ehrenberg (2010:134):

Definimos então as drogas como um conjunto de práticas de alteração de estados de consciência, quer elas produzam artificialmente a perturbação mental, como nas psicoses experimentais que estiveram na origem da descoberta dos neurolépticos, a euforia, com a cocaína ou o álcool, o torpor com a heroína, quer elas reduzam a angústia e detenham o indivíduo com os tranquilizantes.

Como percebemos, a amplitude da definição leva-nos a uma série de problemas, mas também nos indica alguns pontos importantes, como veremos, no esclarecimento das questões que consideramos importantes no nosso estudo. Primeiro ponto importante, o do acesso. Diversos autores esclarecem o uso de drogas a partir de três pontos importantes: o acesso, o uso e o hábito. Como nos mostra Becker a respeito do uso da maconha,

Precisamos, por exemplo, de um tipo de explicação como uma pessoa chega à situação em que a maconha lhe é facilmente disponível, e

22 Expressões tomadas emprestadas de Ehrenberg (2010).

outro tipo de explicação sobre por que, dada a disponibilidade da droga, ela se inclina a experimentá-la pela primeira vez. E precisamos ainda de outra explicação: por que, tendo-a experimentado, a pessoa continua a usá-la (BECKER, 2008,34).

Em relação aos três pontos, o uso e o acesso a drogas, que trabalharemos aqui, diferem substancialmente. Primeiro, em relação ao acesso: algumas são legais e encontráveis facilmente, como o álcool; outras são de uso restrito, com vendas controladas, como é o caso daquelas que exigem prescrição médica; e outras são ilegais. Ao acesso também se deve acrescentar as motivações dos usuários para o consumo da droga, segundo Ehrenberg, como vimos: socialização, integração ou inserção. A tal tipologia básica ainda acrescentaríamos um tipo bastante importante, que Ehrenberg destaca, o uso da droga como instrumento para a aceleração da *performance*, no desempenho social (no trabalho, nos estudos, no desempenho da performance sexual e física)²³

Ainda consoante com os usos, poderíamos pensar em usos medicamentosos (sejam eles inscritos no campo da prática médica ocidental, como a prescrição de ansiolíticos), ou na medicina tradicional, como é o caso dos chás utilizados como calmantes; usos para o prazer cotidiano, designado em nossa pesquisa por uso *felicítico*, que implica em uma assunção dos efeitos das drogas sobre o bem-estar difuso das pessoas; o uso recreativo, cujo exemplo mais emblemático é o álcool, potencializando sociabilidades em encontros festivos. Finalmente, há o destaque de usos direcionados para a performance, drogas que potencializam, por exemplo, a capacidade de atenção ou de concentração, largamente utilizada entre os alunos quando da realização de exames escolares ou situações onde a necessidade de “dar o melhor de si” é exigida. Temos como exemplo emblemático a Ritalina, medicamento prescrito para controle do Déficit de Atenção, mas utilizado comumente para potencializar capacidades intelectuais em momentos de provas, seminários ou outras atividades acadêmicas.

23 Nós consideramos, como tipologia básica para análise dos dados, quatro categorias: (a) uso terapêutico; (b) uso para desempenho ou performático; (c) uso para bem-estar ou *felicítico*; (d) uso recreativo ou lúdico.

Importante também assinalar que o consumo de drogas é um ingrediente importante no cotidiano das pessoas, seja como importante acessório para diversas práticas de sociabilidade (diversão, rituais religiosos, celebrações ritualísticas), seja realizado solitariamente, sendo fato que se faz presente desde muito tempo nas sociedades humanas – alguns autores inclusive afirmam que seja um elemento universal²⁴. Torna-se importante destacar os contextos ou os enquadramentos dos campos de sociabilidade implícitos na nossa análise, no caso jovens universitários do Nordeste do Brasil, vivendo no século XXI, o que implica, ainda, considerar o complexo fenômeno da juventude na modernidade.

A questão central, pela qual nos ocuparemos aqui, diz respeito às particularidades das práticas de sociabilidade das pessoas que usam drogas, expressão inscrita na definição acima colocada. Quer dizer, temos por hipótese fundamental que o uso de drogas, relativamente a uma geografia social, não é homogêneo, que existem espaços diversos de sociabilidade, campos com recortes territoriais específicos, trajetórias que são particulares a um momento da biografia dos jovens que foram objeto de nossa pesquisa (estudantes universitários), fazendo que, por exemplo, diversas construções a respeito destas práticas sejam específicas, de um lado, e que também os usos também sejam particularizados, de outro. Assim, por exemplo, o tradicional estigma, associado ao uso das drogas ilegais, é relativizado em um discurso que contra-argumenta em relação aos seus efeitos viciantes e danos provocados. O exemplo mais emblemático é o da maconha, em que claramente não há unanimidade sobre os danos provocados à saúde, nem sobre suas qualidades viciantes. Assim, assiste-se a campos discursivos que competem entre si e, igualmente, no ambiente acadêmico, os efeitos estigmatizados do uso da *Cannabis* não são fortemente sentidos como em outros espaços de sociabilidade.

A contribuição neste texto será centrada nas questões referentes a redes sociais, sociabilidade e uso de drogas. Partimos da premissa de

24 Relatos de experiências com drogas são facilmente encontráveis entre grandes escritores como Freud (2011), Huxley (2015) e Benjamim (2013).

que o desenho de redes de usuários é variável importante para compreensão das práticas de sociabilidade inscritas nos usos de drogas, seja de maneira direta (com quem as pessoas compartilham a experiência), ou indireta (qual a trajetória da “carreira” do usuário). As redes per si não explicam totalmente o fenômeno, mas nos auxilia a compreender os processos subjacentes ao fenômeno.

Naturalmente, tais processos de sociabilidade não são homogêneos e se inscrevem em uma ampla gama de variáveis: para o uso de ansiolíticos, como veremos, o que importa é saber os itinerários de descoberta dos usuários no acesso a estes medicamentos, muitas vezes longe do consultório médico. Já outras substâncias psicoativas, como o álcool, além desta trajetória de iniciação, interessam-nos saber das particularidades, entre os usuários, de suas práticas de sociabilidade, presumindo ser o álcool uma droga que potencializa encontros; quer dizer, o álcool, ao contrário dos ansiolíticos, implica na maior parte dos casos em consumo compartilhado.

Para a compreensão plena do nosso recorte empírico e as questões que nos propomos analisar aqui – sociabilidades entre jovens universitários e uso de drogas – faremos um breve *détour* em nosso texto para explorar um pouco o complexo fenômeno da juventude na modernidade.

Juventude e vida universitária²⁵

A juventude tem passado por mudanças nas suas variadas esferas de vida e muito dessas transformações estão estreitamente vinculadas a processos sociais em curso: transformações econômicas, políticas e culturais que engendram novos padrões de sociabilidade juvenil (NUNES & WELLER, 2003; GUEBERT & LIMA, 2011). O modelo de vida urbano, juntamente com a ideologia do livre mercado e a cultura do consumo, provoca mudanças nos valores tradicionais representados fundamentalmente nas instituições da família, escola, política e Estado.

25 Este tópico foi redigido por Vinicius Buarque.

Ao mesmo tempo, são considerados principalmente como novos contextos sociais, pelos quais a juventude tem que lidar na contemporaneidade (NUNES & WELLER, 2003; GUEBERT & LIMA, 2011; DUARTE & GUIMARÃES, 2011), as transformações no padrão da família moderna no que se refere a sua maior volatilidade de arranjo; “a fragmentação dos modelos de ensino-aprendizagem, (...) a derrocada da confiança social nos poderes institucionais do Estado” (GUEBERT & LIMA, 2011, p. 9854); a precariedade do emprego e a exigência permanente de qualificação para postos de trabalho; e o prolongamento do tempo de qualificações em universidades ou centros de formação técnica, causando dessa forma a dependência juvenil tardia do esquema familiar, além do crescimento da violência urbana e a organização da criminalidade. Nesse sentido, os jovens encontram-se imbuídos nas diversas transformações que alguns autores denominam de pós-modernidade (HALL, 1997 *apud* NUNES & WELLER, 2003).

São amplas as definições do termo juventude: para a OMS (Organização Mundial da Saúde) juventude seria o período entre os 10 e 19 anos de idade, quando processos biológicos acarretam em uma mudança no desenvolvimento cognitivo e estruturação da personalidade. No entanto, em alguns países europeus a idade juvenil seria entre 15 e 29 anos. Para o sociólogo Júlio Jacobo Waiselfisz, seria entre 15 e 24 anos de idade o período de transição no qual os jovens assumem funções de adulto na sociedade (WASELFISZ, 2008 *apud* GUEBERT & LIMA, 2011). Apesar da diversidade de conceituações – nos termos de Maugner (1994 *apud* SANTOS & SOUZA, 2009) a definição é “epistemologicamente imprecisa” – quanto à idade exata correspondente ao período juvenil, a etapa de vida entre a infância e fase adulta remete não apenas a fatores biológicos, mas também a funções sociais (NUNES & WELLER, 2003; LIMA & GUEBERT, 2011): “esse momento da vida é marcado pela ansiedade, pela passagem de uma etapa da vida à outra e pela exigência de novos papéis sociais impostos pela família, mercado de trabalho, exigência de formação acadêmica, êxito profissional, etc.” (LIMA & GUEBERT, 2011, p. 9855).

Para Norbert Elias, (1994 *apud* LIMA & GUEBERT, 2011) a imposição do processo civilizador determinou um processo de adaptação juvenil à vida social adulta: “as etapas de remodelação do indivíduo durante a fase de crescimento reforçam, segundo o autor, tensões e cisões de personalidades uma vez que a necessidade de preparação do jovem para exercer funções adultas converte-se num processo longo e difícil” (LIMA & GUEBERT, 2011, p. 9855). O sentimento de vulnerabilidade individual, típico desta fase da vida, reflete uma maior sensação de riscos, mas ao mesmo tempo de maior liberdade: dentro da perspectiva sociocultural do livre mercado, os jovens podem “formular cálculos e planejamentos flutuantes e flexíveis a respeito de estilos de vida, experiências inovadoras e efêmeras e comportamentos radicais” (LIMA & GUEBERT, 2011, p. 9856). Essas experiências podem ser referentes desde ao lazer até ao uso de substâncias psicoativas (LIMA & GUEBERT, 2011).

No âmbito moral, os valores e interesses dos pais já não são referência, os costumes e sentidos coletivos do passado dão lugar à fluidez (LIMA & GUEBERT, 2011): “o apelo à fragmentação cultural funciona para separar e descredenciar o apego submisso a valores e costumes universalmente enraizados na tradição e dar vazão à criação de identidades culturais fluídas, delimitadas e autoreferenciais” (LIMA & GUEBERT, 2011, p. 9856). Segundo o filósofo Zygmunt Bauman (1988 *apud* LIMA & GUEBERT, 2011), o contexto social contemporâneo incentiva aos indivíduos buscarem, através de sua própria força, suas motivações e seus próprios sentidos de vida. Os vínculos sociais das sociedades modernas estudados pela sociologia estão em constante processo de transformação. No meio urbano, as mudanças e transformações de fenômenos sociais são ainda mais frequentes devido à complexidade social própria desse meio (NUNES & WELLER, 2003).

Os dados demográficos evidenciam a estreita relação entre a população juvenil e o meio urbano: segundo o IBGE, “em 2006 mais de 80% dos jovens de 15 a 29 anos viviam nas cidades” (ALDIMAR & GUIMARÃES, 2011, p. 144). As transformações das várias esferas da vida cotidiana dos jovens já brevemente citadas exigem um esforço

teórico-metodológico por parte da sociologia para “decifrar os modos de sociabilidade criados e recriados por esses agentes em espaços urbanos (...)” (ALDIMAR & GUIMARÃES, 2011). Para Souza (2004), a juventude enquanto objeto de estudo sociológico está cada vez mais complexa, com redes de interação que evidenciam vasta gama de identidades e projetos, dificultando assim uma sondagem aproximada de seus sentidos e atitudes. Para o autor, as identidades juvenis possuem um forte traço ou tendência de viver em grupos. Para Freire (1999 *apud* SOUZA, 2004) nossa presença no mundo não é isolada, mas está sujeita a influências e, para Charlot (2000 *apud* SOUZA, 2004), nascer é aprender — aprender para assim viver com outros homens, num mundo compartilhado.

Segundo Barbosa e Dayrell (2013), investigar a questão coletiva, quando se estuda a população juvenil, é fundamental. Para os autores, “ser jovem, implica, a princípio, ser grupo” (2013, p. 87) e é através da troca de experiências que os jovens fundamentam suas subjetividades e “interpretam o mundo” (BARBOSA & DAYRELL, 2013). Para melhor compreendermos as redes interpessoais que os jovens estão inseridos, podemos utilizar a noção de sociabilidade de Simmel. A sociabilidade para Simmel é “uma forma autônoma e lúdica de sociação” (SIMMEL, 1983 *apud* SOUZA, 2004, p. 64); é lúdica, porque os laços estabelecidos têm um fim que remete a eles mesmos, não buscam resultados concretos ou são estabelecidos com o propósito de atingir algum objetivo: “seu alvo é o sucesso do momento sociável” (2004, p. 64). Visto que não há interesses além do “estar junto”, do próprio estabelecimento de laços, do prazer da convivência e da troca, é necessário para a existência desta relação uma confiança mútua (SIMMEL, 1983 *apud* SOUZA, 2004):

[...] emancipada de conteúdo, a sociabilidade [...] é uma forma de convivência com o outro liberada da seriedade e das obrigações da vida [...]. Para os jovens, as formas de sociabilidade parecem responder às suas necessidades de autonomia, liberdade e trocas afetivas (SIMMEL, 1983 *apud* SOUZA, 2004, p. 66).

Embora os jovens não mais tenham como norte os valores tradicionais, é verdade ainda que o processo de subjetivação ou construção de identidade ocorre a partir do olhar do outro, no encontro com o outro. Logo, para investigar a identidade juvenil, é necessário um olhar clínico sobre os grupos de sociabilidade: onde os jovens constroem – ou reconstróem – suas identidades juvenis, pois tais grupos são redes de interações imbuídas de significados (SOUZA, 2004).

Sociabilidades e drogas

Também importa acrescentar que esta fase da vida, inscrita entre a infância e a idade adulta, não é homogênea, sendo recortada por outras variáveis como gênero, classe social, raça e lugar de moradia. Mas, mesmo assim, o fato de ser jovem implica questões que, de qualquer forma, são determinantes em suas sociabilidades: maior tempo livre; ainda não estão vinculados a obrigações familiares decorrentes da formação de família (casamento, filhos)²⁶ e da condição de adulto (ter um emprego, autonomizar-se perante os pais ou provedores); dispor de espaços de sociabilidade peculiares, principalmente o ambiente escolar, onde é possível a formação de “tribos”, “gangues”, agrupamentos de interesse, cuja característica particulariza os campos de sociabilidade e a construção de círculos sociais segmentados, relativamente a outros ciclos geracionais. Desta forma,

A constituição dos *universos sócio-culturais juvenis* se realiza em um amplo leque de diversidade diante das condições materiais e simbólicas vividas: de agrupamento e organização, classes sociais, diferenças étnicas e religiosas, peculiaridades regionais e de gênero. Nessa perspectiva, os jovens são

26 Há toda uma série de arranjos familiares que não resultam necessariamente em casamento tradicional e filhos. De qualquer modo, a constituição de um novo núcleo familiar -independentemente de sua constituição - ainda é característica importante da vida adulta.

orientados por um conjunto de elementos materiais e imateriais, códigos, símbolos, sistemas de representações sociais, que expressam estilos de viver em muitos aspectos diferenciados das gerações anteriores (GUIMARÃES, 2011:144).

A juventude, muito mais que inserção particular na estrutura social, é principalmente campo de construções sociais. Ser jovem significa construir uma identidade, partilhada por um grupo de pertencimento e destacado do original, embora com posição similar no campo reticular – a *homofilia*, ou semelhança dos atributos desta nova inserção de sociabilidade em relação ao círculo social de pertencimento original, é quase sempre a regra. As marcas de pertencimento – estilos de vida, modos de consumo, padrões de lazer – são agora particularizadas e, naturalmente, este processo implica em um aprendizado.

Percebe-se, dessa forma, a importância do espaço universitário na composição das trajetórias de sociabilidades dos jovens. O defrontar-se com novos desafios, a desconstrução dos espaços disciplinares, mais consistentes nas escolas, e a abertura ao mundo (sentir-se liberto das amarras e do conforto do ambiente familiar, sendo desafiado para incursões mais frouxas em relação ao controle das escolhas) são características desta nova fase.

A nossa amostra, composta por estudantes universitários, apresenta em sua quase totalidade pessoas com idade entre 18 a 22 anos (63,8% do total). São pessoas majoritariamente do sexo feminino (58% do total), e 44,8% dos entrevistados afirmam pertencer as classes D e E (2-4 SM e até 2 SM²⁷), com 22,4% e 23,7% respectivamente, do total dos entrevistados. Os estudantes, que frequentam os cursos mais demandados, são aqueles que apresentam maior renda familiar (20% dos

27 SM (Salário Mínimo)

entrevistados nas classes A e B, e 18,2% na classe C)²⁸, que estudaram em escolas privadas no ensino médio (63,6%), que têm os pais com formação superior (formação graduada ou pós graduação, com 34,5% e 8,2%, respectivamente)²⁹.

São pessoas, dessa forma, que têm algo em comum: o fato de vivenciarem o ambiente universitário; mas, ao mesmo tempo, estão inscritas em perfis socioeconômicos e culturais diversos: gênero, raça/cor, estrato social, entre os mais importantes.

Mas há o fato importante de que a vida universitária atinge, embora de forma diferente, todos esses jovens. Como podemos perceber no sociograma 1, o espaço de sociabilidade inscrito na vida universitária ocupa lugar importante entre os jovens. É muito mais destacado, por exemplo, do que os círculos sociais ancorados no mundo do trabalho (importante assinalar que a grande maioria dos entrevistados ainda não trabalha), do território da vizinhança ou da Igreja. Apenas o espaço familiar ocupa importância semelhantes entre as pessoas citadas pelos entrevistados.

Tal fato em si indica simplesmente que os campos de sociabilidade agora estão presentes de forma significativa no lugar onde os jovens universitários ocupam parte importante de seu cotidiano: os espaços universitários – poderíamos até acrescentar, o território universitário, que se estende para além do campus, por exemplo para os bares, as residências universitárias e as repúblicas de estudantes – onde novas amizades são feitas, laços se formam – a iniciação sexual, os compromissos afetivos – , enfim, onde a vida pulsa de forma importante.

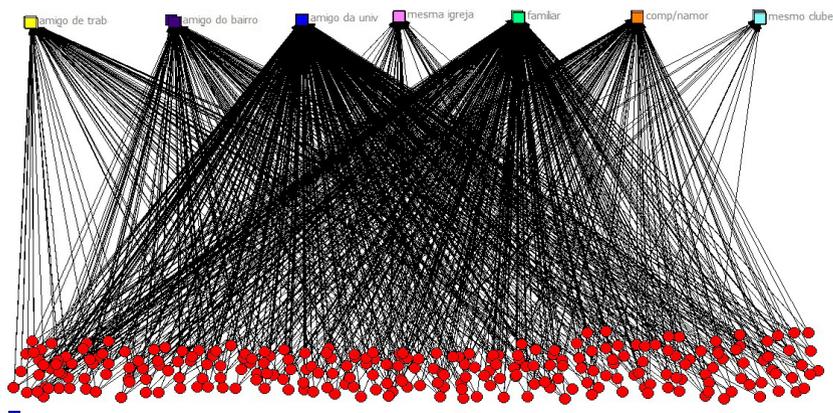
28 A título comparativo, por exemplo, os estudantes que frequentam cursos de baixa demanda e que têm renda familiar de mais de 10 salários mínimos (classes A e B) representam apenas 7,6% dos entrevistados. Para aqueles pertencentes as classes C e D, o quadro se inverte: 22,8 e 29,3%, respectivamente.

29 Os pais dos estudantes inscritos em cursos de baixa demanda, por outro lado, têm 19,6% de formação superior e 6,4% de pós-graduada. As mães destes estudantes também apresentam números expressivos quando consideramos o perfil dos cursos frequentados por seus filhos: para os que estudam em cursos de alta demanda, mães com nível superior representam 40%, e com pós-graduação 9,1% do total dos entrevistados deste grupo de pessoas.

Lembrar também que é, neste momento, na juventude, onde os campos da vida são preenchidos por importantes momentos de “estar com alguém”. Talvez em nenhum outro momento da biografia das pessoas este fato seja tão importante, o de estar junto, o de conhecer pessoas e inscrevê-las em vivências mais ou menos importantes, espaços onde as amizades são construídas, onde os laços afetivos se consolidam. Estes, evidentemente, são acontecimentos relativamente banais das trajetórias de sociabilidade das pessoas, e o acontecer da vida não necessariamente ocupa espaços predominantes (por exemplo, o simples fato de conhecer a pessoa, com quem vai estabelecer laços mais permanentes, pode acontecer na Igreja, no trabalho, na vizinhança ou no ambiente escolar...), mas com certeza, naquele momento, o jovem tem, como pode ser visto no sociograma abaixo, o espaço universitário como importante território do viver cotidiano.

SOCIOGRAMA 01

Pessoas citadas por inscrição em campos de sociabilidade



Fonte: Levantamento direto (2015/2017)

Não é totalmente inusitado acontecerem espaços multiplexos de sociabilidade³⁰, mas também é igualmente comum que a vida universitária resulta no conhecimento de novas pessoas. E isso é importante para conhecermos melhor a relação entre vida universitária e uso de drogas. Convém, entretanto, salientar, que o consumo de drogas, enquanto ingrediente importante no cotidiano das pessoas, seja como importante acessório para diversas práticas de sociabilidade (diversão, rituais religiosos, celebrações), seja feito solitariamente, é um fator que se faz presente desde muito tempo nas sociedades humanas, alguns inclusive afirmam que seja um elemento universal. Inscrita enquanto elemento de um repositório cultural de determinada época, o uso de drogas, embora não seja exclusivamente utilizada em momentos de sociabilidade, sempre é o resultado de um repertório de experiências que constitui o mundo da vida das pessoas³¹.

Temos, desta forma, como nos mostra a tabela 46, o fato que a Universidade é o local onde parte importante das pessoas foi apresentada a algumas drogas, embora nem sempre tenha sido o local dominante na iniciação ao uso, como é o caso do álcool (onde 81,8% dos entrevistados afirma que experimentou antes do ingresso, ou mesmo a maconha, com 66,7% dos casos).

30 Sociabilidades vivenciadas em círculos sociais diversos. Por exemplo uma pessoa pode estar inscrita na rede de relacionamento da outra a partir do campo territorial (é vizinho) e ao mesmo tempo profissional (é colega de trabalho). Multiplexidade tem na maioria das vezes por resultado a equivalência estrutural. Sobre o assunto, consultar Faust (1994).

31 Repertório de experiências e mundo da vida são conceitos formulados por Schütz, instrumentos para a explicação fenomenológica da realidade. Sobre o Assunto, consultar Schütz (2003 e 2012).

TABELA 46³²

Distribuição dos estudantes usuários de álcool e outros psicotrópicos que experimentaram as substâncias antes e após o ingresso na UFPE (em números percentuais)

DROGAS UTILIZADAS	Experimentou antes do ingresso	Experimentou após o ingresso	TOTAL USUÁRIOS (*) (100%)
<i>Álcool</i>	81,8	18,2	203
<i>Maconha</i>	66,7	33,3	87
<i>Tranquilizantes/ansiolíticos</i>	60,6	33,3	33
<i>Inalantes</i>	61,1	38,9	36
<i>Alucinógenos</i>	39,4	60,6	33
<i>Ritalina/concerta</i>	57,1	42,9	07

Fonte: levantamento direto (2015/2017)

(*) O número total das respostas não é igual ao dos entrevistados, porque havia a possibilidade de o entrevistado escolher mais de uma opção.

Mas, mesmo assim, o ambiente universitário é um espaço importante para o consumo, por exemplo, de álcool (droga lícita e precocemente introduzida entre os jovens em amplos círculos sociais), como nos mostra o sociograma 02, ou de outras drogas, como nos informa a tabela 52. Fato importante a assinalar, como nos mostra Romera, do lazer enquanto momento de sociabilidade entre os jovens mais propício ao uso de algumas drogas:

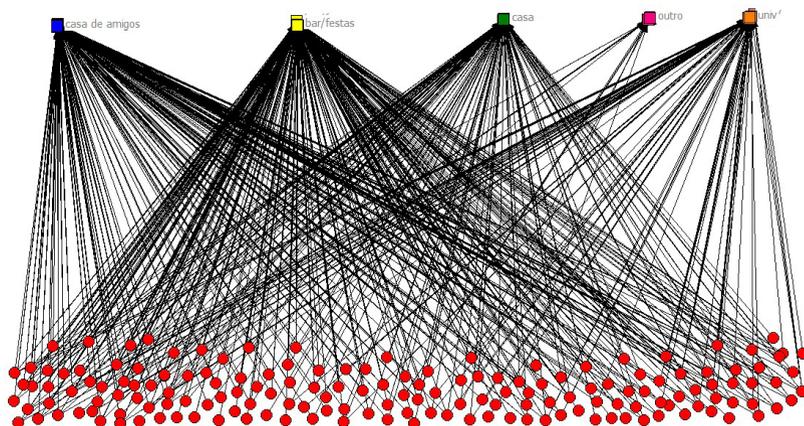
Entre os principais contextos de uso, destacam-se as situações de lazer, que, por sua vinculação com prazer e liberdade, são aspectos característicos da vivência do tempo disponível, tornando-se ocasião preferida para a experimentação e o uso de drogas (ROMERA, 2009:12).

32 Essa tabela corresponde à tabela 38.

Examinando mais de perto a questão, há que distinguir, de um lado, as drogas lícitas (álcool e ansiolíticos, por exemplo), e as ilícitas (maconha, cocaína, alucinógenos, entre outros). E também os tipos de uso (para socializar, para relaxar, para incrementar a performance acadêmica).

SOCIOGRAMA 02

Locais de consumo do álcool



Fonte: Levantamento direto (2015/2017)

Estas diferenças – drogas com efeitos psicotrópico, sedativo, estimulante ou euforizante - resultam, de um lado, em padrões de uso que têm por pressupostos campos de sociabilidades mais adequados, de um lado, e acesso a droga, de outro. As tabelas n. 52 e n. 53 nos fornecem interessantes informações a respeito. Primeiro, o fato de que, entre usuários, não há diferença significativa entre pessoas do sexo masculino ou feminino, com exceção do uso de tranquilizantes/ansiolíticos, um fenômeno que merece uma atenção mais detalhada. O uso de medicações para controle de ansiedade e/ou quadro de depressões tem sido relatado na literatura como algo “epidêmico”; há, também, registro de outro fato muito interessante: o de que as mulheres são consumidoras mais frequentes. Assim, segundo Ehrenberg (2010:153), “os da-

dos epidemiológicos indicam que são principalmente as mulheres que consomem medicamentos psicotrópicos³³. Interessante observar que também verifiquei em pesquisa recente³⁴ o mesmo fato, embora contrariando informações de Ehrenberg de que este fenômeno aconteceria principalmente entre mulheres sem diploma e que as donas de casa seriam as principais consumidoras. Para o autor, mulheres pertencentes ao meio rural são subconsumidoras.

A pesquisa que empreendi tem por amostra mulheres que vivem exclusivamente do meio rural: mulheres de pescadores e mulheres vivendo em pequenas propriedades rurais. Igualmente, para o nosso caso em questão, os estudantes universitários, o perfil apresentado por Ehrenberg não se apresenta: nossa amostra é feita a partir de pessoas oriundas do ambiente universitário (para o autor citado, as mulheres diplomadas e de rendimentos maiores se situam abaixo da média do consumo). Também há outro fato bastante interessante, o mesmo constatado na pesquisa que empreendi recentemente: que o acesso a medicamentos psicotrópicos não se dá exclusivamente a partir da prescrição médica, como inclusive determina a legislação brasileira. Entre os nossos entrevistados parte importante teve acesso a tranquilizantes/ansiolíticos a partir de indicações de amigos ou parentes. A prescrição médica – a única forma de acesso legal e recomendada – é citada em apenas pouco mais da metade dos entrevistados. O que indica, igualmente, um fenômeno bastante comum no Brasil – país que se situa entre os que mais consomem medicações psicotrópicas: a automedicação.

33 Afirma também Ehrenberg em outro lugar (2012:315): “os dados oriundos dos médicos generalistas indicam uma prevalência do mal-estar em 24% dos homens e 37% das mulheres; informações recolhidas em consultas da medicina do trabalho mostram que o sofrimento psíquico aparece como a segunda patologia mais prevalente”

34 Ver Fontes (2017).

TABELA 47³⁵**Distribuição dos estudantes usuários de álcool e outros psicotrópicos por sexo (em números percentuais)**

DROGAS UTILIZADAS	Masculino N. 130 (41,7%)	Feminino N. 181 (58,0%)	TOTAL USUÁRIOS(*) (número de usuários)
<i>Álcool</i>	44,8	55,2	203
<i>Maconha</i>	44,8	55,2	87
<i>Tranquilizantes/ansiolíticos</i>	12,1	87,9	33
<i>Inalantes</i>	41,7	58,3	36
<i>Aluciógenos</i>	51,5	48,5	33
<i>Ritalina/Concerta</i>	57,1	42,9	7

Fonte: Levantamento direto (1015/2017)

(*) O número total das respostas não é igual ao dos entrevistados, porque havia a possibilidade de o entrevistado escolher mais de uma opção.

TABELA 48³⁶**Distribuição das pessoas que introduziram o álcool e outros psicotrópicos na vida dos estudantes usuários (em números percentuais)**

DROGAS UTILIZADAS	Amigos da Universidade /Trabalho	Amigos do bairro/ escola	Familiares/ Namorado(a)	Profissional de Saúde	TOTAL DE USUÁRIOS
<i>Álcool</i>	23,3	50,7	22,8	-	203
<i>Maconha</i>	36,7	51,0	9,2	-	87
<i>Tranquilizantes/ ansiolíticos</i>	10,3	7,7	25,6	53,8	33
<i>Alucinógenos</i>	35,6	40,0	13,3	2,2	36
<i>Ritalina/ Concerta</i>	36,4	9,1	18,2	27,3	07

Fonte: Levantamento direto (2015/2017)

(*) O número total das respostas não é igual ao dos entrevistados, porque havia a possibilidade de o entrevistado escolher mais de uma opção.

35 Essa tabela corresponde à tabela 27.

36 Essa tabela corresponde à tabela 39.

Um fato importante que a tabela 48 nos apresenta é que, mesmo que a maioria das drogas tenha sido conhecida entre os entrevistados antes do ingresso na universidade, o consumo vivenciado no ambiente universitário (no que definimos antes por território acadêmico, que inclui os espaços da Universidade, e os entornos próximos ou mesmo mais distante, onde é visível a presença de estudantes: bares, clubes, espaços de sociabilidade diversos) é muito importante. É neste campo de sociabilidade mais amplo (que com certeza é segmentado pelos divisores tradicionais de pertencimento como classe, raça/cor, gênero, embora de forma menos acentuada que na sociedade em geral) é importante. Drogas são instrumentos importantes de sociabilidades, e os espaços universitários são centrais neste momento da biografia dos jovens.

TABELA 49³⁷

Distribuição dos estudantes usuários de álcool e outros psicotrópicos por pessoas com quem se faz o uso (em números percentuais)

DROGAS UTILIZADAS	Sozinho	Com amigos da universidade	Com a família	Com o namorado(a)	TOTAL USUÁRIOS (N. ABS.)
<i>Álcool</i>	13,4	83,2	30,2	23,3	203
<i>Maconha</i>	28,8	90,6	12,5	32,9	87
<i>Tranquilizantes/ ansiolíticos</i>	69,0	14,3	-	3,6	33
<i>Inalantes</i>	6,2	82,9	6,2	18,8	36
<i>Alucinógenos</i>	12,5	78,8	9,4	31,2	33
<i>Ritalina/concerta</i>	83,3	40	-	20,0	7

Fonte: Levantamento direto (2017)

(*) O número total das respostas não é igual ao dos entrevistados, porque havia a possibilidade de o entrevistado escolher mais de uma opção.

Os usos de drogas não atendem a propósitos iguais. Existem drogas que induzem a socialização (drogas de integração social e relacional, segundo Ehrenberg), outras que servem para o relaxamento e

³⁷ Essa tabela corresponde à tabela 42.

controle de emoções, utilizadas solitariamente, e outras com propósito performático³⁸, igualmente resultado da ação individual. Álcool e maconha, por exemplo, são drogas compartilhadas; tranquilizantes e drogas performáticas, utilizadas individualmente.

Exemplo bastante interessante é o álcool. O sociograma 02 nos mostra os campos de sociabilidade entre entrevistados que declararam consumir álcool. O álcool, enquanto droga lícita, é reconhecida e aceita como importante instrumento de sociabilidade, ao ponto de, para algumas pessoas, ser inconcebível estar juntos comemorando e se abster de seu uso. Ao mesmo tempo, não é bem-visto o fato de as pessoas terem o hábito de beberem sozinhas. O consumo do álcool (presente entre quase a metade dos entrevistados), se espalha por todos os círculos sociais, embora esteja predominante nos que denominamos círculos universitários (não somente o campus, mas também os bares, os espaços de festa). Outro exemplo que merece ser destacado, é o uso da maconha, a segunda droga mais citada entre os entrevistados. Diferentemente do álcool, o acesso a maconha se faz de forma ilegal, e seu uso é fortemente restritivo.³⁹ Os espaços para o seu uso são, compreensivelmente, mais restritos; e o uso no ambiente universitário é considerado mais seguro: há um consenso inclusive entre os entrevistados que a descriminalização da droga, especialmente a considerada “leve”⁴⁰, a maconha, deva acontecer.

Drogas têm efeitos diversos, e por consequência padrões característicos de uso: frequência, intensidade, maior ou menor capacidade

38 Ehrenberg (2010:156), nos informa que “uma pesquisa realizada na Universidade de Bensaçon com quinhentos estudantes mostra que mais de um quarto consomem sedativos, estimulantes ou coquetéis que misturam esses sedativos no momento de seus exames ... a multiplicação artificial das possibilidades de resistência física e psicológica é hoje o motor e a referência das práticas de alteração dos estados de consciência”.

39 Embora o porte de pequenas quantidades de drogas não seja mais considerado um delito grave entre os operadores do direito, há uma série de variáveis a considerar no julgamento desta questão, principalmente raça/cor e classe social daqueles que são pegos em um “baculejo” (expressão popular que indica a abordagem e revista policial).

40 O que afirma, por exemplo, um entrevistado: “eu acho que a maconha não faz tanto esse estrago todo. Tanto é que na casa de Salvador a gente quando estava lá, os meninos fumavam um e iam estudar ...”.

viciante, consequências para a saúde. Enfim, toda uma série de questões que vem sendo colocadas há bastante tempo por especialistas, importantes, é certo, mas que não serão consideradas em nosso estudo. O que aqui nos interessa diretamente são as características implícitas de sociabilidades que podemos extrair dos comportamentos de usuários de drogas. Que colocamos acima, seguindo a tipologia de Becker, em três grandes campos: (a) a iniciação, quer dizer como conheceu a droga e experimentou; (b) o acesso, o que implica como este mercado está organizado – e isto é especialmente válido para as drogas ilícitas ou as de uso restrito, com acesso exclusivo a partir da prescrição médica⁴¹; e (c) os padrões de uso consoante seja individual, ou inscrito em algum campo de sociabilidade – família, grupo de amigos, colegas da universidade, espaços de festas onde não é necessário que as pessoas sejam conhecidas, mas apenas participantes de um círculo social mais amplo, por exemplo, compartilhando gostos musicais em shows, ou estilos de vida que impliquem em territórios relativamente demarcados (bares, espaços na praia, etc.), membros das chamadas tribos urbanas⁴².

Existe também um fator importante para a compreensão dos processos de sociabilidade entre usuários de drogas: que há uma diversidade importante entre os campos de sociabilidade, derivados não somente de sua natureza, mas também da forma de acesso. Assim, por exemplo, álcool e cocaína são drogas estimulantes, mas a primeira tem campos de sociabilidade mais amplos, inclusive em grupos primários (reuniões de família, uso público); a segunda, por ser considerada ilegal, é compartilhada para o nosso caso em espaços universitários, ou em es-

41 O mercado de drogas não legais resulta estar dependente do tráfico, cujas consequências nefastas já são bastante conhecidas; para o caso dos psicofármacos, que, para alguns autores os efeitos são tão devastadores que algumas drogas ilícitas, há toda uma série de estratégias para ter acesso sem necessariamente passar pelo consultório médico, e conseqüentemente a prescrição para a compra em farmácias.

42 Expressão já consagrada na antropologia, que designa agrupamentos de pessoas que compartilham estilos de vida, identidades. Remetem, em grande parte, a grupos de jovens e suas trajetórias identitárias. Ver sobre o assunto Blass; Pais (2004). Maffesoli (2000). Magnani; Souza (2007).

paços públicos onde seus membros são tolerantes ou mesmo compartilham o uso da substância. Estas drogas citadas também produzem efeitos importantes na sociabilidade entre as pessoas, sendo muitas vezes descritas como aquelas que facilitam a formação de novas amizades, ou desinibem as pessoas. De modo diverso, a maconha, droga com efeitos relaxantes. Fato que constatamos na tabela 49, onde o uso individual da maconha é muito mais significado entre os entrevistados; ou tabela 50 abaixo, onde constatamos que os entrevistados assinalam uma importância bem maior no álcool para a formação de amizades, para o entabulamento de conversas, ou simplesmente para o fato de que o uso do álcool deixa as pessoas mais desinibidas. Todos os fatores assinalados em relação ao álcool podem, acredito, serem considerados “gatilhos” de sociabilidades, e são resultantes dos efeitos desta substância. A maconha, por sua vez, com efeitos considerados mais relaxantes, remete ao consumo mais individual, provocando introspecção e retraimento.

TABELA 50

Padrões de sociabilidade entre usuários de álcool e maconha, em percentuais

TIPO DE DROGA	Fez Amizade		Conversou		Ficou desinibido	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
<i>Álcool</i>	50,2	49,8	48,2	51,8	49,4	50,6
<i>Maconha</i>	39,4	60,6	27,3	72,7	22,2	77,8

Fonte: Levantamento direto (2015/2017)

De qualquer forma, deve ser considerada a ideia de “província moral⁴³” entre os consumidores de drogas, que implica em uma maneira de ver diferente daquela inscrita no discurso legal ou médico. Drogas enquanto parte de uma cultura ou estilo de vida, ou simplesmente como algo a ser consumida enquanto instrumento de sociabilidade, relaxamento, ou mesmo indutora de performance – neste caso, a performance acadêmica, questão trabalhada de forma mais detalhada nos outros capítulos deste livro.

43 Esta questão foi tratada em Velho (1998) e Loeck (2011).

Resta, finalmente, resgatar alguns pontos importantes nas falas dos entrevistados: sobre a motivação para o uso das drogas, de um lado, e sobre os padrões dominantes de sociabilidade, por outro – descritos no quadro 03. Os dois aspectos, como veremos, estão interligados. Antes da análise, porém, cabe algumas considerações sobre a amostra dos entrevistados.⁴⁴

A condução das entrevistas por nossos bolsistas foi importante na medida em que permitiu maior franqueza e abertura entre os respondentes, fato que não aconteceria provavelmente se os pesquisadores dirigissem a entrevista. Mas também gerou alguns vieses, na medida em que a amostra de bola de neve, não probabilística, embora seja a recomendada para os estudos de redes sociais, tem por consequência o surgimento de alguns problemas importantes, principalmente no que diz respeito ao enclausuramento dos entrevistados em cliques, provocado pela “seleção em primeira ordem” (WASSERMAN,1994:34) dos respondentes, que de qualquer forma têm características reticulares semelhantes. Assim, escolhidos inicialmente pelos estudantes participantes da pesquisa e que realizaram as entrevistas, a amostra talvez possa gerar algumas divergências importantes em relação a amostra inicial. Fato que merece destaque é a quase ausência, de um lado, de pessoas não usuárias de drogas, de um lado; e também do escasso registro de opiniões contrárias à legalização de drogas.

De qualquer modo, colocando estas ressalvas, acredito que as ricas observações obtidas a partir destas entrevistas esclarecem algumas importantes questões relativas a sociabilidades e uso de drogas.

Para uma melhor análise da fala de nossos entrevistados – e seguindo a diretriz central de nossa narrativa, a de tentar compreender os campos de sociabilidades onde o uso das drogas está inserido – construímos o quadro a seguir:

44 Os procedimentos adotados para a amostra dos entrevistados estão descritos no capítulo 1.

QUADRO 03

Padrões de sociabilidade entre usuários de drogas

PADRÃO DE EFEITOS DA DROGA	Uso predominantemente individual	Uso em sociabilidades primárias	Uso em espaços públicos (festas, reuniões públicas)	Uso em espaços Universitários (áreas de convivência do Campus)
<i>Álcool</i>		X	X	X
<i>Estimulantes</i>			X	X
<i>Alucinógenos</i>			X	X
<i>Tranquilizantes/ Ansiolíticos</i>	X			
<i>Relaxantes</i>	X	X	X	X
<i>Performance Acadêmica</i>	X			

Fonte: Entrevistas (2015/2017)

O primeiro ponto a destacar é o fato de que muitos usuários de drogas o fazem individualmente. Neste campo estão três tipos de uso mais dominantes, aqueles objetivando a performance acadêmica, e os outros descritos como instrumentos importantes para aliviar o stress, ansiedade e os desafios da vida. Há também outro conjunto de drogas descritas por Ehrenberg (2011:143) de integração social e relacional; ou, em outro lugar, como respostas a “patologias do laço social” (EHRENBERG, 2012:14), sugerindo estímulos para o uso de drogas como instrumento importante para o enfrentamento dos tempos modernos. Assim, referindo-se ao contexto europeu,

[...] os determinantes mais importantes da saúde mental parecem ser aqueles que dizem respeito ao controle da existência, a identidade e a dignidade, os laços sociais e os sentimentos de coesão e significação. (EHRENBERG, 2012:18).

Não é nosso objetivo trabalhar com a temática do sofrimento⁴⁵, mas existem sinais importantes nas falas dos entrevistados que nos apontam para esta direção. Observe esta fala de um de nossos entrevistados, do sexo feminino: “sempre que tenho oportunidade, prefiro usar (a maconha) em casa porque eu preciso aguentar um certo stress dentro de casa, e de certa forma isso me ajuda a ficar mais calma, a não responder, a não pegar briga...” Assim podemos afirmar que o uso individual predominante de certas drogas, entre as quais a maconha, categorizadas como “relaxantes”, tem como primeiro propósito o controle do stress. Outra droga, relativamente menos mencionada, têm o mesmo objetivo: os ansiolíticos. Estas duas, além de terem por característica comum o controle do stress e da ansiedade, também são convergentes no que diz respeito ao acesso. A maconha, sendo uma droga ilegal, tem por acesso principal o mercado ilegal, controlado por traficantes; os ansiolíticos, embora não sejam ilegais, têm controle restrito, e as pessoas só podem comprar com prescrição médica. Vimos, entretanto, que pouco mais da metade dos entrevistados que fazem uso ansiolíticos têm acesso ao medicamento a partir de vias indiretas, com pessoas de relacionamento próximo, ou mesmo em algumas farmácias que vendem sem o controle obrigatório exigido para este tipo de fármaco. Alguns depoimentos são bastante esclarecedores a respeito:

— [...] foi uma cartela que a gente conseguiu com uma médica, ela é amiga de meu companheiro.

— [...] já tomei diazepam, quando estava muito estressada e eu queria muito dormir, dormir muito.

P. — Mas, tu compraste?

R. — Peguei de minha tia.⁴⁶

Há ainda outro tipo de droga também utilizada individualmente e que têm por objetivo a melhora da performance acadêmica.

45 Para este tema, indico o texto de Ferreira (2014).

46 Depoimentos de entrevistados. Os nomes foram omitidos.

O depoimento a seguir é bastante esclarecedor a respeito:

— Lá no meu curso⁴⁷ tem gente que toma aqueles arrebites; eu só tomo um estimulantezinho (sic) por conta dessa questão do desempenho, muita gente lá, principalmente quem quer bem-sucedido como tu tinha perguntado anteriormente toma; às vezes o cara faz um IC⁴⁸, uma monitoria e seu curso é de tempo integral. Então o cara faz o quê? Ele está ali o tempo todo trancado no laboratório, então a galera toma sim...

O quesito desempenho e modernidade é bastante discutido nas ciências sociais contemporâneas: temáticas como sociedade do mal-estar (*Société du malaise*), sociedade do cansaço (*Müdigkeitsgesellschaft*), sociedade da aceleração (*Social Acceleration*)⁴⁹ são interessantes designações para o que inquieta a comunidade acadêmica nestes tempos da modernidade tardia: uma exacerbação do indivíduo e a busca incessante para a satisfação de si, através do consumo, do aumento do desempenho (sexual, acadêmico, profissional), e o abandono ou secundarização dos laços de pertencimento, antes ingredientes importantes para a organização do eu. Que parece estar perdido, desnordeado...

Conclusões

Já apresentamos indicações que o álcool e a maconha, por exemplo têm usos bastante diversos consoante práticas de sociabilidade: o álcool enquanto bebida de acesso fácil e socialmente tolerada, é

47 Substitui a referência da entrevistada ao curso pela expressão mais genérica “meu curso”, garantindo desta forma o sigilo das informações.

48 Programa de Bolsas de Iniciação Científica.

49 Consultar Han, Byung -Chui, 2014; Ehrengberg, 2012; Rosa, 2015.

consumido em todas as esferas de sociabilidade, do campo familiar ao espaço universitário; o uso da maconha quando compartilhado, acontece geralmente em campos de sociabilidade mais restritos, aqueles acima designados territórios estudantis. Da mesma forma, outras drogas de uso menos frequente (alucinógenos ou mesmo estimulantes como a cocaína) constroem espaços singulares de sociabilidades⁵⁰

Acredito que a abordagem reticular, já utilizada em diversos campos disciplinares das ciências sociais, possa contribuir de maneira significativa para a compreensão das práticas de sociabilidade dos jovens urbanos. A nossa análise tem um recorte bem particular, o uso de drogas e as sociabilidades dos estudantes universitários. Excluímos deliberadamente discussões sobre mercado de drogas ilícitas, danos a saúde, ou mesmo considerações morais sobre o consumo para melhor desenho do nosso argumento: que o consumo de drogas, lícitas ou não, é uma prática inscrita em campos de sociabilidade e conseqüentemente pode ser compreendida a partir dos campos reticulares. Estudos sobre juventude e redes⁵¹ já foram feitos, e a associação entre comportamentos como filiação religiosa, sexualidade, uso de tabaco, entre outros foi demonstrada. E mais ainda: os espaços de sociabilidades entre os jovens, ainda não localizados no campo das relações de trabalho, tem centralidade importante para a explicação das trajetórias dos jovens urbanos.

A assim denominada ciência das redes (BARABÁSI, 2003), desta forma, ocupa um lugar cada vez mais importante, por conta principalmente da potência de seus protocolos metodológicos e do destaque dado aos estudos dos comportamentos sociais a partir das estruturações reticulares de seus participantes, escapando desta forma a uma determinação ontológica do social, independentemente de sua construção feita a partir do indivíduo ou da sociedade.

50 Fato ilustrativo, a fala deste estudante: “com doce (LSD) existe planejamento, sabe? Vai ter aquela festa, tal dia, vai ser o dia todo. Aí eu compro esse doce aqui e vou guardar para aquele dia”.

51 Por exemplo, o Add health study, citado por Christakis (2011:79), feito a partir de um *follow up survey* de estudantes e suas famílias estadunidenses entre 1994 e 1995, mostra o lugar central das redes de amigos para a explicação de práticas religiosas, participação em clubes, sexo não protegido, entre outras.

REFERÊNCIAS

ALDIMAR, J. D.; GUIMARÃES, M. T. C. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 5, n. 8, p. 143-155, jan./jun. 2011. Disponível em: www.esforce.org.br. Acesso em 03 de março de 2018.

AMARAL, A. P.; SILVA, C. F. Estado de saúde, stress e desempenho académico numa amostra de estudantes do ensino superior. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Coimbra, Imprensa da Universidade Coimbra, Ano 42-1, p. 111-133, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/4662>. Acesso em 11 de março de 2014.

AUBERT, N. et GAULEJAC, V. *Le culte de l'excellence*. Paris, Seuil, 1991.

AVARES, B. F.; BERIA, J. U.; LIMA, M. S. Fatores associados ao uso de drogas entre adolescentes escolares. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 38, n. 6, p. 787-796, Dec. 2004.

BARABÁSI, A. L. *Linked. How everything is connected to everything else and what it means for business, science and everyday life*. New York, Penguin, 2003.

BARBOSA, D.; DAYRELL, Jz. Turmas de Afinidade: sociabilidade e juventude em uma escola pública brasileira. *AGIR - Revista Interdisciplinar de Ciências Sociais e Humanas*. Ano 1, Vol. 1, n.º 6, dez. 2013.

BARROS, J. P. Pa; COLACO, V. F. R. Drogas na Escola: análise das vozes sociais em jogo. *Educ. Real.*, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 253-273, Mar. 2015.

BECKER, H. Tornando-se um usuário de maconha. In: _____ (org.) *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2008 [1963]. p. 51-67.

BECKER, K. L. O efeito da interação social entre os jovens nas decisões de consumo de álcool, cigarros e outras drogas ilícitas. *Estud. Econ.*, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 65-92, Mar. 2017.

BENJAMIN, W. *Imagens de pensamento. Sobre Haxixe e outras drogas*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2013.

BENJAMIN, L. (1987). Understanding and Managing Stress in the Academic World. *ERIC/CAPS Digest*. Ann Arbor, MI: The University of Michigan, ERIC. Clearinghouse on Counseling and Personal Services. ED 291017. Acesso em 10 fev. 2018.

BIEHL, J. Antropologia do Devir: psicofármacos – abandono social – desejo. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2008, V. 51 Nº 2.

BLASS, M. S.; PAIS, J. M. *Tribos Urbanas – Produção artística e identidades*. São Paulo, Editora Annablume, 2004.

BOLTANSKI, Luc; THEVENOT, Laurent. *De la justification: les economies de la grandeur*. Paris: Gallimard, 1991.

BOUDON, R. *L'art de se persuader*. Paris, Fayard, 1990.

BOLFARINE, H.; BUSSAB, W. O. *Elementos de Amostragem*. 1.ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2005.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. *I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras* / Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas; GRE/IPQ-HC/FMUSP; organizadores Arthur Guerra de Andrade, Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte, Lúcio Garcia de Oliveira. – Brasília: SENAD, 2010.

BUZACARINI, C.; CORRÊA, E. A. Lazer dos “estudantes universitários”. *Conexões*, Campinas, SP, v. 13, n. 2, p. 15-28, jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8640653/8198>. Acesso em 28 jan. 2018.

CALDERON-ROMERO, E. A.; CALIZ-ROMERO, N. E. Juventud y universidad: sujetos y escenarios para el debate crítico y autorreflexivo sobre el consumo de sustancias psicoactivas de uso legal e ilegal. *Rev. Gerenc. Polit. Salud*, Bogotá, v. 14, n. 28, p. 123-141, June 2015.

CARVETH, Judith Ann; GESSE, Theresa; MOSS, Nancy. Survival Strategies for Nurse-Midwifery Students. *Journal of Nurse-Midwifery*, v. 41, n. 1, p. 50-54, 1996.

CAZENAVE, A. et al. Norma percebida de consumo de maquiagem em los pares de estudiantes universitarios. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 17, n. spe, p. 844-850, 2009.

COLETA, J. A. D. ; COLETA, M. F. D. Felicidade, bem-estar subjetivo e comportamento acadêmico de estudantes universitários. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 533-539, set./dez. 2006.

CORBI, R. B.; MENEZES-FILHO, N. A. Os determinantes empíricos da felicidade no Brasil. *Revista de Economia Política*, vol. 26, nº 4 (104), p. 518-536, outubro-dezembro/2006.

CHRISTAKIS, N. A.; FOWLER, J. *Connected. How your friends' friends' friends affect everything you feel, think and do*. New York, Back Bay Books, 2009.

CHRISTAKIS, N. A.; SMITH, K. P. *Social networks and health*. 2008. Disponível em: soc.annualreviews.org. Acesso em 03 de março de 2018.

COHEN, Sheldon. *Social relationships and health*. 2004. Disponível em: pynet.apa.org. Acesso em 03 de março de 2018.

DEMAZIERE, D.; DUBAR, C. *Analyser les entretiens biographiques*. Paris: Nathan, 1997.

DUARTE, L. F. D. D. Muitas Felicidades. Muitas Felicidades! Diferentes regimes do bem nas experiências de vida, in *Ser Feliz Hoje: reflexões sobre o imperativo da Felicidade*. FREIRE, J. (org.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

DUMONT, Louis. *Essais sur l'individualisme*. Paris: Seuil, 1983.

EHRENBERG, Alain. *Le culte de la performance*. Paris: Calmann-Lévy, 1991.

EHRENBERG, Alain. *L'individu incertain*. Paris: Calmann-Lévy, 1995.

EHRENBERG, Alain. Comment vivre avec les drogues? Questions de recherche et enjeux politiques. *Communications*, 62, 1996. pp. 5-26.

EHRENGBERG, Alain. *La société du malaise*. Paris, Odile Jacob, 2012.

EHRENBERG, Alain. *O culto da performance: da aventura empreendedora*. Aparecida SP, Editora Ideias e Letras, 2010.

EICHNER, K; FONTES, B. (Ed.). *Familie, Soziale Netzwerke und Gesundheitspolitik / Family, Social Networks and Healthcare*. Berlin; Münster: LIT VERLAG, 2009.

ELIAS, Nobert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ESPADEIRO, T. B. F. *Os custos da felicidade: desempenho acadêmico, estresse e uso de psicoativos - um estudo com estudantes de graduação de UFPE*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Pernambuco, 2017.

FALCÃO, P. M. *Fugindo do sofrimento: a busca do bem-estar subjetivo como demarcadora para o uso de psicotrópicos entre estudantes de graduação da UFPE*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Pernambuco, 2017.

FAUST, Katherine; WASSERMAN, Stanley. *Social Network Analysis. Methods and applications*. Cambridge, Cambridge, University Press, 1998.

FERREIRA, J. *Sofrimento e Silêncio: Apontamentos sobre sofrimento psíquico e consumo de psicofármacos*. Forum Sociológico, v. II, p. 121-128, 2014.

FLECK, M. P. A. (2000). O instrumento de avaliação da qualidade de vida da Organização Mundial de Saúde (WOQOL-100). *Ciência e Saúde Coletiva*. 5 (1); 33-38.

FONAPRACE. Fórum Nacional de Pró-. Reitores de Assuntos Estudantis. ANDIFES. *IV Pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras*. 2014. Uberlândia, julho de 2016. Disponível em: http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduandos-das-IFES_20. Acesso em 02 de fevereiro de 2018.

FONTES, B. A. S. M. *Entre o ator e o sistema: práticas de cuidado com a saúde mental na atenção básica e as relações médico/paciente*. Recife, PPGS/NUCEM-UFPE, 2017 (Relatório Preliminar de Pesquisa).

FONTES, B. A. S. M. e FONTE, E. M. M. (orgs.). *Desinstitucionalização, Redes Sociais e Saúde Mental: Análise de Experiências da Reforma Psiquiátrica em Angola, Brasil e Portugal*. Recife: Editora Universitária – UFPE, 2010.

FONTES, B. A. S. M. e MARTINS, P. H. (orgs.). *Redes Sociais e Saúde: Novas Possibilidades Teóricas*. Recife, Editora Universitária – UFPE, 2004.

FONTES, B. A. S. M. e MARTINS, P. H. (orgs.). *Redes, Práticas Associativas e Gestão Pública*. Recife, Editora Universitária – UFPE, 2006.

FOWLER, J. H. & CHRISTAKIS, N. A. *Dynamic spread of happiness in a large social network: longitudinal analysis over 20 years in the Framingham Heart Study*. 2008. Downloaded from BMJ. Acesso em 18 de dezembro de 2008.

FREIRE FILHO, J. (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, Pp. 49- 82, 2010.

FREIRE, L. L. Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica. *Comum*. Janeiro/ Junho 2006, Rio de Janeiro, v.11, nº 26, - p. 46 a 65.

FREIRE, S. A. *Bem-estar subjetivo e metas de vida: um estudo transversal com homens e mulheres pertencentes a três faixas de idade*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

FREUD, S. *On Cocaine*. London, Hesperus Press, 2011.

GIANNETTI, E. *Felicidade: Diálogos sobre o bem-estar na civilização*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

GIDDENS, A; BECK, U; LASH, S. *Modernização Reflexiva*. São Paulo: Unesp, 1997.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2002.

GOODMAN, E. D. How to handle the stress of being a student. *Imprint*, v. 40, n. 2, p. 43, 1993.

GUIMARÃES, M. T. C.; DUARTE, A. J. Juventude e educação Novos processos de socialização. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 5, n. 8, p. 143-155, jan./ jun. 2011. Disponível em: <http://www.esforce.org.br>. Acesso em 07/11/2018.

- HAN, Byung -Chui. *Müdigkeitsgesellschaft*, Berlin, Matthes & Seitz, 2014.
- HARTMUT. *Social Acceleration. A new theory of modernity*. New York, Columbia University Press, 2015.
- HUXLEY, A. *As portas da percepção e céu e inferno*. São Paulo, Biblioteca Azul, 2015.
- KUBLIKOWSKI, I.; RODRIGUES, C. M. "Kangaroo generations": New contexts, new experiences. *Estud. psicol. (Campinas)*, Campinas, v. 33, n. 3, p. 535-542, Sept. 2016.
- LATOURE, Bruno. *A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru: EDUSC, 2001.
- LAYARD, R. *Happiness: Lessons from a New Science*. London, Penguin Books, 2006.
- LIMA, C. B.; GUEBERT, M. C. C. *Juventude, políticas públicas e cultura punitiva: entre o reconhecimento de novos padrões de sociabilidade à persistência do etiquetamento*, 2011. Disponível em: educere.bruc.com.br. Acesso em 05 de novembro de 2018.
- LIPOVETSKY, G. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- LOECK, J. F. Uso de psicoativos enquanto hábito de sociabilidade: observações sobre as ruas da cidade baixa (Porto Alegre/RS). *Iluminuras*, Porto Alegre, v.12, n. 28, p. 160-176, jul./dez. 2011.
- LUCAS, A. C. S. et al. Uso de psicotrópicos entre universitários da área da saúde da Universidade Federal do Amazonas, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 663-671, Mar. 2006.

MACHADO, E. A.; BARCELOS, L. C. Relações Raciais entre Universitários no Rio de Janeiro. *Estud. afro-asiát.*, Rio de Janeiro , v. 23, n. 2, p. 00, 2001.

MAFFESOLI, Michel. *Le temps des tribos: le déclin de l'individualisme dans les sociétés postmodernes*. Paris, La table ronde, 2000.

MAGNANI, J. G. C.; SOUZA, B. M. *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo, Terceiro Nome, 2007.

MALTA, D. C. et al. Exposição ao álcool entre escolares e fatores associados. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 52-62, Feb. 2014.

MCGLOIN, J. M.; SULLIVAN, C. J.; THOMAS, K. J. Peer influence and context: the interdependence of friendship groups, schoolmates and network density in predicting substance use. *Journal of Youth and Adolescence*, 2014 sept, 43(9):1426-52.

MARCIÃO, M. I. R. *Estrategias de afrontamiento del estrés en estudiantes universitarios brasileños: Su relación con autoeficacia y satisfacción con los estudios* (Tesis doctoral). Programa de Doctorado: Psicología y Ciencias de la Educación. Departamento de Psicología, Sociología y Filosofía. Universidad de León. León (España), 2012.

MARTINS-OLIVEIRA, J. G. et al. Risk of alcohol dependence: prevalence, related problems and socioeconomic factors. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro , v. 21, n. 1, p. 17-26, Jan. 2016.

MCMAHON, D. M. *Felicidade: uma história*. São Paulo, Globo, 2006.

MISRA, R.; MCKEAN, M. College students' academic stress and its relation to their anxiety, time management, and leisure satisfaction. *American Journal of Health Studies*, v. 16, n. 1, p. 41, 2000.

NEVES, K. C.; TEIXEIRA, M. L. O.; FERREIRA, M. A. Fatores e motivação para o consumo de bebidas alcoólicas na adolescência. *Esc. Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 286-291, Junho, 2015.

NOBREGA, M. P. S. S. et al. Policonsumo simultâneo de drogas entre estudantes de graduação da área de ciências da saúde de uma universidade: implicações de gênero, sociais e legais, Santo André - Brasil. *Texto contexto - enferm.*, Florianópolis, v. 21, n. spe, p. 25-33, 2012.

NORRISSE, J. M. & VELLA-BRODRICK, D. (2008). "Is the Study of Happiness a Worthy Scientific Pursuit?" *Social Indicators Research*, 87: 392-407.

NUNES, F. B.; WELLER, W. A juventude no contexto social contemporâneo. *Estudos de Sociologia*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE. 2003. v. 9, n. 2, p. 43-57.

PAIVA, P. C. P. et al. Consumo de álcool em binge por adolescentes escolares de 12 anos de idade e sua associação com sexo, condição socioeconômica e consumo de álcool por melhores amigos e familiares. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 11, p. 3427-3435, nov. 2015.

PERRUSI, A. Utopia da saúde perfeita: a nova ideologia do corpo na modernidade. *Revista Caos*. 2001, Vol.3, PP. 3-15.

PERRUSI, A. Sofrimento psíquico, individualismo e uso de psicotrópicos: Saúde mental e individualidade contemporânea. *Tempo Social*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 139-159, jun., 2015.

PORTUGAL, S.; MARTINS, P. H. (Eds.). *Cidadania, Políticas Públicas e Redes Sociais*. São Paulo, Editora Annablum, 2011.

QUEIROZ MACEDO, J. et al. Concepções e vivências de estudantes quanto ao envolvimento com substâncias psicoativas em uma escola pública de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. *Cienc. enferm.*, Concepción, v. 20, n. 3, p. 95-107, dic. 2014.

RIBEIRO, C. A. C. Renda, Relações Sociais e Felicidade no Brasil. *Dados* [online]. 2015, vol.58, n.1, pp.37-78.

RIOS, O. *Níveis de stress e depressão em estudantes universitários* (Dissertação). Mestrado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

RODRIGUES, J. T. A Medicação como única resposta: uma miragem do contemporâneo. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, n. 1, p. 13-22, jan./jun. 2003

ROMERA, L. Drogas e mídia. *LICERE*, Belo Horizonte, V.12, N.3, Set. /2009.

ROSA, H. *Social Acceleration. A new theory of modernity*. New York, Columbia University Press, 2015.

ROSE, N. *Inventando nossos Selves: psicologia, poder e subjetividade*. Petrópolis, Vozes, 2011.

ROSEMBERG, F.; ANDRADE, L. F. Ação afirmativa no ensino superior brasileiro: a tensão entre raça/etnia e gênero. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 31, p. 419-437, Dec. 2008.

SANTOS, V. S.; SOUZA, A. V. M. *Territorialidades e redes de sociabilidade juvenis: lugares, trânsitos e tensões de identidade*. Seminário de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas. São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, 2009. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/509/1/TerritorialidadeSociabilidadeJuvunis.pdf>. Acesso em 07 de novembro de 2018.

SCHÜTZ, Alfred. *Sobre fenomenologia e relações sociais*. Petrópolis, Vozes, 2012.

SCHÜTZ, A.; LUCKMANN, T. *Strukturen der Lebenswelt*. Konstanz UVK Verlag, 2003.

SOUZA, Carmen Zeli Vargas Gil. Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites. Última década N°20, CIDPA. Viña Del Mar, junho, 2004, pp. 47-69. SARTI, Cynthia A. A dor, o indivíduo e a cultura. *Saude soc.* [online]. 2001, vol.10, n.1, pp. 3-13.

SCHWARZ, N. & STRACK, F. Reports of subjective well-being: Judgmental processes and their methodological implications. In D. Kahneman, E. Diener, & N. Schwarz (Eds.), *Well-being: The foundations of hedonic psychology* (61-84). New York: Russell-Sage, 1999.

SETTON, M. G. J.; VALENTE, G. Religião e educação no Brasil: uma leitura em periódicos (2003-2013). *Cad. Pesquisa*, São Paulo, v. 46, n. 160, p. 410-440, Junho, 2016.

SILVA, E. C. *Qualidade de Vida e Bem-estar subjetivo de estudantes universitários* (Dissertação). Mestrado em Psicologia da Saúde. Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), 2012.

SIMMEL, G. Sociabilidade – um exemplo da sociologia pura ou formal. In: SIMMEL, G. *Sociologia* (organizador da coletânea: Evaristo Morais Filho). São Paulo, Ática, pp.165-181, 1983.

SPENCE, J. T. Achievement and Achievement Motives: *Psychological and Sociological Approaches*. San Francisco: W.H. Freeman and Company, 1983.

STAHL, S. M. *Essential Psychopharmacology*. New York, NY: Cambridge University Press, 2000.

STOPPA, E. A.; DELGADO, D. A juventude e o lazer. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). *Lazer e recreação: repertório de atividades por fases da vida*. Campinas: Papirus, 2006.

The WHOQOL Group. The World Health Organization quality of life assessment (WHOQOL): position paper from the World Health Organization. *Social Science and Medicine*, 10:1403-1409, 1995.

TREVISOL, J. V.; NIEROTKA, R. L. Os jovens das camadas populares na universidade pública: acesso e permanência. *Rev. katálysis*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 22-32, Junho, 2016.

VEENHOVEN, R. “Calidad de vida y felicidad: no es exactamente lo mismo”. In: G. D. Girolamo y col. (eds.). *Salud y calidade de vida*. Roma, II Pensamiento Científico, 1998.

VEENHOVEN, R. Progrès dans la compréhension du bonheur. *Revue québécoise de psychologie*, v. 18, p. 29-74, 1997.

VELHO, G. *Nobres e Anjos. Um Estudo de Tóxicos e Hierarquia*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas Editora. 1998.

WASSERMAN, S.; FAUST, Katherine. *Social network analysis: methods and applications*. Cambridge, Cambridge University Press, 1994.

WITTGENSTEIN, L. Investigações filosóficas. IN: *Os Pensadores: Wittgenstein*. São Paulo, Abril Cultural, 1979.

YANG, Y. “Social Inequalities in Happiness in the Unites States, 1972 to 2004: An Age-Period-Cohort Analysis”. *American Sociological Review*, Vol. 73 (April): 2004-226. 2008.

APÊNDICES

Questionário do *Survey*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Departamento de Sociologia
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Instrumento de Pesquisa

***“EM BUSCA DA FELICIDADE QUÍMICA: PADRÕES DE
CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOTATIVAS ENTRE
ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO DA UFPE”***

INSTRUÇÕES DE PREENCHIMENTO:

1. Este questionário visa colher informações sobre as opiniões e atitudes dos(as) estudantes de graduação da UFPE em relação a três temas: felicidade ou bem-estar subjetivo, uso de psicotrópicos e redes sociais. O objetivo é investigar os efeitos da demanda de atividades e tarefas acadêmicas e da competitividade na qualidade de vida, felicidade e bem-estar subjetivo dos alunos. A pesquisa buscará compreender também como os alunos percebem a temática "uso de psicotrópicos", qual tipo de sociabilidade envolvida e apreender o uso do psicotrópico segundo quatro modalidades de uso: a) uso por desempenho; b) uso por bem-estar subjetivo; c) uso recreativo e d) uso terapêutico.

2. Todas as respostas são **confidenciais** e o preenchimento é **anônimo**.
3. Preencha individualmente.
4. A sua sinceridade nas respostas é muito importante, assim como o preenchimento de todas as questões. Porém, se não souber responder uma questão – ou não se sentir à vontade em respondê-la – deixe-a em branco.
5. Nas seções A, B, C e D do questionário, basta marcar a(s) alternativa(as) escolhida(s), com um “O” (círculo) nos campos numerados (na cor cinza) com as alternativas de resposta. Se a questão permite mais de uma resposta ou requer resposta única virá especificado logo após a pergunta.
6. Nas perguntas que não tem alternativas de respostas você deve preencher o espaço vazio na cor cinza na coluna à direita.
7. Na seção E (sobre Redes sociais) você deve marcar com um X, conforme instruções nos enunciados das questões.
8. Caso precise mudar a sua resposta, não se esqueça de anular a resposta anterior (escreva “NULO” junto à resposta a ser desconsiderada).
9. O tempo de preenchimento é de aproximadamente 40 minutos.
10. Ao finalizar o preenchimento, coloque o questionário no envelope que se encontra no local indicado pelo supervisor.
11. Sua contribuição é muito importante para essa pesquisa e nos auxiliará a compreender um tema que ainda é inédito na UFPE.

Agradecemos sua colaboração!

Em caso de dúvidas, por gentileza, consulte nosso supervisor.

1	Identificação do questionário:		
A) DADOS SÓCIO DEMOGRÁFICOS			
2	Assinale o seu sexo:	Masculino	1
		Feminino	2
3	Qual é a sua idade? (em anos completos)		
4	Qual a raça/cor com a qual você se identifica? (CIRCULAR APENAS UMA RESPOSTA)	Branco	1
		Preto	2
		Pardo	3
		Amarelo	4
		Indígena	5
		Outra (especificar):	
5	Qual é a sua religião? (CIRCULAR APENAS UMA RESPOSTA)	Não tenho religião	1
		Católica	2
		Espírita	3
		Umbanda/ Candomblé	4
		Judaica	5
		Evangélica / Protestante	6
		Santo Daime / União do Vegetal	7
		Outra (especificar):	
6	Você pratica sua religião? (CIRCULAR APENAS UMA RESPOSTA)	Sim, apenas em eventos especiais	1
		Sim, regularmente	2
		Não	3
		Não tenho religião (NSA)	99
7	Qual é o sua situação conjugal? (CIRCULAR APENAS UMA RESPOSTA)	Solteiro(a)	1
		Casado(a) / “Vive junto”	2
		Separado(a) / Divorciado(a)	3
		Viúvo(a)	4
8	Você tem filhos?	Sim	1
		Não	2

>

9	Você mora com quem? (<i>CIRCULAR TODAS AS ALTERNATIVAS QUE SE APLICAM</i>)	Pais / Outros familiares	1
		Cônjuge / Companheiro(a)	2
		Filhos	3
		Amigos / República estudantil	4
		Residência estudantil da UFPE	5
		Sozinho	6
		Outro (especificar):	
10	Qual é, aproximadamente (em reais), a sua renda média mensal familiar?	R\$	
11	Você exerceu alguma atividade remunerada por um período maior que três meses no último ano? (<i>CIRCULAR TODAS AS ALTERNATIVAS QUE SE APLICAM</i>)	Não	1
		Sim, bolsa acadêmica (PIBIC, PET, PIBID, PIBIT, PIBEX, etc.)	2
		Sim, bolsa de apoio ou de manutenção acadêmica	3
		Sim, estágio remunerado	4
		Sim, com vínculo empregatício	5
		Sim, trabalho informal	6
12	Em que tipo de escola você cursou o Ensino Médio? (<i>CIRCULAR APENAS UMA RESPOSTA</i>)	Todo em escola pública	1
		A maior parte em escola pública	2
		A maior parte em escola particular	3
		Todo em escola particular	4
13	Qual é o grau de instrução de seu pai? (<i>CIRCULAR APENAS UMA RESPOSTA</i>)	I grau/Fundamental incompleto	1
		I grau/Fundamental completo	2
		II grau/Ensino Médio incompleto	3
		II grau/Ensino Médio completo	4
		Curso Superior incompleto	5
		Curso Superior completo	6
		Mestrado incompleto	7
		Mestrado completo	8
		Doutorado incompleto	9
		Doutorado completo	10
Não sei	0		

>

14	Qual é o grau de instrução de sua mãe? (CIRCULAR APENAS UMA RESPOSTA)	I grau/Fundamental incompleto	1
		I grau/Fundamental completo	2
		II grau/Ensino Médio incompleto	3
		II grau/Ensino Médio completo	4
		Curso Superior incompleto	5
		Curso Superior completo	6
		Mestrado incompleto	7
		Mestrado completo	8
		Doutorado incompleto	9
		Doutorado completo	10
	Não sei	0	

B) FORMAÇÃO E DESEMPENHO ACADÊMICO

15	Indique o curso ao qual você está vinculado:		
16	Qual é a área de estudo de seu curso: (CIRCULAR APENAS UMA RESPOSTA)	Ciências Humanas	1
		Ciências Exatas e da Natureza	2
		Ciências Biológicas e da Saúde	3
17	Informe qual o semestre/ano que ingressou no curso:		
18	Você ingressou no curso através do sistema de cotas?	Sim	1
		Não	2
19	Este curso de graduação é: (CIRCULAR APENAS UMA RESPOSTA)	O primeiro que estou cursando	1
		Já iniciei outro curso, mas não me graduei	2
		Já sou graduado	3
20	Horário em que realiza seu curso: (CIRCULAR APENAS UMA RESPOSTA)	Horário Integral	1
		Matutino	2
		Vespertino	3
		Noturno	4
21	Você está satisfeito com a escolha de seu curso de graduação? (CIRCULAR APENAS UMA RESPOSTA)	Muitíssimo	1
		Muito	2
		Médio	3
		Pouco	4
		Nada	5

>

22	Em relação ao seu curso de graduação: (CIRCULAR APENAS UMA RESPOSTA)	Nunca pensei em abandoná-lo	1
		Já pensei em abandonar ou trancar matrícula	2
		Já tranquei matrícula alguma vez	3
23	Indique o número de disciplinas que você se matriculou no <u>semestre passado</u> :		
24	Como foi seu desempenho acadêmico no <u>semestre passado</u> ? (CIRCULAR APENAS UMA RESPOSTA)	Fui aprovado por média em tudo	1
		Fiz prova final, mas fui aprovado em tudo	2
		Fui reprovado ou abandonei algumas disciplinas	3
		Fui reprovado em tudo (nota ou frequência)	4
		Abandonei todas as disciplinas	5
25	O quanto competitivo você considera o ambiente acadêmico de seu curso? (CIRCULAR APENAS UMA RESPOSTA)	Muitíssimo	1
		Muito	2
		Médio	3
		Pouco	4
		Nada	5
26	Atualmente, de quantas horas livres você dispõe em média por semana nos <u>dias úteis</u> ? (sem contar as horas de sono) (CIRCULAR APENAS UMA RESPOSTA)	Nenhuma	1
		De 1 a 4 horas	2
		Mais de 4 a 12 horas	3
		Mais de 12 a 20 horas	4
		Mais de 20 horas	5
27	Atualmente, de quantas horas livres você dispõe em média <u>nos finais de semana</u> ? (sem contar as horas de sono) (CIRCULAR APENAS UMA RESPOSTA)	De nenhuma hora	1
		De meio período em um dia	2
		De um dia inteiro	3
		De todo meu tempo	4

>

28	O que você costuma fazer em suas horas livres de trabalho ou aulas? (Sem contar as horas de sono) (CIRCULE APENAS AS MAIS FREQUENTES)	Participo de organizações estudantis ou movimentos sociais	1
		Participo de projetos de pesquisa ou extensão como voluntário	2
		Pratico atividades físicas ou esportivas	3
		Estudo ou faço tarefas acadêmicas	4
		Viajo ou passeio com amigos	5
		Converso com amigos(as) / namorado(a)	6
		Assisto TV ou vídeo/ DVD	7
		Jogo videogame ou jogos de computador	8
		Utilizo a internet para diversão	9
		Leio por lazer ou desenvolvo atividades artísticas.	10
		Desenvolvo trabalho voluntário na comunidade	11
		Participo de atividades culturais (cinema, teatro, exposições, etc.)	12
		Frequento bares, festas, raves ou dance-terias	13
		Não faço nada	14
Outros (especificar):			
29	Você pratica estas atividades com a frequência que gostaria? (CIRCULAR APENAS UMA RESPOSTA)	Sim	1
		Mais ou menos	2
		Não	3
30	Na UFPE, quais são os lugares que você costuma frequentar sem ser por exigência das atividades acadêmicas? (CIRCULE APENAS AS MAIS FREQUENTES)	DCE/Diretório Acadêmico	1
		Núcleo de Ed. Física ou quadras poliesportivas	2
		Bibliotecas	3
		Laboratórios de Informática	4
		Lanchonetes/ Cantinas/Restaurante Universitário (RU)	5
		Laguinho e áreas verdes	6
		Áreas de convivência dos Centros Acadêmicos	7
		Outro (especificar):	

>

31	<p>Você costuma faltar às aulas para estar nestes locais ou realizar algumas destas atividades? (CIRCULE APENAS AS MAIS FREQUENTES)</p>	Não faltou às aulas (exceto por motivo de doença)	1
		Sim, para estudar ou fazer tarefas (do curso) nas dependências da UFPE	2
		Sim, para estudar ou fazer tarefas (do curso) em casa	3
		Sim, para desempenhar atividades da bolsa acadêmica ou do Estágio (curricular ou não)	4
		Sim, para realizar trabalho remunerado	5
		Sim, para ficar no DCE/Diretório Acadêmico	6
		Sim, para frequentar a academia de ginástica ou praticar esportes	7
		Sim, para ficar com amigos(as) / namorado(a)	8
		Sim, para dormir/ descansar	9
		Sim, para ir ao cinema, praia ou a outra atividade de lazer	10
		Sim, para utilizar a internet para diversão	11
		Sim para jogar videogame ou jogos de computador	12
		Outro (especificar):	

C) FELICIDADE, BEM-ESTAR E SATISFAÇÃO EM DIFERENTES DOMÍNIOS DAVIDA

As questões seguintes referem-se a como você tem se sentido nos últimos 30 dias.

Para cada questão, por favor, circule o número que melhor descreva como você se sentiu.		Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
32	Como descreveria sua saúde física?	1	2	3	4	5
33	Como descreveria sua saúde mental?	1	2	3	4	5

>

As questões seguintes referem-se a quanto você tem sentido algumas coisas nos últimos 30 dias.						
Para cada questão, por favor, circule o número que melhor descreva a intensidade do que você sentiu em relação aos aspectos abaixo indicados.		Muitíssimo	Muito	Médio	Pouco	Não ou nada
34	Você tem dores físicas?	1	2	3	4	5
35	Fica cansado facilmente?	1	2	3	4	5
36	Tem dificuldades para dormir?	1	2	3	4	5
37	O quanto você experimenta sentimentos positivos em sua vida?	1	2	3	4	5
38	Quão otimista você se sente em relação ao seu futuro?	1	2	3	4	5
39	O quanto você experimenta sentimento de tristeza?	1	2	3	4	5
40	O quanto você se sente inquieto(a), agitado(a) ou nervoso(a)?	1	2	3	4	5
41	O quanto você sente raiva ou hostilidade?	1	2	3	4	5
42	O quanto se sente incomodado(a) por alguma dificuldade na vida sexual?	1	2	3	4	5
43	O quanto se preocupa com sua segurança física?	1	2	3	4	5
44	O quanto você se preocupa com dinheiro?	1	2	3	4	5
45	O quanto você se preocupa com seu desempenho acadêmico?	1	2	3	4	5
46	Quão sozinho (a) se sente em sua vida?	1	2	3	4	5
47	Quanto você é capaz de relaxar e curtir a vida?	1	2	3	4	5
48	Em que medida você acha que sua vida tem sentido?	1	2	3	4	5
49	Em que medida sua religião ou crenças pessoais lhe dão forças para enfrentar a vida?	1	2	3	4	5

Qual o seu grau de satisfação a respeito de vários aspectos de sua vida (indicados abaixo), nos últimos 30 dias?						
Para cada questão, por favor, circule o número que melhor descreva qual seu o grau de satisfação.		Muito satisfeito	Satisfeito	Médio	Insatisfeito	Muito insatisfeito
50	Com a qualidade de sua vida em geral?	1	2	3	4	5
51	Com a sua saúde física?	1	2	3	4	5
52	Com a energia (disposição) que tem?	1	2	3	4	5

>

53	Com o seu sono?	1	2	3	4	5
54	Com sua capacidade de tomar decisões?	1	2	3	4	5
55	Com sua capacidade de desempenhar as suas atividades?	1	2	3	4	5
56	Com seu desempenho acadêmico?	1	2	3	4	5
57	Com seu trabalho ou funções?	1	2	3	4	5
58	Com sua vida sexual?	1	2	3	4	5
59	Com a aparência de seu corpo?	1	2	3	4	5
60	Com a sua segurança física (agressão, assalto, acidente)?	1	2	3	4	5
61	Com as condições do local onde mora?	1	2	3	4	5
62	Com sua situação financeira?	1	2	3	4	5
63	Com o seu acesso aos serviços de saúde?	1	2	3	4	5
64	Com a maneira de usar o seu tempo livre?	1	2	3	4	5
65	Com a quantidade de amigos que tem?	1	2	3	4	5
66	Com seu relacionamento com a família em geral?	1	2	3	4	5
67	Com seu relacionamento com as pessoas com quem mora?	1	2	3	4	5
68	Com seu relacionamento com os seus professores?	1	2	3	4	5
69	Com o apoio que você recebe de sua família?	1	2	3	4	5
70	Com o apoio que você recebe de seus amigos?	1	2	3	4	5
71	Com sua capacidade de dar apoio aos outros?	1	2	3	4	5

72	Considerando todos os aspectos da sua vida, você se acha uma pessoa?				
	Muito infeliz	Um pouco infeliz	Nem feliz, nem infeliz	Feliz	Muito feliz
	1	2	3	4	5

D) CONSUMO GERAL DE PSICOTRÓPICOS

As próximas questões tratam uso de psicotrópicos na vida ou nos últimos 12 meses. Se tem dúvidas quanto a categoria da substância utilizada, consulte o folheto que vai anexo a este questionário.

>

73	<p>Caso você tenha usado algumas das substâncias citadas, indique ao lado que idade você tinha quando experimentou essa substância pela primeira vez:</p> <p><i>(INFORMAR PARA TODAS AS SUBSTÂNCIAS QUE UTILIZOU)</i></p>	1. Nunca experimentou	1
		2. Bebida Alcoólica	____ anos
		3. Maconha	____ anos
		4. Cocaína	____ anos
		5. Crack / Merla	____ anos
		6. Tranquilizantes/Ansiolíticos	____ anos
		7. Ritalina®/ Concerta®	____ anos
		8. Anfetamínicos	____ anos
		9. Inalantes / Solventes	____ anos
		10. Drogas Sintéticas	____ anos
		11. Êxtase (MDMA)	____ anos
		12. Alucinógenos	____ anos
		13. Analgésicos e Opiáceos	____ anos
		Outra (especificar):	____ anos

74	<p>Assinale a(s) substância(s) que você experimentou <u>apenas depois do ingresso na universidade</u>. <i>(CIRCULAR TODAS AS ALTERNATIVAS QUE SE APLICAM)</i></p> <p><i>SE NUNCA UTILIZOU SUBSTÂNCIAS PULE PARA A QUESTÃO 101.</i></p>	Não experimentou	1
		Bebida Alcoólica	2
		Maconha	3
		Cocaína	4
		Crack / Merla	5
		Tranquilizantes/Ansiolíticos	6
		Ritalina®/ Concerta®	7
		Anfetamínicos	8
		Inalantes / Solventes	9
		Drogas Sintéticas	10
		Êxtase (MDMA)	11
		Alucinógenos	12
		Analgésicos e Opiáceos	13
		Outras (especificar):	

>

Quem introduziu você no uso de alguma substância psicoativa (psicofármacos, álcool e outra droga)? (CIRCULAR APENAS UMA RESPOSTA POR SUBSTÂNCIA)									
1. Amigos(as) ou colegas da universidade;		5. Namorado(a) /companheiro(a)/ conjugue; 6. Liderança religiosa; 7. Profissional de saúde; 8. Outro (especificar):							
2. Amigos(as) do bairro/escola;									
3. Amigos(as) ou colegas de trabalho;									
4. Familiares (pai, mãe, irmãos, tios, primos, etc.);									
75	Bebida Alcoólica	1	2	3	4	5	6	7	8
76	Maconha	1	2	3	4	5	6	7	8
77	Cocaína	1	2	3	4	5	6	7	8
78	Crack / Merla	1	2	3	4	5	6	7	8
79	Tranquilizantes/Ansiolíticos	1	2	3	4	5	6	7	8
80	Ritalina®/ Concerta®	1	2	3	4	5	6	7	8
81	Anfetamínicos	1	2	3	4	5	6	7	8
82	Inalantes / Solventes	1	2	3	4	5	6	7	8
83	Drogas Sintéticas	1	2	3	4	5	6	7	8
84	Êxtase (MDMA)	1	2	3	4	5	6	7	8
85	Alucinógenos	1	2	3	4	5	6	7	8
86	Analgésicos e Opiáceos	1	2	3	4	5	6	7	8
87	Outra (especificar):	1	2	3	4	5	6	7	8

Frequência de uso da substância (CIRCULAR APENAS UMA RESPOSTA POR SUBSTÂNCIA)		Uso nos últimos 30 dias			Uso pelo menos uma vez	
		Diário	Uma ou mais vezes por semana	Menos de uma vez por semana	Nos últimos 3 meses	Nos últimos 12 meses
88	Bebida Alcoólica	1	2	3	4	5
89	Maconha	1	2	3	4	5
90	Cocaína	1	2	3	4	5
91	Crack / Merla	1	2	3	4	5
92	Tranquilizantes/Ansiolíticos	1	2	3	4	5

>

93	Ritalina®/ Concerta®	1	2	3	4	5
94	Anfetamínicos	1	2	3	4	5
95	Inalantes / Solventes	1	2	3	4	5
96	Drogas Sintéticas	1	2	3	4	5
97	Êxtase (MDMA)	1	2	3	4	5
98	Alucinógenos	1	2	3	4	5
99	Analgésicos e Opiáceos	1	2	3	4	5
100	Outra (especificar):	1	2	3	4	5

Você já se sentiu pressionado a utilizar alguma substância (psicofármacos, álcool ou drogas)?

<i>(CIRCULAR APENAS UMA RESPOSTA)</i>		Sim	Algumas vezes	Não
101	Na escola/universidade	1	2	3
102	No trabalho	1	2	3
103	No convívio com amigos	1	2	3
104	No convívio familiar	1	2	3
105	Outra resposta (especificar):	1	2	3

Qual é o principal tipo de uso que você faz ou fez das substâncias citadas no quadro abaixo?

(CIRCULAR TODAS AS ALTERNATIVAS QUE SE APLICAM)

SE NUNCA UTILIZOU SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS PULE PARA A QUESTÃO 193

1. Uso terapêutico (com prescrição médica); 2. Uso terapêutico (sem prescrição médica); 3. Uso para recreação e sociabilidade;		4. Uso para melhorar o desempenho acadêmico; 5. Uso para me sentir bem, melhorar a vida; 6. Uso porque eu acredito que sou dependente.					
106	Bebida Alcoólica	1	2	3	4	5	6
107	Maconha	1	2	3	4	5	6
108	Cocaína	1	2	3	4	5	6

>

109	Crack / Merla	1	2	3	4	5	6
110	Tranquilizantes/Ansiolíticos	1	2	3	4	5	6
111	Ritalina®/ Concerta®	1	2	3	4	5	6
112	Anfetamínicos	1	2	3	4	5	6
113	Inalantes / Solventes	1	2	3	4	5	6
114	Drogas Sintéticas	1	2	3	4	5	6
115	Êxtase (MDMA)	1	2	3	4	5	6
116	Alucinógenos	1	2	3	4	5	6
117	Analgésicos e Opiáceos	1	2	3	4	5	6
118	Outras (especificar):	1	2	3	4	5	6

Se você consome ou consumia álcool ou outras drogas, com quem faz/ fazia mais frequentemente este uso?

(CIRCULAR TODAS AS ALTERNATIVAS QUE SE APLICAM)

1. Sozinho; 2. Com amigos/colegas de trabalho ou da universidade; 3. Com irmãos, primos, outros familiares;		4. Com o namorado(a) /companheiro(a)/ conjugue 5. Com estranhos; 6. Outro (especificar):					
119	Bebida Alcoólica	1	2	3	4	5	6
120	Maconha	1	2	3	4	5	6
121	Cocaína	1	2	3	4	5	6
122	Crack / Merla	1	2	3	4	5	6
123	Tranquilizantes/Ansiolíticos	1	2	3	4	5	6
124	Ritalina®)/ Concerta®	1	2	3	4	5	6
125	Anfetamínicos	1	2	3	4	5	6
126	Inalantes / Solventes	1	2	3	4	5	6
127	Drogas Sintéticas	1	2	3	4	5	6
128	Êxtase (MDMA)	1	2	3	4	5	6
129	Alucinógenos	1	2	3	4	5	6
130	Analgésicos e Opiáceos	1	2	3	4	5	6
131	Outras (especificar):	1	2	3	4	5	6

>

O uso ou abuso de alguma substância teve como consequência algum tipo de problema em sua vida?

(CIRCULAR TODAS AS ALTERNATIVAS QUE SE APLICAM)

Âmbito dos problemas acarretados		Saúde	Familiar	Social	Legal	Financeiro
132	Bebida Alcoólica	1	2	3	4	5
133	Maconha	1	2	3	4	5
134	Cocaína	1	2	3	4	5
135	Crack / Merla	1	2	3	4	5
136	Tranquilizantes/Ansiolíticos	1	2	3	4	5
137	Ritalina®) / Concerta®	1	2	3	4	5
138	Anfetamínicos	1	2	3	4	5
139	Inalantes / Solventes	1	2	3	4	5
140	Drogas Sintéticas	1	2	3	4	5
141	Êxtase (MDMA)	1	2	3	4	5
142	Alucinógenos	1	2	3	4	5
143	Analgésicos e Opiáceos	1	2	3	4	5
144	Outra (especificar):	1	2	3	4	5

Alguma vez, você já tentou controlar, diminuir ou parar o uso de alguma substância?

<i>(CIRCULAR APENAS UMA RESPOSTA POR SUBSTÂNCIA)</i>		Não, nunca	Sim, nos últimos 12 meses	Sim, mas não nos últimos 12 meses
145	Bebida Alcoólica	1	2	3
146	Maconha	1	2	3
147	Cocaína	1	2	3
148	Crack / Merla	1	2	3
149	Tranquilizantes/Ansiolíticos	1	2	3
150	Ritalina®) / Concerta®	1	2	3
151	Anfetamínicos	1	2	3
152	Inalantes / Solventes	1	2	3
153	Drogas Sintéticas	1	2	3
154	Êxtase (MDMA)	1	2	3
155	Alucinógenos	1	2	3
156	Analgésicos e Opiáceos	1	2	3
157	Outra (especificar):	1	2	3

>

O uso ou abuso de alguma substância provocou algo diferente em você? (CIRCULAR TODAS AS ALTERNATIVAS QUE SE APLICAM)									
1. Não consegui se concentrar na aula; 2. Foi incapaz de fazer uma tarefa; 3. Não consegui fazer uma prova; 4. Ficou agressivo com as pessoas;			5. Ficou esquisito; 6. Faltou aula; 7. Causou vergonha ou constrangimento a alguém; 8. Entrou em pânico.						
158	Bebida Alcoólica	1	2	3	4	5	6	7	8
159	Maconha	1	2	3	4	5	6	7	8
160	Cocaína	1	2	3	4	5	6	7	8
161	Crack / Merla	1	2	3	4	5	6	7	8
162	Tranquilizantes/Ansiolíticos	1	2	3	4	5	6	7	8
163	Ritalina®) / Concerta®	1	2	3	4	5	6	7	8
164	Anfetamínicos	1	2	3	4	5	6	7	8
165	Inalantes / Solventes	1	2	3	4	5	6	7	8
166	Drogas Sintéticas	1	2	3	4	5	6	7	8
167	Êxtase (MDMA)	1	2	3	4	5	6	7	8
168	Alucinógenos	1	2	3	4	5	6	7	8
169	Analgésicos e Opiáceos	1	2	3	4	5	6	7	8
170	Outra (especificar):	1	2	3	4	5	6	7	8

No uso da substância, quais foram os principais efeitos positivos que você já sentiu? (CIRCULAR TODAS AS ALTERNATIVAS QUE SE APLICAM)									
1. Fez boa prova; 2. Ficou desinibido; 3. Fez facilmente as tarefas; 4. Entendeu bem a aula;			5. Fez amizade; 6. Sentiu-se tranquilo; 7. Ficou concentrado; 8. Conversou com todo mundo.						
171	Bebida Alcoólica	1	2	3	4	5	6	7	8
172	Maconha	1	2	3	4	5	6	7	8
173	Cocaína	1	2	3	4	5	6	7	8
174	Crack / Merla	1	2	3	4	5	6	7	8

>

175	Tranquilizantes/Ansiolíticos	1	2	3	4	5	6	7	8
176	Ritalina®) / Concerta®	1	2	3	4	5	6	7	8
177	Anfetamínicos	1	2	3	4	5	6	7	8
178	Inalantes / Solventes	1	2	3	4	5	6	7	8
179	Drogas Sintéticas	1	2	3	4	5	6	7	8
180	Êxtase (MDMA)	1	2	3	4	5	6	7	8
181	Alucinógenos	1	2	3	4	5	6	7	8
182	Analgésicos e Opiáceos	1	2	3	4	5	6	7	8
183	Outra (especificar):	1	2	3	4	5	6	7	8

Indique no quadro abaixo os principais efeitos negativos que lhe acometeu como consequência do uso ou abuso de substâncias.

(CIRCULAR TODAS AS ALTERNATIVAS QUE SE APLICAM)

1. Dependência química (física ou psíquica); 2. Arritmias/Tremores; 3. Dores de cabeça/ Tontura; 4. Enjoos/Náuseas/Vômitos;		5. Insônia; 6. Diminuição do desejo sexual; 7. Tristeza; 8. Irritabilidade/agressividade.							
184	Bebida Alcoólica	1	2	3	4	5	6	7	8
185	Maconha	1	2	3	4	5	6	7	8
186	Cocaína	1	2	3	4	5	6	7	8
187	Crack / Merla	1	2	3	4	5	6	7	8
188	Tranquilizantes/ Ansiolíticos	1	2	3	4	5	6	7	8
189	Ritalina®) / Concerta®	1	2	3	4	5	6	7	8
190	Anfetamínicos	1	2	3	4	5	6	7	8
191	Inalantes / Solventes	1	2	3	4	5	6	7	8
192	Drogas Sintéticas	1	2	3	4	5	6	7	8
193	Êxtase (MDMA)	1	2	3	4	5	6	7	8
194	Alucinógenos	1	2	3	4	5	6	7	8
195	Analgésicos e Opiáceos	1	2	3	4	5	6	7	8
196	Outra (especificar):	1	2	3	4	5	6	7	8

>

Indique sua opinião em relação às afirmações abaixo:			
197	Procurando alegria, justifica-se o uso de substâncias ilícitas para recreação. (CIRCULAR APENAS UMA RESPOSTA)	Concorda totalmente	1
		Concorda parcialmente	2
		Discorda parcialmente	3
		Discorda totalmente	4
		Não sabe	5
198	Em situações de estresse, justifica-se o uso de substâncias sem prescrição médica. (CIRCULAR APENAS UMA RESPOSTA)	Concorda totalmente	1
		Concorda parcialmente	2
		Discorda parcialmente	3
		Discorda totalmente	4
		Não sabe	5
199	O conhecimento aprofundado da substância justifica o seu uso. (CIRCULAR APENAS UMA RESPOSTA)	Concorda totalmente	1
		Concorda parcialmente	2
		Discorda parcialmente	3
		Discorda totalmente	4
		Não sabe	5

E) REDES PRIMÁRIAS

200	Cite até nove pessoas que estiveram mais próximas de você nos últimos doze meses:											
	Informar na coluna abaixo o primeiro nome ou iniciais das pessoas mais próximas a você (indicadas por ordem de proximidade)					Que tipo de relação essas pessoas tem com você?						
	<i>(PODE-SE APONTAR MAIS DE UMA RELAÇÃO POR PESSOA)</i>					<i>(MARCAR COM X NA COLUNA CORRESPONDENTE A CADA PESSOA INDICADA)</i>						
						(01) Amigo ou colega da Universidade					(02) Amigo do bairro	
						(03) Amigo ou colega de trabalho						
						(04) Namorado(a) /companheiro(a)/conjugue						
						(05) Familiar – pai, mãe, irmão, tio, primo, etc.						
						(06) Participa da mesma Igreja						
						(07) Participa no mesmo clube ou Associação						
						(08) Outro (especificar):						
					01	02	03	04	05	06	07	08
01												
02												
03												
04												
05												
06												
07												
08												
09												

201	Onde estas pessoas moram?																		
	<i>(MARCAR COM X NA COLUNA CORRESPONDENTE AO NÚMERO DE ORDEM DA PESSOA INDICADA NO PRIMEIRO QUADRO)</i>																		
	Pessoas indicadas										01	02	03	04	05	06	07	08	09
	1. Na mesma casa																		
	2. Na mesma rua																		
	3. No bairro																		
	4. Em outro bairro da cidade do Recife																		
	5. Em outra cidade da RMR																		
6. Fora da RMR																			

>

202	Você se sente igualmente próximo a todas as pessoas citadas?	
	Sim	1
	Não	2

203	Se não se sente igualmente próximo(a) a todas as pessoas citadas, qual a pessoa que você é mais próximo(a)? (INDIQUE O NÚMERO DE ORDEM DA PESSOA INDICADA NO PRIMEIRO QUADRO)	
-----	--	--

204	Vamos agora saber um pouco mais sobre estas pessoas. (MARCAR COM X NA COLUNA CORRESPONDENTE AO NÚMERO DE ORDEM DA PESSOA INDICADA NO PRIMEIRO QUADRO)									
	(a) Sexo das pessoas indicadas	01	02	03	04	05	06	07	08	09
	1. Masculino									
	2. Feminino									
	(b) Idade das pessoas indicadas	01	02	03	04	05	06	07	08	09
	1. Menos de 18 anos									
	2. 18 a 24 anos									
	3. 25 a 34 anos									
	4. 35 a 44 anos									
	5. 45 a 60 anos									
	6. Mais de 60 anos									
	(c) Qual a frequência dos encontros com essas pessoas?	01	02	03	04	05	06	07	08	09
	1. Diariamente									
	2. Semanalmente									
	3. Mensalmente									
	4. Não sabe precisar									
	(d) Há quanto tempo você conhece essas pessoas?	01	02	03	04	05	06	07	08	09
	1. Menos de um ano									
	2. Entre um a cinco anos									
	3. Mais de cinco anos									
	4. Não sabe precisar									
	(e) Quais são os locais onde você se encontra mais frequentemente com essas pessoas? (Múltipla escolha)	01	02	03	04	05	06	07	08	09
	1. Na minha casa									
	1. Na casa delas									
	2. No trabalho									
	3. No campo de futebol, praça ou outro espaço de lazer.									
	4. No bar, festas, raves ou danceterias									
4. Na Universidade										
5. Outro local (especifique):										

CASO VOCÊ USE OU TENHA USADO SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS, RESPONDA ÀS QUESTÕES ABAIXO:

205	<i>(f) Quando você experimentou pela primeira vez a substância, alguma das pessoas que você citou compartilhou com você a experiência?</i>									
	Substâncias Utilizadas	01	02	03	04	05	06	07	08	09
	Bebida Alcoólica									
	Maconha									
	Cocaína									
	Crack / Merla									
	Tranquilizantes/Ansiolíticos									
	Ritalina® / Concerta®									
	Anfetamínicos									
	Inalantes / Solventes									
	Drogas Sintéticas									
	Êxtase (MDMA)									
	Alucinógenos									
	Analgésicos e Opiáceos									
	Outra (especificar):									
<i>(g) Se você faz uso de Bebida Alcoólica, onde mais frequentemente você consome, e com quem?</i>										
Local	01	02	03	04	05	06	07	08	09	
1. Na Universidade										
2. No bar, festas, raves ou danceterias										
3. Em casa de amigos										
4. Na minha casa										
5. Em outro local (especificar):										
<i>(h) Se você faz uso de Maconha, Cocaína, Crack, Merla ou Inalantes, onde mais frequentemente você consome, e com quem?</i>										
Local	01	02	03	04	05	06	07	08	09	
1. Na Universidade										
2. No bar, festas, raves ou danceterias										
3. Em casa de amigos										
4. Na minha casa										
5. Em outro local (especificar):										

205	<i>(i) Se você faz uso de Drogas Sintéticas (Metanfetaminas, Ketamina, GHB, LSD), onde mais frequentemente você consome, e com quem?</i>									
	Local	01	02	03	04	05	06	07	08	09
	1. Na Universidade									
	2. No bar, festas, raves ou danceterias									
	3. Em casa de amigos									
	4. Na minha casa									
	5. Em outro local (especificar):									
	<i>(j) Se você faz uso de Êxtase (MDMA), Alucinógenos (Beladona, Cetamina, Trombeta) Analgésicos e Opiáceos (Heroína, Morfina) onde mais frequentemente você consome, e com quem?</i>									
	Local	01	02	03	04	05	06	07	08	09
	1. Na Universidade									
	2. No bar, festas, raves ou danceterias									
3. Em casa de amigos										
4. Na minha casa										
5. Em outro local (especificar):										

MUITO OBRIGADO POR SUA PARTICIPAÇÃO!

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ESTUDANTES

1. Dados Pessoais

- Solicitar informações do sujeito entrevistado sobre idade, religião, estado civil e ocupação.

2. Universidade e curso

- Informar o curso ao qual está vinculado, se ingressou através do sistema de cotas e se este era o curso que gostaria de estar cursando. Interrogar sobre como se sente no curso escolhido (se acha que tem vocação, se está arrependido ou frustrado, como são as relações de sociabilidade e o ambiente do curso).
- Interrogar sobre a rotina acadêmica (discriminar tempo ocupado x tempo livre, nível de exigência do curso, fatores externos que dificultam a realização do curso: trabalho, família, recursos financeiros, etc.).

3. Desempenho e competição

- Interrogar sobre a relação entre o sucesso no desempenho acadêmico e bem-estar (reconhecimento, valorização...).
- Interrogar sobre a relação entre as exigências acadêmicas e insatisfação no desempenho acadêmico e sofrimento (estresse e ansiedade, dificuldade de sociabilidade, isolamento...).

- Interrogar sobre competição no ambiente universitário (entre alunos, valorização de notas, competição por bolsas acadêmicas, se sofre algum tipo de discriminação).

4. Felicidade

- Interrogar sobre a sua noção de felicidade ou bem-estar (sobre o que traz felicidade ou faz a pessoa sentir-se bem, o que seria uma vida boa).
- Interrogar sobre o grau de satisfação com a vida (assuntos: família, amizade, universidade, emprego, renda, capacidade de consumo) e questionar sobre que lhe falta para ser feliz e o que espera obter no futuro.

5. Uso de psicotrópicos (psicofármacos, álcool e outras drogas – lícitas ou ilícitas)

- Identificar os psicotrópicos de uso principal e frequência de consumo.
- Interrogar sobre o padrão de uso de psicotrópicos (caracterizar o uso dentro do ambiente universitário, no ambiente familiar ou outros espaços que frequenta).
- Interrogar sobre a percepção do que é lícito e ilícito no uso de psicotrópicos (tipos de substâncias, defesa da legalização, hierarquização do pré-conceito contra as substâncias).
- Interrogar sobre o uso de psicotrópicos para o desempenho acadêmico (Se usa, o que o leva a utilizar (notas, competição), se deu certo, se considera ético utilizar drogas para melhorar o desempenho acadêmico).

- Interrogar sobre o uso de psicotrópicos para recreação (contextos de uso, sociabilidade do uso, amizade).
- Interrogar sobre o uso de psicotrópicos como tratamento terapêutico (Por que utiliza? O que espera curar? Quem indicou? Qual a especialidade do profissional que prescreveu o psicofármaco? É automedicação? Se sim, como consegue o medicamento?).
- Interrogar sobre o uso de psicotrópicos para bem-estar (Quais as drogas utilizadas e quais são os seus efeitos? Se houvesse uma “pílula da felicidade” seria lícito usar? Por que? Que efeitos isso poderia trazer para a sociedade?).

GLOSSÁRIO DE PSICOTRÓPICOS – QUESTIONÁRIO

Indicação de psicotrópicos / substâncias psicoativas por categoria:

ALUCINÓGENOS	LSD, “doce”, chá de cogumelo, mescalina, Cetamina®, Chá de Ayahuasca, Beladona, Trombeta;
ANALGÉSICOS OPIÁCEOS	Heroína, Morfina, Dolantina®, Meperidona®, Demerol®, Alfgan®, Ópio, Tylex®, Codein®;
ANFETAMÍNICOS (ANOREXÍGENOS)	Hipofagin®, Moderex®, Dualid S®, Pervetin®, Inibex®, Remédios ou fórmulas para emagrecer;
BEBIDA ALCOÓLICA	Cerveja ou chopp, Vinho ou espumante, Bebidas tipo “ice”, Bebidas destiladas (uísque; gim; vodca; rum; conhaque; pinga/cachaça/aguardente; tequila ou batidas), Saquê;
COCAÍNA/MERLA/ CRACK	Alcaloides obtidos a partir das folhas de Erythroxylon coca. Quando na forma de pó (cloridrato) é conhecido como cocaína e pode ser administrado via endovenosa ou aspirada. Quando na forma de Crack (base livre) pode ser fumado, assim como na forma de Merla (pasta de coca);

DROGAS SINTÉTICAS	Metanfetamina, GHB (“boa noite cinderela”), DOM - drogas de uso ilícito, sintetizadas a partir de anfetaminas;
ÊXTASE (ECSTASY - MDMA)/ “Bala”	Alucinógeno metanfetamínico;
INALANTES E SOLVENTES	(Loló, cola, tiner, benzina, esmalte, gasolina, lança-perfume): substâncias voláteis que se vaporizam à temperatura ambiente e quando inaladas produzem efeitos psicoativos;
MACONHA/HAXIXE/ SKANK:	Diferentes formas de apresentação dos preparados a partir das folhas de Cannabis Sativa L.;
RITALINA®/ CONCERTA®	Medicações à base de metilfenidato, substância química estimulante;
TRANQUILIZANTES E ANSIOLÍTICOS	Diazepan®, Diempax®, Valium®, Lorax®, Rohypnol®, Somalium®, Lexotan®, Librium®, Rohydorm®.

Título Em busca da Felicidade Química: bem-estar subjetivo, redes sociais e consumo de psicotrópicos entre estudantes de graduação

Organizadores Artur Perrusi
Eliane Maria Monteiro da Fonte

Projeto Gráfico/Capa Editora UFPE
Revisão de Texto Organizadores

Formato e-book
Tipografias Aharoni, Minion Pro
Desenvolvimento Editora UFPE

